3 1761 07149162 5

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/ogalantesculox00oliv

quilino Ribeiro

O Galante Século XVIII

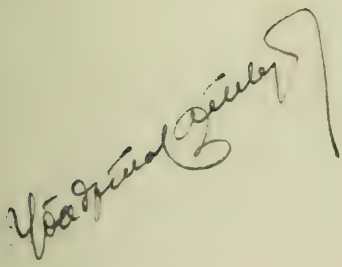
extos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

IVRARIA BERTRAND * LISBOA

318/ap

R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

O GALANTE SÉCULO XVIII



DO AUTOR

JARDIM DAS TORMENTAS : contos.
A VIA SINUOSA : romance.
TERRAS DO DEMO : romance.
FILHAS DE BABILÓNIA : novelas.
ESTRADA DE SANTIAGO : contos.
ANATOLE FRANCE : conferência.
O CAVALEIRO DE OLIVEIRA : estudo crítico e biográfico.
O GALANTE SÉCULO XVIII : texto do Cav. de Oliveira.
ROMANCE DA RAPOSA : literatura infantil.
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES : romance.
O HOMEM QUE MATOU O DIABO : romance.
A BATALHA SEM FIM : romance.
AS TRÊS MULHERES DE SANSÃO : novelas.
MARIA BENIGNA : romance.
PEREGRINAÇÃO DE F. MENDES PINTO : simplificação.
É A GUERRA : diário da conflagração mundial.
ALEMANHA ENSANGÜENTADA : diário de viajante.
QUANDO AO GAVIÃO CAI A PENA : novelas.
ARCA DE NOÉ, III CLASSE : contos para crianças.
AVENTURA MARAVILHOSA : romance.

NO PRELO :

S. BANABOIÃO, ANACORETA E MÁRTIR : romance.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA

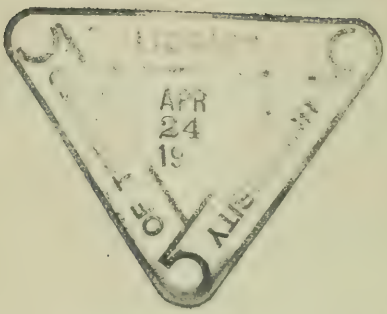
O GALANTE SÉCULO XVIII

COMPILOU E VERTEU

AQUILINO RIBEIRO

*LIVRARIA BERTRAND * LISBOA*

2.ª EDIÇÃO



Todos os exemplares levam o sinete do autor.

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

Em 1751 o Cavaleiro de Oliveira habitava Londres e devia passar grandes necessidades. Ia nos seus cinqüenta anos e casara pela terceira vez com uma senhora de origem francesa, Françoise Hamon. Era ela protestante, tão pobre como êle, mas compensaria com dotes pessoais o que lhe minguava em fortuna, pois fala dela com enternecimento e gratidão, moeda esta que não costumava lançar às rebatinhas. A sua estrêla, neste particular, continuava a alumiá-lo como dantes. O perseguido da sorte, o maldito de Deus, cuja sina parecia ser andar sempre aos baldões, à certa que tivera por madrinha a alma Venus. *A pouca sorte, por um lado, a cavar-lhe a ruína, as mulheres, por outro, quais boas fadas, a destorcer a perigosa teia, nisto transcorre — pode dizer-se — o mais emocionante da sua longa vida.*

Françoise Hamon, à falta de bens materiais, trouxe-lhe o seu carinho e excelentes relações no meio francês de Londres, que ao tempo contava pelo número e qualidade mercê do exôdo suscitado no último quartel do século anterior pela revogação do Édito de Nantes. Êsse meio forneceu-lhe público para

o periódico, que saía em fascículos mensais, para o Discours Pathétique *e outros folhetos. Já com as* Mémoires, *editadas na Haia, se dirigira a igual clientela, que também por Holanda se espraiara a emigração huguenote.*

O jornal do Cavaleiro (Oeuvres Mêlées : *ou* Discours Historiques, Politiques, Moraux, Littéraires et Critiques Publiés dans le mois de Janvier... MDCCLI Sous le Titre d'Amusement Périodique par le Chevalier d'Oliveyra Tome... Londres MDCCLI) *era, pois, uma publicação de circunstância, modo de não implorar a caridade sem mostrar alguma coisa na palma da mão. Ignorava de todo a língua inglesa para procurar outra e mais rendosa actividade. As relações com a sua terra natal estavam-lhe totalmente cortadas. Contra o perjuro do credo romano montara-se no reino o mais severo cordão sanitário. Os seus próprios parentes faziam sentinela.*

É temerário formular que Sebastião José de Carvalho e Melo o haja utilizado na obra de sapa, cautelosa e rompendo de longe, que intentara contra Roma. O Cavaleiro era companhia comprometedora. Se entendimento houve entre êles, não sòmente era indispensável que nada transpirasse da conjura, mas, mais do que isso, pour donner le change, *o Cavaleiro teria de ser vítima expiatória. E foi-o. Para cohonestar a execução do fanático Malagrida, amotinador das turbas contra César em nome de Deus, que melhor do que condenar um pensador da vanguarda?! De harmonia com tal política o Cavaleiro foi relaxado*

em estátua. A sua efígie teve a honra de figurar num dos derradeiros autos-da-fé que se celebraram em Portugal. Estava dada satisfação ao beatério ainda poderoso; a nau de Pombal podia singrar.

No periódico do Cavaleiro, conforme ressalta do título, há de tudo, como na botica. O mais interessante é a parte vivida que constitui um testemunho animado acêrca dos costumes, ambiente religioso e social do tempo. Outro capítulo digno de nota, bastante difuso porém, é o da controvérsia religiosa. Compreende-se: para o público a que o jornalinho se dirigia era a parva necessária. Sente-se, por isso, a idea preconcebida. Algumas páginas, no entanto, ressumam um pitoresco tão flagrante, exprimem a côr local com tanta naturalidade, que abstrair delas seria pecar contra a arte. De-certo a casuística não interessa mais os espíritos de hoje. A crença tem fronteiras bem delimitadas que ninguém viola e que ela própria não tem interêsse em ultrapassar.

Não obstante a pecha de prosélito, o Cavaleiro nunca deixa de ter graça, agilidade mental, e perante o mundo dos fenómenos de adoptar o que vulgarmente se chama critério realista. Acima de tudo é óptimo observador e as suas lucubrações o denotam. Porque o século XVIII, *frívolo, fradesco, galante, espadachim, supersticioso, trabalhado já pela inquietação, decorre luminosamente das fôlhas do periódico, embora escritas a trouxe-mouxe, bifadas a êste e àquele autor algumas vezes, tentámos a sua monda. O Cavaleiro lançara o jornal para viver e hoje*

a sua raridade é de tal ordem que apenas se conhecem dois exemplares completos, o da Biblioteca Nacional e o do autor destas linhas. Camilo possuiu também um exemplar, mas incompleto, ou assim se presume.

Com efeito, na guarda do primeiro volume das Oeuvres Mêlées, *pertença de Joaquim de Araújo, lia-se esta nota, lançada pelo punho de Camilo: «Dei por êste livro o ms. da* Divindade de Jesus, *reputado em 14 libras, a José Gomes Monteiro.» Era êste, ao tempo, gerente da Livraria Moré, editora de Camilo, tratando-se, por conseguinte, duma transacção em que o romancista empenhou os seus direitos de autor. O exemplar transitara já pelas mãos de Augusto Soromenho, passando, em seguida aos dois possuídores já citados, a Aníbal Fernandes Tomaz, na livraria do qual, vendida em hasta pública, o adquiriu Joaquim de Araújo. Constará hoje do espólio, livros, manuscritos, moedas, por êste deixado à Biblioteca de S. Marcos, de Veneza. Dando-se a circunstância de Joaquim de Araújo, cônsul de Portugal em Itália, estar em* deficit *para com o Estado Português, à data do seu falecimento, a doação precisa de ser ratificada pela alçada judicial. Por estas ou por outras razões o legado não foi até agora descrito ou catalogado.*

Do opúsculo de Araújo: Sobre o Túmulo de Camillo, *esta passagem duma das cartas do romancista elucida-nos sôbre a veia documental e inspiradora que se lhe deparou no Cavaleiro: «Dos* Amusements

servi-me com vantagem em novelas da velha escola de capa e espada (Judeu, Caveira da Martyr, *etc.*) *e em pequenos esboços esquecidos. Particularizo-lhe as* Noites de Insomnia, *como repositório da maior parte dessas bagatelas.*»

O exemplar, a avaliar por esta referência, devia pois estar completo e compreender doze fascículos, Janeiro a Dezembro de 1751, podendo, dada a sua natureza de publicação mensal, não terem as Oeuvres Mêlées *terminado ali. Do seu final não adverte o periódico como, tampouco, da sua continuação existem dados, sendo temerário, porém, considerar como provado que tivesse apenas aquela curta vida com o fundamento de haver concordância em dois exemplares. A atestação é defectiva.*

Devia — como dissemos — estar completo o exemplar compulsado por Camilo, pois no Judeu *se encontram trechos trasladados do fascículo de Janeiro (as facécias do Doutor Machuca) e no fascículo de Outubro vem historiado o crime de Isaac Elliot, que constitui a trama da* Caveira da Martyr. *Todavia no* Judeu, *aludindo às* Oeuvres Mêlées, *escreve que o periódico tivera, apenas, uma existência de oito meses, quando os exemplares que restam aí estão para atestar que durou pelo menos doze. Tanto o exemplar da Biblioteca como o meu compõem-se de três tomos, cada um por grupo de quatro fascículos; o exemplar de Araújo de dois. A tomação é arbitrária, sem dúvida, mas a observação de Camilo mergulha-nos em perplexidade. E ou Camilo cometeu um êrro de me-*

mória, filiando a Caveira da Martyr *nas* Oeuvres Mêlées — *êrro tanto mais admissível que pelo falecido Heitor Antunes, da Livraria Portugália, soubemos existir em seu poder um grosso manuscrito, enriquecido de notas e comentários de Camilo, onde é narrado o crime e execução de Elliot — e a referência do* Judeu *é exacta, ou o exemplar não está truncado. Se Camilo utilizou o Cavaleiro na* Caveira da Martyr, *dêle também foi subsidiado na* Lucta de Gigantes, *por aquela página em que descreve a batalha de portugueses com espanhóis nas ruas de Roma.*

Fonte ou não de todos os livros de Camilo acima em discussão, ofereceu-lhe ainda matéria de crítica no Perfil do Marquez de Pombal, *e foi decalcado numa das novelas de que se compõe* Sentimentalismo e Historia: Pena de Talião. *O episódio dramático da morte do Corregedor, em que o Cavaleiro é seguido linha por linha, aparece no* Judeu, *constitui o nó da* Pena de Talião, *e volta ainda no n.º 4 das* Noites de Insomnia, *tanto êle impressionou o romancista, se lhe não foi agradável repousar, repetindo-se.*

É tributário, também, do Cavaleiro o livro sexto da Historia de Portugal, *de Oliveira Martins.*

Dentre os trabalhos de Camilo, o Judeu *é de todos o que mais abundante contribuïção deve ao Cavaleiro. Êle próprio o declara em nota, no corpo do romance:*

«Observo ao leitor que estas e outras miüdezas atinentes à biografia do pequeno Francisco Xavier são extraídas dos próprios livros do celebrado Cavalheiro de Oliveira que assim há de êle chamar-se em Portu-

gal e na Europa, quarenta anos depois. Espero poder dar neste romance a mais completa, bem que rápida, biografia de Francisco Xavier de Oliveira, entre tôdas as publicadas. Dois volumes, os menos conhecidos das sua obras, são os mais importantes para o estudo da vida revezada e desditosa do filho de José de Oliveira e Sousa. À livraria do erudito bibliófilo José Gomes Monteiro, meu prestante amigo e indicador de óptimos repositórios de notícias sôbre coisas nossas, pertencem os dois preciosos volumes de que vou colhendo estes pormenores interessantíssimos, não só pelo que respeita à vida do Cavalheiro de Oliveira, senão que dos costumes, crenças e viver daquela geração tão corrompida quanto fanática.»

Não obstante a promessa de «biografia», a personalidade do Cavaleiro de Oliveira sai de suas mãos viciada de maravilhoso, interpolada, sob o ajoujamento romântico, de feitos inverosímeis, atitudes que a lógica não deixa supor, conchavos a que, pela índole dos figurantes, jamais ousou a licença mais descomedida de novelista. É certo que aproveita a verdade onde a verdade se lhe oferece como pedra de construtrução. Mas o material era escasso, e inventa, cria, completa o Cavaleiro com o barro vírgem que abunda na sua imaginação e suas mãos geniais sabem modelar a primor. E a figura cresce até superar o âmbito moral da sociedade em que se move.

O escritor pega dêle, ainda menino, e com exactidão histórica — exactidão que corresponde às impressões deixadas pelo Cavaleiro — no-lo descreve beato

no meio beato de Lisboa. Aparte o comércio de fraternal amizade que nutre com António José da Silva, o Judeu, *de que ninguém reza, sendo gratuito afirmar que um soubesse da existência do outro, porquanto o Cavaleiro não era parco em falar das suas relações com homens de letras, ainda para mais vítima aquele do Santo Ofício — arbítrio que excede as regras toleráveis da fabulação — a fidelidade psicológica mantém-se até o momento em que, apertado o autor nas malhas do próprio enrêdo, Francisco Xavier de Oliveira intervirá providencialmente, como os heróis de Eugène Sue. E êsse momento é quando o Cavaleiro, na peügada da cigana Vitorina, será, junto do alcaide de Valhadolid, a sombra tutelar de Leonor e de Sara, denunciadas como judaizantes. Do lance e circunstâncias que o rodeiam, traçou Camilo páginas de grande alor e brilho, mas de todo fantásticas, pois se são certos os amores do Cavaleiro com a boémia, apenas uma vez esteve em Madrid, jornadeando pela Estremadura. Depois, como o interêsse em arte reside nos seres e coisas em crise, Leonor, a noiva do judeu, tomar-se-á de paixão surda e estiolante por Francisco Xavier. E porque êste, segundo a norma camiliana, devesse manter a sua feição rectilínea, para desquite da enamorada, se sacrificará a casar com D. Ana Inez de Almeida, menina doente do peito, com mostras de curta vida. E assim obteve Camilo intensidade dramática no jôgo das suas personagens e resolveu o problema emocional do primeiro casamento do Cavaleiro! Depois, atirada fora*

tôda a circunspecção histórica para com uma figura histórica, o Cavaleiro será o vingador de António José, na pessoa do denunciante Bartolomeu Lobo, filho do tradutor da Sentinela contra Judeus. *À hora morta do entardecer, quando as ribas do Tejo estão desertas e silenciosas, no Dafundo, de mão resoluta, travará do patife pela gasnete e afogá-lo-á.*

A seqüência da vida do Cavaleiro, sem relação directa com a meada do romance, é dada a firmes, pôsto que breves traços, com grandes lacunas, explicáveis pela minguada documentação de que se servia, suprindo-lhe a intuïção maravilhosa os embaraços ante o vazio e a meia sombra em que acabava de perder-se o desditoso Cavaleiro. Da miséria que arrostou em Londres compôs um quadro de fortes e maravilhosas tintas. E, discreteando sôbre a data do seu segundo matrimónio, que das Oeuvres Mêlées *se infere ser 1733, ferido do prelo o último algarismo, que era um 8, diz: «A meu juízo, a incongruência destas datas procede dum êrro tipográfico na última letra numérica do ano designado no periódico do Cavalheiro de Oliveira. A publicação era feita em Londes e eu suspeito que o escritor, naquele ano de 1751, tivesse a vista muito debilitada pelo chorar, senão pela fome.»*

No Perfil do Marquez de Pombal *encontram-se ainda tópicos importantes sôbre a vida do Cavaleiro. Aí o inculca em relações de fraternal amizade e analogia de ideas com Sebastião de Carvalho, contraídas em Londres, em 1744, e continuadas em Viena. Que se avistaram em Londres é facto incontroverso, pois*

o diz o marquês em carta que existe do seu punho; que ataram comércio seguido, parece deduzir-se das passagens que nas Reflexões *e no* Discours Pathétique *e ainda nas* Oeuvres Mêlées *dizem respeito ao ministro de D. José, embora êste tenha falado dêle com a sobranceria e o acinte de quem sacode tais contactos. Mas em Viena não podiam conviver, havendo o Cavaleiro saído definitivamente da côrte imperial em 1740, e Sebastião de Carvalho ocupado aquela embaixada de 1745 a 1749. «A orçar pelo ano de 1734, em que passei à Holanda e onde quedei desde 1740 a 1744, para vir habitar em Londres, onde me tenho conservado desde então...» escreve o Cavaleiro.*

No mesmo livro o aponta Camilo como um dos oráculos do marquês em matéria de reformas inquisitoriais. Aludindo à passagem do periódico em que analisa uma ordenança do rei de Portugal determinando que dali em diante as pessoas condenadas à morte pelo Santo Ofício não sejam executadas sem que as sentenças tenham sido vistas e aprovadas pelo seu conselho e firmadas por sua mão, escreve Camilo: «... e aí aparece, como no Testamento Político, *a idea salvadora de chamar ao Conselho de Estado os processos da Inquisição.» Ora, o Cavaleiro não alvitra, limita-se a comentar uma medida que em escrito nenhum seu anterior vimos sugerir. Há, aqui, por parte de Camilo, um abuso de interpretação, pecha a que nem sempre o seu pensamento se furta no ardor da crítica, e falsa atribuïção, a menos que se aceitem como boas as conferências de Londres*

entre o Cavaleiro, inimigo jurado do Santo Ofício, e o ministro, estudando, já a distância, o programa de reformas cuja prática viria a encetar meia dúzia de anos depois.

Como se vê, a figura do Cavaleiro de Oliveira, esboçada por Camilo, não tem inteira realidade, nem histórica nem psicológica. Onde é apenas problemática, Camilo insinua-a como verídica, e onde nebulosa reconstitui-a a palpite e à feição da narrativa.

Êste desleixado obséquio à verdade côa-se ainda de pequenos trechos das Oeuvres Mêlées, *vertidos para o* Judeu, *onde se sente o escritor que enchia o mercado literário do tempo, compondo sôbre o joelho, à lufa-lufa. Assim, trasladando a anedota sebastianista da vara de marmeleiro que, espetada no chão, instantâneamente floriu, se cobriu de folhas e deu marmelos, contada a Francisco Xavier pelo sapateiro Vicente Duarte, com a pressa, se não logrado pelo parentesco gráfico com* cordelier, *de* cordonnier *traduziu para frade franciscano. A menos que a adulteração tenha sido voluntária...*

Na passagem sôbre os escândalos amorosos da côrte de D. João V, estabelece também uma confusão lamentável entre João Gomes da Silva, quarto conde de Tarouca, plenipotenciário em Viena, e o filho, «o Cavaleiro de Tarouca», D. Estêvão de Menezes, que veio a casar com D. Margarida de Lorena e, com ser primogénito, herdou o título materno, além de primeiro marquês de Penalva. Foi êste que raptou ao plenipotenciário M.lle Peles, e não o plenipotenciário

ao pai, terceiro conde de Tarouca. Adiante escreve Camilo: «Como bom homem que era êste marinheiro — diz o Cavalheiro de Oliveira — conseguiu ser criado supra-numerário da Imperatriz Amélia». O Cavaleiro diz textualmente: «M..lle Pelles ne prit le nom de Rocha qu'en épousant un Laquais du chevalier de Tarouca qui portait ce nom. C'était un bon homme : et c'est sa bonté qui le fit devenir Valet de chambre surnuméraire de l'Imperatrice Amélie.» *Onde iria Camilo desaparafusar aquele «marinheiro»?*

Na Pena de Talião, *onde descreve a morte do corregedor, permito-me ainda espulgar uma deficiência de tradução ou de interpretação no gigante da prosa portuguesa. «Quando caíu no lagedo já estava morto, escreve o Cavalheiro de Oliveira. O padre, que era o seu confessor, apenas pôde apertar-lhe a mão; porém o marquês não correspondeu à pressão; parece que se correspondesse, teria dado sinal de arrependimento bastante para aquela alma se não perder.» Esqueceu a Camilo, o jornalista católico da* Cruz, *e enfronhado em literatura sagrada, que, em teologia sacramental, ao acto acima descrito do eclesiástico, se chama «absolvição pelo pulso ou* in articulo mortis».

Outros pecadilhos seria fácil joeirar nos muitos empréstimos que Camilo fêz ao Cavaleiro de Oliveira, quanto a infidelidade e abusiva interpretação. Não vale a pena; aos seus livros não se vai buscar história, mas arte, uma arte que se não comprazia a respeitos e travões. A verdade é que essa estranha e inditosa

figura do Cavaleiro de Oliveira só começou a ser divulgada a partir de Camilo. O homem de génio tocou-o com o seu sôpro e trouxe-o à plana pública. Êle lhe serviu de pretexto a belas páginas de prosa, no meio das quais aljofram as lágrimas. Camilo sentiu em Francisco Xavier um irmão no sofrer, como êle mordente no chiste, azorrague de tôdas as tiranias e braço armado em defesa de tôdas as vítimas. Compreende-se daí que Camilo, tomado de carinhos por êle, o enaltecesse.

Na Revista de Occidente, *de Madrid, Março de 1925, José María de Cossío publicou um longo artigo acêrca do trabalho de crítica e de investigação que a essa época fizéramos do Cavaleiro e da sua obra. Já o título era altamente sugestivo e singular:* El Caballero de Oliveira (Documentos para la biografía de Don Juan). *O autor, na verdade, com invulgar poder de análise e imaginação, pega da «anatomia» que lhe servíramos do Cavaleiro e procura nela as grandes determinantes humanas. «Poco sabemos de la vejez de Don Juan. Apenas unos actos de Zorilla; una anédocta punzante contada por Grau; algún precioso rasguño de Valle-Inclán; uma páginas transparentes y piadosas de Azorín. En todos los casos, para el cambio de frente del harto libertino, nos parece superflua la violenta intervención de los difuntos; el tiempo, con su inevitable compañia de desgastes y alifafes, parece suficiente para operar el inevitable milagro.*

En las páginas de los últimos escritos del Ca-

ballero de Oliveira se nos ofrece una senectud de Don Juan embalsamada com lozanía imposible al más diestro egipcio faraónico. Aun urgiéndonos denunciar su sinceridad, hay que admitir que ella da su irisación a las más sugestivas páginas, una irisación de melancolía.»

Depois de citar as passagens do Cavaleiro em que se traduz êste amargor da velhice e aludir à sua incorrigível mania de galo doido, em despeito das censuras que o próprio endereça a outro vieux marcheur *D. Luiz da Cunha, observa Cossío:*

«No me remuerde la consciencia al interpretar sus intenciones y creer más bien disimulo que desengaño sus provectas reflexiones sensatas. Su historia no le da derecho a mejor trato. No ya en sus Cartas, *que su benévolo y admirable biógrafo Aquilino Ribeiro llama «archivo de Don Juan»; en estos mismos escritos postreros, bajo la untura opaca de sus conscienzudos ensayos, abultan las indisimulables formas fanfarronas del mítico libertino. Su desprecio por la dignidad de la mujer, en cuanto mujer, es el mismo en su pobre despacho de Londres que era en sus alucinantes aventuras de Lisboa o de Viena.*

.....

Todas las notas distintivas de Don Juan se dieron cita en su cuerpo y en su carácter para modelar una variedad del tipo: el Dom Joannes Portucalensis, *que reclama primordial atención en el siglo del Caballero Casanova, tan rico en tránsfugas amadores.*

.....

No tengo noticia de retrato alguno del Caballero. Sería curioso confirmar em él los rasgos morfológicos que asigna Marañon al burlador.

.....

Dos rasgos diferencian su fisionomía de la de sus congéneres, rasgos que caracterizan la variedad portuguesa que antes designé con nomenclatura de naturalista. El Caballero de Oliveira es un punto más apasionado y posee una preocupación, la religiosa, ajena al donjuanismo.

.....

Su preocupación religiosa es la otra nota que dificulta su inscripción en el esquema habitual del mito, prestando a su carácter un matiz acentuadamente nacional. El Caballero de Oliveira, mal avenido con la religión tradicional do su país, disconforme con muchas de sus práticas, implacable agresor del Tribunal del Santo Oficio, acaba por abjurarla y abrazar el protestantismo, en el seno de cuya Iglesia termina sus días. En sus escritos, especialmente los de su última época, ocupan gran lugar los temas religiosos. No nos extravíe su celo. El proceso de su conversión no se incoa por grandes catástrofes íntimas; su espírito, frívolo y versátil, nunca supo del sentimiento trágico de la vida. Precisamente es Portugal tormentosa patria de desesperados religiosos. La evocación de cualquiera de ellos, desde Uriel da Costa hasta Antero de Quental, achica hasta lo diminuto este aspecto de la memoria del Caballero de Oliveira, avenido con una religión igualmente dogmática, ritual

y sosegadora que la abjurada, y enredado en cuestiones tan bizantinas, al lado de los grandes problemas religiosos, como si se debe besar el pie al Papa, o sobre los endemoniados, o sobre el purgatorio. Su heterodoxia es una heterodoxia burguesa y sin grandeza, favorecida de una parte por sus desavenencias con los hombres portugueses y de otra por la necesidad de adaptación al mundo protestante, en el que había de residir por vida.

.....

Uriel da Costa, asistiendo como apasionado espectador a la lucha formidable de su razón con los conceptos transcendentes e incomprensibles y dirimiendo la contienda con el cañón de su pistola, es figura tan representativa de las grandes preocupaciones religiosas, como el Caballero de Oliveira de la vida frívola y galante.»

As circunstâncias em que foram concebidas e executadas as Oeuvres Mêlées, *«esta compilação deve a sua origem às dificuldades em que me achei e em que, amiúdadas vezes, vi envencilhados os meus amigos», processo, à falta de melhor indústria, de não morrer à míngua, sem os rigores, por conseguinte, de trabalho maduro, consciencioso a tôda a prova, obrigou-nos a adoptar um critério de censor na presente versão. Hesitámos, de princípio, se não seria mais recomendável reproduzir na íntegra as suas mil e tantas páginas. Tal emprêsa excedia a capacidade livresca do mercado, se não a do plano editor. O seu francês medíocre e medíocre irradiação no estrangeiro*

não compensariam, outro-sim, tão extensivo fôlego. Considerámos, depois, se não era mais consentâneo com o respeito que se deve a todo o escritor, traduzi-lo de ponta a ponta, período por período. A tarefa oferecia os inconvenientes da primeira concepção, tirante os prejuízos da língua, mas aumentados dêste contrasenso: a retroversão de capítulos, como os de Barbosa, o que seria ocioso, ou o seu traslado, o que pecava por destoante e absurdo. O mesmo embaraço se nos antepôs perante os trechos das Cartas Familiares *que transportara para o periódico, fielmente uns, troquilhados outros, como aqueles que se referem ao Doutor Machuca, num livro charlatão de Londres, noutro livro medicaço de Lisboa. Atemorizou-nos, também, a abundância de citações e empréstimos a autores anónimos estrangeiros, à margem dum tema riscado do tempo e do espaço, ou definitivamente arrumado; e, sob o pêso das suas controvérsias teológicas que passaram à história com alvará de sediças, mandou-nos a razão recuar.*

Adoptámos, pois uma norma: expurgar todos os ramos sêcos, tôdas as frondes parasitárias, tôda a folhagem opaca do periódico, criação exaustiva de doze meses. Mas tudo o que era vivo, palpitava de interêsse social ou literário, entrelaça-se na vida do Cavaleiro ou na vida portuguesa, quer texto, quer notas, foi respeitado escrupulosamente, enfeixado sob o título de O Galante Século XVIII, *que o autor, supomos, não desdenharia. Conservar-lhe o de* Recreação Periódica, *como aparece na primeira estampa, seria*

arbitrário pelo facto do presente trabalho, havendo-se eliminado a parte que justificava aquele rótulo, destituída de interêsse, aliás, dado o novo e profundo arranjo, revestir carácter à-parte. Mas estamos em crer que o mais exacto rebuscador a custo lobrigará fora da nossa joeira pormenor ou ninharia que deixe de pesar na balança da glória de Francisco Xavier.

Certo que o estudo dos trechos bilingues (Amusement, Cartas) *poderia levar-nos a uma aproximação rente do seu estilo. Para um livro, como êste, fácil, despresumido, de contexto deleitável, tornar-se-ia um cometimento de rato de biblioteca, sem galardão. Equivaleria, também, a tropeçar nas pechas e vícios de linguagem, correntes no Cavaleiro, vícios que o progresso de escrever baniu até das penas menos destras. A liberdade absoluta repugnou-nos, também, tanto como a subserviência extrema, atentos como estivemos a não profanar a côr e indumentária do tempo. Numa palavra, obstinámo-nos a não superar o círculo que o Cavaleiro pisaria, transitando pelo purgatório. Para tanto, evitámos o léxico aquém setecentos e as roupagens que não digam com as eras empoadas. Fugimos, em suma, de abastardar, sem fumaças, no entanto, ao restituir à língua a obra dum português. Foi, apenas, uma tentativa leal, como tentativa despreconcebida e honrada foi o ensaio que há anos cometemos da vida e obra do infausto Cavaleiro.*

AQUILINO RIBEIRO

A M O R E A M O R E S

Arte de amar; galãs e galantins. Libertinagem não é amor

Chegado à idade dos cinqüenta, ainda não renunciei ao amor. Sei muito bem onde estou e é por isso mesmo que me decido a falar antes do ano que vem, que me carregará mais um pouco, quanto basta para ter menos direito de o fazer. As pessoas de idade não estão aptas a versar semelhante matéria; devem ocupar-se com as coisas do outro mundo de preferência a coisas terrenas — sustentam moços impertinentes. — É bem verdade, todavia:

L'amour qui nous attache aux beautés éternelles
N'étouffe pas en nous l'amour des temporelles.

O homem, emquanto homem, é incapaz de desembaraçar-se desta paixão; vive, tem de amar; vive porque ama. Certo que o amor, nos velhos, é susceptível de derivantes para as riquezas, as honrarias, as dignidades. Simplesmente tudo isto, perfeitamente cómodo e cobiçável, pouco é na vida.

D. Francisco Solano, secretário de embaixada em Portugal, ao tempo de D. Pedro II, e que foi das minhas relações em Viena, onde vivia ainda em

1744, tinha setenta e cinco anos e comportava-se como um rapaz de vinte. Seu bel-prazer era falar de amor e de namoros e cultivar a galantaria. Ninguém lhe dissesse que o amor se cifrava numa fonte de dissabores. A moral, que lhe era própria, ditava-lhe precisamente o contrário; daí o seu conselho aos rapazes:

Soyez toujours amoureux;
C'est le moyen d'être heureux.

O conde Copola, que seguia o partido de Carlos III, emquanto Solano estava ao serviço do imperador Carlos VI, declamou um dia diante dêle:

La vieillesse affaiblit le soldat et l'amant,
La jeunesse en tous deux triomphe également,
Tous deux sont sans honneur quand ils sont sans courage.

Tanto bastou para Solano, sentindo-se melindrado em seus brios, romper as relações com o conde.

D. Luiz da Cunha, que representou Portugal no Congresso de Utrecht e foi ministro plenipotenciário em Londres, na Haia e em Paris, onde faleceu no ano de 1750, amou até à última. As suas aventuras foram muito faladas em tôda a Europa, mormente em Paris onde estadeou como amante Madame Salvador, dama de origem israelita, com farta parentela em Inglaterra e Holanda, ia êle nos oitenta anos. Esta paixão prejudicou muito o seu nome, porque a França é o país do bom senso.

Tive ocasião de conhecer D. Luiz da Cunha na Haia, à volta de 1734, e mesmo de cear na companhia dêle e da amante. O seu carácter e o seu temperamento amoroso foram-me assim desvendados.

— A arte de ser feliz está em amar — dizia-me êle. — A melhor página da vida escreve-a a paixão, com os seus tormentos, dúvidas e desespêros. Prazeres onde não entre o amor são uma sensaboria.

Madame Salvador, ainda mais espirituosa que bela, cantava às vezes, bem embora a sua voz não lhe valesse as honras de cantarina, uma canção que êle muito apreciava:

Que peut-on mieux faire
Qu'aimer et que plaire?
C'est un soin charmant
Que l'emploi d'un amant.
Quelle chaîne,
Qu'un amant prenne,
La liberté n'a rien qui soit si doux.

.....

D. Luiz da Cunha, homem de alta envergadura como era, tinha o fraco pelas mulheres, e a amante, com duas piruetas e uma ária de ópera, levava-o aonde muito bem lhe aprouvesse.

Luiz Alvares de Aguiar, prebendado de S. Jorge, em Lisboa, foi incorrigível erotómano até o fim da vida. Desgotoso com cortar relações de amor, que tinham raízes profundas, acicatado pelo temperamento de fogo, vingou-se em arranjar uma espécie de

serralho com tenras e jóvens beldades de que se inculcava o director espiritual, mas de que era em realidade o incondicional sultão. Todavia, nem por palavras nem por obras se denunciava nêle o luxurioso. A sua reserva quebrava-se apenas com dizer:

— O amor é o complemento e compêndio de tôdas as leis. Consoante o verbo divino e por sua vera essência pode-se-lhe chamar também caridade.

E, em verdade, posto amasse de morte as raparigas bonitas e de boa condição, a sua bôca andava cheia do amor de Deus. Eu próprio o cria inundado dêsse amor a avaliar pelas grandes obras de caridade que tão desinteressadamente praticava. Denunciaram-no ao santo tribunal da Inquisição como pervertedor de donzelas, em despeito dos seus sessenta e cinco anos de idade.

Encarcerado, não escondeu as culpas. Foi condenado a degrêdo, depois de suspenso do exercício das funções eclesiásticas. Era muito das minhas relações como em geral, das pessoas da côrte, notáveis pelo nascimento ou o saber, que a todos cativava seu ar afável e distinto.

Estes exemplos de serôdia galantaria não me abalam. Muito longe de me excitarem, levam-me a retraír-me. Já lá vão dez anos que renunciei de-veras à estroinice amorosa, entregue de corpo e alma ao afecto conjugal. Só êste dispõe do privilégio de moderar o meu gôsto pelo estudo que, levado ao excesso, me era nocivo à saúde. Nêle deposito as delícias do tempo que me sobra de vida, se Deus,

aceitando os meus votos, conservar a espôsa, senhora de tôda a minha ternura, porque é modesta, discreta e complacente. Nesta paixão há, pois, virtude. Hoje, estou em considerar criminosa qualquer afeição que não seja pautada pelos termos da minha. Os libertinos argüirão o contrário sob o falso argumento de que sendo o amor uma paixão natural não carece do estado de matrimónio para se cohonestar. A minha opinião, universalmente aceita e bemquista de todos os homens honrados, não precisa de defesa. Notarei apenas que, se a paixão do amor nem sempre é considerada como delito, ao menos é tida e havida como fraqueza nos poemas mais célebres de que há memória; de todos, apenas num aparece como virtude: no *Paraíso Perdido.*

Estou a ver não sòmente os libertinos de profissão mas os próprios rapazes assisados revoltarem-se contra mim, sob o pretexto que olho como criminosas galantarias que não deitam além do vão e fútil entretenimento. Eu lhes digo, a falar franco: Tinha eu dezasseis anos, vi-me à testa de família numerosa, bem herdado, desenvolto desta desenvoltura que nos países despóticos é primor de educação, para mais, tratando-se de morgados; podia levar adolescência regalada. Maluco pelo mulherio, breve sacrifiquei ao meu vício o melhor da vida e o melhor da fazenda. Sem falar de enfados morais e contratempos de saúde, a minha consciência ressentiu-se mais que o resto. Homem assim dado a galanteios, se ouso censurar os desvarios da paixão e jogar azagaias contra os vo-

luptuosos, sei também desculpá-los graças a uma experiência que não foi superficial. No amor há, de facto, razões fortes, muito atendíveis e complexamente soberanas, para se proferirem condenações temerárias. Aqueles que fulminam a torto e a direito, são a meu ver moralistas bárbaros ; um homem que ignora o que seja amor é pior que os próprios irracionais, a êle sensíveis, e por seus efeitos benéficos animados. A natureza assim o ordena ; e, porque assim o ordena, o homem deixa de ser homem uma vez que se encontre em oposição às leis eternas da vida.

Quanto maior é a dose de bom senso no homem, tanto mais está exposto às tratantadas do amor. Daí o dizer-se que o amor é a primeira das virtudes nas almas bem formadas. A terra tôda reconhece o seu poder ; os próprios deuses sofreram o seu império. Júpiter teve muitas paixões, e os suspires de Diana que significavam ?! Resistir aos seus caprichos é, de facto, uma inutilidade. A defesa mais heróica, a mais altiva perseverança acabam por ceder.

Não há mister de indústria, nem de mestre, para se aprender a amar. Verdade é esta que Bocácio se aprouve a demonstrar num conto, com tanta graça como finura, plantando certo donzel no deserto, donde por simples efeito da natureza voltou violentamente enamorado. Dentro dos corações espontâneamente medra um não sei quê de terno, cultivado por mão misteriosa à medida que crescemos. Tomar precauções, para quê ? Mais forte que tudo, impossível

estorvar-lhe o desenvolvimento e floração. O amor, de resto, encerra encantos tão singulares que um momento só lhe basta para triunfar das disposições mais severas que adoptarem contra êle.

Só o amor tem o condão de não poupar ninguém; e, cedo ou tarde, a alma mais cruel rende-lhe homenagem. Também, não haja dúvida, é mais para recear que um naufrágio; só há uma maneira de o vencer, retirando. Contra inimigo desta ordem, a verdadeira coragem consiste em ter mêdo e deitar a fugir; mas fuga, sem se permitir olhar para trás.

Na intenção de desculpar o vício, figuraram-no deus. Melhor andariam representando-o sempre como menino, pois que, não tendo nada de sagaz, foi sempre folgazão e louquinho.

De verdade, é tirano, cruel, deshumano, malicioso, traquinas, um filho de quem o pariu. Está certo; todavia não seria eu que faria pouco dêle; mormente não ousaria desprezá-lo. Sabe tirar vingança dos que o desdenham, como, depois que o mundo é mundo, ninguém soube vingar-se. Com todos os defeitos e tôdas as imperfeições, tenho mêdo dêle; venha lá com que nome fôr, sejam quais forem as suas qualidades, respeito-o. Como já disse, amar e não amar não depende da nossa escolha; e, em despeito de tudo o que se invoque contra êle, penso que o amor traz ao couce mil e uma virtudes.

O que mais me indispõe contra êle é a sua ce-

gueira. Esta pecha é detestável, embora não seja culpa sua, se é certo que :

Les destins seuls en sont coupables,
Ils m'ont voilé les yeux par d'injustes arrêts,
Et je ne saurais voir sur qui tombent mes traits.
Dans une obscurité profonde
Je porte au hasard mon flambeau:
Otez à l'amour son bandeau,
Vous rendrez le repos au monde.

Tacha é esta tão nociva como contagiosa, pois infesta todos os que amam. Tenho observado que são todos cegos, ou pelo menos procedem de maneira que dá direito a supô-lo.

La pâle est aux jasmins en blancheur comparable,
La noire, à faire peur, une brune adorable,
La maigre a de la taille et de la liberté,
La grasse est dans son port pleine de majesté,
La malpropre, sur soi de peu d'attraits chargée,
Est mise sous le nom de beauté negligée,
La géante paraît une déesse aux yeux,
La naine un abrégé des merveilles des cieux,
L'orgueilleuse a le cœur digne d'une couronne,
La fourbe a de l'esprit, la sotte est toute bonne,
La trop grande parleuse est d'agréable humeur,
Et la muette garde une honnête pudeur.
C'est ainsi qu'un amant dont l'ardeur est extrême,
Aime jusqu'aux défauts des personnes qu'il aime.

Conselhos muito à puridade a quem ama. O galanteio e os tolos. A mulher cruel. Ninguém, torto ou aleijado, feio ou melancólico, desespere do amor.

Não podendo fornecer olhos aos enamorados, dar-lhes-ei conselhos que não são para desprezar.

O primeiro é que desconfiem sempre do amor. É salutar não esquecer que, antes de causar a desgraça duma pessoa, a cumula de ilusões e engôdos e que é sob doces aparências que esconde as cáusticas amarguras. É um falsário que tudo comete para ludibriar.

O segundo é que não há outra prática no mundo, mais própria ao exercício da tolice, como a galantaria. Reparar os desacêrtos é difícil e freqüentes vezes a emenda é pior que o soneto.

Les sottises d'amour quand on les a commises,
Ne se réparent bien que par d'autres sottises.

Necessário é, também, que estejam aparelhados para dissabores e tormentas, de que não faltarão lições, todos os que entrem para a escola do amor. É sofrendo que se aprende a amar.

Em amor, fazer uma escolha com sorte, eis a extraordinária dificuldade. O único árbitro da escolha é o próprio amor. Não esquecer que é cego.

É cego; todavia, seria injusto imputar-lhe disparates que não cometeu e preferências desastradas cuja responsabilidade cabe apenas ao mau gôsto e à irreflexão. Um amante deve encher-se de coragem, porque o mais ousado será sempre o mais feliz. Um nobre atrevimento, sem petulância, vence habitualmente no amor; quem perde são os cobardes. Eu, por mim, teria coragem para confessar a paixão a uma deusa, se duma deusa estivesse apaixonado. E não há que ter receios; a mulher que pretende furtar-se ao amor está sempre apta a deixar-se amar. Mesmo que o enamorado não agrade, o amor agrada sempre. Não é gratuitamente que o comparam à fortuna; acaba sempre por ser propício aos audaciosos.

Por mais virtuosa que seja e se courace contra declarações de bem querer, uma mulher nunca sente enfado, talvez, em ser importunada, mesmo que não alimente outro propósito senão o de recusar Já no-lo garante Ovídio:

Quae dant, quae que negant, gaudent tamen esse rogatae.

Galãs, há, é certo, ricos, bonitos rapazes, de boa família, que deitam tudo a perder confiados em suas importâncias. Ora o fogo que se ateia no coração da mulher nem sempre é um efeito de qualidades, mas pura obra do capricho. E elas mesmas, agradadas dum homem, não saberiam dizer porque lhes

agrada. Um poeta muito apreciado di-lo algures com graça :

Jadis Saturne aimait une pucelle,
Et, dit l'histoire, elle lui fut cruelle,
Tant qu'il s'offrit comme divinité.
Que fit le dieu? Honteux et dépité,
Il se transforme en cheval moucheté,
Croyant ainsi réussir auprès d'elle.
En fait d'amour
Pas n'y manqua.

Livre Deus aos galantes de contar com elemento tão frágil como o mérito para o êxito de seus empreendimentos.

Enamorados há soberbos e impulsivos, que outros chamariam bárbaros, que esperam fazer triunfar sua paixão pela veemência e desespêro. Iludem-se redondamente. É pela submissão e de mansinho que a vereda da galantaria leva ao destino.

Como em amor só amor manda, perigoso é armar em déspota. Muito entusiasmo, também, em vez de fazer submissas, faz ingratas. Êste é o pior escolho dos rapazes novos. Mas dar-lhes conselhos para quê? Não os aceitam pela simples razão que os não ouvem.

Muitas vezes, no amor, uma variaçãozinha é grata. Possível; a afirmação não me é simpática, o que não significa, todavia, que seja totalmente falsa. Não dou aprêço à inconstância; e estou em crer que um amante, feita a sua escolha, deve sempre respeitá-la.

Os que variam de amor de-certo que nunca o sentiram. Não são enamorados; são estoura-vêrgas. Amorios dúplices têm um nome, perfídias; o homem de carácter não vai até aí. Bem sei que se diz: amar uma só é a mais intolerável das escravidões. Os temperamentos naturalmente inconstantes sustentarão ainda: ao amor é mister variar de objecto a bem da sua vivacidade. Que assim fôsse: só o amor dum volúvel poderá aspirar a tal específico. O verdadeiro amoroso suporta com invariável prazer e delícia os grilhões que o prendem. Nem êle os quebra, nem nada neste mundo lhos fará quebrar.

Além dos inconstantes, amantes há frouxos e desprendidos que se limitam a amar por decôro e a servir apenas por dever. Não é compatível com o amor moderação tão mensurável. No amor, como na guerra, cumprir o dever é pouco.

Bem sei que os inconstantes se defendem, acobertando-se sob a capa da fragilidade humana. No entanto, não aceitam ter a menor indulgência para com a fragilidade de suas damas, exigindo-lhes fidelidade a tôda a prova. Contas feitas, êste comércio propenso à variação, não passa de libertinagem. E não é só a mulher que sai diminuída, mas o homem, muito embora imagine o contrário.

A galantaria causa pavor a certos indivíduos, que fogem de caír nela como moscardos em água limpa. Pertencem ao número os mal-parecidos, os tacanhos e, talvez, os desconfiados. Mal andam, porém, em se deixar intimidar em seus defeitos. O deus que

desejam servir é pródigo em milagres e nunca desdenha dos devotos.

O perigoso, no amor, é cativar-se o homem de beldades que são crueis por natureza, afectam não sentir a mínima compaixão pelos que suspiram, e põem todo o afinco em não manifestar esperança aos desesperados. Perante tal insensibilidade, a persistência é, a meu ver, depravação do ânimo.

Tôda a mulher que não concede finezas a quem a ama não merece ser amada. As finezas são o alimento do amor. Os meus compatriotas entreteem-se muito neste jôgo de amor que se nutre de olhares, de tagatés, fogo de vistas em que o galante acaba sempre logrado. Tenho pena dêles e, francamente aqui o declaro, neste artigo como em muitos outros deixei de ser português. Quando amo, quero realmente ser amado. Argüir-me-ão de gôsto muito prático, êles e os adeptos de igual sistema. É certo que no amor dificuldade é aguilhão; não menos certo, também, que a paixão se apaga se se deixou de crer ou de cuidar. A crueldade das damas é a atitude que mais nos perturba; perturbar-se é a melhor manifestação de que se ama. O amor emornece, o amor expira perante a facilidade e a posse, bem ditosa que seja.

Tudo isto é justo e não serei eu que o negue.

Nesta ordem de ideas, porém, sou do parecer de Horácio, que aconselha o justo meio, nem muito ao mar nem muito à terra. Esta rota é, aliás, a mais útil e cómoda para o amor. De modo algum rechaço

como inconvenientes por parte da mulher uma indiferença fictìciamente desdenhosa, uma dificuldade honesta, uma grave compostura, obstáculos que alarmam e excitam a paixão. Mas crueldades sem sentido, negativas presunçosas, orgulhos indomáveis, não são valores humanos no amor. O muito fácil dissuade tanto como retrai o impossível. Com Ausónio sustento que a nudez de Vénus e a cintura dupla e espartilhada me desagradam igualmente; com Petrónio declaro *Nec victoria mihi placet parata;* com Marcial confesso: *Nec volo quam cruciat nec volo quam satiat.*

Quanto à posse, em sua plenitude de gôzo, de repouso, de tranqüilidade, não esquecer a recomendação:

Amants, donc, qui mourrez d'envie
De vous aimer toujours, un peu de jalousie,
D'absence et de difficultés,
Vous feront passer entêtés
Tout le reste de votre vie!

e a máxima digna de Salomão: «é bom andar alarmado de amores em que não lavra alarme».

Quanto a namoradores gananciosos e àqueles para quem o móbil da galantaria está no interêsse, sabido é que não são escravos do amor mas do dinheiro. O amor?!

Il n'est pas comme Mars; il ne fait point de course;
Vénus qui frappe au cœur ne coupe point la bourse.

Entre leais amantes não há separação de bens como não há separação de corpos.

Les amants sur le bien sont comme les chartreux,
Tout doit être commum entre eux.

E em face da condição e desigualdade de nascimento:

L'amour égale sous sa loi
La bergère avec le roi.

O amante muito reservado não sabe amar. O amor não é secreto, nem mudo. Franco e aberto — armas brancas são as do cavaleiro da Boa Figura.

Amor perfeito não consente, também, segredos. Ingènuamente devem confessar-se faltas e pecadilhos e nunca escondê-los por artifício ou delicadeza. A balda mais ridícula dos enamorados é pretender disfarçar aos olhos do próximo as chamas em que se vêem abrasados. Tal empenho poderia ser útil, até meritório, se porventura não resultasse impraticável. Louca é a presunção daqueles que imaginam sujeitar ao seu arbítrio fôrças que, semelhantes às do aço pelo íman, se buscam por instinto da natureza e que, por declive irresistível, estão destinadas a encontrar-se e unir-se. Todos os esforços feitos com o fim de dissimular a chama do amor, a mais das vezes, só servem para torná-la em incêndio. Por muito que se constranja um enamorado, um olhar, um gesto, uma palavra bastam para traí-lo. Terá alguém, porventura, a sagacidade necessária para

que os seus artifícios passem sempre despercebidos, e o enternecimento pelo ente amado seja fogo sem fumo? É certo que no mistério residem as delícias supremas do amor. O mistério, todavia, nunca pode ir longe. Se não são os próprios que se traem, fá-lo-ão aqueles que, pelo concurso das circunstâncias, são partícipes nêle. A meu ver, há dois impossíveis, dois impossíveis absolutos, em matéria de galantaria. Um, ocultar amor onde há amor; outro, simular que existe onde não existe. O *ladrãozinho* ou se trai ou é traído. Quanto a mim, não vejo inconveniente nisso. Se o nosso afecto é puro, é legítimo, que mal há em ser publicado, em ser notório? Vergonha, têm-na só aqueles cuja galantaria é ilícita e lhes traz vilipêndio.

Descubro ainda nos enamorados outro fraco, que não tem cura. É a facilidade com que prestam ouvidos a quem lhes vem com ditérios. O mais sensato seria ter a porta fechada para mensageiros; a novidadezinha, filtrada por lábios de hipócrita solicitude, é de todos os venenos o mais funesto ao amor.

Outra fraqueza dos enamorados é o apresentarem-se ante suas adoradas em estado de enfado ou de mau humor. Nada mais lamentável, e todavia nada mais fortuito, que dar mostras de brusquidão ou de incivilidade. Que haja entre amantes pequenas discrepâncias, nada mais humano. Na leve e rápida guerrilha se robustece o amor. Há amantes que têm por vezo estar sempre em ralhos e queixar-se um do outro, recìprocamente. Os excessos são sempre

condenáveis, mormente em matéria de arrufos. Rupturas há que não tiveram outro início. Disputas, amuos, injúrias, ultrajes, ao cabo está o repúdio.

É maior a distância — diz-se — do amor à indiferença que do amor ao ódio. Quanto a mim não me lembra voltar a amar criatura que em má hora viesse a odiar. Tive os meus dares e tomares em amor. Despeitado mais duma vez, muitas me aconteceu perdoar pecadilhos que me haviam levado até a supina arrelia. A reconciliação espreita por detrás da porta, e, em boa verdade, a cerimónia causa um prazer infinito e insufla como que alma nova ao afecto e ao desejo.

A minha indulgência nunca foi ilimitada. Perdoei arrufos, brusquidões, mas a moral por que sempre me conduzi nunca se habituou a sofrer injúrias com paciência e a olvidar ofensas com generosidade. Galantaria tão lassa, acabei com ela sem remorsos e duma vez para sempre. Há quem pratique o contrário e eu conheço bons exemplos. O duque de Cadaval, D. Jaime Pereira Álvares de Melo, cunhado de D. João V, senhor tão nobre de carácter como amável no trato, teve como amante uma rapariga de baixa condição, reles no viver, mas formosa e com certa graça. Pois o duque, embeiçado de todo, para a conservar tolerava-lhe uma infidelidade, ao menos, por cada dia. Outro exemplo é o do cavaleiro de Tarouca, que teria perdoado à amante, M.lle Peles, rapariga que veio a casar com um lacaio do fidalgo, um tal Rocha, mais tarde criado de quarto supra-

-numerário da imperatriz Amélia pelo muito aprêço em que eram tidas as suas boas qualidades. Pois a criatura foi raptada ao cavaleiro por um clérigo, Domingos de Araújo Soares, na mocidade serviçal, depois capelão particular do conde de Tarouca, plenipotenciário de Portugal em Viena. Verdade seja que nunca disse missa, coisa que Deus lhe levará em conta dos pecados, que não seriam poucos, celerado do berço à cova. Não obstante, o cavaleiro de Tarouca teria perdoado se ela lhe voltasse dos braços do eclesiástico. Mas não voltou, e com isso e com a fuga ficou vingado o conde, seu pai, a quem, por sua vez, a raptara.

O amor produz, é bem verdade, tôda a casta de desvarios, e das muitas vezes que nos varre o juízo é para nos convencer de quanto as suas volúpias são venenosas.

O amor é também fonte farta de contrariedades. Há nada mais esmagador que perder o ser amado mercê de acidente, partida para longe, clausura fortuita, morte? Para a morte, inevitável como é, não há remédio. A ausência, nem sempre evitável, é também um grande mal; para mim, não conheço outro igual em violência e pesadume. Nada mais doloroso que o adeus. Entre amantes verdadeiros é um despedaçar de alma. Que o digam aqueles que passaram pela dura experiência. Quem ama com a pessoa amada ao longe, está lá, no lugar onde ela mora, e não no lugar onde se vive. Todo o recurso é fixar incessantemente um retrato que se desvanece. Mise-

rando alívio! Conta-se que o amor inventou a pintura como lenitivo ao mal da ausência. Já um nobre alemão, durante a longa viagem que foi obrigado a empreender, para ter sempre presente a sua amada, pendurara às costas do postilhão que conduzia o côche o seu retrato. A clausura, a proïbição de se mostrar, interditando o comércio da pessoa adorada, são outros tormentos insuportáveis. Para êles há, às vezes, remédio. O amor descobre estratagemas nunca sonhados, artifícios novos com que lograr um pai autoritário ou os reveses da fortuna.

Conheci um enamorado que, ao mais pequeno arrufo com a dama dos seus pensamentos, se ausentava dela, para se punir — explicava. E o pobre, no exílio voluntário, passava o dia inteiro a chorar.

Comumente se diz que o tempo enfraquece o amor; na mesma, se afirma que a ausência, pouco a pouco, evapora a idea do ser amado, acabando por extinguir o amor. Magoa-me que os meus sentimentos não estejam de acôrdo com os universalmente aceitos. Estou, porém, convencido que o tempo fortalece cada vez mais o amor e que não há para reanimá-lo como a distância... quando se ouvem os suspiros de parte a parte.

O amor vence todos os corações. Também as sábias se deixam vencer pela paixão. Aqueles que não merecem ser amados.

As mulheres, pensam elas e penso eu, são de tal maneira propensas ao amor, que o amor as segue por tôda a parte, quer no trono, quer no seu gabinete de sábias se sábias têm o heroísmo de ser. Não é a primeira vez que uma mulher toma em suas mãos frágeis as rédeas do estado. Também não é a primeira, nem a segunda, que do belo-sexo têm saído génios sublimes, celebrados na filosofia e nas letras. Mas, em tôdas, a despeito do poder, das luzes, das artes, o amor ocupou o lugar por excelência. Mediante os seus dotes excepcionais, puderam, talvez, evitar-lhe os excessos, mas nunca o cometimento. O desejo ardente a que nós chamamos amor é, sem dúvida, em suas almas, a origem de tôdas as paixões.

Para muitas donas e meninas que se dão ao árido estudo das filosofias, o verdadeiro mestre é o amor. Quanta doçura em assim aprender e ser ensinado! E quantas conheço eu que não desejam freqüentar outra escola?! O preceito que de princípio se impõem as raparigas que são sabichonas e se têm na conta de belas é esconder a sua paixão. Escarnecem

dos homens e divertem-se imenso com as doces confidências que as amigas ingénuas lhes fazem. Enganadoras aparências! Não é assim que se zomba do amor, nem é impunemente que se zomba. O dogue, com ar mesmo de brinquedo, morde por vezes a mão que o afaga. É muito difícil encarar com indiferença um homem enamorado, mormente se é amável; e, por pouco que cative, é quási impossível deixar de o amar se se vê a miúde. Aproximai do fogo matéria combustível e já não está mais em vossa mão evitar que se inflame. O mesmo se pode dizer do enamorado que a cada passo vos fala de amor. A menos que a sua presença vos repugne, acabará por insinuar-se no vosso seio. Entre os provérbios da especialidade, muito interessantes por sinal, há um que diz: *O homem é fogo, a mulher estôpa, vem o diabo e assopra.*

Um homem que soube agradar vê-se sempre com simpatia. A filosofia ou a prudência podem criar barreiras inexpugnáveis ao amor? Respondam lá o que quiserem todos os que se debateram contra a loucura dêste sentimento e contra a mobilidade do coração feminino, que eu contestarei:

Vous qui prônez incessament
Qu'on est fou quand on est amant,
Aprennez en une parole,
Ce que l'amour est en effet:
Il est fou dans une âme folle
Et sage dans um cœur bien falt.

O coração da mulher nasceu — permita-se-me a expressão — afeiçoado ao amor. Como poderia exigir-se-lhe obediência perfeita, se antes de mais nada a não dotasse Deus com a faculdade de amar aquele a quem de si fêz entrega? Tendo em horror as pantomimas de desdém, em que se lhe compraz a altivez, e as suas atitudes estudadas de crueldade, não posso, em compensação, deixar de sentir indulgência pelos seus afectos, quando simples e naturais. O meu regalo seria aconselhar-lhe a ter sempre um namorado, mas tôda a casuística neste ponto me é defesa.

Não digo que o homem, em geral, seja mais falso que a mulher; mas estou convencido que, por via de regra, em amor é êle o mais fraco. Se ela tem outros defeitos, ao menos não tem êste de ser mais infiel e mais leviana que o homem. Em sentimento, também é mais sincera. Muito bem elas sabem com quem lidam, espalha-brasas, prometedores de mundos e fundos, casquilhos que cultivam o amor por gôsto de diversão, ingratos, e outros que tomam a peito fazer render um coração para lhe abusar da fraqueza. «Falando com sinceridade — dizia a ilustre Scudéri — os homens são em geral tão indiscretos que é quási temeridade pô-los ao facto da ternura que tenham podido inspirar-nos muito acautelada que ela ande, e menos ainda em cartas que frente a frente.» Mercê dêste justo receio mais que de natural inclinação, é que as mulheres usam de fingimentos, dissimulações e tôda a casta de artifício em

matéria de amor. Forçadas a tomar precauções contra estes males, começam por ter necessidade de os praticar.

Estão, pois desculpadas; e, emquanto não forem bem cientes da probidade dos adoradores, legítimo se torna que recorram a astúcias, úteis como garantia dos riscos que correm da parte de pessoas que lhes armam a rêde mais para as perder que para as cativar.

Mas além dos falsos e traiçoeiros, outros namoradores há desprezíveis por seus vícios, faltas de carácter ou frouxidão do ânimo. Uns são ternos, bem intencionados, mas o seu amor queda-se em amizade. Outros frios, reservados, e mil anos que vivessem com uma mulher, nunca seriam esposos a valer.

Intrigas de amor com estes arrastam-se, desenxabidas, enfadonhas e perniciosas. São absolutamente condenáveis. O mesmo sucede com os avarentos. Pode ser muito afectuoso, pode ser muito bem intencionado, dum fuínha não é legítimo esperar amante às direitas; o que dêle resultará, em linha recta, é o marido detestável. O avaro está, por natureza, banido da minha república e condenado a nunca saborear os prazeres do amor. Se algum fôr surpreendido no jardim de Citera, castiguem-no pelo atrevimento e não deixem de o expulsar como infame.

Tampouco o santanário e o tartufo têm a minha aprovação para amantes. Homens desta têmpera, não

contentes com empulhar a Deus, não têm outro fito senão iludir o mundo, as mulheres em primeiro lugar, mais fracas como são que os homens. A rainha Dido deixou-se seduzir por um amante que era devoto; com a morte pagou tão rematada loucura.

A mulher vaidosa. A amizade que deriva em amor. O coração tem rebeldias inesperadas

POR vaidade, apenas, se compraz o belo sexo em contar os enamorados ou amantes às dezenas ou às centenas. É engraçado ouvir dizer a esta menina, àquela senhora, para mostrarem quanto são adoráveis, que trazem sempre atrás de si uma praga de apaixonados. Praga, se as mulheres querem. Há um certo ar dulceroso de complacência que atrai os homens como o mel atrai as môscas.

As mulheres honestas e as raparigas sérias nada mais que pelo seu porte afastam os chichisbéus. Aquelas que se sentem lisonjeadas em ser seguidas por muitos, e disso fazem alarde, essas começam a respirar o ar da galantaria libertina que leva mais direito ao amante que ao marido. Difíceis de satisfazer, andam de homem em homem, à espreita do modêlo de perfeição que sonharam; e quere a má estrêla que acabem tantas vezes por aceitar um es-

pôso ou amante, rebotalho de todos os homens, antipático de presença e falho de dotes. Muitas são assim castigadas. Mulheres que prezam a honra não se dão a esta espécie de devaneio. Deixam-no às namoradeiras e casquilhas, e bem procedem.

Da mesma maneira que há galãs que confiam demasiadamente em seus méritos para agradar, há raparigas e senhoras que cometem também a imprudência de depositar uma confiança excessiva na beleza que Deus lhes deu. Quanto a mim, sempre imaginei que há maior galardão em ser amado duma pessoa distinta pelas qualidades que duma pessoa notável pela beleza. O facto mesmo de ser bela diminui as honras da conquista.

A mulher que, por ser formosa, se apodera dum coração, não merece mais glória que o conquistador que, com numeroso e bem equipado exército, toma a praça em que tem inteligências secretas. A excelência nas mulheres está, pois, em possuirem mais espírito que beleza e em serem mimosas de predicados que, admitida a hipótese de perderem as louçanias físicas, sejam ainda o bastante para inspirar amor. Os partidários da beleza pela beleza, com não verem nada de mais capital na mulher, ofendem o belo sexo.

Ovídio, mestre, aliás, na arte, não compreende o amor sem devaneio e ociosidade. Teofrasto define-o — a afecção duma alma preguiçosa. Foi animado pelo mesmo pensamento que Fídias esculpiu as suas Vénus: uma sentada, outra com a tartaruga aos pés; ambas em atitude de quebreira.

Eu cá não acredito que fôsse pensamento dos antigos ter o amor como derivado da preguiça; por isto, porque não podiam ignorar que o amor é uma paixão natural e útil, sempre viva e criadora. Prefiro admitir que tinham, antes, em mente o amor vicioso, libertino, despautado, que cria raízes no seio das criaturas, soberanamente ociosas e excessivamente moles. Para estas, sim, a luxúria e o deleite são os únicos móbiles da vida.

Sucede muitas vezes o amor nascer da estima e consideração que duas pessoas de sexo diferente têm uma pela outra. Uma mulher virtuosa pode até muito naturalmente não dar conta dêste acidente; a própria virtude pode induzir a erros, alimentar uma cegueira porfiosa em não reconhecer como nocivas ao sentimento conjugal inclinações que põem máscaras de amizade. M.me de Houlières conhecia admiràvelmente a fraqueza do seu sexo e os riscos que êste corre em vir buscar amigos ao nosso. Para isto a melhor escola é a sociedade. O que ela diz serve de lição para os dois sexos, em especial para as mulheres casadas quando consagram a certos homens estima exagerada.

Sans cesse je me dis qu'une forte tendresse
Est, malgré tous nos soins, l'écueil de la sagesse.
Comme un subtil poison je regarde l'estime,
Et je crains l'amitié bien qu'elle soit sans crime;
Pour sauver ma vertu de tants d'égarements
Je ne veux point d'amis qui puissent être amants.

Assim fala uma mulher, conhecedora do mundo, cuja autoridade, por conseqüência, faz pêso. E assim é: fulana vê um homem com prazer; pratica com êle a miúde; distingue-o com certas deferências; em suma, entabola com êle um comércio em que por nada julga faltar ao dever, pois nunca lhe passou pelo entendimento ser um dia possível enganar o marido. Todavia não toma cuidado, e, lenta, insensìvelmente, vai cavando a ruïna da sua fidelidade. E o intruso, em seu coração, acabará por alijar o outro, aquele a quem jurou amor leal e verdadeiro.

A êste amor, que se apodera da mulher sob capa de amizade, só uma noção muito alta do dever o poderá reprimir. O perigo não seria grande se as mulheres que se encontram naquele caso fôssem dotadas de virtude a tôda a prova; assim não sucede, porém; e ainda que sejam virtuosas, o mal subsiste.

Tenteando mais longe, ainda, a sonda naqueles refolhos do coração, que a mulher tanto nos esconde, apurar-se-á: tal senhora está em relações amistosas, com um homem; fê-lo seu amigo supunhamos. Se é amigo, é porque lhe pareceu amável, e se lhe pareceu amável é em desvantagem do marido. No paralelo entre um e outro, o marido fica sempre rebaixado. Já é sorte não achar êste detestável. E, se assim acontece, não é tanto porque um seja o espôso, mas sim porque o outro não o é. Daí essa tristeza, essa melancolia de que andam achacadas muitas mulheres; tôdas as que não fazem outra vida senão chorar e suspirar tornam-se-me suspeitas. Mulheres

virtuosas não choram sôbre os maus modos ou maus tratos dos maridos; choram sôbre a inclinação a que procuram resistir e de que não são senhoras, ou pelo menos julgam não sê-lo, o que dá o mesmo.

Tão severo eu sou, em matéria de amizades, para com as donas, como indulgente sou com as meninas solteiras, quando os seus amores são honestos e bem intencionados. A estas digo que amem, amem a valer, sem dissimulação nem reservas.

Dans le temps ou l'on est belle,
Rien n'est si beau que d'aimer.

As milhentas vezes mil considerações que se possam tecer sôbre o amor quedam sempre imperfeitas; nunca poderão prever, avaliar, nem explicar as suas contingências e mistérios. É uma ciência muito secreta e o melhor mestre ainda é o tempo. Como hei de eu dizer adeus a um deus que me foi grato e em breves termos?

L'amour est un dangereux maître,
Tous ses sujets sont ses martyrs.
.....
L'amour est un étrange maître
Heureux qui peut ne le connaître.

O casamento. Argumentos a favor e contra. O que diz a história e o que aconselha a experiência

O conde Claravino era natural de Florença. Chegou a Viena no comêço de 1735 e ainda lá ficava quando eu parti, em 1740. Tinha vinte e quatro anos, boa presença, belo garbo. Gastava à farta mas com gôsto. O jôgo, o teatro e os bailes levavam-lhe o tempo todo. Sem grande ciência nem prática do mundo, tinha o espírito vivo e o coração ousado, qualidades que o tornavam querido dos salões.

Conheci-o nas reüniões da condessa Aibell e com êle me tomei de amizade, que nada veiu quebrantar. A nossa intimidade era grande, a pontos que eu me permitia dizer-lhe as coisas com um desassombro e uma sem-cerimónia de todo fraternal.

Moço mais hóstil ao casamento nunca vi, e todavia era doido varrido por mulheres. Acêrca de tal matéria, disputávamos com calor e a perder de vista.

— O casamento — disse uma vez — é a maior asneira que o homem pode cometer. Em qualquer época da vida que se contraia, é sempre tropêço, escravidão, inferno.

— Discordo — respondi eu. — A meu ver, o casamento é o mais cómodo, o mais agradável e o mais

útil estado na vida do homem. Com isto, não pretendo garantir que tais circunstâncias se encontrem reünidas em todos os casamentos; mas estou persuadido que são o apanágio de muitos e isso me basta. O estado em que me acho por agora (tinha enviúvado, pela primeira vez, de D. Ana Inês de Almeida) é tão desastroso que, a prolongar-se, pode levar-me, como homem de carne e ôsso, à libertinagem.

— Nem tôda a gente pensa como o senhor — replicou-me Claravino. — O casamento, a mim, inspira-me repugnância natural e invencível. Se meu pai, é certo, nutrisse as mesmas ideas não teria eu vindo à luz; mas isso não importa. A minha opinião é errónea? Consolo-me com me ver de acôrdo com filósofos e teólogos vários, que por isso lhe hão de parecer tão ridículos como eu.

— Não só ridículos, insensatos! Sendo o amor a maior de tôdas as paixões, ao seu ardor e doce fogo é devida a existência do género humano. Mal acabamos de saír da infância, logo a inclinação imperiosa acorda em nós. Os homens em geral amam e respeitam o belo sexo; sendo assim, não é lógico que procurem companheira? O número muito reduzido de homens que se opõem à regra universal não merece consideração. Verdade que pode citar em seu abôno alguns filósofos e teólogos da seita *anti-femina*. E que prova? Acaso *uma andorinha faz a primavera?*

— Não se trata dum exemplo apagado entre mil contrários — tornou o conde. — Afigura-se-me que

nunca leu as obras de S. Jerónimo e desconhece a história de Orígenes e de Combabo. Esquece, também, que houve um Zenão, Aeas, e um povo inteiro, denominado abeliano, que professavam as mesmas ideas que eu.

— As suas citações não me são de todo estranhas — contestei. — Entre as obras de S. Jerónimo é certo haver um *Tratado da Virgindade;* mas não é menos certo que os amigos dêste autor o desaprovavam como contrário às decisões da Igreja. E se Orígenes, por excesso de devoção, com o fim de ser eunuco no Céu chegou a mutilar-se, não acredito que os teólogos de hoje o imitem, interpretando à letra a passagem do Novo Testamento. Sei também que Combabo imitou Orígenes. Êste jóvem sírio, nomeado para acompanhar a rainha Estratónice em viagem, quís prevenir duma maneira radical tôdas as tentações ou tôdas as suspeitas, para o que amputou e remeteu ao rei dentro duma boceta o certificado de continência. O feito é admirável, mas de todo singular. Ia jurar que hoje em dia as damas mais ilustres e as próprias rainhas não encontrariam um só fidalgo que acedesse a acompanhá-las em viagem, se a política lhe exigisse idêntico sacrifício. Contam que Zenão era um filósofo castíssimo; todavia casara, bem embora, ao que se reza, estivesse uma só vez com a mulher. Mas é coisa que se possa provar? Aeas também era casado. Dêste se diz que só conheceu três vezes a esposa, das quais, em conseqüência, lhe vieram três filhos. Quanto aos abelianos pretende-se

que tomavam mulher apenas para cuidar da lide doméstica. Que faziam voto de não ter com ela pacto carnal e que se obrigavam a adoptar os filhos que tivessem, porventura, doutro homem... Estranho sistema inegàvelmente! Haveria hoje, já não digo tríbu, mas homem por muito estólido que fôsse, capaz de abraçar semelhante proceder? Êste povo dos abelianos, ou antes seita, estabelecido nos arredores de Hipona, já não existia no tempo de S.to Agostinho. Além de insignificante, teve pouca dura. De resto, a maior parte dêstes exemplos devem pertencer ao domínio da fábula. A natureza fala ao mais ignorante da mesma maneira que se explica com o mais sábio dos homens. A sua voz é igualmente imperiosa para todos, instintivamente impelindo um sexo para o outro.

— Pigmalião — objectou o conde — não se embaraçou com as regras da natureza, nem com essa pretensa lei universal. Pouco caso fêz do amor e das mulheres e da feição que, os termos são seus, brota do peito humano como uma fonte da rocha. Curou-se de quimeras, e viveu sossegadamente o resto dos dias.

— Nada menos exacto que essa tranqüilidade que atribui a Pigmalião quando se acolheu à soledade. Odiava as mulheres, fugia delas às sete partidas, é certo, mas que fazia no seu isolamento de celibatário? Estátuas femininas, às quais procurava imprimir os agrados todos da mulher. Não era o coração que falava nas suas obras, sem que êle mesmo se

percebesse disso? De verdade parece que a natu-
eza se aprazia em confundi-lo, obrigando-o a bus-
ar na arte aqueles prazeres de que tão irrazoàvel-
nente tinha jurado privar-se.

— Estranha dialéctica a sua! — exclamou Claravi-
io. — É possível que a experiência de todos os dias
ão o convença que o casamento é a causa principal
la inquietação e desgraça dos homens?

— Não; a experiência o que me mostra é que o
asamento é o mais sólido sustentáculo da raça hu-
nana. É esta uma verdade que nada pode desmen-
ir.

— Está bem certo disso?

— Certíssimo. Há uma necessidade de ordem na
natureza, em vista da perpetuação da espécie, que
ncontrou a fórmula perfeita no casamento. Sem êste
stado, reinos e repúblicas breve ficariam desertos
: o mundo volveria ao nada. Mas eu não pretendo
ecer o elogio do matrimónio. Deus instituiu-o no
paraíso terreal e, por isso só, é respeitável. Se Adão,
na fase de inocência, teve necessidade de compa-
nheira, segundo os termos da Escritura, porque nos
havíamos de furtar a uma aliança que encheu de
elicidade e de delícias nossos pais? O primeiro mi-
agre que Jesus realizou foi honrar com a sua pre-
sença as bodas de Caná. A união de Cristo com a
greja exprime-se mediante a figura de casamento.
Em conformidade, pode haver estado terrestre mais
eliz, ou comércio mais digno de ser praticado e cul-
tivado pelos mortais que o do matrimónio?

— Agradecer-lhe-ia muito, demonstrando-me que não pode haver.

— Até pela sua simbolização religiosa. Jeremias fala de Deus como se fôsse casado. No *Cântico dos Cânticos* o próprio Deus se inculca de *espôso*. A Igreja, por seu lado, cumula de graças os consorciados. Já os judeus antepunham o matrimónio ao celibato, no que foram imitados pelos cristãos que nos tempos primitivos nunca confiavam a solteiros os cargos da magistratura. Esparta chegou a instituir uma prática curiosa: o fustigamento dos solteirões pelas mulheres, a pretexto de que serviam mal a República por não contribuir a aumentar-lhe a população. Ora aqui está a usança que eu gostaria de ver praticada nos nossos tempos! Sempre queria observar, na circunstância, como as senhoras de Viena se portariam consigo!

— Francamente, — proferiu o conde — estou farto dos seus gracejos. Viremos de página.

— Pois viremos de página.

E iamos dar um passeio, ou sentávamo-nos à mesa do jôgo. Outras vezes partíamos a espairecer na Ópera o enfado que nos vinha da discussão.

Nestas e noutras disputas as damas formavam roda em volta de nós. Por via de regra tôdas tomavam o meu partido, a não ser a baronesa S*** que apoiava o conde. Esta senhora protestava ser inimiga do casamento; nunca lhe conhecera as doçuras. No mesmo dia em que casara, o marido adoeceu e quinze dias depois expirava. Era um moço extrema-

nente simpático e dono de grande fortuna. Senhoras que presumiam conhecer os segredos da baronesa ontavam que ela amava apaixonadamente o conde Claravino. Daí, por pecha do coração, o esposar ela s suas teorias contra o casamento.

O problema da união conjugal. Vale mais a formosa ou a simpática? Não há mulheres feias. A autolatria da virtude feminina é o pior inimigo da felicidade. A lei natural. Poleiro onde a galinha faz de galo. O corpo perfeito. A fábula da serpente ou o rabo a mandar.

— Algumas vezes lhe ouvi dizer — notava-me o conde de Claravino — que a leviandade e a inconstância são ingénitas na mulher, e, por natureza também, o belo sexo é infiel, doloso e traiçoeiro.

— O que algumas vezes me ouviu dizer — respondia eu — não é senão a pura da verdade, a cada passo verificada.

— Se assim é, só de doido varrido o buscar-se a companhia de criatura, de que se sabe de antemão serem de pouca solidez os agrados mais sedutores e sujeitas a empanar as qualidades mais brilhantes.

— Pelo contrário, sustento que a modéstia e a

graça, a beleza e a virtude tornam as mulheres, senhoras dêstes predicados, tão recomendáveis que mister é de nossa parte admirá-las, venerá-las, adorá-las até.

— Oh! oh! o senhor quere convencer-me com a ênfase das expressões! Mas não se cause que eu não me deslumbro fàcilmente. De todos êsses dons, a modéstia é tão necessária quão ausente das meninas de hoje. Quanto a virtude não falemos. Várias vezes tenho lido e sei de experiência que há muita donzela para as quais o dia de núpcias não traz nada de novo em matéria de casamento. Dessas piores que a peste e a guerra, fonte perpétua de dissabores para os maridos, *libera nos Domine.*

— E a beleza não o tenta?

— De-certo, a beleza é um dos mais temíveis privilégios da mulher. É mediante ela que subjugam os corações simples e confiados. Mas os homens não abrirão os olhos? Não acabarão por se aperceber de quanto é bem passageiro? E, ainda, aquela formosura que resiste à devastação da varíola estará ao abrigo dos mil acidentes que a ameaçam? Além disso,

Quand on ne prend en dot que la seule beauté
Le remords est bien près de la solemnité.

— Há mulheres formosas que, mesmo sem riqueza, são verdadeiros tesouros... de bondade...

— A mulher formosa, escreve um autor, meu compatriota, além de vulgar, acaba por exercer sôbre o marido um império que pode ser nefasto.

— Tem as que são bonitas ou as que se podem lizer simplesmente simpáticas...

— Quanto à mulher feia, seja dito de passagem, quere-me parecer que deve ocasionar ao esposo um rrependimento sem tréguas, e que, inevitávelmente, acabará por odiá-la, a menos... a menos que seja dotado de virtude sobrenatural, ou de gôsto depravado.

— Não há mulheres feias feias. Prefere, pois, a formosa... ?

— A posse de mulher formosa é, a meu ver, a nais perigosa de tôdas. Porquê, é quási desnecessário dizê-lo.

— A série é longa. Há a mulher de fino e são entendimento...

— Alguém é capaz de jurar que quanto mais uma mulher é espiritual menos seja a recear? Lembre-se lo provérbio : *Odi feminas litteratas.* Depois :

Son bel-esprit lui sert à railler nos maximes,
A se faire souvent des vertus de ses crimes.
.....
Et dés que son caprice a prononcé tout bas
L'arrêt de nôtre honneur, il faut passer le pas.

— Falta-lhe condenar a mulher virtuosa...

— Por quem é, não espere que me ponha a deblaterar contra a virtude! Só lhe direi que, autorizando-a a virtude a tornar-se incómoda, mesmo insuportável ao marido, com essa nem para o céu nem para o inferno eu iria. Sei bem a guerra contínua que me moveria ; noite e dia seria esmagado com a narração

dos feitos generosos de sua boa alma; o elogio constante da sua conduta regrada e inquebrantável nunca mais acabaria; em suma, a cega-rega de bem cumprir as obrigações degeneraria dentro em breve em balda, e esta vaidade da virtude, da honra, da bondade nem me traria galardão, nem me seria agradável. Creia, a virtude indiscreta é pior que o vício e a mulher com falhas, mas dócil, não é tanto para temer como a dona virtuosa e arrogante. Persuada-se, meu amigo, que por qualquer lado que se encare, a mulher queda sempre criatura imperfeita.

— Tal qual o homem privado de mulher, nem mais nem menos. Se pusermos de parte os defeitos e os senões comuns aos dois sexos, achamos que homem e mulher formam como que duas metades que permanecem imperfeitas até o momento em que se unem num só e mesmo corpo.

— Admirável todo! A natureza teve o cuidado de apartar os sexos, o meu caro quere a todo o custo que sejam indissolúveis.

— Mas assim o exige a natureza. Dividida em dois sexos, a humanidade completa-se pela sua união, apenas. Cada um recebeu em dote certa porção de agrados e de qualidades particulares cujo usufruto se devem recìprocamente. É nesta permuta de atributos diversos e perfeições alternantes que consiste a beleza geral do género humano. Daí êsse pendor quási invencível que nos incita a desejar e buscar as graças e os ornamentos que nos faltam. Nós, os homens, estimamos muito pouco as prendas que são

nosso apanágio, mas suspiramos e lutamos com ardor pela posse dos atractivos e das louçanias que nos cativam no belo-sexo. Creio que a veemência dêstes desejos ainda é maior nas mulheres. O aprêço que temos pela sua envolvente e feiticeira corporeidade, pagam-no elas com o aprêço de nossa fôrça e galhardia. É por esta ordenança deliciosa de valores que o género humano pode ser feliz e o ente racional tocar a perfeição de que é susceptível.

— Vivendo felizes os pares e tendo muito filhos — gracejou o conde.

— Esta espécie de jôgo — prossegui eu — em que parece se comprouve o Criador separando-nos primeiro para nos ligar depois, é velho como a própria natureza. Sempre se viu os sexos andarem em demanda um do outro, em demanda da porção que lhes falta, trabalhando recìprocamente para se comunicarem suas belezas e modos, a fim de perfazerem um corpo de humanidade.

— Ocorrem-me uns versos que caem aqui a matar. Oiça :

L'homme créé par les fils de Japhet
N'eut qu'un seul corps, mâle ensemble et femelle.
Mais Jupiter de ce tout si parfait
Fit deux moitiés et rompit le modèle.
Voilà d'où vient qu'à sa moitié jumelle
Chacun de nous brûle d'être rejoint.
Le cœur nous dit : Ah! la voilá, c'est elle!
Mais à l'épreuve, helas! ce ne l'est point!

— Sátira como outra qualquer!

— Verdade que a experiência não faz senão confirmar e destrói no seu sistema qualquer raciocínio que pudesse ter aparências de solidez. O homem, é certo, propõe-se e tem pressa de formar o tal corpo perfeito, unindo-se à mulher que considera sua verdadeira metade. Esta metade, que encontra sem grandes canseiras, não sai nunca a que lhe convém ou que devia pertencer-lhe. E aí está a pretendida perfeição do corpo em questão reduzida a um ajuntamento de partes mal adequadas e muitas vezes contraditórias. Senão vejamos: a sujeição mais natural, o respeito mais recomendável, são a sujeição e o respeito que a mulher deve ao marido. Encontra o homem sempre essa atitude de parte da espôsa? Nada disso. Se é bonita, nada lhe fica a dever em imperiosa; se é rica, nada lhe fica a dever em impertinência. Conhece Dicatriz? É uma mulher que sabe ao justo a proeminência que o galo, por exemplo, tem sôbre a galinha e o homem sôbre a mulher. Todavia, no lar, o pobre galo do marido tem de estar calado e só a galinha é que tem direito de cantar. E canta permanentemente. Como foi de sua banda que veiu a fortuna do casal, é de opinião que, quando a mulher é rica, a ela só cabe governar. Miserável e lamentosa vida, quando a roca comanda a espada! Quantos matrimónios como êste se não vêem por êsse mundo fora? Não há razão em afirmar que o homem que se casa, muito longe de formar um corpo perfeito pela união com uma mulher, não realiza senão uma monstruosidade?

— O homem nunca será assás circunspecto com a mulher em matéria de autoridade. A sua obrigação é ser delicado, comprazer onde fôr mister, usar de brandura em vez de rigor. Tudo com certa medida, pois lá diz o rifão: *fazei-vos mel, comer-vos-ão as môscas.* Êste escolho deve evitar-se tanto como o contrário. Agora o marido que exige da espôsa obediência e respeito imoderados, parece antes desejar possuir escrava que companheira. À fôrça de tensão todo o arco se rompe. Sendo as extremidades sempre arriscadas e viciosas, tenha-se o justo meio como o partido mais prudente e recomendável.

— As fraquezas da mulher metem-se pelos olhos dentro. Não há ninguém que se não aperceba delas, até a própria mulher. *Se quere fazer o que eu lhe peço,* — dizia Cenis a Neptuno — *faça com que eu deixe de ser mulher.* Creia, não há mulher que não pense e sinta como Cenis.

— Em poucas palavras acaba de tecer o elogio da mulher. Namorada da nobreza do nosso sexo, a mulher teria prazer em trocar. É possível; eu o creio. Daí conclui-se que o belo sexo reconhece as excelências do sexo masculino, tanto mais que não se pode retorquir com o argumento contrário, isto é, que os homens gostariam de tornar-se fêmeas. A docilidade e a delicadeza extrema do belo-sexo levam-no à confissão sincera de suas fragilidades e incorrecções. Que o homem tem tantas como a mulher, não é necessário demonstrá-lo. Mas é menos sagaz que ela, pois que não dá conta dos defeitos; é de na-

tureza vão e orgulhoso e, pôsto sinta as pechas, obstina-se em negá-las e ufana-se mesmo em não as ter. Não concorda que há um encanto infinito nesta docilidade e ingenuidade do belo-sexo? De justiça se deve confessar que a mulher possui qualidades que nós não possuímos e um merecimento próprio feito de virtudes particulares, dela só privativas.

— Não pode negar que a mulher seja para si um ídolo...

— E que assim fôsse...?! Gosto das mulheres e tenho por elas um infinito respeito; mas êste sentimento não me tolhe de ver os seus pecadilhos e jaças. Abandonando-me a uma propensão que me é natural, querer-lhes bem e considerá-las, em nada faço sacrifício da razão. Estimar a valer o belo-sexo nunca pode constituir um crime; elevar-lhe as qualidades ao ponto de outorgar-lhe perfeição absoluta, superior, seria pecar por excesso... seria pronunciar uma adorável mentira.

— Muito bem. Nos próprios termos da sua confissão, a mulher é eivada de defeitos, de fraquezas; nós também, uma vez que assim o quere. Ora, pois, que cada um se contente com as imperfeições que lhe couberam em dote, e que seja taxado de cego, de doido varrido o homem que procura redobrar seus males pela aquisição daqueles que ornam indubitàvelmente a cara-metade por quem tão ternamente suspira.

— Desejar a mulher nunca pode ser loucura, nem tampouco cegueira. Ainda avolumando-lhe os defei-

tos, por uma sorte de prevenção, muitas vezes, no fundo da nossa consciência, somos obrigados de convir que os nossos não são menores. Depois, a razão diz-nos que êsses defeitos longe de aumentar de parte a parte, poderão diminuir e até desaparecer mediante o adicionamento das nossas virtudes às virtudes da espôsa. Uma vez que é tão versado em anexins, não desconhece porventura êste: *Quem ama a Beltrão, ama ao seu cão.* Aqueles que gostam de cerejas, por exemplo, comem-nas mesmo que não estejam maduras e lhes sejam perniciosas. Nada mais perigoso, a meu ver, que cogumelos. Pois há quem goste e devore nêles à valentona. Na Holanda vendem-se as laranjas de Portugal, algumas já sorvadas; mesmo assim, não falta quem as coma e as ache boas. O queijo, pôsto que bolorento e coalhado de vermes, não deixa de ser um manjar delicioso para muitas pessoas que não têm, aliás, o paladar estragado...

— Conclusão?

— Conclusão: a mulher pode ter tôdas essas imperfeições, não deixa de ser de todos os ornamentos do mundo, o mais belo, o mais agradável, o mais procurado.

— Tome cautela! Por êsse andar, se algum dia vier a contrair casamento, estou a vê-lo entregar a espada a sua senhora que, em compensação, lhe fará presente da roca!

— Não tenho mêdo, não sou dêsses. Conheço uma fábula, cuja moralidade está sempre presente ao meu espírito. Há na serpente duas partes que são inimi-

gas do género humano : a cabeça e o rabo. Estas duas partes alcançaram igual fama no tribunal das Parcas, em virtude do poder mortífero de que são dotadas. Houve, porém, um tempo em que disputaram, uma com a outra, a supremacia. Como a cabeça ia sempre adiante do rabo, êste queixou-se de que era obrigado a percorrer léguas e léguas por alta recreação daquela ; que não podia ser assim, que era tirania da cabeça, que era companheiro e não escravo. E, argumentando que num e noutra corria o mesmo sangue, existiam qualidades análogas, reivindicou para si as rédeas do govêrno, protestando conduzir a cabeça com sabedoria e acêrto, sem lhe dar razão de queixa. Por bondade cruel, a cabeça anuiu. E eis a serpente rastejando às avessas, capitaneada pelo rabo, que cego como era, a levou pelo pior dos caminhos, de encontro às árvores, quási entre os pés dos passantes. E tanto andou às tropeçadas, às apalpadelas, que acabou por cair no rio dos infernos, onde o rabo e cabeça, igualmente imprudentes e inconsiderados, encontraram a perdição. Ora, pôsto eu sustente que o matrimónio não é nenhum monstro, não nego que em idênticos passos não possa parecer corpo bem disforme. Sei muito bem que é da fraqueza e da cobardia de alguns maridos que dimana o êrro, a desordem e a má conduta de suas mulheres. Mulher altaneira, marido poltrão, casal em palpos de aranha. Amar e estimar sua senhora é dever insofismável ; exagerar o cumprimento dêste dever êrro é êsse, comparável ao da cabeça da serpente deixar-se guiar pelo rabo.

— Ditoso o homem solteiro que está a coberto de semelhante perspectiva! Ditoso, o estado de celibatário!

— Lei, religião, entendimento pregam-nos precisamente o contrário. Por muito mau que seja o estado de matrimónio, a prática do mundo mostra-nos que incomparàvelmente pior, mais miserável e susceptível de todos os desregramentos é o estado de solteiro.

— Seja o que o meu amigo quiser, com uma condição... Valeu?

— Valeu.

— Não falamos mais nisso. Fique a matéria para aqueles que estejam a enforcar-se no nó da estola...

E deu-se por findo o colóquio.

Ciladas de amor e mortes trágicas. Quem com ferro mata com ferro morre

O conde da Atalaia deixou muito que contar em Lisboa. Uma das suas aventuras referia-a êle próprio com desenvolto garbo e sainete. E foi: era ainda novo tinha por amante uma linda rapariga, destas que dão um pontapé numa estrêla quanto mais na fidelidade, é só prestar-se a maré. Mas a moça tinha mêdo dêle,

senão respeito, dado o seu génio assomadiço, pronto à desforra, e, pelo mesmo motivo, ninguém se atrevia a cobiçar-lha.

Um belo dia, porém, o inimigo entrou na praça. O inimigo era certo frade franciscano, filho do glorioso patriarca de Assis, que em matéria de privilégios se julgou no direito de disputar os regalos ao fidalgo.

Tudo corria à maravilha entre sécia e frade, quando uma criada de dentro advertiu o conde do desacato que lhe faziam. E o logrado planeou a desafronta. De acôrdo com a servilheta, deu parte à amante duma caçada a que fôra convidado e, em conseqüência, se despediu dela até a volta. E, sem mais, foi esconder-se à espera que o rascoeiro do frade viesse à vinha.

Ora o franciscano, mal pôde arrumar as coisas no convento, acorreu a casa da beldade sequioso de carícias e cheio delas. E era muito mais de meio-dia dormia e redormia, mais tranqüilo do que sete justos, quando fortes argoladas soaram à porta.

— Jesus, é por lá o senhor conde! — exclamou a criada de dentro.

O fradinho, que não esperava tal desastre enfiou, desatinado de todo, para debaixo da cama. Entretanto a moça, com uma pressa que destoava do seu ar aflito, ia abrir a porta ao amo.

Entrou o conde de rompante na alcova e, apercebendo-se da vestimenta do frade, sem grandes buscas deu com o paradeiro do moinante.

— Saia cá para fora — trovejou.

O pobre lôbo intimidado saiu debaixo da cama.

— Leigo ou frade, — tornou o conde — não te toco. Mas põe-te lá fora, já... sem perda dum instante.

O frade ia a deitar a mão às vestes, mas o conde atalhou-o.

— Não, hás de ir como estás... E já!

Deitou-se o frade aos joelhos do conde a clamar o perdão do seu pecado. A tudo o conde respondia:

— Não dou a morte. Mas já disse, põe-te no ôlho da rua...

— Mate-me, meu senhor, mate-me! Antes quero morrer que ser exposto ao escárneo e vergonha do público.

E como o conde continuasse irreductível, entre outras vozes chorosas, soltou estas o frade:

— Desgraçado de mim, mil vezes desgraçado! Por que não me matou minha mãi ao nascer, e já agora eu não deshonrava o sacratíssimo nome do nosso grande padre S. Francisco! Mas daqui não saio despido como estou. Seria um ultraje sem nome à minha ordem, seria arrastar pela lama o hábito seráfico, o expor-me eu, indigno irmão, aos apupos e vaias da populaça.

No ânimo do conde, que era membro da Ordem Terceira, calaram as razões do frade. E generosamente proferiu:

— Vista-se.

Envergou o frade a túnica e, ainda o cordão não

apertara, puxou de duas pistolas e meteu-as à cara do conde:

— Agora, digo eu, rua, se tem amor à vida!

E era tão desenganado o gesto do frade, tal fulgor havia em suas pupilas, que o conde tomou a resolução de se retirar.

O conde a sair pela porta, o frade e a amante a desaparecerem atrás dêle, com tudo o que puderam arrebanhar.

Muitas e demoradas diligências fez o conde da Atalaia para descobrir o refúgio do masmarro e da concubina. Mas perdeu tempo, dinheiro e paciência.

Êste fidalgo acabou mal. Lembra-me, a propósito do seu triste fim, do passo contado por Rollin:

«O lacedemónio Euribíades, generalíssimo da armada dos gregos, aliados contra os persas, não podendo suportar que Temístocles general dos atenienses, homem moço, sustentasse com calor opinião contrária à sua, levantou o bastão para êle em gesto ameaçador. «Bate — respondeu Temístocles sem se perturbar — mas escuta». Surprêso com tal moderação, Euribíades deu-lhe ouvidos. E, havendo travado batalha no estreito de Salamina, consoante o parecer do jóvem ateniense, ganhou a célebre vitória que salvou a Grécia e granjeou para Temístocles glória imorredoira.»

«Que fariam os nossos oficiais no lugar de Temístocles?» — preguntou Rollin.

Respondo eu que seriam capazes de adoptar a

atitude de D. Juan de la Cueva em Lisboa, há cêrca de vinte e dois anos.

Tinha êste jóvem oficial a prosápia de exigir de tôda gente o título de senhoria, sem o que se negava a tratar de excelência as pessoas de patente superior à sua, até o próprio general, marquês de Minas. Este senhor, que comandara os exércitos portugueses na última guerra com Espanha, passava efectivamente por homem soberbo, altivo e duma arrogância fora das marcas. Ora um dia, ao anoitecer, que fôra visitar os padres do Quintal, da congregação de S. Filipe de Néri, ao saír da porta topou-se com Juan de la Cueva que entrava. O oficial começou trocando com êle as palavras proverbiais de saüdação, mas como reparasse que o marquês lhe não dava senhoria, não empregou também o tratamento de excelência. Afrontado, o general ao mesmo tempo que o invectivava, erguia o bastão. Ia a descarregar, mas rápido como o raio, La Cueva varava-o lado a lado com uma estocada. Quando caíu no chão, era homem morto. O padre que o acompanhara à porta, e era precisamente o seu confessor, mal teve tempo de lhe dar a absolvição pelo pulso. La Cueva soube subtrair-se a tôdas as buscas e evadir-se para Espanha.

A morte trágica do marquês de Minas, é um exemplo que prova punir Deus os homens neste mundo em proporção dos seus crimes.

«Mete a espada na baínha, — disse Jesus a S. Pedro — pois quem com ferro mata com ferro morre.»

Nunca a severidade da sentença divina se aplicou mais justamente que ao marquês, réu de morte violenta, e análoga à sua por mais dum motivo, na pessoa do corregedor. A ocorrência deu-se um dia que havia festividade na casa professa dos jesuítas.

Estava o corregedor de guarda à porta reservada à comitiva real, apresentaram-se o marquês de Minas e o conde da Atalaia.

— Hajam de perdoar, — disse-lhes o oficial — mas por aqui não podem entrar.

— Não podemos entrar, porquê?

— Esta entrada está reservada a S. M. El-rei. São as ordens que recebi...

— Essas ordens não se entendem connosco. Deixe entrar...

— Vossas excelências têm ali ao lado duas portas abertas a quem vem. Queiram ir por lá.

— Estamos aqui, havemos de entrar por aqui.

— Já disse, por aqui não passam.

E como se obstinassem de parte a parte, pretendendo os dois fidalgos uma tolerância a que o corregedor não podia anuir sem quebra dos deveres, agarrando-se êle à sua justa teima, depois de o insultarem e o conde da Atalaia lhe fustigar o rosto com o chapéu, o marquês de Minas puxou da espada e enterrou-lha no peito. O homem caíu morto e os dois nobres trataram de se pôr a salvo, passando as fronteiras. O marquês de Minas pôde volver a Portugal, agraciado pelo rei, onde veio a morrer às mãos de La Cueva. O conde da Atalaia, êsse,

refugiou-se em Alemanha, acabando por entrar ao serviço do Imperador. Faleceu em Viena, depois de longa e estiolante moléstia, acompanhada de acessos de loucura, incompreendida dos cirurgiões.

Ciganos. Amores romanescos com boémias. A célebre Margarida do Monte e D. João V. Joana Vitorina, flôr da tribu. O pinhal da Azambuja.

HÁ opiniões diversas quanto à origem dêstes vagabundos, chamados boémios ou egipcianos, com cadastro bastante para entrar na história. Dão-nos como oriundos da Tartária ou da Cítia, e fixam no ano de 1417 a data em que pela primeira vez fizeram aparição na Europa. A partir de então, viram-nos acampar no Saxe, por bandos, com passa-porte de Sigismundo, rei da Hungria e filho de Carlos IV. Traziam também cartas de recomendação de outros príncipes que os acreditavam como santarrões ou profetas. Segundo tais documentos, os boémios haviam recebido de Deus ordem de correr o mundo, sem se prenderem a bens, casa ou terra. Assim expiavam o pecado dos avoengos que residiam no Egipto ao tempo de Jesus-Cristo e se tinham negado a acolhê-lo quando a Santa Família aí se refugiou para escapar à perseguição de Herodes.

Outros historiadores sustentam que são originários da Pérsia, da raça daqueles que adoravam o fogo, e que eram constrangidos, mercê da penúria do país, a dizimar o povo de sete em sete anos e a mandar caravanas pelos reinos estranhos à cata de que comer. Outros ainda pretendem que descendem das três tríbus judias que o rei Salmanázar levou em cativeiro para a Assíria.

Trigueiros de tez, embrulhados em mantéis, gabam-se de falar sete línguas, praticar três ciências e de não dever obediência senão ao rei ou chefe que os conduz.

Chamam-lhes os italianos *zingari* duma palavra que designa um pássaro aquático que não tem ninho fixo e é forçado tôdas as noites a buscar abrigo diferente. Os alemãis denominam-nos *Zigeuner,* do termo *Ziedel* que assim nomeiam estes erráticos ao seu rei. Semelham-se por mais dum aspecto aos Torlaquinos e faquires do Oriente e, como estes, se ufanam de possuir luzes extraordinárias, e de Deus os honrar com trato quási familiar.

São sebentos a mais não poder ; lavam-se de mês a mês e tocam em tôda a casta de imundícies. As mulheres são de todos, e comem sem escrúpulo cãis, gatos, quaisquer animais que possam pilhar.

Léti, no *Ceremoniale,* atribui-lhes cepa caldaica e pinta-os como ladrões insignes e habilidosos. Diz-nos ainda que foram banidos da República de Veneza sob pena de morte, porque era disfarçados em *zingari* que agentes estrangeiros vinham espionar a Senhoria.

Os portugueses chamam-lhes *ciganos,* nome, sem dúvida, derivado de *Zigeuner,* e têm por êles muito pouca estima, devido ao seu carácter hipócrita e traiçoeiro.

Todavia, na plebe, gozam de certa consideração porque sabem levantar e deitar malefícios, e ler a sina ou buena-dicha.

Os ciganos são como as aves de arribação, aparecem com a primavera, somem-se com o inverno. Ninguém sabe donde vêm nem para onde vão. Em verdade a índole dêles é detestável; por via de regra, são gatunos, intrujões, traiçoeiros, volúveis, atrevidos até a temeridade. Os homens caracterizam-se pela fealdade, a robustez, e pela capacidade em agüentar tôda a espécie de fadiga. As mulheres são, por vezes, bonitas e simpáticas; algumas mesmo, dispõem de agrados, uma graça e formosura não vulgares. Quando acampam numa região, produzem elas mais estragos que o resto da tríbu. Sabem fazer-se amar por seus mil atractivos selvagens e os homens largam tudo por elas. São temíveis a despertar amores fatais.

Lembro-me de vários exemplos, que tiveram Lisboa por teatro, em que alguns enamorados chegaram à extrema perdição, com sacrifício do descanso, fazenda, juízo, a própria vida. Três anos passei eu, também, na escravidão de Joana Vitorina, rapariga desta raça. Não foram poucos os incómodos que me causou, incómodos de saúde, de tranqüilidade, de fortuna. A minha família vivia numa inquietação constante.

O próprio soberano andou enfeitiçado, obra de amavios ou de sedução, durante muito tempo por Margarida do Monte, cigana igualmente. As intrigas que urdiu causaram muita desordem, exílios e mortes. Acabou reclusa no convento da Rosa, que pertencia à Ordem do Patriarca S. Domingos. O santo patrono não a curou, porém, de sua natureza desvairada. Mesmo do claustro teve artes de seduzir a um moço e convencê-lo a entrar na sua cela. O doido disfarçou-se em carvoeiro e penetrou no convento. Surpreendido, foi enforcado pouco tempo depois. Daí o chamar-se ainda hoje ao pobre penitenciado o *Carvoeiro da Rosa.*

O conde de Óbidos protegia muito os ciganos, provàvelmente sem outras vistas que a de passar por generoso, reputação que aliás merecia. Um numeroso bando dêstes diabos, por ocasião da feira de Santarém, ia alojar-se numa casa que o conde possuía na aldeia de Pernes. Aí lidei com êles, chamado também pelas distracções da feira, durante o tempo que permanecia em Pernes. Embora desconfiado, não podia prescindir dêles, mormente à caça. E, como os empregava, resolutamente, com certa desfaçatez, desatei a fazer festas às mulheres e às raparigas. Imaginei que era esta a melhor forma de me pôr a coberto de suas más manhas e patifarias e não me enganei. Obedeciam-me todos como escravos submissos e chamavam-me patrão. Verdade se diga, por mais de doze ou quinze anos que fragüei com êles, não recebi o menor enxovalho. Já os meus amigos e

vizinhos das aldeias limítrofes não poderiam dizer a mesma coisa. A maneira de se fazerem respeitar era usando a fôrça, e pela intimidação e maus tratos. Êles, por sua vez, respondiam-lhes na mesma moeda.

Os ciganos professavam o respeito mais sagrado pelo conde de Óbidos, seu bemfeitor. Se fôsse preciso dar a vida por êle, estou em crer que não hesitariam. Ao menos, ouvi-lhes fazer juras disso.

Diziam-me êles que não estava no seu génio pagar o bem com o mal e que, nunca por nunca, retribuiriam com a ingratidão uma generosidade recebida. E, de facto eu fui testemunha de como esta palavra não era vã.

No dia 7 de Novembro de 1727, cêrca do meio dia, ia eu a atravessar o Pinhal da Azambuja, saiu-me pela dianteira uma quadrilha de ciganos, armados até os dentes. Acompanhavam-me apenas dois criados, um dos quais não me merecia confiança alguma. Eu estava armado, é certo, mas que me valia contra um bando tão numeroso?! O *Ziedel*, rei, chefe ou que era, podia atacar-me com certeza de me vencer, levar-me a bôlsa, arrancar-me a vida. Pois não; como me conhecesse, abeirou-se de mim e, tirando o chapéu, cumprimentou com a mais perfeita cortesia. Depois, conversando, confessou-me que a dura vida o levara a pôr-se à testa duma quadrilha de bandoleiros que naquela mata exerciam a arriscada profissão. Quanto a mim, era senhor de ir onde quizesse que ninguém me tocava num cabelo. E, para mais garantia, rapou duma carta do

baralho, o sete de paus ainda me lembro, e no verso lavrou o meu salvo-conduto. Uma meia hora antes de chegar à Azambuja, apareceu-me nova quadrilha pela espalda. Compunha-se duns quinze a vinte homens e entre êles reconheci três ciganos daqueles que haviam convivido comigo em Pernes. Mostrei-lhes o passa-porte, mas nem isso seria preciso. O facto é que me renderam tôda a espécie de zumbaias e me testemunharam muita estima e reconhecimento pelos benefícios de nonada que lhes dispensara em tempos. E pôsto que o seu mister de ladrões de estrada consistisse na cobiça do oiro, rejeitaram as moedas que de bom grado lhes ofereci.

Cómicos e cómicas. O camarote dos frades nos teatros do Bairro Alto. A Petronilha, amante de El-rei; a Isabel Gamarra, mulher por conta do Santa Cruz e depois monja. Suas graças. O seu verdadeiro romance.

«A condição dos comediantes, diz La Bruyère, era tida como infamante entre os Romanos e como honrosa entre os Gregos. Nós... nós pensamos acêrca dêles como os Romanos e vivemos com êles como os Gregos.»

Reza a história que uma cidade da Grécia não ia buscar embaixadores a outra profissão. Em Roma,

além de pouco estimados, a lei era-lhes adversa como a pessoas que se davam à propaganda de maus costumes. Verdade que a repressão se exercia, sobretudo, contra os histriões ou os pantomineiros públicos que, pelas posturas lascivas, lançavam entre a plebe a semente da corrupção.

A semelhança dos romanos, os portugueses pensam muito desfavoràvelmente do mister de comediante. Reprovam-no como baixo e aviltante entre os misteres que o são. E para prova basta lembrar que recusam sepultura eclesiástica àqueles que o professam, embora a não recusem a assassinos e bandoleiros. Nisso são, de resto, acompanhados pelos franceses que negaram a Molière entêrro religioso.

— Pode-se negar sepultura a um homem que tem direito ao altar? — exclamou a espôsa dêste cómico célebre, ante tal enormidade.

Teólogos há em Portugal que asseveram ser pecado mortal assistir a uma representação. Outros vão mais longe com dizer que os freqüentadores de tais espectáculos correm tanto o risco de perdição como os próprios actores. E, todavia, monges professos das ordens mais austeras freqüentam o Teatro de Lisboa, para as quais existe reservado o chamado *camarote dos frades,* logo por cima das frisas ocupadas pelas damas de alto dom, vedado por gelosias ou rótulas aos olhares indiscretos da sala. Certo é que os superiores são particularmente severos nestas transgressões da regra monástica. Os fradinhos porém sabem iludir a vigilância e não é raro encontra-

rem-se aí face a face o religioso noviço e o frei guardião.

No fundo uns e outros são perdidos e achados pelo teatro, embora em público prèguem e declamem o contrário. Podem contar-se entre estes o P.e Santa Marta e o P.e Teodósio, um trinitário, o outro cónego regrante da Congregação de S. João Evangelista.

Os ricos senhores, que professam o mais vivo desprêzo pelos actores, padecem do fraco mais extremo pelas actrizes. Não há nada que não empreendam para obter as suas graças; e nenhum se julga verdadeiramente *alguém* se não atou ou não nutre intriga com comedianta. É um petisco de que são gulosos e que reputam feito só para suas senhorias. Por elas vão às do cabo; empenham crédito e honra. E caprichosos em estadear suas conquistas, denunciam sua tontaria até amar, não uma bela criatura ou uma excelente artista, mas apenas uma farçoleira de coturno, uma Petronilha.

Esta cómica, nem notável pela formosura nem pela arte, soube após um enrêdo demorado caír nas graças de el-rei. Usurpou-lhe o que pôde, que não foi pouco para carregar trinta mulas que com ela passaram a fronteira. Em Madrid, nada e criada no palco, teve saüdades do tablado e regressou à sua profissão. As joias que ostentava eram tantas e tão preciosas que as senhoras mais ricas e distintas cobraram inveja. Acabou mal, em hasta os restos dos seus encantos que, a meu ver, não passavam de certa viveza de temperamento ou uma aduela a menos.

Com a actriz Gamarra teve o marquês de Gouveia, conde de Santa Cruz, mordomo de El-rei e seu parente chegado, um longo e complicado romance. Casada, de seu nome Isabel Gamarra, professou, no decorrer das relações com o marquês, no convento de S.ta Mónica de Lisboa, da Ordem de S.to Agostinho. Conta-se que o marido era consentidor naquele comércio, que êle mesmo negociara por uma quantia taluda. O facto é que após a morte do marquês a Gamarra quis regressar ao lar conjugal. Mas como a impedissem os votos contraídos e não achasse modo de anulá-los, um belo dia escapou-se furtivamente do mosteiro e com o espôso tomou o caminho de Madrid onde voltou à vida antiga da ribalta.

A Gamarra com Gouveia assumira o autêntico papel de sua dona... de marquesa. O galante, depois que lhe caíra no regaço, mudou; era outro. De senhor dos mais altaneiros da côrte, senão o mais altaneiro, tornara-se escravo submisso às ordens da amada. Antepunha estas às do próprio rei.

Um dia recebeu um correio de El-rei para que se apresentasse imediatamente; recebia, ao mesmo tempo, uma missiva da amante para vir ao pé dela. O marquês subiu para a liteira e disse ao batedor:

— Paço.

A meio caminho arrependeu-se e, com receio de desagradar à Gamarra, mandou virar para o convento de Santa Mónica.

— Nunca mais lhe aparecia se aqui não viesse primeiro — disse-lhe ela.

— Não sabe o que arrisco para lhe obedecer — respondeu o marquês.

— Era a sua obrigação. *Antes que todo es mi dama.*

— ?

— Podia eu acreditar no seu amor se não fizesse todos os sacrifícios para me ser agradável?

Ouvi eu mesmo êste diálogo, e vi, entre juras de bemquerença e engrimanços vários, dar-lhe o marquês o retrato enriquecido de brilhantes. Após o que, o enamorado abalou a servir El-rei.

Isabel Gamarra foi sem dúvida a mais linda actriz que pisou os palcos de Lisboa. Era moça, esbelta, blandiciosa; além de graça e chiste no dizer, tinha muita vida e encantos de tôda a espécie. Pecava por um defeito grave: ser infiel, ou, se não constitui isto defeito numa actriz, ser infiel dissimulada. Traía igualmente o marido e o amante. Por um tinha aversão, pelo outro apenas estima. A sua ternura ia tôda para Valentim da Costa Noronha a quem amava do fundo de alma. A minha amizade com êste fidalgo levou-me ao segrêdo de seus amores. Conheci Gamarra melhor que ninguém. Durante dois anos tive mil ocasiões de vê-la, praticar com ela e avaliar suas qualidades e baldas.

Noronha, levado por uma destas paixões sem freio nem balisas, sacrificou tudo a esta actriz religiosa: o afecto que devia à esposa, o respeito dos seus, a estima dos amigos, o futuro dos filhos, o descanso, os interêsses, a própria vida.

Mal o marquês se apercebeu do rival, planeou a sua perda. Por duas vezes atentou contra a vida dêle. Uma das vezes, era de noite, estava eu com Valentim Noronha, corremos os sicários a ponta de espada. O meu amigo era bravo e destemido, até arrostar encontros com o respeitável e poderoso marquês. Ressentido, o coração a sangrar, obteve êste da mão de El-rei uma ordem de prisão para o rival. No cárcere quedou nove meses, tempo que deitou além da morte do marquês de Gouveia, mercê da influência do P.e Gaspar, tio do defunto, que assim pensava vingar os manes do atraiçoado.

Isabel Gamarra amava de-veras o Noronha. No mesmo dia em que o marquês lhe deu o retrato vi-o eu nas mãos do meu amigo.

Mas voltando ao fio do meu discurso: em Espanha e Alemanha os cómicos são tidos como gente vil. Todavia os grandes senhores não se mostram mais reservados que, em Portugal, os seus iguais em matéria de actrizes. Sem fazer estendal dos exemplos que observei em Madrid, no ano de 1732. e em Viena, de 1734 a 1740, quero notar as desordens de que foi teatro, nesta última cidade, a casa do príncipe Cantacuzeno de Valáquia por sua ceguera para com Benedita. Era esta uma actriz italiana, pequenina de corpo, muito longe de sedutora. Pois o príncipe consumiu com ela bens que iam além de suas posses. Muitas lágrimas fêz chorar à bondosa nobre espôsa, princesa de sangue dos Hesse-Cassel, sobrinha do landgrave de Hesse-Darmstadt! Arrui-

nou-se e descuidou inteiramente o futuro dos filhos. E, por não poder suportar os conselhos que lhe dava, resfriou de amizade para comigo.

O autor do *Temple du Goût,* que não é outro senão Voltaire, qualifica de preconceito cruel a determinação dos Cânones eclesiásticos que interdizem a sepultura em terra sagrada aos comediantes. Estamos de acôrdo, e quem não tem razão é o autor da *Bibliothèque Raisonnée* quando critica Voltaire neste particular. A bem dizer, devia suprimir-se do Ritual a página que diz respeito ao ofício de defuntos, aquela em que se invocam anjos e mártires a que recebam e conduzam as almas à Jerusalém celeste. Não é com efeito um atentado ao bom senso ir cantar sôbre o ataúde duma cortesã de profissão ou dum bandido averiguado a antífona *in Paradisum deducant te Angeli* e recusar o mesmo treno aos comediantes?

— Sim, — diz o escriba da *Bibliothèque* — uma actriz é *virtuose,* mas na voz apenas.

Aqui há exagêro evidente. Cómicas tem havido virtuosas por mais dum aspecto. A Faustina foi sempre tida por mulher honesta. Em Veneza, em Viena e noutras cidades que pisou, sempre o seu comportamento passou por irrepreensível, e a sua pessoa desachacada das fraquezas que são próprias da classe. Ora é legítimo negar sepultura em sagrado a uma criatura destas, quando um ladrão de encruzilhada ou moça de má vida podem ser endereçados ao Paraíso por filas cantantes de sacerdotes?

O espanhol António Ruiz representou durante

muitos anos no Teatro de Lisboa. Poeta de merecimento, filósofo, historiador, fino de maneiras, era um actor notável e perfeito homem de bem. El-rei, que muito o apreciava, estabeleceu-lhe uma tença de cento e vinte moedas ao ano. Querido das damas, estimãdo da fidalguia, nutrindo comércio com alguns prelados do reino, era, além disso, o ídolo do povo. Nunca em vida êste homem podia conceber que os seus restos fôssem parar a sítio semelhante ao fogradoiro em que se enterram os cãis.

O P.e André de Barros, mestre de retórica na *Casa da Cotovia,* membro da Academia Real de História, foi certo dia chamado para confessar um homem de boa condição que estava na agonia. Encetada a prática, declarou-lhe o moribundo que há muitos anos vivia em concubinato e que usurpara uma herança contra o bom direito.

— Não lhe posso dar a absolvição — formulou o P.e André de Barros — sem que: *primo,* se desfaça da amante; *secundo,* restitua os bens de que ilicitamente se apropriou.

— Pois aqui lhe digo: nem faço uma coisa nem outra.

— Pior para si, — tornou o jesuita — o Inferno lá o espera.

— Espera ou não vai-se ver. Verdade, é uma linda experiência a tentar. Talvez que V.a R.a fale com acêrto, mas é possível também que esteja errado — e com dizer isto voltou-se para a outra banda e expirou.

Os Cânones não proíbiam que se ministrasse sepultura sagrada a um impenitente desta natureza e scelerado confesso. Foi enterrado como podia sê-lo o mais cristianíssimo santo. De-certo que entoaram à beira da sua carcaça a antífona em que se encomenda aos anjos vão depositar a alma ao lado direito de Lázaro. E aqui está a sensatez dos Cânones.

Se sou o advogado dos cómicos não é devido a inclinação para o mister ou paixoneta por actriz ou cantarina. Vai em sete anos que resido em Londres e ainda não pus os pés no teatro de Hay-Market a ouvir a mais apregoada opereta. Posso dizer que há mesmo doze anos que não freqüento espectáculos.

Defendo-os duma lei injusta, apenas por isto, porque é injusta.

Paixões desordenadas. O que acontecera em Roma repetiu-se em Lisboa. Os homens são sempre os mesmos.

TRÊS anos D. António Manuel, irmão do conde de Vilaflor, foi senhor da deliciosa Antoninha Clara. Um dia suscitou-se entre êles uma questão de ciúmes e D. António rompeu com ela. Eu estava então nos meus verdes anos, no período da loucura, e tão bem manobrei que a Antoninha veio-me parar às mãos. D. An-

tónio, confessando o seu muito pesar e arrependimento, tentou reatar com a rapariga; mas o mal estava feito, não tinha remédio. Bem se fartou de lhe fazer rapa-pés; a pequena chegou a proíbir que lhe falassem nêle. Declaradamente, não se atrevia D. António, nem tinha o direito, a reapossar-se dum bem que, por sua cabeça, deitara a perder. E eis a trama que maquinou. Um dia que Antoninha se foi confessar à igreja dos Anjos, que era a paróquia onde residia, o sacristão propôs-lhe que me deixasse e fizesse as pazes com D. António. Melindrou-se a minha amante com a deprecada e, conjurando D. António a que não voltasse a inquietá-la, mal chegou a casa, contou-me tudo.

Fiquei de pé atrás, desconfiado da história, tanto mais que o homem me devia certas finezas. Em meu íntimo palpitei que Antoninha o que procurava era fazer-se valer e extorquir-me mais dinheiro pelos favores que negava a um amante da qualidade e timbre de D. António. Todavia como eu soubesse que o fidalgo era amigalhaço do prior dos Anjos, resolvi pôr as coisas a claro, não fôsse por lá o diabo a querer deitar-me poeira nos olhos.

Consoante instruções minhas, a rapariga foi encontrar o sacristão, tinham-se passado umas semanas, e disse-lhe:

— Não me dou com o meu amigo, não o posso aturar. Estou resolvida, senhor, a voltar para D. António.

Ficou o masmarro satisfeito com o que ouvia e ali

combinaram encontrar-se em minha casa, no dia seguinte, entre as dez e as onze, hora a que eu ia para o Tribunal de Contos, onde meu pai era contador e eu oficial.

De facto, à hora aprazada, apareceu em minha casa, e logo rompeu a clamar o grande júbilo que D. António ia ter com lhe voltar para os braços a sua querida Antoninha.

— Fica doido qũando daqui a pedaço lhe levar a notícia! — dizia êle.

— Para ser mais rápido — exclamei eu, saindo do meu esconderijo — vai ter o incómodo de saltar pela janela. Rua, refinadíssimo alcaiote!

Um raio que lhe caísse aos pés não lhe teria causado mais confusão. Perplexo um momento, adoptou o partido menos irrazoável: prostrar-se de joelhos e, em nome de Jesus-Cristo e de sua santa mãi, pedir perdão do ultraje que me fizera e do desgôsto que pretendia dar-me.

O meu regálo no primeiro momento foi vingar-me. Podia causar a sua pêrda, era só eu querer, mas abrandei e deixei-o ir em paz e dia bom, encomendado a todos os diabos.

Por Flávio José tenho conhecimento dum caso análogo sucedido em Roma, o que vem provar mais uma vez que cá e lá — no paganismo e catolicismo — más fadas há.

Havia em Roma uma jóvem matrona, não menos ilustre pela virtude que pelo nascimento, tão formosa como rica dos bens da fortuna. Chamava-se

Paulina e havia-se matrimoniado com Saturnino, patrício cujo maior elogio estava em dizer que era digno da mulher que recebera. Durante os sacrifícios de Isis, Mundus, moço rico e considerado, tomou-se de amor por ela. Grande já a sua paixão, mais se inflamou ao ir de encontro ao impossível. Tendo-lhe mandado oferecer cem mil dracmas, Paulina recusou indignada. Pouco a pouco a vida tornou-se insuportável ao mísero apaixonado, a pontos que decidiu pôr-lhe côbro, deixando de comer. Uma das libertas de seu pai, de nome Ida, mulher sábia em malas-artes, descobriu a paixão do moço, o seu desespêro, e mediante a soma de cinqüenta mil dracmas prometeu-lhe levá-lo à posse do que tão ardentemente cobiçava.

Sabia a criatura que o ouro era inútil a tentar esposa castíssima como Paulina; estudou, pois, outras vias e chegando a averiguar que era muito devota da deusa Isis, foi-se ter com os sacerdotes.

Soube colorir Ida o seu recado, tão bem que tendo-lhes oferecido vinte e cinco mil dracmas se prometessem satisfazer a paixão de Mundus, entregues na mesma da hora, e outras vinte e cinco mil para quando a promessa estivesse realizada, seduzidos por aquela grande cópia de ouro, êles acederam de bom grado.

O mais respeitável dentre todos foi, em conformidade, procurar Paulina e, anunciando-lhe que o deus Anúbis concebera amor por ela, conjurava-a a ir junto dêle. Desvanecida, comunicou a virtuosa

senhora a notícia a seu espôso e suas amigas e, certos da sua integridade, nada souberam objectar à solicitação que lhe fôra feita.

Dirigiu-se a matrona, pois, ao templo, e depois de ceia, quando a hora de dormir chegou, conduziu-a o sacerdote a um quarto escuro onde, em vez do deus Anúbis, se achava Mundus. Passaram a noite juntos e na manhã seguinte Paulina levantou-se e, inocente, se foi gloriar com seu marido e suas amigas do muito que lhe sucedera.

Certo que êste Saturnino não era do barro daquele rei de Babilónia, Oríamo, que vindo a saber que Apolo se gozara de sua filha Leucotoê a enterrou viva. Mas sempre houve homens do calibre de Saturnino, o qual, por vaidade, consentiu a ser deshonrado por Anúbis.

Três dias depois de abusar de Paulina, Mundus encontrou-a e disse-lhe :

— Estou-lhe muito obrigado por ter recusado por cem mil dracmas o que vim a obter doutro jeito. Pouco importa que, sob o nome de Anúbis, me tenha concedido o que me negou em rosto.

Conheceu Paulina o lôgro em que caíra e, rasgando as vestes, desgrenhada, rogou a seu marido o castigo da monstruosidade. Levou Saturnino queixa a Tibério que mandou crucificar os sacerdotes e Ida, autora da celerada conjura, arrasar o templo de Isis, e dertar a estátua da deusa ao Tibre. Quanto a Mundus limitou-se a desterrá-lo, pois que seu crime tinha a atenuante do amor desordenado.

Tibério procedeu cesàreamente, mas, a meu ver, não justiceiramente. A paixão violenta de Mundus não era menos criminosa que o interêsse que levou os padres a delinqüir. Depois, Mundus tornou-se réu de alta aleivosia, pela arrogância com que descobriu um segrêdo, que o respeito pela mulher mandava calar, e com que blasonou do triunfo. Quanto a sacrilégio, tão culpado foi êle como os sacerdotes em aceitar revestir-se do nome divino de Anúbis.

Adultérios. Duas tragédias memoráveis. Porque é a mulher mais criminosa? Falsa noção de honra. Os maridos ciúmentos e bárbaros. Uma espadeirada a tempo. O mêdo mau conselheiro. Um assassínio.

SEGUNDO Santo Ambrósio, o adultério era corrente e tolerado antes da prègação da lei de Cristo. Ingènuamente confessam certos teólogos que a paixão do amor é mais desculpável na mulher que no homem, dada a propensão natural do sexo fraco para o pecado.

Pela mesma razão jurisconsultos houve que estabeleceram, em caso de adultério, a pena de morte para o homem, mas não para a mulher. Com açoutá-la, tosquiar-lhe os cabelos, ou sepultá-la num convento, a julgaram suficientemente punida.

Na Inglaterra — conta Bellegarde — vigora uma lei singular no que diz respeito às mulheres que prevaricam : se o marido está ausente de casa mais de ano, dado que não tenha saído do Reino Unido, e entretanto nasce um filho à mulher, o bastardo goza de tôdas as regalias de legítimo e, à face do direito, o seu pai é o espôso logrado.

Estes jurisconsultos, estes teólogos, estes maridos tolerantes de-certo que não são do barro português ou espanhol. Em Portugal e Espanha o direito e a moral estão de acôrdo quanto a condenar a adúltera e, pelo contrário, a dissimulação e indulgência em prol dos homens que caem em semelhante desordem não são pequenas.

Em Portugal a lei outorga aos maridos autoridade e poder absolutos sôbre a vida das consortes, sempre que as surpreendam em flagrante delito ou possuam provas convincentes de sua infidelidade. Sendo certo que só ao marido compete o direito de acusar a espôsa de adultério, a êle só deveria caber, em conformidade, o direito de a punir. Mas não, a lei é tão severa para com o belo-sexo que não só o marido matador da adúltera é perdoado, mas aqueles de que se serviu para instrumento de sua revindicta.

Os teólogos, mais cruéis ainda que os homens da justiça, não deixam de absolver e receber em segundas núpcias todos os que tiveram a coragem e firmeza de desfazer-se das impúdicas. Acontece, muitas vezes, que as vítimas estavam inocentes, sacri-

ficadas aos arrebatamentos cegos do ciúme, ou a uma excessiva noção de honra.

Isac Elliot e Luís Alvares da Cunha, êste muito das minhas relações, homens de qualidades, foram, de meu tempo, os últimos a tirar a vida às inocentes espôsas, ambas dignas de ser amadas. Alvares da Cunha mandou matar a senhora por um mulato, escravo na casa, em Dezembro de 1733. A 9 de Outubro do ano seguinte, foi decapitado na Praça do Pelourinho, em Lisboa. Elliot foi enforcado.

Sofreram ambos a morte ignominiosa que mereciam, morte que, em verdade, já não pôde remediar o mal feito e só serviu de consolação para a família das vítimas, que viu ilibado o nome com o castigo dos algozes.

Em Portugal domina uma falsa moral de honra, que incita e anima à selvajaria homens civilizados. Segundo ela, torna-se réu de deshonra o espôso que, em vez do desagravo directo, desce a denunciar a infiel. E aqui está como contra as regras da razão se sustenta a máxima nefasta que é infâmia levar a juízo, acusar e punir segundo as leis a criminosa. Daqui os assassínios bárbaros, todos contra a humanidade, não poucos contra a inocência.

Verdade seja que êste inexorável e absurdo código de honra vai passando de moda entre os meus concidadãos. Os homens de hoje despiram os preconceitos dos homens do princípio do século e tragédias como as de Elliot vão sendo excepção. Noutros tempos, raro era o mês e até a semana que se

não assinalassem destas monstruosidades. É claro, a gente instruída modificou-se; quanto ao povo, já o meu juízo não é tão favorável. Ali medram no terreno crasso da ignorância os maiores abusos; os homens são ciúmentos e maus; por causa de nada suspeitam das mulheres e, brincando, as despacham para o outro mundo ou lhes dão vida dura de Inferno. A cada passo se encontra um casal desta ordem, o marido grosseiro, brutal, autêntico verdugo que maltrata, espanca a desgraçadinha, trazendo-a sob a ameaça constante de morte.

Mil vezes me arvorei em D. Quixote destas pendências entre um espôso de maus instintos e um pobre farrapo de mulher. Alguns fidalgos, meus amigos, fizeram o mesmo, sempre com o fim de arrancar das garras do algoz a pobre e inerme escrava.

Ao tempo das minhas relações com Vitorina, no mesmo prédio, rua dos Anjos, morava certo lacaio da casa rial com a mulher, linda moça de vinte anos, simples e discreta, e uma filhinha de três anos que era um verdadeiro anjo. Não obstante haver tôdas as razões para idolatrar o seu lar, o lacaio tinha por amante uma mulher com loja de frutas e hortaliça, passos dali. Com ela gastava tudo o que podia gananciar, de modo que a pobre da espôsa era obrigada a fazer costura noite e dia para se sustentar mais a menina.

Amarga era já a sua sorte, se, para cúmulo, o marido não a forçasse a partilhar com êle o produto

do trabalho. O negro pão que ganhava repartia-o, pois, com êle, e, se não era bastante, extorquia-lho todo quedando elas muitas vezes sem comer.

Tinha o lacaio o vício da pinga e exigia que a pobre lhe apresentasse vinho a cada refeição; e se lhe faltava a garrafa, ou outra coisa qualquer, zupava na mulher e na criança, e ameaçava-as de lhes tirar a vida. Por entre a bulha, ouviam-se-lhe os impropérios, em que a infeliz era alcunhada de doida, mulher de janela, de quem a cubiçava.

Os ralhos do desalmado ouviam-se na casa em que residia Vitorina, que se fartava de chorar pela triste mulher e tinha muito dó dela.

Um dia, achando-se sem dinheiro para comprar pão para dar à filhinha, bateu-nos à porta a pedir uns vinténs. Vitorina deu-lhe um pinto, com a condição de o não mostrar nem ceder dêle ao miserável do marido. Eu estava no acto e repeti-lhe o mesmo conselho. Vai, horas depois, o homem entrou em casa e preguntou pelo jantar.

— Não tenho cheta... — respondeu ela, escusando-se.

O lacaio, em resposta, deu-lhe tamanha bofetada que a derribou. Levantou-se a pobre e, movida, talvez, pela recomendação que lhe fizéramos, gritou contra o espôso. Êle então agarrou-a pelo pescoço e deu, deu, a mais não poder. Os gritos dela e os da menina alvoroçaram a vizinhança, que chegou a julgar tratar-se dum assassinato, e eu, revoltado, desci abaixo e não me pude ter que não lhe apli-

casse umas espadeiradas pelas orelhas. Julgava êle que a libré de El-rei o punha a coberto duma surprêsa daquelas, e que faz, agarra da espada, e lança-se contra mim.

Apertei então com êle, de tal maneira que lhe fiz dar um salto para a rua. Fui atrás dêle e como o visse em postura de me fazer frente descarreguei-lhe um golpe que lhe marcou a cara lado a lado. Sentindo-se ferido, lembrou-se que vestia a libré rial e nos mais altos gritos rompeu em ameaças. Passavam nesse momento dois fidalgos, da família Mendonça e Vasconcelos, e informados do que se tratava, sem atenção para com os galões do traste, arrancaram do chicote dos cocheiros e se não o zurziram bem zurzido foi por a mulher saír à rua e interceder por êle.

A rixa teve a saída que eu imaginava. O lacaio levou queixa ao estribeiro-mor de El-rei. Por única resposta, o cavalariço ordenou-lhe que me viesse pedir perdão, quando não despedia-o. Sem protectores e sem recursos, receoso que, despedido da casa rial, eu fôsse capaz de atirá-lo para a Índia, o homem veio ter comígo de cabeça baixa e arrependido. Concedi-lhe o perdão com uma condição: nunca mais bater na mulher. E parece que o homem se regenerou, pois que daquela data em diante viviam em sossêgo.

Já não fui tão feliz noutra ocasião em que poderia ter representado papel de mediador. Foi assim:

Largava eu de Santarém em direcção a Lisboa, a cavalo, só com o criado, apresentou-se um cavaleiro a oferecer-me os serviços e a companhia. Era um homenzinho baixo, atarracado, mas de seu natural vigoroso. Tinha o rosto tisnado do sol, vestia mal, e trazia ao pescoço um lenço em guisa de gravata. Uma comprida espada batia-lhe no flanco da montada e nos coldres viam-se as coronhas de duas pistolas. Montava um mulinho de jarretes rijos e parecia, em tudo, cigano ou bandoleiro das estradas.

Não gostei de tal camaradagem e fui-lhe dizendo que muito agradecido, mas ia bem armado e não precisava de companhias e que de resto a sua cavalgadura não podia aparceirar com a minha.

Replicou-me que o macho era pelo menos tão andeiro como o cavalo do meu criado e que, portanto, não fôsse isso pretexto para lhe recusar a honra de me acompanhar.

Com receio de parecer poltrão, acedi. Eu levava uma lâmina afiada e resistente, das que se usam no toureio, duas pistolas em sela, diante de mim, outras duas nos bolsos, e ainda um punhal. O meu criado, que conhecia o manejo da espada, levava tantas armas como eu, além do bacamarte carregado de zagalotes. Nada tinha, pois, a temer, a menos que nas duas matas que forçoso era atravessar, aí pela noitinha, o meu companheiro não me houvesse preparado emboscada.

Avisei, pois, o criado das minhas suspeitas com

ordem de disparar sôbre o homem mal houvesse indício de me querer atacar ou de dar senha a quadrilha.

Jornada fora, várias vezes o cavaleiro do mulinho tentou marchar à banda esquerda, a par comigo, por maneira de cortesia. Disse-lhe para passar para o outro lado, que daquele não podia suportar ninguém. Bem entendido, o meu fito era tê-lo à mão de semear, debaixo de espada, posição que me daria vantagem a combater.

Assim chegámos, poucas falas trocando porque chovia de grande, a Azambuja. Fomos jantar e, modo de me inteirar da pessoa do homem, convidei-o a vir sentar-se à minha mesa. Mas êle desculpou-se a pretexto de que estava a enxugar ao lume o capote e papéis importantes que trazia e se haviam molhado. Em face do que o meu criado não insistiu. Mandou o sujeito servir o jantar em mesa à parte, comeu e bebeu tão mal como eu, pagou e dispôs-se a seguir viagem. Quis-me segurar o estribo quando montei, mas eu apressei-me a dispensá-lo.

Novamente nos pusemos a caminho, eu adiante, êle atrás, falando de coisas e loisas que por nada dêste mundo me interessavam. Tínhamos passado o grande pinhal da Azambuja, sem novidade, entrámos no pinhal da Castanheira, conhecido pelo nome de *Spelunca latronum*. Iamos a mais de meio, fazia já noite, o cavaleiro do mulinho estacou e, olhando para mim, disse:

— Ora oiça... Afigurou-se-me ouvir gemer...!

Apurei o ouvido e ouvi pranto e vozes lamentosas de mulher. A minha desconfiança para com êste homem era, porém, tão grande que, sem querer saber do que me dizia, em voz brusca lhe ordenei de picar, senão eu o ensinaria duma vez para sempre. O homem tocou a bêsta, já o meu criado ia a desfechar sôbre êle. Valeu-lhe obedecer prontamente, senão ficava ali.

A viagem continuou em silêncio até que à entrada de Vila Franca o cavaleiro animou-se, verberando-me a falta que havia cometido de saír do pinhal sem tentar socorrer a desgraçada ou desgraçado por lá roubado e chacinado pelos ladrões.

Como me falasse com desassombro, francamente lhe respondi:

— Dou-lhe a minha palavra de honra que o meu primeiro desejo foi êsse, mas não seria loucura correr à caça de bandidos, quando vou em companhia dum homem que não sei quem é?! Deixe-me dizer-lhe, quando o vi esta manhã fiquei desconfiado com o senhor. E olhe, pouco faltou para apanhar um tiro do meu criado, no momento em que parou no pinhal e me quis arrastar em socôrro da pessoa que gemia.

— Olha do que eu me livrei! — exclamou. — Sou o capitão Manuel da Mota, tenho mulher e filhos e há mais de vinte anos que moro nesta terra.

E, poucos instantes depois, numa rua de Vila Franca, batia à porta da sua casa, e logo saía a recebê-lo a família, jubilosa.

— Porque não se abriu comigo à saída de Santarém? — disse-lhe eu.

— Estive para o fazer — respondeu êle. — Reconheci logo que Vossa Senhoria era homem de qualidade, e vinha bem armado, por isso me decidi a não mais o largar, que o caminho é ruim, inçado de ladrões e trazia comigo 2:000 cruzados em ouro. Não lhe disse quem era, porque me acobardei, e também porque não houve modo de saber pelo criado o nome de Vossa Senhoria.

Dava-se a circunstância de ser tio de Lourenço da Mota Manso, ajudante de campo e secretário do visconde de Vila Nova de Cerveira, meu particular e velho amigo, por isso, ao despedirmo-nos, com pesar lamentámos eu a minha desconfiança e êle a sua reserva.

Dois dias depois, em Lisboa, tive ocasião de me arrepender muito mais da excessiva prudência de que dei mostras no pinhal da Castanheira. Ainda hoje sinto remorsos e sentirei a vida inteira. Os gritos que ouvíramos eram da mulher dum cocheiro do conde de Valadares que o marido ali assassinou à volta da romaria de Nossa Senhora da Nazaré, tendo rumor de que ela o traía com certo clérigo. De-certo que nós lhe poderíamos ter acudido. O destino desta mulher foi daqueles que se dizem fatais; a minha tola desconfiança mostra bem de que é capaz o homem animado de sentimento preconcebido.

Ouvi dizer, depois que o cocheiro tinha as suas

razões para duvidar da mulher; ouvi, também, que estava inocente e que, se procuravam dá-la por culpada, era para livrar o homem da fôrca. Fôsse como fôsse, matou-a e nunca foi castigado.

Penalidades várias contra os adúlteros. A evolução do direito em face de tal falta. Um rapto que deu que falar. A moral do perdão.

DESDE os tempos mais remotos que o adultério causa funestíssimas desordens na sociedade, quebrando os liames sagrados que unem a família, dissolvendo, confundindo o intruso com o legítimo herdeiro.

É ao adultério que o Espírito Santo pede as côres negras quando pinta o crime de lesa-majestade, o crime de idolatria. Assim se exprime Jeremias:

— *O Deus de Israel deu esta forma de maldição: O Eterno te reduza ao estado em que ficaram Sedecias e Ecab, assados na grelha pelo rei de Babilónia, pois haviam cometido adultério.*

O Evangelho coloca o adultério na classe dos homicídios, dos envenenamentos e dos sacrilégios. E tão repugnante êle é a uma recta consciência que por muitos séculos foi ignorado de nações inteiras, que outro guia moral não tinham além da luz da

razão. Plutarco refere que durante mais de setecentos anos não se viu exemplo de tal na ilha de Chio. Licurgo não o menciona sequer porque, diziam os lacedemónios, não havia na república uma pessoa que, por desregramento, fôsse capaz de praticá-lo.

Com as leis mais severas cominaram os legisladores o adultério. «Diferentes em tudo, — diz Filon — os povos encontram-se num ponto : o de punir de morte os adúlteros.» O nosso século, nesta matéria, é o mais indulgente dos séculos, devido, talvez, ao repululamento do delito. Parece que as leis humanas procuram desforrar os cristãos do rigor do Evangelho em tal assunto e ao passo que o legislador divino condenava até mesmo aqueles que cometiam o adultério em pensamento, os legisladores profanos preferem usar de benignidade mesmo para aqueles que o praticam de facto.

Nos tempos antigos tinha-se idea diversa dêste crime e, em conseqüência, punia-se com outro rigor. Os anglo-saxões eram mais severos neste particular antes da conversão ao cristianismo do que depois.

Entre os judeus, o adultério era punido com a fogueira ; pela lei moisaica, limitaram-se, porém, a lapidar os delinqüentes.

Os egipcianos vergastavam o adúltero mil vezes e cortavam o nariz à adúltera, no intuito de a tornar tão disforme que ninguém mais voltasse a amá-la.

Em algumas cidades da Grécia, punham uma

coroa na cabeça do adúltero e, depois de o obrigar a pagar uma multa, declaravam-no incapaz de exercer cargos públicos. As leis de Atenas permitiam ao pai da mulher, ao marido e ainda ao irmão matar o homem colhido em adultério. Resta-nos sôbre o assunto um discurso do eloqüente Lisias. O legislador Tenédius chegou a decretar que os adúlteros fôssem cortados em dois e ao próprio filho fez aplicar a lei. Platão e Solon condenam-nos, também, à morte. A mesma severidade era exercida no tempo de Augusto, Domiciano, Severo, Aureliano e outros imperadores.

A Augusto se deve a *lei Júlia,* do nome da filha única, que pela impudicícia foi a vergonha da sua casa e a peçonha da sua vida. Houve uma época em Roma em que as mulheres surpreendidas em flagrante delito eram encerradas numa câmara e obrigadas a entregar-se a quem vinha. Os homens que delas se quisessem gozar tinham que se carregar de guisos, para que pela bimbalhada que faziam constasse o enxovalho que as infiéis estavam recebendo. Posto que ridícula e escandalosa esta lei subsistiu em Roma até o tempo do imperador Teodósio que a aboliu. Dali em diante, se os adúlteros foram punidos com mais decência não o foram com menos severidade. A condenação à morte, ao degrêdo em ilha deserta, ao açoutamento, à castração eram as penas mais usadas. Além disso, as leis declaram os adúlteros infames e inibidos de aparecerem à barra do tribunal como testemunhas.

Entre os saxões, antes de abraçarem o Evangelho, espôsa que nutrisse comércio carnal com outro homem que não o seu era estrangulada e queimada e sôbre a sua campa enforcado o sedutor. Algumas vezes passeavam-na de lugar em lugar, debaixo de azorrague, até que acabasse.

Na Germânia — conta Tácito — os adultérios eram raros. Mal algum se tornava notório, a punição era imediata. O marido tosquiava a cabeça da infiel, desnudava-a em presença dos pais e, tangendo-a com um pau, a passeava diante do público. Nada lhe servia de escudo tutelar, nem a idade, nem a riqueza, nem a própria formosura. Repudiavam-na todos e nunca mais encontrava espôso.

Na Holanda, pelo que se diz, há pontos em que os rigores da lei têm a sua conversão em pena pecuniária. Uma adúltera fica quite do delito mediante a multa de trezentos florins pagos ao marido. Os antigos holandeses eram mais severos. As infiéis eram encerradas numa pipa e deitadas ao mar. O mesmo castigo infligiam aos autores de pecado nefando. A penalidade hoje aplicada aos delinqüentes é a da fôrca.

Os habitantes da Cafraria são brandos nesta matéria; a adúltera apanha umas azorragadas e está quite. Na Guiné também não é menos leve o castigo das culpadas. Basta que paguem ao logrado umas tantas onças de oiro. Já o processo é diferente em Bengala e no México, pois à mulher adúltera são cortados nariz a orelhas.

Na Abissínia a punição é das mais severas. A adúltera perde os bens todos, levando de casa apenas uma agulha com que possa ganhar a vida. O que há de mais singular é que se foi o marido que perpetrou o delito, quem o purga é a espôsa.

Após esta resenha penal, seja-me lícito confessar que as mulheres têm razão queixando-se de ser tratadas cruel e parcialmente pelos homens que, a seu respeito, abusaram do poder de legisladores. Se entre os universais conjuges devesse exercer-se a pena de talião, à certa que ela lhes seria favorável em despeito de ter sido inventada pelos homens e dêstes pretenderem com louca presunção ofender as mulheres impunemente, sem que lhes retruquem na mesma moeda.

A verdade é que o pecado de adultério é análogo, encarado em qualquer dos consortes. A diferença que as leis estabelecem só nos deshonra, tornando a nossa injustiça manifesta e incontestável. O que há de mais irritante é exigirem os homens do belo-sexo, que justamente consideram o mais fraco, virtudes em que êles, os fortes, não podem manter inteireza. E uma vez que o delito é o mesmo, porque é diferente a penalidade, ou antes porque é que se não inflige aos homens o mesmo rigoroso castigo que se aplica às mulheres? «Aquele de nós que esteja limpo de pecado que lhe lance a primeira pedra» — disse Jesus aos fariseus que, diante dêle, acusavam uma mulher surpreendida em adultério.

A quantos maridos, delatores de suas mulheres, não poderiam dizer os magistrados:

«Lapidai esta mulher, a lei o consente; mas, antes, metei a mão no seio e, vêde bem; se não pecastes, então atirai-lhe pedras.»

Mas os maridos não temem a voz da consciência, nem a voz dos magistrados que não sabem ler no coração como Jesus. Demais, estão ali para ministrar a lei, não para imitar os exempos do bom nazareno.

A 13 de Novembro de 1724 o marquês de Santa Cruz, mordomo da casa real e primo do soberano, fugiu de Lisboa com a espôsa de D. Lourenço de Almada. No meio da indignação e alvorôto que tal facto causou, eu fui dos que soltaram as vozes mais deshumanas. Numa roda de fidalgos em que os parentes do ofendido concertavam o processo de se vingar, emiti o parecer que a afronta se lavasse com igual afronta e D. Lourenço fôsse a casa da marquesa e, por fôrça, obtivesse dela os favores que o outro obtivera de bom grado de sua dama.

Êste índigno conselho, duma barbaridade inaudita, calou no ânimo dos fidalgos e pouco faltou para ser executado. Ao tempo era eu moço e arrebatado. Hoje, espanta-me que as pessoas circunstantes, a quem cabia pela idade e experiência da vida reprimir o ardor do meu temperamento, estivessem de acôrdo na premeditação de tão feio lance.

Aqui está um sentimento e uma atitude de que hoje seria incapaz. Afeito a odiar o vício sem me

açular contra o vicioso, posso, e para tal não me violento, perdoar ao culpado, desaprovando-o.

O marquês de Santa Cruz, tolhido de voltar a Portugal, passou a viver em Veneza onde se casou em segundas núpcias com uma cantarina da Ópera. Triste exemplo da miséria a que as mais ilustres pessoas estão expostas! Quando o pai meditou casá-lo, não viu em todo o reino herdeira digna da sua mão. Foi-lhe buscar espôsa às famílias de mais alta estirpe de Espanha. A mulher dêle era filha do conde de Altamira e da marquesa de Astorga, neta do célebre marquês de Leganes.

Um homem de honra e de dignidade — dir-se-á — *nunca mais pode perdoar à mulher que lhe foi infiel, da qual é forçoso que se separe e a castigue como merece.* Esta proposição, em guisa de sentença moral, não é tão sólida como parece à primeira vista. *Um homem de dignidade deve separar-se da mulher que lhe foi infiel.* O homem, não deve, em verdade, guardar consigo a esposa impúdica. De contrário ofenderia à honra, ao bem da família, à própria consciência. Seria tolerar o crime de portas a dentro; equivaleria a ser conivente na sua própria infâmia. Que repudie pois a deshonesta, que a ponha a andar, que nunca mais lhe fale, que nunca mais a veja, se é possível. Em suma, se não tem mêdo de caír nas garras róseas doutra infiel, que contraia segundas núpcias.

Mas, *torna-se forçoso que o homem castigue a criminosa como merece* é falso. Por que razões mo-

rais lhe exige o código da honra um tão estúpido desfôrço? Sempre que a mulher é culpada de adultério, ao marido ultrajado *cabe a faculdade* de se dirigir aos tribunais e requerer o castigo da infiel. Diz-se *cabe a faculdade* porque, em matéria de penalidade, não é obrigatório que a parte queixosa exija a sua aplicação à parte culpada. É pois claro que aquele que dispõe de sanções e não usa delas, porque não quís, cometeu acção digna de louvor e aprêço. Em tal caso, sendo permitido tirar vindicta, é mais belo, mais nobre sacrificar o justo ressentimento à piedade.

Enfim, *o homem de honra nunca mais pode perdoar à mulher que o traíu.* Pelo homem de honra e de dignidade, no fundo o perfeito homem de bem, quem quer é fiador. Não é difícil demonstrar que pode não perdoar à infiel, mas que em consciência se julga obrigado de o fazer. Temos um exemplo na história de José, espôso de Maria. Muitos maridos ultrajados têm usado de perdão para com suas traiçoeiras mulheres, sem lhes fazer outra móssega além de repudiá-las, privá-las duma companhia de que não eram dignas. Estes exemplos só são raros em comparação com os dos homens loucos, furiosos e insensatos que matam as espôsas, ou as arrastam ao pretório, esquecidos que muitas vezes são tanto ou mais criminosos do que elas.

Símbolos burlescos da traição conjugal. Animais com pontas. Absurdos e necedades em volta de preconceitos sem razão. A testa de Moisés, o Grande. Os devotos de S. Cornélio, que se venera nos Olivais.

A natureza, tendo dotado com chifres muitos animais, que por tal apêndice se caracterizam, apraz-se por vezes a presentear, com os mesmos, indivíduos de classe a que não parecem servir de préstimo algum. Autores como Bartolino, Olao e Vormius falam-nos, como se fôssem testemunhas presenciais, de lebres de testa ornamentada por cornichos.

Entre os cavalos de raça diferente pertencentes a Filipe II, rei de Espanha, havia um que era cornúpeto. Frederico III, da Dinamarca, gabava-se de possuir um corsel ornamentado de cornos, retorcidos como os dos carneiros. A descrição do exemplar pode ler-se em Vormius. Bartolino fala, também, dum galo que tinha chifres na crista e que procriou outro, com chifres também. Vormius, porém, pretende que eram artificiais, e em boa verdade o caso nada tem de surpreendente. Basta que se tome um capão e, feita uma incisão na crista, se enxerte aí um dos esporões. Ao que parece a transplantação é

possível e, segundo dizem, muito praticada pelas mulheres na Itália, que nisso encontram divertimento. Um amigo meu empreendeu a operação, porém, sem resultado, embora a tentasse em mais duma dúzia de galos, e em períodos vários do ano. Dois dos galináceos morreram, os outros escaparam, mas em nenhum pegou a cómica enxertia.

Homens tem havido, também, de cabeça armada de galhos. Um Francisco Trouillu, que vivia em Paris pelo ano de 1599, ostentava um corno no meio da testa semelhante ao dos carneiros. Aldrovando viu no hospital de Bolonha um rapaz de dez anos que a madre-natura contemplara também com um chifre, grande como um dedo. E Severino relata ter conhecido certo alfaiate napolitano de testa enramalhada como a do veado, apenas com os ramos menos simétricos.

Os cornos, porém, mais horríveis são os que pertencem à espécie imaginária. Constituem exclusivo do homem, e estes galhudos são recrutados em tôdas as classes, em tôdas as terras, e em todos os misteres e condições. São obra de certas espôsas, tão doutas a fabricá-los como outras a fazer meia.

Êste acidente, porém, vai perdendo o que tinha de odioso e infausto. Países há na Europa onde não passa duma vicissitude sem importância. De facto, tal circunstância não devia deslustrar a honra e probidade do pobre marido enganado. «Para que alarmar-se, inquietar-se — exclamam pessoas sensatas — dum sucesso tantas vezes imprevisto e sem motivo

plausível, estranho à vontade e consciência do espôso? O melhor, em tais casos, é fazer vista grossa e cara alegre.»

Há sujeitos, porém, que convertem a galhadura em indústria, e trocam os cornos imaginários por verdadeiros cornos da abundância. Muitas reflexões e anedotas podia tecer sôbre esta matéria, contando o que vi e ouvi a diversas pessoas através de diversas nações. Mas não paga a pena e, nisto, perfilho a opinião ajuïzada:

«O crime cometido pela espôsa infiel é motivo de vergonha para o marido, assim o quís o mundo, assim seja; de modo nenhum, porém, o marido é atingido pela infâmia e indignidade da mulher, a menos que não seja conivente.»

A par dos cornos imaginários, havia e há os cornos simbólicos, matéria vasta para quem deseje versá-la.

O altar dos holocaustos, colocado num dos átrios do Templo, era adornado por um corno a cada um dos quatro cantos. A significação de tal emblema tem sido motivo fértil e não esgotado de discussão.

Spencer, um dos grandes tratadistas desta matéria capital, observa sem contestação possível que os cornos eram emblemas do poder rial e até do poder divino. «*A um aceno teu, o meu corno enristar-se-á como o do licorne*» — exclama o profeta para Deus, nos Psalmos. No mesmo livro divino, se reza: «*Abaterei os cornos dos maus, mas os cornos dos justos serão realçados*».

Nos escritos sagrados, freqüentemente, os impérios são representados por esta imagem. A religião católica, tampouco, quedou estranha a esta simbolização.

S. Cornélio é, em Portugal, o padroeiro dos animaizinhos galhudos. A igreja do santo, situada nos Olivais, às portas de Lisboa, vê-se cheias de chifres vários e de diferente grandeza, ofertas propiciatórias dos fiéis. Os Capuchinhos, sob cuja jurisdição está a igreja, traficam com êles, fabricando-os de tôdas as formas e feitios. Chamam-lhes cornos bentos ou cornichos de S. Cornélio e são de muita virtude para preservar os animais de males ruins e os homens de quebranto. É um comércio como outro qualquer. Eu mesmo paguei alguns por bom dinheiro, que o diga o P.e Simão, para os pendurar ao pescoço do meu cavalo ou na cinta atrás das costas.

O barão de Spanheim, numa obra de grande tômo, demonstra com muita cópia de argumentos e testemunhos que os cornos além de serem consagrados aos deuses eram o símbolo da fôrça e da vitória para reis e conquistadores. O mais ambicioso de todos os mortais, Alexandre Magno, era apelidado de Cornígero ou Cornuto e tinha empenho em que o pintassem com as pontas de ariete à imitação de Júpiter Amon, de quem se inculcava filho.

«Aqui está um ornamento — diz o barão em tom de chalaça — que não sei se alguém teria gôsto em ver na cabeça do pai ou do avô.»

E admira-se que um distintivo de grandeza se tenha convertido em objecto de achincalhe, com ser-

vir para designar o enxovalho que chapinha sôbre o espôso por deslealdade da mulher.

Já do tempo de Artemídoro se empregava a expressão cominatória em referência ao indivíduo que induzia uma mulher a adultério. O próprio imperador Andrónico Comeno mandou representar cornùpetamente a desgraça dum marido logrado.

Os imaginários figuram a Moisés ornado de cornos. Cornos aqui, quer dizer, porém, raios do sol. Assim se depreende da fala que tem para os israelitas :

«*Desejáveis ter no meio de vós a figura dum bezerro? Tende-la na minha fronte. Olhai bem para ela e dizei-me se lhe podeis suportar o resplendor?*

FIDALGOS E FIDALGUIAS

Nobreza hereditária e nobreza de fresca-data. O comércio do armorial. Como os reis resolveram certos problemas de reconhecimento. A Coroa ganha duas vezes.

Eis uma máxima muito judiciosa: «para ser nobre, não basta sê-lo de nascimento, é mister prová-lo com obras.» Os espanhóis professam o mesmo sentimento:

No es señor quien señor nasce
Pero quien lo sabe ser.

Há pessoas que se dão por oriundas de nobre estirpe, apoiando-se em similitudes e afinidade de nomes e outras bases quiméricas. Às vezes fazem-me pena, porque apostadas em passar por gente de algo dão causa a que se desenterrem dos túmulos avós que melhor fôra deixar apodrecer em paz. Certo se pode provar a fidalguia dum nome pela antiguidade da casa a que pertence e pela posição brilhante que ocuparam os antepassados. Mas uma das loucuras hoje em voga é a mania de reivindicar origem preclara e toucar-se das prerogativas concomitantes, parecendo que nisso consiste o único motivo de distinção entre os homens. E aqui está fonte farta da

parvoíce nobiliária, a que todos os povos e tôdas as classes são atreitas. A heráldica moderna está cheia dêstes aleijões; pessoas há que remontam à alta antiguidade e até mesmo à fábula para documentar a fidalguia do nome.

Mas de que serve ter encontrado uma ilustre cepa, se os pretendidos senhores, longe de seguirem as passadas dos avoengos, fazem tudo o que é humanamente possível para deslustrar os pergaminhos?

Juvenal diz-nos que vale mais descender de pais obscuros e possuir merecimento próprio do que não ter valor ou ser-se um reles sujeito, embora blasonando de alta e famosa genealogia.

Um fidalgo vicioso, com embófias da prosápia, é monstruosidade. Não mantendo puro pela virtude, primeiro título de nobreza, o brasão dos maiores, não se coloca muito abaixo dos homens simples que se enobreceram pelo mérito? A meu ver *melius est clarum fieri quam nasci; virtutem, si vis nobilem esse, cole.* É pois de justiça e de são entendimento preferir-se o homem que se esforça por ser íntegro àqueloutro que em matéria de virtudes só faz gala das que pertenceram aos antepassados.

Il y a des nobles d'une noblesse ambigüe
Qu'on reconnaît vilains dès la première vue.

Tive trato com alguns animalejos dêste calibre que quási me envergonharam da minha condição de homem.

Os reis antigos inventaram a nobreza com o fim de calar, sem dispêndio, a ambição dos particulares. Os romanos outorgavam-na como recompensa a virtuosos; os príncipes modernos, como aliás nota o conde de Oxenstirn, fazem dela tráfico. Em boa verdade, é um galardão fácil de obter das côrtes modernas. Não há soberano que não conceda com mais gôsto o título de excelência que uma renda vitalícia. Umas gotas de tinta espalhadas num pedaço de pergaminho e a munificência régia fica quite.

Os abusos, porém, têm deshonrado o comércio do armorial. Em Viena, dizia-me outrora um amigo meu:

— Nada mais desagradável que ver um judeu português, acusado de concussionário, enfeitar-se com o título de barão, entre os ilustres e dignos barões de Alemanha.

O remoque dizia respeito a Diogo de Aguilar, arrematante que fôra, havia trinta anos, dos tabacos riais portugueses e se homiziara, ao que o próprio pretendia, com receio da Inquisição. Acusaram-no de ter cometido grossa ladroeira dos dinheiros de El-rei. É possível, mas também é possível que o Santo-Ofício para se vingar do fugitivo tenha inventado o aleive. Aguilar, uma vez na Alemanha, entrou ao serviço de Carlos VI e tão bem se soube haver na indústria dos tabacos, cujos réditos pertencem a Sua Majestade, que recebeu como recompensa a dignidade de barão. Se êste homem se mos-

trasse menos soberbo das suas riquezas e da sua elevação, talvez fôsse mais estimado daqueles que conhecem a sua origem modesta.

Como neste caso, os príncipes acharam boa fonte de receitas e de economia nos brasões; o escudo de armas foi uma descoberta inestimável. Já para lisonjear o orgulho nativo dos espanhóis, Carlos V lançou mão do faustoso título de *grandes de Espanha* com que agraciou seus *ricos-hombres*. O falecido rei de Portugal não economizou muito menos as finanças, conferindo as ordens do Reino a vários súbditos que, pelos feitos, se haviam tornado merecedores de recompensa. Mas fêz mais; aumentou os rendimentos da Coroa trocando as comendas contra metal sonante.

Mas estes abusos são gerais. O ror de condes de Itália, de marqueses de França, de barões de Alemanha, de cavaleiros de Portugal, de dons de Espanha e de gentis-homens de Inglaterra leva a supor que com o andar dos tempos não haverá mais plebeus ou que apenas os plebeus aspirarão à fidalguia.

Emquanto nobilitar consista em galardoar o mérito, nada me parece mais ambicionável; porém, desde que a fidalguia se mercadeja, como bugiganga de feira, perdeu a significação.

Quando me ponho a meditar sôbre a nobreza e o lustre que dela querem fazer derivar, nada me parece mais quimérico. Fidalgos de nascença parecem-se com novelos de linhas. Há novelos grandes, médios e

pequenos; se se desenrolam e se chega ao cabo, descobre-se que a base é um miserável farrapinho. Francamente,

D'Adam nous sommes tous enfants;
La preuve en est connue,
Que nos premiers parents
Ont mené la charrue:
Mais las de travailler, enfin,
La terre labourée,
L'un a dételé le matin
L'autre l'après-diner.

Fidalgos de prosápia. Um sucessor à Casa de Aveiro mal sucedido. Por meus foros! Um nobre alemão na rosa divina mas sempre de pendão ao alto. **A***ristocrata de contrabando.*

«O fidalgo da província, — escreve La Bruyère — inútil à pátria, à família, a si próprio, bastas vezes sem lar, sem jibão, e sem mérito, repete dez vezes ao dia que é de sangue azul, trata o juiz e o advogado de burgueses, passa a vida a remexer nos pergaminhos e nos forais, mais empertigado do que se tivesse o rei na barriga.»

Um fidalgo sem outra profissão que a de fidalgo é grotesca personagem. Se, para cúmulo, resvalou na indigência, e mata o bicho do ouvido ao próximo com a antiguidade e grandeza dos avós, e faz a cada passo estendal dos pergaminhos desbotados, além de hílare, torna-se insuportável.

Catagelasto veio ao mundo filho de algo. Desde menino que o papá lhe fêz sentir a sua origem privilegiada. Aferrou-se à idea gloriosa e nela resumiu seu soberano bem.

Da máxima de Horácio: *a virtude é a única nobreza* extraiu com alceira liberdade, senão teimosa segurança, a sua divisa: *a nobreza é a única e exclusiva virtude.*

Ainda rapazinho, não perdoava aos criados a menor falta de cortezia perante sua nobreza.

— Eu cá sou fidalgo! — exclamava, emproando-se todo.

Aos vinte e cinco anos ainda não tinha encontrado melhor estribilho:

— Eu cá sou fidalgo!

Numa roda de ilustres e distintas pessoas afirmou um dia, pelo mesmo acaso fatal com que lhe podia entrar uma môsca pela bôca, que Lisboa, sua terra, era cidade tropical. Manuel Pimentel, sábio e talentoso cosmógrafo, pretendeu, benèvolamente, advertí-lo do êrro. Catagelasto redarguiu que um homem da sua estirpe nunca podia enganar-se.

Os próprios néscios dão conta das suas necedades. Êle não. Contradiz a todos e não tolera que o con-

tradigam. Não há remédio senão conformar-se a gente com as suas opiniões, por muito absurdas e erróneas que sejam. Quando não, ei-lo erguendo a grimpa e proclamando:

— Senhor, sou fidalgo...

Foi numa quaresma confessar-se, mordido por qualquer pecado que o punha a muito mal com Deus, não com o próximo, é claro. Por desgraça encontrou-se face a face com um carmelita, por modos severo e desabrido. Rompeu o frade a admoestá-lo e logo Catagelasto, com o brio especial da sua classe, levantou a afronta. Retrucou o confessor ameaçando-o e Catagelasto rebentou:

— V.ª R.ª sabe para quem está a falar? É dessa maneira que se trata um fidalgo como eu? Se a religião me manda ajoelhar diante dum reles frade, não esqueça V.ª R.ª quem é, nem quem eu sou.

E depois de desfiar a genealogia até a ascendência remota, reis afonsinos ou príncipes godos façanhudos, verberou-lhe mais uma vez a sem-cerimónia com que o tratara.

O carmelita não ouviu até fim, e Catagelasto, desde êsse dia, deixou de freqüentar o confessionário com o mêdo de ver desrespeitada a sua fidalguia.

Catagelasto é católico, e, todavia, não põe rebuço em contar a aventura. Dêle a sabemos, não do frade que era cispado como um túmulo.

De tômo igual a êste, só Gaspar Vanegas de que Lisboa inteira riu a bom rir.

O duque de Banhos, tendo ganhado o processo,

que durou trinta anos, na sucessão da casa de Aveiro disputada pelos três maiores de Portugal, sem falar no Rei, dirigiu-se a Lisboa a tomar posse do que era seu. Gaspar Vanegas soube-o e foi visitá-lo.

— Felicito Vossa Senhoria,—declarou—mas deixe-me dizer-lhe, se tivesse recursos quem ganhava a causa era eu.

— O senhor...?

— Sim, a casa e o título de Aveiro pertencem de direito mais a mim que a ninguém.

E para prova sacou da algibeira uns pergaminhos que desdobrou ante os olhos do duque.

— Sabe que mais — proferiu êste — faça favor de se retirar e de não voltar a minha casa.

— Põe-me fora?! — exclamou Vanegas exaltado. — Creia que sou tão fidalgo como Vossa Senhoria.

— O senhor é mentecapto — e, dito isto, mandou pô-lo na rua pelos criados.

Arrependeu-se Gaspar Vanegas, mas já tarde, de não ter pleiteado a demanda, convencido como estava do seu bom direito. Restou-lhe uma vingança — tratar o duque de usurpador. E fôsse, na praça, na roda, no teatro, aquele fidalgo não lhe merecia outro nome. O rei, os grandes da côrte, e até o duque não ignoravam nada do que dizia Vanegas e folgavam com os dislates do louco ambicioso. Procuravam mesmo dar-lhe trela; e, chalaceando com êle, desprezavam-no.

Êste Gaspar Vanegas, segundo se conta, é filho nada mais, nada menos que dum criado do conde de

Coculi. Tem um irmão André Corsino Vanegas tão cioso e ufano da sua nobre cepa como êle. Em matéria de genealogias o contendor do duque de Banhos passava com efeito por mestre. No seu tempo, ninguém era mais lido e sabido que êle em linhagens e brazões.

José de Brito da Costa Pereira da Silva Castro e Melo jactava-se de que a Rainha fizera parar o coche para cumprimentar a espôsa e saber da sua saúde, querendo assim dar-lhe mostra pública de estima e consideração. Embora Brito fôsse de legítimo tronco fidalgo ninguém lhe dava crédito.

Natural de Évora e tendo aí solar, costumava ir passar lá o verão. Um ano que na Sé se celebrava uma grande festividade, Brito empoou a cabeleira e foi assistir. Perto do altar-mor antolhou-se-lhe um assento de distinção, estofado de brocatel, com pavilhão e cortinados de brocatel. Sem hesitar, José de Brito sentou-se nêle.

Vieram avisá-lo que o lugar estava reservado para o irmão de El-Rei, o senhor D. José, filho natural de D. Pedro II, que mais tarde foi bispo da mesma diocese.

— Sou fidalgo—respondeu.—Não me levanto seja para quem fôr. Era o que faltava se se preferia um bastardo a um nobre de raça!

Entretanto chegou o príncipe que foi informado do sucedido.

— Ponham-no fora a bem ou mal — ordenou D. José.

Em resposta Brito puxou da espada, decidido a manter o seu cartel. Avançaram para o desarmar; arcou com o primeiro que se aproximava e pregou-o em terra. Atacado por um bando numeroso, defendeu-se com unhas e dentes, agatanhado à direita e à esquerda; nem um leão. Sucumbiu afinal e levaram-no manietado para a cadeia. Daí, carregado de algemas, atiraram-no para cima dum macho e, no meio de escolta, transferiram-no para o Limoeiro, em Lisboa. E aqui está onde foi parar a arrogância dum fidalgo.

A 30 de Maio de 1734 cheguei à cidade de Halberstadt que fica situada no Saxe inferior. O alquilador aconselhou-me a aproveitar a berlinda prestes a partir pela estrada de Leipzig em direcção a Halle onde ia conduzir um moço, estudante da Universidade. Procurei o viageiro e breve concertámos a jornada, pagando cada um metade do côche. Era alemão, falava alguma coisa o francês, homem de vinte anos a julgar pela aparência.

Logo à saída de Halberstadt me advertiu muito despropositadamente de sua condição fidalga. Depois, pelo longo caminho fora, não perdeu uma só ocasião de me insinuar a mesma coisa. Cinco léguas adiante, em Aschersleben, cidade do condado de Anhalt, já me tinha informado pelo menos doze vezes de qual era a sua linhagem.

Nas estalagens recusou sentar-se à mesa redonda, ainda que limpa e bem servida, alegando que estava habituado a pratos delicados e não àqueles que me via imolar de tão boa gana. No dia seguinte em

Kondern, onde jantei, a sua escrupulosa esquisitice repetiu-se; mas desta feita, nem quís presenciar o meu repasto; retirou-se, lábios contraídos, fidalgamente.

Estava espantado duma frugalidade quási asbstinente, pois que só lhe vira tomar umas canecas de cerveja e três ou quatro copos de vinho, que lhe ofereci, e êle se dignou aceitar a pretexto de beber à minha saúde. O meu lacaio, porém, antes de subir novamente para o carro, veio elucidar-me: encostado à parede do jardim público, o meu nobre amigo deglutia. Cheguei à janela e, com estes que a terra há de comer, vi-o a rilhar vorazmente uma côdea de pão e um naco de queijo que sacara de sujo guardanapo. Depois, dejejuado, embrulhou cuidadosamente os restos da parva, que naturalmente trouxera de Halberstadt, e foi metê-los na malinha.

Dali até Halle ainda se lhe ofereceu ensejo de me falar mais uma vez da estreme pureza do seu sangue, e se não puxou dos pergaminhos que de-certo trazia na quipagem é que eu era felizmente leigo no alemão.

À chegada à cidade universitária, o meu jóvem amigo apeou, e despediu sem voltar a cabeça, sem me dizer: passe bem. Preguntei se não viria buscar a mala.

— Não — respondeu o postilhão. — Fiquei de lha mandar a casa.

A maneira brusca como se separou de mim fêz-me suspeitar que os meus criados, que falavam alemão, deviam ter troçado do pobre quanto à modicidade

do seu farnel, em verdade bem reduzido, tratando-se dum tudesco.

Conheci outro fidalgo, digno de nota, o marquês de Gainmann. Em 1737 morava em Viena. Contou-me uma vez que nascera em Constantinopla; semanas depois, declarou, estava eu presente, que a sua terra natal era Moscóvia. Inculcou-se à condessa de Bourlie, viúva do general Guiscard, como francês; mas na casa de Valáquia, tinham-no como italiano.

Falava línguas à maravilha, de modo que para as pessoas desprevenidas fácil lhe era incutir-se como natural dêste ou daquele reino. O príncipe de Valáquia, depois de lhe conferir o título de marquês, dignificou-o com a ordem *Constantineana aureata* de que era grão-mestre. O orgulho e a vaidade do marquesato, os proventos que auferia de Inglaterra, ao serviço da qual estava como espião, tinham-no tornado insuportàvelmente arrogante. Chegou a faltar ao respeito à princesa-mãi de Valáquia por esta afirmar que o conhecia de ginjeira, filho de padeiro e de lavadeira.

Em Londres matrimoniara-se com uma dama de condição igual à sua—blasonava êle.—Se a princesa-mãi falava verdade sôbre a origem do marquês, sem dúvida que êle também não mentia quanto à descendência da espôsa.

Grandes senhores e seus gôstos lamentáveis. A adulação e o mérito. O que os grandes pensam dos homens de carácter e de boas letras e o que os lisongeiros pensam dos grandes. O conde de Tarouca.

«Se disserdes aos poderosos, mormente a senhores da alta roda, que Fulano é pessoa de virtude, responder-vos-ão:

— Que a guarde!

Se o seu espírito é esclarecido e encanta e distrai, redarguir-vos-ão:

— Pois que lhe preste!

É criatura muito lida e viajada e falais da sua cultura, bocejarão:

— Tem horas? — ou: Que tal vai o tempo?

Mas, se lhes trouxerdes a notícia que há um mequetrefe que emborca dum trago um copázio de aguardente e várias vezes repete a façanha durante a sobremesa, contai que hão de exclamar:

— O quê, vira três ou quatro copos à sobremesa?! Traga-me êsse homem. Pode ser ainda hoje?

Leva-se-lhes o fenómeno, digno de se mostrar numa barraca de feira a tanto por cabeça, e honrar-se-ão com a sua familiaridade.» Assim escreve La Bruyère nos *Caractères*.

De ordinário, é êste o desprêzo a que os grandes votam os homens de bem e de saber, mas que não tem nada de surpreendente. Irrazoável seria o êles tributarem estima a qualidades que não só lhes são inúteis, mas até prejudiciais.

E por isto, porque o gôsto dos grandes não é ouvir a verdade nem a boa e sã doutrina, mas ùnicamente vozes compostas e calculadas da lisonjaria. Não se compraz com outra espécie de alimento o seu amor próprio. E, em conformidade, seu bel-prazer é cercar-se de aduladores sempre prontos a incensar, a enaltecer o que só merece encolher de ombros, e a rebaixar o que é muito digno de aplausos. Não lhes servem para roda homens de carácter e de saber, pois que a estes minguam as malas-artes do embuste e lhes repugna humilhar o espírito até a mentira e a vil bajulação. Fogem quanto podem da sua beira, certos de que por altivez e lisura só poderiam causar àqueles sombra e contratempo. Abandonam aos profissionais da louvaminha um comércio que por nada lhes quadra.

— Mas a companhia de tais criaturas é-nos muito útil — dizem os grandes. — Prestam-nos serviços de vária ordem, divertem-nos sem nos ferir e sem nos enterrar a unha. Têm a arte de se tornar atraentes e dão-se mil penas para perceber os nossos desejos; demais, nem nos contradizem, nem se permitem a toleima de saber mais do que nós.

Por sua vez, alegam dos grandes os lisonjeiros:

— São boas pessoas! A bôlsa dêles está sempre

aberta, dão-nos a sua afeição, compartilhamos de suas alegrias e sumptuosidades. O pior é que têm o génio volúvel e caprichoso. Bruscamente, da melhor disposição de ânimo passam à intratabilidade mais insuportável. E então rabujam, injuriam, chegam a correr-nos ao pontapé e à paulada. Dir-se-iam diabos escapos do meio do inferno.

Um favorito do imperador Carlos VI, espanhol e, além de espanhol ignorante, falava assim a respeito dos nobres que servia. A um outro em Lisboa, caudatário do rei de Portugal, chamado Manuel numa palavra, ouvi idêntica linguagem .

Há grandes senhores, afáveis e humanos, mas as mais das vezes, a bondade nêles não passa de aparente e artificiosa virtude. Mas cultivam-na porque lhes serve à maravilha, a bem dos seus desígnios e projectos de ambição. Mediante ela, acolhendo de bom semblante, animando os tímidos, indo ao encontro dos desajeitados buscam alcançar o renome de magnânimos. Não vão longe em dádivas e na execução de promessas. Mas em palavras de afago, e de esperança, são férteis. Tudo se desvanece em vago e sonoro fraseado.

O carácter do conde de Tarouca e o do irmão, o marquês de Alegrete, eram assim mesmo. As máximas atrás ditas sôbre cortesãos as suas máximas.

Agora, por muito subtis que sejam os grandes e por muita arte que empreguem de maneira a parecer ser o que fingem e a dissimular o que são, a sua malignidade transparece por debaixo do arti-

fício. Tôda a gente está a par de seus ardis; pessoas matreiras e escarmentadas não se deixam lograr pelo aparato de feitos cometidos pelos grandes, pôsto o seu esplendor ofusque.

Ainda há, é certo, quem admire as suas cavalarias altas, mas, em compensação, não falta quem tenha por elas o mais soberano desprêzo.

«Aquele que aspira a ser árbitro entre os homens só tem um meio de chegar: humanizar-se sem afectação».

Êste apotegma de boa política, cristão e recomendável, constitui uma regra de vida para o príncipe Eugénio de Saboia, o marquês de Valença e o filho dêste, conde de Vimioso, e ainda alguns outros que são o encanto e as delícias da sociedade.

Como êstes, nobres há de ânimo rasgado, solícitos a proteger artistas e sábios, prontos a premiar a virtude. Com êles, o progresso das artes e o melhoramento moral do mundo vão além de palavras.

Sabem que as grandezas são caducas, por vezes não mais que abominação aos olhos de Deus. A glória aparece-lhes como dom transitório e contingente e, discretamente, como o actual rei da Prússia, despojam-se dela em prol do bem universal. Numa palavra, são filósofos animados de espírito cristão.

Os judeus levaram para o estrangeiro os grandes nomes fidalgos. Outros andam na plebe. Não há prerogativas onomásticas em Portugal. Quem quer se chama Rei, Bragança, Castro, até os cafres.

NÃO há um único apelido em Portugal que não pertença, simultâneamente, à fidalguia mais estreme e à gentalha mais baixa. A primeira família em Portugal, por antiguidade, nobreza, serviços prestados à nação, proezas de heróis, alianças com as casas mais distintas da Europa, é sem dúvida a dos Braganças. Senhora do trono desde 1640 com D. João IV, no trono se conserva com D. José I. Pereiras, Portugais, Mascarenhas são como os Braganças apelidos do mais puro sangue. Pois, não obstante, por uma costumeira tão velha como os próprios pergaminhos da nação, estes nomes andam na plebe e na burguesia. Um sapateiro chama-se João de Mascarenhas tão real e legalmente como o marquês de Gouveia; certo gato-pingado Francisco de Portugal, em competição com o marquês de Valença; um lacaio assina Jaime Pereira como o duque do Cadaval, e um escravo estadeia o nome do fundador da dinastia, João de Bragança.

Os judeus, ou cristãos novos, usam também libe-

ralmente dêstes apelidos ; alguns, mesmo, intitulam-se da Cunha, nome que pertence ao cardial, primeiro Inquisidor do Reino, dando-se o caso do magistrado condenar ao fogo pessoas suas homónimas que, para os estrangeiros ignorantes da onomástica portuguesa, poderiam passar por oriundos da mesma cepa, isto é seus parentes.

E é de crer que alguns parentes do cardial tenham figurado em autos-da-fé, visto que não são apenas judeus, protestantes ou maometanos, réus de poligamia, bigamia ou sortilégio, mas autênticos cristãos, inocentes cristãos, as suas vítimas. Seria, porém, absurdo, pelo facto de se chamarem Cunhas, imaginar que o inquisidor do mesmo nome mandara ao patíbulo numerosos parentes seus.

Os judeus que dia a dia abandonam Portugal e se veem asilar na Inglaterra e na Holanda particularmente, trouxeram os nomes das primeiras famílias do reino, Pereiras, Carvalhos, Andrades, etc. Oliveira não é tão freqüente entre êles; pelo menos ignoro que haja em Londres algum com êste nome, e na Holanda, durante os quatro anos que lá vivi, apenas me foi dado encontrar uns dois ou três.

O vulgo, isto é, os ignorantes dêstes países supõem que tais cognomes são privativos de judeus e daí o crerem que todo e qualquer português assim chamado é israelita. E nada mais revoltante que ver-se um homem exposto a preguntas desta natureza, por via de regra acompanhadas de motejos e desdém.

Magnífico é o título de rei; desvanecedores os títulos de marquês, conde, cavaleiro, barão. No entanto, estas vozes andam pelas ruas da amargura. Em Lisboa conheci eu certo quincalheiro que se chamava Rei, e em Amsterdão sei dum judeu, nado em Ferrara, que dá pelo nome de Marchese. São aos cardumes os banaboias e patifes de apelido Conde. Nesta cidade mora um Chevalier mestre de dança, e em Viena havia uma mulher, Baronne, tão obscura de origem, que não conhecia mãi nem pai. Seria ridículo meter no mesmo cêsto o judeu, o marchante, o pedaço de asno, com os reis, os príncipes, tôda a sorte de grandes, a pretexto de que o nome é comum. Só por asnidade se poderia imaginar haver entre êles outro parentesco além do contraído na pessoa de Adão.

O nome de Júlio César é tão faustoso, tão augusto que, à primeira vista, se afigura não poder ser transmitido a outrem que não seja da estirpe dos imperadores. Em Portugal, porém, uma família, aliás nobre, chama-se César. Tal facto levou-me a dizer algures, noutra obra, que o rei de Potugal era um tão grande monarca que até súbditos seus eram Césares.

Um dos capelãis do conde de Tarouca chamava-se Júlio César Valmagini; verdade que êste julgava-se parente directo do imperador romano, quando era evidente não passar de filho dum pobre pedreiro de Milão. Foi Mr. D. José Augusto, milanês, conselheiro de S. M. Imperial, quem divulgou a baixa

extracção do padre Valmagini, derrotando-lhe assim a vaidade e o orgulho.

A palavra Salvador, embora dada por excelência a Jesus-Cristo, não deixa de ser usada nas pessoas. Empregam-na como nome de família e como nome de baptismo. Assim se chama, também, uma família israelita, assaz conhecida em Londres e Amsterdão onde se estabeleceu. A ela pertencia M.me Salvador, a famosa amante de D. Luiz da Cunha, causa de seus desregramentos e loucuras.

Pessoas do tempo notáveis pela fôrça. O que reza a história a respeito dos brutamontes e de suas áfricas. Monarcas com fortaleza de cavalo. D. Pedro II de Portugal, homem das fôrças. Um competidor inultrapassado, o Menino do Freixo. O Marquês de Alegrete e Pedro Henriques, dois fenómenos.

Sansão é o homem de mais fôrça que houve na antiguidade. Canta-lhe as proezas a Escritura Sagrada, não é permitido duvidar. A seguir, pelos tempos fora, outros o imitaram: Hércules; Polidamanto; Tritano que derribava um homem com o impulso dum só dedo; Bussequa que segurava um toiro bravo com a direita e colhia e

detinha outro, à passagem, com a esquerda; Radamanto de Mântua que partia com as mãos um cabo de navio; Fernando Burgos que subia uma rampa com um burro às costas, carregado de lenha. A *Apologia* de Hakewil e a *Teologia física* de Derkam abundam em fenómenos de fôrça e resistência. Fronsberg, barão de Mindelheim, levantava no polegar um tambor com um homem em cima; Roman erguia um boi do chão e marchava com êle ao alto.

Em Lisboa vi um inglês que levantava nos dentes, prêsa por uma corda, uma peça de artilharia. Aí presenciei, igualmente, um espanhol de Valência agüentar sôbre o peito, deitado no chão, uma pedra enorme, que outro ia estilhaçando à martelada. Em Lisboa, também, uma mulher dansava na corda com dois cestos amarrados aos jarretes, tendo dentro os filhos, um de três, outro de quatro anos.

D. Pedro Henriques, fidalgo meu amigo, pegava duma mó de moínho caseiro, estendia o braço direito com ela na palma e agüentava assim três ou quatro minutos. Depois mandava-a à distância de dez a quinze passos. Numa festa dada em honra de N.ª S.ª da Piedade, em casa do duque do Cadaval, estando o Rei presente, fui testemunha do seguinte feito: o marquês de Alegrete, Manuel Teles da Silva, decepar a cabeça dum toiro, com uma só espadeirada. Êste nobre, bem como tantos outros portugueses e espanhóis, duma estocada em combate singular, prostrava o toiro mais ardido e valente.

Nos meus vinte anos não lhes era inferior, provado que nenhum dos meus amigos seria capaz de lançar mais alto que eu, apará-lo e torná-lo a jogar, um pelouro de ferro de dois arráteis. Equilibrado na ponta dos dedos, braço hirto, passeava ainda um tronco de árvore que hoje não teria fôrças para mexer do chão.

De D. Pedro II de Portugal e de Augusto II da Polónia se conta que partiam uma ferradura em pedaços e que, por folgança, rebentavam um cavalo com o apertar entre os joelhos. Estes dois príncipes mantinham estreito comércio epistolar, não que os negócios do Estado o exigissem, mas para se comunicar seus feitos de fôrça bruta.

Não obstante o que alegam os portugueses em favor do seu rei, Augusto II era mais forte. E para prova, basta o soberano da Polónia ter quebrado uma perna ao Diabo, arrancar dêle e deitá-lo pela janela fora. D. Pedro II, é facto, agarrava dum saco de pão e lançava-o sôbre o ombro; depois com o braço livre, travava dum segundo, e atirava-o sôbre o outro ombro.

Um dia, apresentou-se na côrte certo rapagão de vinte e cinco anos, pedindo licença para mostrar a el-rei suas habilidades em fôrça. Aceito o que, rogou que lhe trouxessem três sacos cheios de pão; com os dois primeiros fêz o mesmo que D. Pedro; quanto ao terceiro, pegou dêle com os dentes e arremessou-o sôbre o saco que já tinha no ombro esquerdo. A façanha surpreendeu os cortesãos, mor-

mente o rei que não cabia de pasmo ante o poder e destreza do homem. Contam que el-rei pretendeu imitá-lo, mas debalde.

O valentão excedia em altura a todos os portugueses do seu tempo; era magro, ossudo e comia por quatro. Não sei o nome dêle; chamavam-no na côrte o *Menino do Freixo* por antonomásia da aldeia em que nascera. Mais duma vez deu mostras da sua fôrça extraordinária. Um estouvado, cioso da sua valentia, desafiou-o para duelo; ao cumprimentarem-se em sinal de que o repto era coisa assente, o *Menino* de tal modo apertou a mão do adversário que lhe britou os ossos todos, deixando-o em estado de nunça mais poder segurar a espada. Era um autêntico hércules; deitava as mãos às chedas dum carro, puxado por seis bois ou seis cavalos, e parava-o. Como esta, forneceu muitas outras demonstrações de esfôrço sôbre-humano.

De Augusto II reza a crónica que um belo dia, perdendo-se à caça, foi bater a casa dum ferrador onde deu o cavalo a ferrar. Quando o homem ia a deitar a ferradura, o rei pegou dela a ver se era de boa qualidade. E a brincar, como quem parte palitos, fê-la em duas metades. Trouxe-lhe o ferrador outras duas e ambas quebrou com igual facilidade.

— Não prestam para nada, — rosnou el-rei — mas ferre lá... ferre.

Feita a operação puxou D. Augusto de três escudos e meteu-os na mão do homem.

— Deixe ver, tio — disse uma rapariga que ali estava, dos seus quinze ou dezasseis anos de idade. — Pode ser que o dinheiro dêste senhor não seja melhor que o ferro das ferraduras.

E, um a um, partiu a moça os três escudos do rei.

Quedou Augusto II maravilhado do que via e, ainda que se sentisse derrotado, teve a generosidade de conceder uma tença à moça prodigiosa.

Em Viena, ao ver diante de mim o conde Miltzin-Filtzin-Siltzin, costumava eu dizer que era o homem mais forte do meu conhecimento pois trazia ainda indelével na face, e já lá iam sete anos, a marca do belo sôco que lhe aplicou o general T****. O çonde de Tarouca não engraçava com êste ditirambo de nova espécie, imaginando-o feito para atingir o marquês de Alegrete, seu irmão, que há muitos anos trazia as ventas assinaladas por um murro que lhe deu em plena praça de Lisboa D. Rodrigo da Costa, vizo-rei da Índia.

Imagina muita gente que estes bruta-montes de fôrça são dotados sempre de estatura avantajada, fora das marcas, e nisso se enganam. Pelo que li dêles, e pelo que vi, são homens consoante os outros, às vezes de talhe abaixo do mediano.

Pedro Henriques, além de extremamente magro, não excedia a craveira vulgar; o marquês de Alegrete parecia de compleição delicada, mais sôbre o baixo que sôbre o alto. Verdade seja que D. Pedro II e o *Menino do Freixo* e ainda outros possuíam uma

corpulência não comum, mas muito longe de ser gigantesca e fenomenal.

Que os homens não se medem aos palmos — provou-o o rei Pepino de famigerada memória que, por sua estatura atarracada, era a veia cómica da côrte. Um dia, reünida a nobreza no anfiteatro, mandou soltar um toiro bravo e um leão, ao mesmo tempo. Filou-se o leão na cernelha do touro, com tal prêsa, que o combate não tinha mais honra.

— Qual de vós desce à arena a escorraçar o leão? — preguntou Pepino para os nobres cavaleiros que o rodeavam.

E como nenhum se oferecesse, atónitos com a proposta, êle mesmo desceu à liça e crescendo sôbre o leão, de espada desembaínhada, dum só golpe lhe fêz saltar a cabeça. Depois voltando-se para os áulicos, proferiu:

— Sou ou não digno de ser vosso rei?

É natural, todavia, que a uma fôrça exagerada corresponda uma estatura invulgar. Flávio José fala dum certo Simão, fâmulo do rei Herodes, notável pela bravura, o talhe desmesurado, e audácia; audácia, que o levou, após a morte do amo, a pôr a corôa rial na cabeça. Foi seu contemporâneo um outro hércules, chamado Atronge, tão determinado como êle, pois acalentou a ambição de ser rei. E êste tinha quatro irmãos, quatro varas iguais a êle.

O jôgo e o denegrimento que granjeia. Queixas contra o conde de Tarouca que jogava sob palavra para não pagar. Psicologia do jogador. O jôgo é um espelho. O jôgo em Inglaterra. Contra-senso.

Não é ocasião de examinar se é aos lídios, se a outros povos, que se deve a invenção do jôgo. Quere a voz geral ter êste passatempo seu berço em país a braços com a fome. Modo de lograr tal peste jogavam. Sendo assim, foi bem achada e melhor aproveitada esta perda de tempo.

Oxenstirn, todavia, pensa de modo diferente. Para êste moralista, a memória dos madraços que descobriram o jôgo só merece vitupério, pois dia a dia se vêem pessoas, trabalhadas por semelhante vício, expostas a morrer à míngua.

O argumento, a meu ver, é falso e exagerado. Os homens, está sabido, abusaram e abusam do engenho, estragando na prática invenções que podiam ser úteis à sociedade e à vida. Não há razão para maldizer de Apolo ou de Esculápio, inventor um da medicina, outro seu vulgarizador, só porque muitos indivíduos, que hoje se enfeitam com o título de

médicos, mais não fazem que prolongar-nos enfermidades e precipitar o curso da nossa existência. Se há charlatãis na medicina também há homens de mérito e físicos laboriosos, dêstes que têm feito progredir a ciência tanto na teoria como na prática. E estes, muito longe de nos levarem a detestar os nomes de Apolo e Esculápio, pelo contrário induzem-nos a venerá-los, e a respeitar a sua glória, eterna entre as eternas.

O péssimo uso que celerados e estúrdios fazem do jôgo, entregando-se a êle com furor, pela mesma ordem de ideas não deve levar-nos a desprezar a memória daqueles que o inventaram para recreio dos homens.

De verdade, quando se consideram as desgraças que o jôgo ocasiona, parece à primeira vista terem razão aqueles que atribuem a invenção ao Diabo. O príncipe das trevas deve ter bons auxiliares nestes ladrões do tempo e da bôlsa, tanto assim que Maomet chegou a proíbir aos discípulos todo e qualquer jôgo de azar.

A excitação e a cólera são as emoções ordinárias do jogador.

— Que loucura, — exclamam os turcos, quando vêem os cristãos à banca verde — que loucura, tirar dinheiro do bôlso e pô-lo para lá, ao acaso, a-fim-de se saber a quem deve pertencer!

De facto, depois que todos os patifes e malandrins deram em batoteiros, deixou de ser honroso o hábito de jogar.

Le désir de gagner, qui nuit et jour occupe,
Est un dangereux aiguillon:
Souvent quoique l'esprit, quoique le cœur soit bon,
On commence pour être dupe,
On finit pour être fripon.

Sei muito bem o que é jôgo e, à fôrça de experiência, averigüei que não passa dum exercício cruel. Igualmente fere vencedor e vencido, a um pelo mal que causa, a outro pelo mal que recebe.

O jôgo, todavia, pelo qual sempre fui apaixonado, nunca me conduziu a cometer feitos de que tenha que me envergonhar ao presente. Forneceu-me, pelo contrário, pretexto a confundir um ministro que, jogando sob palavra quando perdia e pagando-se sempre que ganhava, nunca me embolsou de dez mil florins que a tanto sobem as quantias que me ficou a dever de diferentes partidas. Durante anos a fio lhe fiz crédito desta importância, não lha pedindo sequer. De igual melindre não usou para comigo o conde de Tarouca, pois é desta personagem que se trata. Tendo-lhe eu mandado pedir, por escrito, o dinheiro que me devia, não se dignou responder-me. Em face do seu silêncio, tornei público o caso, não me acanhando de falar no calote, desassombradamente, na boa roda que freqüento. Cheguei ainda, mais para o arreliar que para outra coisa, a mandar-lho pedir por Matias da Cunha, cavaleiro de Cristo, que actualmente serve no exército de Sua Majestade Imperial, e pelo P.e Agostinho Maria de Lu-

gano, prègador, capelão e favorito de Carlos VI, neste momento, bispo de Coma, na Itália. Obstinou-se a não me querer pagar; pouco tempo depois, morreu.

Êste sucesso, que só a mim respeita e não a outrém, vem aqui a talho de foice, não para achincalhar as cinzas do ministro, mas para mostrar a índole sórdida e mesquinha do filho, Manuel Teles da Silva, conselheiro de Estado na côrte de Viena, presidente do Conselho de Espanha, cavaleiro do Tosão e legatário, por mais de têrço, do dinheiro que o pai me ficou a dever.

Fôsse bem embora aquela uma dívida sagrada em atenção à memória do pai e ao próprio renome, Teles da Silva não se preocupou de cumprir o seu dever, deixando-me o direito de me pagar de forma que não lhe pode trazer galardão. Acabou-se, não querendo desembolsar-se duma soma devida, perde pelo lado da honra o que alcança pelo lado da avareza. Pôsto que pobre, aqui lavro recibo público a êste fidalgo de pacotilha, e solenemente declaro que nada pretendo dêle.

Mas, voltando ao jôgo, direi que é o espelho em que muito bem se retrata o interior da criatura. Para pôr a descoberto o carácter não há melhor. Ali veem à flor o vício incardido e a virtude mais peculiar.

Nunca me foi preciso jogar forte mais de duas vezes com o mesmo homem, para saber se era avaro ou liberal, exaltado ou senhor de si, traiçoeiro ou

leal, pulha ou homem correcto. Raramente me iludi em conjecturas desta natureza.

Jogar por hábito ou com instinto de harpagão é pecha criminosa ; mas jogar por passatempo é prática mundana que se deve permitir a tôda a casta de pessoas, a qualquer hora do dia que seja.

É uso em Inglaterra abster-se a gente de jogar jogos mesmo de pura recreação, ao domingo. Idea supersticiosa, sem dúvida, criou êste costume. O domingo foi destinado ao Senhor, está entendido. Consagrar-lho, pois, com assistir ao serviço divino nos templos, orar, meditar a palavra de Deus e a Sagrada Escritura, é louvável. Aqueles, porém, que não compartilham dêste espírito e têm horror por aqueles que se divertem a jogar ao domingo, muito ridículos me parecem quando os vejo reünir-se em cenáculo e dizer mal de meio mundo, anavalhando em sua reputação inimigos e amigos.

— Ainda que tivesse a certeza de ganhar um milhão — dir-vos-á um dêstes devotos fingidos — hoje não pegava nas cartas.

Uma tal decisão é, sem dúvida, nobre, heróica e cristã. Andai-me na peúgada, porém, dêste homem, domingo após domingo. Infalìvelmente cairá na taberna a embebedar-se como um pato. Dizei-lhe que era preferível ganhar ou perder uns patacos às cartas, que perder a razão à fôrça de vinho ; não o convencereis ; olhar-vos-á como insensato e apodar-vos-á de mau cristão.

Modestamente, o próprio moço dirá que se des-

cesse a jogar no domingo, por muito inocente que fôsse o jôgo, se consideraria deshonrado para todo o sempre. Não fieis, porém, do seu porte pelo seu dito. Ide-lhe no encalço, se vos apraz, por todo êsse domingo fora. Vê-lo-eis entrar em casa da amante, e, à falta de amante, no prostíbulo. E aqui está, ao inocente pecadilho duma partida, prefere o comércio infame, onde, sem remorso, derranca a alma e o corpo.

A minha senhora patroa é outra que tal. O marido, em dias de sueto, ou para amenizar os longos serões de inverno, entra no meu quarto, e a certa altura rompemos a jogar. Não é o dinheiro que o homem perde que a amofina; muito bem sabe que jogamos a uma ninharia. O que lhe dá no goto, é ver-nos a jogar nas tardes de domingo.

Um dia entrou pela alcova dentro em grande fúria, invectivando-me:

— O senhor não terá pejo de estar a perder meu marido?! Parece impossível que se ponham a jogar ao domingo! Parece impossível! Mas fique sabendo, antes quero que o meu quarto fique devoluto que ser habitado por um homem que não teme o castigo de Deus!

E voltando-se para o espôso, um honrado burguês protestante, estimado de quantos o conhecem, apostrofou-o:

— Não tens mêdo de jogar hoje! Também és capaz de roubar, de matar e de praticar o ofício de carrasco! Mas deixa, que não és tu que te livras do inferno! Patife! Malvado!

Como a criatura me tivesse sempre testemunhado estima e consideração, atribuí aquele desabrimento ao seu muito zêlo e índole beata. Por isso, a-fim-de evitar escândalo, arrumei o baralho e pedi-lhe para não se inquietar com coisa de tão pouca monta. Mas, breve, pela resposta, compreendi que o escrúpulo que nutria quanto à santificação do domingo, não passava de pura hipocrisia. A mulherzinha, com efeito, que nos proíbia o jôgo como um imperdoável vício, estava dominada por outro, o da embriaguez. Passou-se isto em 1745.

Certo domingo de Março de 1747, entrei numa igreja anglicana, que fica mesmo no centro de Londres, a fazer as minhas devoções. Perto, havia um retiro soalheiro e, como estivesse muito frio, eu e dois amigos, que me acompanhavam, fomos para lá. Pouco depois, chegava o padre, a quem meia hora antes eu ouvira a prédica; mas não saía do templo, saía da taberna vizinha. As côres do rosto eram vivas como tomate. Pelo jeito, pelas vozes não tardou que nos apercebêssemos que estava bêbado como um cacho.

Quatro rapazinhos, entretanto, de idade de oito a dez anos, apareceram no jardinzinho e puseram-se a jogar o pião. Logo o ministro se ergueu do banco onde tomava o sol e ameaçou com a bengala os ímpios que assim profanavam a santidade do dia. Os meninos deitaram a fugir; reparando, porém, no estado do censor, que cambaleava no meio das apóstrofes, pararam e romperam em chacota.

Para que o escândalo não prosseguisse, tivemos de intervir e correr a irreverente garotada. O ministro então volveu a sentar-se, mas nem mesmo assim deixou de resmungar a fulminar os malcriados. E como a cega-rega o tornasse pouco recomendável à nossa companhia, abalámos dali. Passos andados, vimo-lo a caminho novamente da taberna, provàvelmente, para continuar a santificação do domingo de copo na mão.

Para me conformar com os usos da terra, quando jogo, o que é raro, nunca é ao domingo. Não obstante, não me persuado que seja pecado, desde que se não ultrapassem os limites de inocente recreação.

Um mancebo tendo perdido ao jôgo, certo domingo, uma quantia importante, voltou a casa cheio de pesar e irritação.

— Que te aconteceu, filho? — preguntou a mãi.

— Que me aconteceu? Olhe, meti-me a jogar e perdi o dinheiro que levava.

— Perdeste!? Pois como querias tu ganhar, sendo hoje dia santo?!

— E como podia o outro levar-me tudo o que tinha, sendo também o mesmo dia santo? — retrucou êle.

O privilégio de asilo. O crime de Isac Elliot. A confissão do justiçado. Refere-se outra quebra flagrante do direito de asilo.

É de duas naturezas o direito de asilo: asilo sagrado, regalia de tôdas as igrejas sem distinção, e asilo político, prerogativa da moradia de embaixadores e palácios de determinados fidalgos e magnates.

O imperador Leopoldo outorgou êste privilégio ao solar do senhor de Puechberg, no arrabalde de Viena, cidade de Naïstatt, de modo que por meu casamento com Maria Eufrosina de Puechberg e Enzing, neta do dito nobre, eu me vi investido no direito de asilo. A seis léguas de Viena e a meia de Naïstatt possuia, ainda, uma habitação rústica, a melhor de tôdas, chamada Pulver-Stamp, que gozava da mesma regalia. Aí íamos passar a temporada de verão. Ainda hoje sôbre a torça das portas ressai em grandes caracteres esbranquiçados o letreiro privilegiado: SALVA-GUARDA.

O direito de asilo vem dos pagãos, da Grécia remota. Era uma das instituïções de Teos, cidade da Jónia, como foi dos judeus e de Roma, a partir de Rómulo. O objectivo do fundador nesta cidade fôra, porém, menos o de albergar criminosos que

chamar habitadores. Tanto assim, que mal se aperceberam que o asilo contribuía a desenvolver o crime, o fecharam e rodearam de muralhas a ponto que mais ninguém pôde entrar.

Os asilos católicos, que estão sempre abertos, redundaram mais em valha-couto de assassinos e presidiários do que em refúgio para estrangeiros, por via de regra gente mais desafortunada que criminosa. A êsses asilos se me figura poder-se-lhes aplicar literalmente o que Jesus-Cristo disse aos judeus, a propósito do Templo:

— Desta casa de oração fizestes uma caverna de ladrões!

Nos primeiros séculos do cristianismo, o direito de asilo era muito limitado. Imperadores e concílios tinham estatuïdo que a todos os que se tivessem tornado réus de homicídio, de adultério e de rapto não era aplicável a imunidade de asilo. Hoje, papas e prelados não teem escrúpulo algum em receber portas a dentro de sua igreja os maiores malvados do mundo. A esta má política pode imputar-se o 10r de mortes que se cometem em Itália, por coisas, muitas vezes, de cutiliquê. O mesmo sucede nas outras nações, onde o preceito é observado.

Um dos grandes privilégios da cidade de Presburgo, na Hungria, é de poder prender em claustros, igrejas, cemitérios, por tôda a comarca da sua jurisdição, os delinqüentes que aí se tenham refugiado. Foi-lhe conferido êste privilégio por Luís I em 1539

e confirmado e acrescentado em 1405 pelo imperador Sigismundo.

A uns abusos sucederam outros. Várias vezes, os asilos foram violados pelos príncipes, quando convinha aos seus interêsses ou ao bem público. Ainda que o móbil dêstes atropêlos fôsse por vezes censurável, é fora de dúvida que o múnus da autoridade, a obrigação de ministrar a justiça, a segurança e tranqüilidade pública lhes exigiam tal passo.

Isac Elliot, segundo o rumor inglês de nação, a pretexto de ciúme, se bem que com o negro desígnio de se apoderar das riquezas da espôsa, que eram grandes, assassinou-a com um tiro de pistola, depois do que lhe golpeou o corpo com mais de vinte estocadas. Chamava-se ela Antónia Joaquina Xavier Inácia e era filha do desembargador Francisco Lopes Ribeiro e de D.ª Maria Caetana Veloso. Além de formosa, o seu ânimo era vivo e o seu entendimento bem formado. Tinha casado com Elliot a 16 de Janeiro de 1730 e foi assassinada a 26 de Novembro de 1731, com menos de vinte anos de idade.

O matador buscou refúgio em muitos asilos particulares que lhe foram negados. Em atenção à família de D.ª Antónia, se lhe fecharam tôdas as portas, a do cardial Cunha, inquisidor-mor do reino, e de outros ilustres senhores da côrte. Acolheu-se, finalmente, à igreja de S. Luís, nas portas de Sto. Antão, asilo, particularmente privilegiado, como templo e por estar sob a jurisdição da nação francesa.

A vida inocente e o porte irrepreensível de

D.ª Antónia haviam, porém, indisposto as autoridades, nobreza e povo contra Elliot. Nêle não viam mais que um verdugo, sacrificador, aos projectos infames do interêsse, da honra e da virtude da espôsa.

D. João V, inteirado das circunstâncias e indícios que depunham contra êle, procedeu nesta conjuntura, como é legítimo esperar-se de princípe zeloso da justiça e equidade. A despeito da estima que lhe votava e das distinções que lhe conferira, alto e bom som declarou que para um assassino daquele jaez não podia haver asilo no reino; que o prendessem, pois, e o punissem em conformidade com o delito, a menos que dêste não fornecesse justificação suficiente. Argumentaram-lhe com a imunidade do templo, e seus privilégios especiais, pelo facto de ser pertença de estrangeiros. Os próprios mesários e protectores da capela tentaram fazer prevalecer os direitos que gozava. Inútil; inflexível a tôdas as representações desta índole, o rei ordenou que lhe entregassem o criminoso quando não destacaria fôrças a tomá-lo. E de facto as autoridades apresentaram-se à porta da dita igreja a requerer a entrega do assassino. Diz-se que o rei as acompanhava *incógnito*.

A igreja dos franceses não entregou o refugiado às mãos da justiça real; mas — o que dá o mesmo — expulsou-o para fora e logo os oficiais de justiça o algemaram e levaram sob custódia.

Foi Elliot autorizado a defender-se segundo as fórmulas judiciais. Defendeu-se mal, do processo ressaltando que imolara a espôsa inocente à paixão

desenfreada das riquezas. Condenaram-no a ser enforcado, depois de lhe haverem cortado as mãos. A fôrca foi armada mesmo em frente da casa em que morara e cometera o crime, na rua do Outeiro, ao Bairro Alto. Justiça se fez a dez de Fevereiro de 1733.

Antes de morrer, reconheceu Elliot ser merecedor daquela pena; em público confessou que a espôsa estava inocente e pediu perdão, muitas vezes, à família da assassinada. Em suma, deu mostras, nos últimos momentos, do mais vivo arrependimento. É possível que naquela hora, já sem esperança de se salvar, inútil tôda a afectação, fôsse sincero no que dizia e que, portanto, se deva ter como boa a sua contrição, movido o sentenciado a não perder a alma como perdera a vida.

D. João Manuel, conde da Atalaia, das mais ilustres e honradas famílias que se assinalaram por feitos de valor na história de Portugal, homem terso, incorruptível, sendo governador de Angola, no primeiro quartel dêste século, mandou arrancar à fôrça duma igreja de Luanda, creio que a igreja dos jesuítas, um criminoso que nela se tinha refugiado. Vendo os oficiais da justiça a avançar para êle, o desgraçado correu para o altar e agarrou-se ao sacerdote que ali dizia missa. Pouco lhe valeu. Bem embora o padre os conjurasse a retirar-se, invocando o sacrifício do lugar e da hora, o homem foi preso e executado.

Muitos e vários dissabores padeceu o conde devido à sua inquebrantável decisão. Propalou-se que os meirinhos tinham chegado a molestar o sacer-

dote, no momento de celebrar missa, pisado aos pés e derramado as sagradas partículas pelo chão, o que causou grande assombro.

Daí, guerra dura foi movida ao conde da Atalaia, incriminado no seu procedimento, honra e sentimentos religiosos. Perseguido, defendeu-se êste pondo à luz a sua muita modéstia, moderação e a paciência mais extrema. Mas só depois de alguns anos de provação e descrédito é que pôde triunfar da vindicta dos inimigos.

Ilibado das acusações que lhe faziam, reconhecido o seu mérito e alta capacidade, o soberano chamou-o à côrte e restituiu-lhe estima e crédito. A êle entregou, ajuízadamente, o comando do exército quando em 1735, se julgou obrigado a romper com a Espanha.

Vida do mar. Nossa Senhora dos Navegantes. A louca companha. O conde de Unhão e os tripulantes da bateira de Santarém.

NA minha mocidade, muitas vezes afrontei com prazer os perigos a que andam expostos os navegantes. Vi a morte de perto, e sempre por temeridade. A pesca era um dos meus passatempos predilectos, que eu exercia com bom ou mau tempo, não só de dia mas até de noite. As vezes o mar alteava-se em borrasca brava.

Verdade, esta minha audácia não era natural. Trazia sôbre mim relíquias sagradas, daquelas que, segundo a voz da superstição, preservam de naufrágio. Confiado na virtude dos meus talismãs, não raro tentei a Deus, que se dignou perdoar à minha santa ignorância. O escapulário de N. S.ª do Carmo andava ao meu peito, por ser a melhor garantia, segundo a tradição carmelitana, contra os riscos do mar. Um dia, porém, um frade da ordem afogou-se em pleno Tejo e a minha credulidade passou à história. Conservei-me, é certo, fiel devoto de N. S.ª do Monte Carmelo, mas descrente das virtudes miríficas do escapulário.

Muitas vezes fui provado em viagem por mar. Numa delas, de Lisboa para Amsterdão, aconteceu o navio ser batido por tão grande tempestade que a minha antiga e aventurosa coragem se transformou no firme propósito de fugir o mais possível a semelhantes perigos. De lances graves me vi ainda protagonista no Reno e no Danúbio.

Não deixei de sentir certos receios quando tomei barco de Holanda para Inglaterra. O trajecto foi bastante castigado pela vaga que era alta; e com isso, se confirmou a minha aversão pelo traiçoeiro elemento. Como já são muitas as razões que se combinam a que passe o resto dos meus dias em Inglaterra, a repugnância de me ver sôbre as ondas não contribuirá com menos fôrça a radicar-me neste propósito.

Dizia certo filósofo que o navio é *louco*, porque

está em movimento perpétuo; o marinheiro *louco*, porque varia consoante varia o vento; a água *louca*, porque nunca repousa; e o vento *louco*, porque anda sempre a correr. De acôrdo com o filósofo, acrescento eu que há muita imprudência em se entregar um cristão a tão *louca* companha.

Se é para aprender a rezar que o homem embarca, não há melhor. Em parte alguma se ora e se repete com fervor o nome de Deus como no mar.

Não há profissão mais arriscada que a vida náutica — tenho lido em muitos autores. É certo. Para o homem do mar, contìnuamente, apenas uma tábua está de permeio entre a vida e a morte. Com freqüência, tem de lutar com os quatro elementos, a um tempo; sucede-lhe às vezes ser queimado vivo no meio das águas; o seu fito é varar em terra e a terra é que o despedaça; o vento é a sua esperança e simultâneamente a causa da sua ruína. Anda de Ceca em Meca carretando riquezas e o que granjeia, não raro, são misérias, moléstias e um fim trágico.

Certo que se ganha a morte tanto aqui como acolá, ou antes, deitando-nos a morte a garra sem exclusão de lugares, não há mister em que o homem esteja a resguardo dos seus golpes. Liberto do vício antigo de correr mar e de andar à pesca, arrancho com aqueles que consideram a vida náutica, triste, trabalhosa e temerária. De todos os elementos, a água é o mais pérfido, a meu ver. A calmaria é a máscara da tempestade, e o ventinho fagueiro a guarda avançada do furacão.

No fundo reconheço que o marinheiro não anda mais exposto à morte que outro qualquer homem, seja qual fôr a sua condição. Acode-me uma anedota, de pensamento fino e saboroso. Fernando Teles da Silva, tio do conde de Unhão, subia um dia o Tejo, de Lisboa para Santarém, embarcado numa bateira. O tempo estava desabrido e a água encapelada. Naturalmente Teles da Silva foi levado a falar nos perigos a que andam expostos os navegantes.

— Eu cá — disse o arrais — não sei que coisa é mêdo. Meu avô, meu pai, e um irmão meu morreram afogados no rio, no mesmo rumo que hoje levamos. Se o meu destino é acabar como êles, paciência!

— Então não sente receio, — contestou Teles da Silva — depois dêsses exemplos todos, de continuar numa vida tão arriscada?

— Vossa Senhoria tenha a bondade de me responder: — tornou o barqueiro. — Como morreu seu pai?

— Meu pai morreu na cama, com os dias cheios.

— Talvez que seu avô não tivesse a mesma dita?!

— Qual?! Meu avô morreu igualmente na cama em idade provecta.

— Bem; explique-me agora Vossa Senhoria como é que tais exemplos de família o não impedem de se deitar tôdas as noites na cama, uma vez que foi aí que os seus acabaram a vida?

Achincalhe à Ordem de Cristo. O que M.me Aulnoy não compreendeu. Disputa entre a Ordem de Cristo e a Ordem do Tosão. Cavaleiros ciosos dos seus privilégios. A insígnia em almoeda. Comendadeira, sim, cavaleira, não.

O ofício de carpinteiro que Jesus exerceu real ou supostamente lesou-o muito no conceito dos espanhóis, que não são gente para dobrar a cabeça a coisas que destoam do seu sentimento, ainda que consagradas e santificadas pelo universo em pêso.

Madame d'Aulnoy encontrando-se em Madrid no dia solene do Corpo de Deus, ao tempo de Filipe IV, legou-nos uma descrição das festas em que tal juízo é expendido senão demonstrado.

«Mal o Santíssimo torna à igreja — escreve ela — todos correm a ir jantar, para ter tempo de assistir aos autos. Autos são certas tragédias religiosas, de contextura e desempenho bastante extravagantes, que representam nos pátios, ou em plena praça, diante da casa do alcaide, como preito à sua dignidade. Assiste o rei e as famílias distintas da côrte, às quais é enviado de véspera participação e convite. Ora para o auto que teria lugar naquele dia foi-nos mandado um bilhete, e cheia de curiosidade aí

fômos. A nossa primeira surprêsa foi que tivessem acendido tantas lanternas, com o sol batendo de chapa nos cómicos e derretendo a cera como banha. Mas o meu pasmo não parou ali. A peça levada em espectáculo excedia em impertinência tudo o que a imaginação pode conceber. Calcule-se por êstes breves pormenores : Os cavaleiros de Santiago estão reünidos em assembleia, quando Jesus-Cristo aparece e roga que o admitam na Ordem. Trava-se discussão e, se uns opinam favoràvelmente, os mais antigos expõem o deslustre que há em admitir uma personagem, da classe mecânica, visto que o pai não passava de pobre marceneiro, e a mãi, a Virgem Maria, de modista. Jesus-Cristo aguarda, inquieto e nervoso, a decisão dos cavaleiros ; e, mediante voto, a sua admissão é rejeitada, pese bem embora ao cristianismo dos grandes senhores. Mas surge um alvitre, que é de instituir uma ordem expressamente para êle. Apoiam todos, satisfeitos com o expediente, e assim é criada a ordem de Cristo, ordem rial de Portugal.»

Muitas pessoas houve e há incrédulas quanto a factos e episódios narrados no roteiro de Madame d'Aulnoy. Alguns, como o acima citado, têm o ar de consumadíssimas patranhas. A escritora, porém, não manda acreditar, nem apela para a adesão do pio leitor. De resto, em 1732, tive ocasião em Madrid de ler o auto referido, por obséquio de D. José de Canizares, famoso poeta cómico, que mo mostrou e me afiançou ter sido várias vezes levado à cena. O entrecho era conforme a descrição de M.me d'Aulnoy.

A ilustre viajanta, depois de falar no desempenho da peça, acrescenta estas palavras de comentário, menos certas:

«Os espanhóis não armam estas tragédias com o menor espírito de achincalhe; é gente séria que preferiria morrer a faltar ao respeito que se deve à religião.»

Neste ponto, lançado à conta da ignorância o que em boa razão cabe à malignidade, se enganou M.me d'Aulnoy redondamente. Mas compreende-se; não podia informar-se de tudo, adivinhar, sem que lho dissessem, que o fim do auto que lhe deu no goto visava nem mais nem menos do que a criticar e meter a ridículo os cavaleiros da ordem de Cristo de Portugal. O autor da tragicomédia, sem se deter com irreverências, tomou a peito mostrar quanto a ordem de Santiago de Espanha era superior à ordem de Cristo de Portugal em altura e na fidalguia estreme dos seus cavaleiros. Para tanto, não se acanhou de enxovalhar a religião na pessoa do seu fundador, e baralhar coisas profanas com sagradas. E o público gostou, visto o agrado e aplauso que repetidas vezes manifestou.

Mas que tinha lá isso para a nobreza da Ordem de Cristo ter exercido Jesus a profissão de carpinteiro? Também Maomet tinha um ofício; era pastor. Todos os maometanos devem praticar um mister, sem excluir o próprio Sultão. O Profeta estabeleceu que o soberano, antes de ser coroado, fôsse obrigado a provar que tinha aprendido um ofício e que sabia

usar dêle. A história regista o facto de alguns sultões viverem do produto do seu trabalho; em Andrinopla mostram-se ainda os aparelhos de que Amurate se servia para fabricar flechas, que eram vendidas no serralho em seu benefício. É de crer que os cortesãos pagassem por quantias bem puxadas os artefactos do imperador.

Hoje em dia, em palácio, está-se muito longe da operosidade antiga. Os sultões nem sequer se dão ao desenfado de aparar as unhas; existe um eunuco destinado a esta função, com pergaminhos de nobreza. Debalde Maomet deixara o seu exemplo e a máxima: «o pão ganho com o suor do rôsto é o mais saboroso que o homem pode comer».

Já Octávio Augusto, sobrinho e sucessor de Júlio César, convencido que a fortuna dos príncipes é inconstante, mandou ensinar às filhas as artes mecânicas. Aprenderam a fiar na roca e a coser a roupa.

Se um dia caírem na necessidade, — dizia o imperador — têm modo de vida de que lançar mão.

Os judeus costumam dizer em guisa de provérbio:

— O pai que não dá uma arte aos filhos, ensina-os a roubar.

E os árabes por sua vez professam:

— O mandrião e o ocioso são os companheiros do Diabo.

Profetas, patriarcas, santos varões ganhavam a vida trabalhando. Adão era jardineiro; Abel, zagal; Sete, tecelão; Enoque, alfaiate; Noé, carpinteiro de

náus ; Moisés, pegureiro. «As minhas próprias mãos — exclama o apóstolo S. Paulo — forneceram-me e àqueles que me acompanhavam o necessário para viver.» Finalmente, reza a lenda que S. José era carpinteiro e que Jesus-Cristo também exerceu o ofício. Os tratadistas sagrados, pelo menos, assim o dizem. Entre os cristãos primitivos do tempo de Juliano esta tradição era corrente. Uma pequena anedota o confirma. Como é sabido, Juliano morreu à meia-noite de 26 para 27 de Junho de 363, atravessado por um dardo quando acossava os persas nas margens do rio Tigre. Ainda se não sabia, nem podia saber nada, em Antioquia do fim do imperador, quando Libânio, sofista célebre e admirador de Juliano, preguntou a certo gramático cristão em tom de chalaça :

— Que estará a fazer neste momento o Filho do Carpinteiro ?

— Um caixão para o vosso herói — respondeu o interpelado.

À face do sucedido, a frase alcançou foros de predição. Além desta, correu ao tempo que foram muitas as santas criaturas, mediante revelação, a ter preconhecimento da morte do inimigo.

O espanhol é, de verdade, como o hipócrita do evangelho que não descobre a trave no seu ôlho e enxerga o argueiro no do vizinho. Querendo realçar a ordem de Santiago passa por cima de todos os seus exemplos degradantes para só considerar os fracos da ordem de Cristo de Portugal.

Fundada esta ordem sôbre as ruïnas dos templá-

rios por D. Denis, uma bula do papa João XXII, dada em Avinhão e datada de 14 de Março de 1319, trouxe-lhe pergaminhos de nobreza. Não é lícito pôr em dúvida o mérito, valor, e honra dos seus primeiros cavaleiros. Pode abrir-se a história nacional e êles aí aparecem galhardos, inquebrantáveis, em prol de Deus e do rei. Com o tempo, a ordem perdeu o privilégio de ser governada por um mestre, eleito no corpo dos cavaleiros. D. João III, no ano de 1551, requereu e obteve do papa Júlio III para si e seus sucessores a dignidade do mestrado. Desde então, o grau supremo, nesta ordem, bem como nas ordens de Santiago e de Aviz anda inseparável da Coroa.

É inegável que, mal cessaram na Europa as guerras com os infiéis, o entusiasmo e bravura dos cavaleiros de Cristo esmoreceram muito. O papa desligou-os do voto de celibato e desde logo o espírito da ordem se modificou. Entregues ao govêrno de suas casas, fazer fortuna, cuidar dos filhos, de cavaleiros só conservaram o nome; por êle, apenas, se sabe hoje que derivam dêsses famosos lidadores que há quatrocentos anos ilustraram a sua grei.

A-pesar-de tudo, esta é ainda a primeira ordem em Portugal. Sucedem-lhe por escala de importância a de Santiago e a de Aviz. Tem aquela a preferência nas cerimónias públicas e as pessoas riais não ostentam outra. Os maiores do reino têm-na em grande aprêço e para a merecer não há sacrifício ou acção galharda que não cometam, a bem do soberano ou da nação, na guerra ou na paz.

O monarca pode dispensar o hábito a quem muito bem lhe aprouver, mas não os graus de nobreza necessários à provisão de tal graça.

Acima do próprio rei, há o tribunal da Consciência que examina e aceita ou recusa os candidatos. Entre outros requisitos são-lhes exigidos quatro quartéis de nobreza ininterrupta. O parecer do tribunal não sofre recurso.

Não há exemplo de que tenha sido admitida cavaleiro pessoa que não satisfaça à condição citada, o que está conforme às regras da instituïção primitiva. Desde que o tribunal dá por boas as provas prestadas, o pretendente passa a ser legítimo cavaleiro do reino. E a grande honra está menos em ser agraciado que em receber um testemunho público de antiga e ilustre fidalguia.

Os reis de Portugal, ùltimamente, abriram balcão de comendas. Quem não estiver habilitado segundo as devidas formas, pode concorrer, dinheiro na palma. Para tal fim se criaram dispensas, de cifra variável, podendo atingir de dois mil a vinte mil cruzados. Os cubiçosos de dignidades têm assim maneira de afidalgar com a fita vermelha as suas vestes plebeias. Sai-lhes caro, mas em suma, satisfazem a vaidade.

Seja como fôr, aponta-se a dedo o ricaço que comprou a comenda a pêso de oiro e que nunca poderá chegar a confundir-se com o autêntico fidalgo que, provando sua nobre costela, foi galardoado por mérito próprio, e, com as honras, aufere a tença

respectiva. Mas fora do reino já não sucede o mesmo.

Há quem desdenhe das insígnias portuguesas, sabedor da almoeda em que estão, e mal instruído dos usos e política da côrte de Lisboa. Por via de regra, é esta a gente vulgar. Pessoas polidas e de qualidade sabem muito bem o conceito que umas e outras merecem, não obstante a sua franca inclinação ir para as insígnas militares, adrede destinadas a premiar o valor e a heroicidade. E se é certo a ordem de Cristo não provocar em muitos estrangeiros ilustres a vénia requerida, é que ficam de sobreaviso até o momento de averiguar se é um autêntico cavaleiro que a estadeia ou um *cavaleiro de dispensa*. E têm razão ; o lôgro às vezes traz conseqüências funestas. Em atenção a trinta e cinco anos de serviço de meu pai, el-rei conferiu-me o título de cavaleiro em 1729, e a Mesa da Consciência o confirmou. Pois não obstante a minha dignidade e ser português, eu mesmo fico de pé atrás sempre que diante de mim se mostra um cavaleiro de Cristo que não conheça. Para prova de quanto é razoável êste critério, permito-me contar um passo que se deu, sem omitir pormenor que pareça deslustrar ou dignificar a ordem.

Em 1732, jornadeando eu de Lisboa para Madrid, entrei na estalagem de Lobón, onde o dono me acolheu muito mal. Os meus criados pediram coisas que lhes eram necessárias, respondendo êle de cara dura que não dava nada, sem primeiro ser pago adiantadamente. Os criados vieram-me com a parte

e eu recusei-me a acreditar. Tal pretensão era tudo o que há de mais estúpido e desbocado. Mandei, chamar o estalajadeiro.

— Os criados de Vossa Senhoria não inventaram, não senhor — disse-me êle. — Depois de eu lhe contar o passo que aqui se deu, Vossa Senhoria, se é um verdadeiro fidalgo, há de achar-me razão e aprovar. Pois saiba Vossa Senhoria que há obra de dois anos passou por aqui um cavaleiro, ou antes gatuno em trajo de cavaleiro, que me ia desgraçando. Hospedou-se em minha casa e aqui ficou semanas a fio. Gastava como um príncipe e, tolo de mim, sôbre a medalha que dizia de oiro e sôbre o baú que parecia cheio de roupa, adiantei quanto me pediu. Estava à espera de dinheiro que lhe havia de chegar de Madrid para poder seguir jornada e, em troca, na minha boa fé, trazia-o nas palmas das mãos, boquinha que queres, coração que desejas. Vai uma bela noite, quando eu menos esperava, deu às de Vila Diogo. Fui a avaliar a medalha, era de latão; abri o baú, tinha dentro só pedras e tijolos. Pois inculcava-se cavaleiro de Cristo! Diga-me agora o meu bom senhor se tenho ou não tenho motivo para desconfiar de gente que traz essas veneras, como Vossa Senhoria, meu fidalgo?! Os criados juram e trejuram que Vossa Senhoria é bem o que parece, cavaleiro de Cristo. Mas ponha-se agora no meu lugar, escarmentado como estou, e diga-me na sua consciência se lhe devo adiantar qualquer coisa que me não pague antecipadamente?!

E, como eu quedasse um momento a considerar o homem vítima de tal burla, suspirando, acrescentou:

— Fiz uma jura de nunca mais me fiar em insígnias. Diga lá, Vossa Senhoria, se a devo quebrar.

— Não, meu amigo, — respondi eu — não a deve quebrar. Seria pecado e mais que isso uma imprudência que lhe podia custar caro.

Abri a bôlsa e dei-lhe o dinheiro proporcional à despesa que calculava fazer. Serviu-me admiràvelmente; no dia seguinte, no acto de partir, apresentou-me mil desculpas e pediu-me perdão da sua pouca cortesia.

Em Madrid vim a saber que o estalajadeiro fôra burlado por um moço, português de origem, filho dum negociante de couros, a quem tinha roubado soma que orçava entre doze a quatorze mil cruzados e corria mundo em qualidade de cavaleiro duma ordem que nunca recebera.

Em 1735 êste mesmo vagabundo apareceu em Viena e, sem atentar que morava na cidade o ministro plenipotenciário, conde de Tarouca, teve o descaro de se mostrar na Ópera, revestido da cruz de Cristo. Desastradamente para êle, eu encontrava-me no teatro. Cheguei-me ao homem e falei-lhe. Deu-se como natural da província do Minho, da família dos Perdigões. Conversámos e eu vi logo que estava na presença dum embusteiro.

Nessa mesma noite contei a aventura ao plenipotenciário, que me respondeu estar já informado. E acabou, depois de me dizer que o homem lhe pare-

cia suspeito, por me dar carta branca para eu proceder como melhor entendesse.

No dia seguinte pus os meus espiões em campo, que, cêrca das quatro horas da tarde, me vieram informar que o sujeito se preparava para saír de carro. Corri ao encontro dêle a tempo de o colhêr na praça dos Jesuítas. Fiz sinal ao cocheiro para parar e propus ao homem esta alternativa: ou de tomar lugar no meu coche e ir apresentar os respeitos ao ministro de Portugal, ou entregar-me a cruz da ordem de Cristo. Como recusasse aceitar o primeiro partido, adoptei eu o segundo: um dos meus lacaios arrancou-lhe as insígnias com tanta fôrça e decisão que lhe veio agarrado aos dedos um pedaço das rendas da camisa.

Depois disto, soube que se demorou três dias em Viena e desapareceu. Meses depois é que vim a averiguar que era o mesmo homem a quem devia a ofensa que me foi feita em Lobón. Tinha-me vingado e não pude deixar de sentir um secreto prazer por isso.

No ano de 1733, tendo resolvido casar-me em Viena, em segundas núpcias, com D. Eufrosina de Puechberg e Enzing, senhora solteira, tive que ir prestar juramento perante o Consistório desta cidade que a minha primeira espôsa era falecida. À entrada daquele tribunal, o porteiro pediu-me a espada. Recusei-me a dá-la. Foram avisar o bispo. O prelado que me conhecia mandou-me dizer por um dos conselheiros que eu não tinha outro remédio senão sub-

meter-me às leis da nação e às práticas tradicionais do Consistório, que não autorizavam a entrada no paço, com espada, a quem quer que fôsse.

Respondi que o principal ornamento da ordem de que fazia parte consistia no uso da espada e que um dos grandes privilégios era o poder e dever trazê-la sempre e em qualquer ocasião, sem exceptuar o acto sacrossanto da eucaristia, que podia receber de espada no talim.

O bispo replicou-me que ainda não havia três dias que o conde de Sinzendorf estivera no Consistório e que não pusera dúvidas em entregar a espada nas mãos do porteiro. Demais, eu devia saber que o conde era cavaleiro do Tosão. Um tal exemplo era de crer que me bastasse.

Trepliquei, por canal do conselheiro, que a ordem do Tosão de Oiro, pôsto que muito ilustre, não gozava das mesmas regalias que a minha, regalias que os papas e outros príncipes haviam outorgado particularmente às ordens militares. Pertencendo eu a uma dessas ordens, não me permitia a minha honra de cavaleiro separar-me da espada, o próprio rei não tendo competência de me privar dela, a não ser que me tornasse réu do crime de lesa-majestade. E terminei, gracejando, que no caso em que me via era-me mais fácil dispensar mulher do que quedar sem espada.

O conselheiro, enfadado com a graça ou com os recados que eu o obrigava a levar e trazer, proferiu formalizado:

— Espanta-me que Vossa Senhoria reclame um tratamento diferente daquele com que foi recebido o conde de Zinzendorf!

— Senhor conselheiro, — disse-lhe eu — distinção cabe fazê-las a quem de direito. Não é o cavaleiro de Oliveira que disputa com o conde de Zinzendorf; é a ordem de Cristo que disputa com a do Tosão. Faz-me um grande obséquio frisando isto mesmo a S.ª R.ª o prelado.

O bispo mandou-me entrar para uma saleta onde não estava ninguém e onde esperei mais de uma hora. Enfim, fui chamado ao Consistório, e, a espada ao lado, na presença dos conselheiros, prestei o juramento requerido.

Finda a cerimónia escusou-se o bispo do incidente, com confessar que ignorava ser a ordem de Cristo uma ordem militar.

O próprio conde Zinzendorf e todos os meus amigos e conhecidos aprovaram esta atitude. Quanto a mim, ufano-me do sucedido; e tôda a gente será concorde em reconhecer que foi um lance honroso para a ordem de Cristo e de óptimos efeitos para o mantimento e confirmação dos seus privilégios.

Confesso, todavia, dado que tivesse entregue a espada ao porteiro, ninguém me podia censurar com justiça. Pôsto seja a espada, como disse, o ornamento principal duma ordem militar, e o sinal por distinção dum cavaleiro de Cristo; pôsto lhe seja autorizado conservá-la em todos os actos solenes a que assistem as pessoas riais e até perante a sa-

grada mesa da comunhão, dos actos religiosos o que mais humilha o homem, pois se crê na presença do Deus vivo, a-pesar-de tudo isto, os cavaleiros não podem entrar no tribunal da Inquisição, sem deixar a espada à entrada. Ora, sabendo eu que isto tinha de ser em Portugal, poderia aceitar o mesmo em Alemanha. Não é oportunidade para revelar a arrogância e o impudor com que os membros do Santo-Ofício se arrogam o direito de passar por cima das prerogativas das ordens militares. A culpa é dos próprios cavaleiros em testemunhar aos inquisidores um respeito e submissão, impróprios de pessoas que contraíram o voto de ser nobres. Se o presidente do Consistório em Viena estivesse a-par dos usos da Inquisição, talvez não me permitisse o acesso, de espada, e bem andaria. Bastava que invocasse essa circunstância, para eu não ter nada que responder-lhe.

Há cêrca de quinze anos que o conde de Paaz, correio-mor da côrte imperial, solicitou do soberano português a graça de ser nomeado cavaleiro da ordem de Cristo.

El-rei deferiu, mas que eu saiba até a data em que saí de Viena, 1740, ainda se não tinha celebrado a cerimónia de investimento.

A partir de então, ignoro o que se tenha passado a tal respeito. Sem dúvida que as aspirações duma tão elevada personagem dignificam e robustecem o prestígio da ordem.

Já no ano de 1736, o rei de Portugal concedeu a

cruz de Santiago a Carlos Tier, alemão, a pedido do imperador Carlos VI, seu amo. Seu amo, ou seu irmão natural, como pretendem as bôcas do mundo, a avaliar pela extraordinária semelhança de feições que há entre os dois.

Foi-lhe conferida a ordem a 26 de Julho do mesmo ano, conforme as ordenanças, na igreja dos capuchinhos de Viena.

A cerimónia realizou-se com muito brilho e magnificência, tomando parte três cavaleiros de Cristo, D. Denis de Almeida, fidalgo português que servia no exército alemão com a patente de general, o Dr. Garelli, protomédico e intendente das minas que eram pertença do imperador, e eu. Êste Dr. Garelli tinha sido investido em Lisboa, no reinado de Pedro II, ao tempo que Carlos IV se encontrava de visita à côrte portuguesa, sob o título de Carlos III de Espanha.

Tier prestou juramento diante do P.e Milré de Santa Dorotea, celebrando-se depois missa de pontifical. Assistiu o que havia de mais nobre em Viena, curiosos uns de presenciar práticas que lhes eram desconhecidas, outros por homenagem ou deferência com Carlos Tier.

Finda a cerimónia, o nosso cavaleiro ofereceu um jantar de quarenta talheres no próprio refeitório do convento. O P.e Santa Dorotea ocupava a presidência, dando a direita a Carlos Tier, após o qual se seguia a minha pessoa, e em terceiro lugar o guardião do convento. Denis de Almeida tomou a es-

querda e sucessivamente o conde de Cervellon, grande de Espanha, e o P.e Agostinho de Lugano, capelão e pessoa de grande pêso junto do imperador. Os restantes abancaram segundo as suas importâncias, e os monges, em número de setenta e cinco, abancaram consoante era costume, sendo todavia servidos ao mesmo tempo que nós.

Foi um jantar opíparo, regado de vinhos velhos preciosos, farto das mais delicadas iguarias e dos doces e frutos mais raros. Carlos Tier conduziu-se como um magnate de primeira plana.

A ordem de Cristo não pode ser conferida a senhoras seculares. Há dois conventos em Lisboa, o de Santos e o da Encarnação, de que são religiosas damas da primeira sociedade, que vestem o hábito desta ordem, e se conduzem pelas regras da primitiva instituïção. Assim, gozam da faculdade de saír da clausura, visitar as famílias, quedar com elas muitos dias.

D. Luiz da Cunha, que morreu embaixador de Portugal em Paris, num lance de alta extravagância em Haia, afectou dar a cruz de Cristo a M.me Salvador. Nada me estimulou tanto como ouvir aos judeus holandeses que entre êles havia uma dama *cavaleira de Cristo*. Debalde os quis persuadir que D. Luiz da Cunha não tinha atribuïções para conferir uma comenda. Objectaram-me que o ministro representava a pessoa de el-rei e que, portanto estava no seu direito condecorar quem muito bem lhe apetecesse. M.me Salvador punha o hábito, era pois *cavaleira*.

TRADIÇÃO, CRENÇAS, FANATISMO

Práticas religiosas do tempo. Bens-de-alma, missas pedidas. Legados e seus abusos. Missas por intercessão particular. Oblatas ao amor.

«Fazer o bem-de-alma» é uma prática muito seguida pelas criaturas devotas, tanto em Espanha como em Portugal. Se os corpos são despojados das riquezas terrestres, as almas ficam-nas gozando, mediante os encargos, confiados *post-mortem* a esta ou àquela paróquia, a êste ou àquele convento, de missas, responsórios e aniversários solenes. Legados desta ordem se são, umas vezes, voluntários, ditados pela devoção, outras, são fruto de pura indústria dos frades e confessores.

Uma senhora do Minho, possuidora de grande fortuna, quando menos se esperava, caíu em letargia de que não mais acordou neste mundo. Acudiu à cabeceira o confessor que era congreganista e, como ela não deixara testamento nem estava no uso da palavra para fazer disposição dos bens, disse à família que sempre lhe manifestara a intenção de empregar tudo o que tinha no bem-de-alma, nomeando seus executores os religiosos. Riram os herdeiros da pretensão do padre, que de modo algum poderia prevalecer, no que muito se enganaram. Momentos antes

que expirasse, voltou aquele com um notário e, abeirando-se da moribunda, assentaram que estava no gôzo pleno dos sentidos.

Aproximou-se, em seguida, do ouvido dela e preguntou:

— Diga, minha senhora, é ou não verdade instituir a Casa, a que indignamente pertenço, herdeira e universal testamenteira, com o encargo de empregar os haveres no bem-de-alma?

Por um aceno de cabeça a moribunda declarou, duma maneira ostensiva para todos, que tal era a sua vontade.

O notário, consoante a etiqueta, repetiu a pregunta e, novamente, ela baixou a cabeça em sinal de aquiescência. Certificado o que, lavrou o auto e, após assinatura das testemunhas segundo as formas da lei, se retirou. A mulher faleceu pouco tempo depois e os religiosos entraram em posse de mais de cinqüenta mil cruzados, sem se importarem com a família que ficava na penúria.

José da Costa Pereira, capitão de dragões, natural da mesma província, que me contou êste passo, acrescentou:

— Agora quere saber? A moribunda acenou que sim, porque, destramente, o finório lhe tinha insinuado a mão por baixo da cabeça e lha fazia mover nos momentos precisos. O notário estava feito com êle, graças à espórtula de mil e quinhentos cruzados.

Costa Pereira sabia o caso de fonte limpa, da

própria bôca da mulher do notário, com quem nutriu relações de amor depois da morte do marido.

Com receio de denúncia ou indiscrição, os congreganistas faziam-lhe, de tempos em quando, bons presentes. Como êste, muitos outros legados caíram em mãos indevidas, por malas-artes.

A pretexto ou não de bem-de-alma, é comum entre os portugueses deixar-se a fortuna a conventos e confrarias. A verba maior é destinada a missas, pela quantidade se graduando a devoção e generosidade do finado. Daí a pingadeira choruda e contínua de dinheiros nas mãos dos irmãos de S. Francisco, de S.to António, de S.to Inácio, ou de Nossa Senhora, entretanto que, não raro, os herdeiros legítimos ficam por portas.

Êste comércio das missas é importante. Como na América não há sacerdotes bastantes para dar vasão às missas que os defuntos deixaram encomendadas, despacham-nas para Lisboa. As quantias que anualmente entram nas caixas dos conventos por êste canal não têm conto. O preço duma missa em Lisboa regula por seis vinténs; mas os fiéis por magnanimidade ou vaidade, para deixar uma boa idea de suas pessoas, sobem muitas vezes o preço. E deixam missas de doze vinténs e mesmo de pinto. Freqüentemente da América lhes encomendam, também, missas de pataca, 720 réis, e eu já as vi pagar a quartinho.

Se uma senhora de boa condição cai doente, promete uma *missa pedida* a S.to António para lhe restituir a saúde. Como o mais vulgar é ser atacada dum

catarro ligeiro ou andaço sem importância, S.to António e os mais santos milagreiros operam qüotidianamente uma infinidade de curas. E o santo ganhou a *missa pedida,* cuja espórtula é tirada do peditório de esmolas por parentes e conhecidos, em sinal de humilhação e penitência. Como cada um, por gentileza, largueza de ânimo, ou afectação, contribui com grandes somas, esta sorte de missas representa, por vezes, para o sacerdote que a diz, a bonita soma de dez, quinze e vinte moedas.

Verdade que há meninas, senhoras mesmo, que exploram a indústria da *missa pedida,* extorquindo o bôlso devoto, para seu único proveito. Exemplos abundam tanto em Viena como em Lisboa. E, diga-se de passagem, melhor empregado é o dinheiro nas mãos das pobrezinhas que algures. Sejam bem embora velhacas, têm necessidade e Deus perdoará.

A propósito do valor das missas, lembra-me uma pequena anedota de que foi protagonista o P.e António Gomes, capelão do secretário de Estado Guedes Pereira no seu solar de Morfacém. Estava êle com os frades, uma manhã muito cêdo, gozando o sol na portaria do convento dos Carmelitas, chegou-se a êle um aldeão:

— Vinha pedir a V.a R.a que me dissesse uma missa...

— Está bem; vamos a ela.

— Mas... mas saiba V.a R.a — tornou êle confrangido — que só tenho três vinténs. Foi quanto pude arranjar e bem me custou...

Os frades desataram a rir e um dêles declarou:

— Homem, por menos de seis vinténs não se pode dizer missa. E já é barato. Vai com Nossa Senhora.

O P.e António Gomes, porém, teve dó do labrego e disse-lhe:

— Passa cá os três vinténs.

Entregou-lhe o camponês o dinheiro e logo meteu para a sacristia a revestir-se. Revestido, no que gastou menos tempo do que leva a dizer-se, subiu ao altar e num rufo disse a missa.

Tornando para o soalheiro, e estando eu já lá, os colegas romperam a chasquear dêle, por haver tido a baixeza de dizer missa por três vinténs.

— Terçã me côma se vocês têm razão — replicou o P.e António. — Por ali fora, da epístola ao evangelho, nem gato por brasas.

— Deixá-lo! Não há direito de rebaixar tanto a função...

— Se eu lhe disser que a missa não valeu real e meio...? Foi lá missa, foi lá nada...

O P.e António pecava por ignorantão, mas a rudeza do seu carácter era agradável e simpática. Antes de subir ao altar, para dizer missa, já levava no buxo o *quodore* de alguns copos.

Por bastante estranho que pareça, está ainda muito longe do que fazia o padre Fontaine em Viena, aí por 1735. Êste eclesiástico, francês de nação, tinha missa todos os dias numa capela da catedral de S.to Estêvão, entre as onze e as doze. Como o santo sacrifício deitava tarde, o abade, à laia de conforta-

tivo, entrava no botequim do Cordeiro, sôbre a Esplanada, mesmo à beira do hotel de Rofrano, onde eu residia, a tomar a colação matinal, regada de bons copos de Brandwein. Não se escondia ; pelo contrário, entrava até de sociedade com os meus lacaios e os do embaixador de Portugal que ali abancavam a comer. Foram estes que o deitaram ao descrédito, contando por tôda a parte o desafôro do eclesiástico. O conde de Tarouca, porém, protegia-o, além doutras personagens importantes, não lhes sendo difícil fazer acreditar ao arcebispo, cardial de Collonitz, que tudo o que se propalava acêrca dêle eram calúnias miseráveis.

Um dia, porém, êle próprio se encarregou de desmentir o protector, subindo ao altar tão embriagado que caíu em terra, no maior desmancho. Só então o arcebispo o deu por interdito, impedindo-o de celebrar.

Não são poucos os falsos devotos que vivem em mancebia pública, contra os preceitos da Igreja ; outros, o que é pior, levam vida airada, deixando umas amásias para correr atrás doutras, seduzindo, ao acaso. As suas conquistas recrutam-se, por via de regra, entre as mulheres que são simples de coração, crédulas e boas na essência. Por intenção das concubinas, à laia de sacrifícios propiciatórios, mandam celebrar missas e até festas solenes.

O capitão José da Costa Pereira tinha em seu poder uma carta dirigida por um dêstes mariolas à amante, senhora separada do marido. Nela lhe dava conta das missas que encomendara em sua intenção

e que votava às alminhas do Purgatório para que nunca mais fôsse tentada a voltar ao lar conjugal.

Com o P.º João de Carvalho, da Congregação de S. Filipe de Neri, deu-se caso análogo. Um dia apresentei-me a êle com meia moeda para me dizer dez missas pelas almas do Purgatório. Respondeu-me que não podia aceitar a incumbência pois tinha à frente trinta missas, cuja celebração não lhe era possível adiar. E, confidencialmente, declarou-me que essas missas as havia de rezar em intenção de certo fidalgo cuja amásia era freira, para que do espírito se lhe varresse para todo o sempre a memória doutro galante que trocara por êle.

Peregrinações e romarias. O camelo do profeta e o cavalo de S. Jorge. Os filhos dos peregrinos. Crenças várias.

ORDENA a lei que todo fiel maometano vá a Meca, ao menos uma vez na vida. A viagem, porém, é longa e arriscada, e quem quere pode estipendiar um homem que faça a peregrinação por si. Os quatro lugares de encontro para os romeiros são Damasco, Cairo, Babilónia e Zebir. As caravanas levam a marcha concertada de maneira a chegar, na véspera do *Bairam,* à colina de Arafagd, a um dia de Meca. Foi sôbre esta famosa

colina que, pela primeira vez, o anjo apareceu a Maomet. Aí está situado um dos principais santuários. Em seguida entram em Meca, onde se ergue o templo de Haram que os mussulmanos crêem ser indústria de Abraão. Assim reza o Alcorão, assim é, pese bem embora o anacronismo.

Após Meca passam a Medina, cidade que alberga o túmulo do Profeta. O sultão faz-lhe oferenda, todos os anos, entre outras coisas, dum alcorão recamado de ouro. Para o transportar escolhem o camelo mais bem lançado e esbelto da nação. No regresso, êste camelo, coberto de grinaldas e de flores, cumulado de bênçãos, é raçoado opìparamente e dispensado de trabalhar. Quando chega à extrema velhice matam-no e a carne é repartida e comida como manjar santo.

O cavalo que em Lisboa, no dia da Festa de Deus, conduz a imagem de S. Jorge, goza dos mesmos privilégios que o camelo turco. Também o geral da ordem de S. Bernardo, em Portugal, se aproxima destas regalias ; logo que termina o seu período de govêrno, é dispensado de trabalhar. Instala-se na aldeia e aí, fora da sujeição dos superiores, leva vida tranqüila e regalada.

Os peregrinos que cumpriram o romaria de Meca ficam veneráveis até a morte ; absolvidos de tôda a casta de crimes, podem cometer outros impunemente que a lei é incompetente para os condenar à morte. São, de resto, considerados como pessoas irrepreensíveis e santificadas em vida.

Conta-se que os mussulmanos índios que veem a Meca furam os olhos para, depois de terem contemplado os lugares santos, nunca mais os profanarem na visão das coisas terrenas. A dar-se crédito a Brantome, os turcos abundam em prática idêntica. «Os turcos — narra o citado autor — que visitam Meca, ficam tão transportados de júbilo ao aspecto da soberba mesquita, que não querem ver mais nada depois disso e fazem-se queimar os olhos por bacias de bronze, aquecidas ao rubro, dizendo que nada, após Meca, é bastantemente belo para ser visto e tudo no mundo fica ofuscado.»

As crianças, concebidas durante a peregrinação, são tidas como santinhas, quer sejam filhos das mulheres legítimas ou de concubinas de acaso. Mulheres veem-se oferecer ao passo das caravanas, modo de cooperarem em obra tão pia.

Também em Portugal, os meninos engendrados durante as romarias são considerados como entes destinados a grande felicidade e sôbre os quais é legítimo formar nobres esperanças. Sucede mais duma vez serem filhos adulterinos. Os guias da peregrinação fàcilmente fazem acreditar, em casos tais, ao velho espôso ou marido impotente que suas mulheres fecundaram por obra e graça do santo ou santa a que vão em romagem de longes terras.

Para estas romarias, os portugueses partem em companhia de suas amantes. Quer em Portugal, quer em Alemanha nunca peregrinei doutra forma. Permito-me dizê-lo, arrependido como estou de meus desvarios.

A quinta-feira santa na Madre de Deus. Relíquias sacro-santas. A terra de Jerusalém. A terra da campa de Santa Teresa. Medalhas que usam os devotos.

TRÊS santuários diferentes se arrogam a possessão do lençol em que Jesus Cristo foi amortalhado. As religiosas do convento da Madre de Deus, em Enxobregas, têm um que crêem ser o autêntico. Nêle se vê estampada a figura dum homem morto, nú, e coroado de espinhos. O delineamento do corpo parece ter sido feito a sangue.

Uma vez por ano, nas quintas-feiras santas, é mostrado êste sudário ao povo, na parte alta da igreja, que fica à beira do rio. Para o ver e adorar acorrem ali tôda a casta de embarcações, cheias de gente, a pontos do Tejo tomar o aspecto dum grande arraial flutuante.

Poderá causar surpreza que nunca a curiosidade me movesse a ir ver e adorar a veneranda relíquia. A verdade é que nunca esta solenidade se efectuou sem que um ror de pessoas morressem afogadas ou esmagadas na multidão. Como em tôdas as paróquias e conventos existia um sudário, feito à imagem e semelhança do da Madre de Deus, era a um dêsses que nas quintas-feiras santas rendia minha homena-

gem de devoto. O meu acto de devoção valia o mesmo e assim não corria o risco de ir a Enxobregas.

Muitos portugueses, que sete anos a fio contemplaram e adoraram o precioso original, estão sèriamente convencidos terem certa a salvação. A si mesmo se vão beatificando desta guisa.

Entre os turcos há uma prática análoga: aqueles que lerem o Alcorão um determinado número de vezes alcançam o Paraíso. Se, além disso, forem em romaria a Meca e visitarem o túmulo de Maomet em Medina, por muitos pecados que cometam, o céu está-lhes garantido.

Uma outra relíquia preciosa é a terra trazida pelos peregrinos de Jerusalém e chamada *terra santa*. Além de veneranda, atribuem-lhe não sei que préstimo físico para curar das febres e malinas, tomada à laia de electuário, delida em caldo, vinho ou água pura. Considerada pelos crentes como tirada de fresco da sepultura de Cristo, pretendem que todo aquele que a trouxer consigo anda armado de invencíveis armas contra o poder dos feiticeiros e os ardis de Satanaz.

Tive em meu poder mais dum arrátel desta pretensa terra do santo sepulcro; a relíquia, porém, era pesada de mais e deixei-a em Viena em 1740, quando de lá saí.

Igual virtude atribuem os católicos à terra ou pó tirado da sepultura dos santos. Alguns portugueses chegam mesmo a preferir à terra do santo sepulcro a terra que vem da sepultura de Santa Teresa de

Jesus. Pertenci ao número dêstes e, pôsto nas minhas enfermidades, tivesse saboreado várias terras santas, nenhuma como a de Santa Teresa me era mais eficaz e ágradável. Talvez a minha predilecção tivesse seu motivo no perfume que as carmelitas descalças, que vendem e dão esta terra, costumam misturar-lhe.

Fabricadas desta terra vendem-se imagens de Santa Teresa da altura dum dedo. As senhoras portuguesas costumam estar sempre providas destas bonequinhas, e vão rilhando nelas pouco a pouco por devoção. Às vezes, êste apetite simples torna-se depravação e tantas chuchas comem, tantas devoram, que chegam a caír doentes e algumas mesmo sucumbem sem que os remédios lhes possam valer.

Claro está que com a terra de Santa Teresa se dá o milagre conhecido da perdurabilidade. A prodigiosa quantidade de barro que há tantos anos é retirado da campa da santa em nada lá diminui, nem faz brecha. Doutro modo, o túmulo tornar-se-ia uma das mais profundas cavernas do globo.

A princesa de Valáquia, que era protestante, não atribuia virtude alguma à terra destas imagens. Em 1735, mostrei-lhe três das tais e não pequeno foi o seu pasmo perante o gôsto perverso das damas portuguesas. Todavia, estando de parto semanas depois, pediu-me uma santa-teresa para cheirar apenas — disse-me ela. E aqui está, atrás do odor veio o apetite de provar, e tragou-a tôda, como, não sem embaraço, se viu obrigada de me confessar. Em face da sua imprevista glutonaria, não caí em lhe con-

fiar outras duas chuchas que ainda hoje conservo no meu velho tesouro de relíquias.

Na Alemanha, em especial na Boémia, à terra santa de Jerusalém preferem a que é tirada da sepultura de S. João Nepomuceno, patrono dos boémios e doutros povos do império. Em 1734, quando estive em Praga, fui visitar o túmulo do santo ao *Dom*, de cuja igreja fôra cónego. Não havia muitos anos que se descobrira que o corpo do santo se conservava inteiro e a sua língua parecia tão viva que dir-se-ia querer falar. O corpo e a língua, que foi separada, acham-se presentemente na catedral de Praga.

Elevaram-lhe um rico altar, graças às oferendas dos devotos, nobreza e povo. A imperatriz Maria Isabel Cristina de Wolfenbüttel, o príncipe de Schwartzenberg, que Carlos VI desastradamente matou à caça, e o conde de Martinitz, marechal da côrte, tendo invocado a intercessão do santo para que Deus lhes desse descendência e como fôssem satisfeitos seus rogos, sobresaíram entre os mais avantajados doadores.

Com a terra, extraída da campa de S. João Nepomuceno, preparam uma massa muito fina e delgada que se presta ao fabrico de medalhas, em que dum lado se vê a efígie do santo e no reverso uma língua.

Estas medalhas vão-se tornando raras e por isso muito apreciadas. Tive duas formosíssimas. Há-as montadas em ouro, e com guarnição de pedrarias,

que as damas usam em braceletes e os homens prendem à lapela.

À falta destas, trazem medalhas do santo em oiro, prata, ou outro qualquer metal, prêsas sempre por uma fitinha vermelha à botoeira. O seu uso está tão generalizado que, da primeira vez que pisei terras da Boémia, julguei que todos os habitantes eram membros da mesma ordem de cavalaria.

A propósito de terra santa, devo lembrar que não só os cristãos, mas os próprios judeus, consideravam a terra de Judeia como mais respeitável e possuindo mais eficácia divina que qualquer outra. Tanto assim que reza a história ter uma colónia de judeus transportado para a Pérsia barro e pedras do país de Canaam com que edificar uma sinagoga.

S.to Agostinho, na *Cidade de Deus* fala dum tal Hesperius, cristão, que para se ver livre das tentações do Diabo, pendurou na alcova em que dormia, um saquinho cheio de terra do santo sepulcro.

«Foi uma devoção muito praticada pelos cristãos — refere D. Calmet — esta de levarem os peregrinos terra de Jerusalém para as suas nações. Além de ser motivo de grande respeito para os donatistas, afirma-se que a imperatriz Helena, mãi de Constantino, levara grande porção para Roma que depositara na igreja de Santa Cruz, também denominada de Jerusalém.»

A igreja de Santa Sofia, hoje a principal mesquita de Constantinopla, tem as paredes incrustadas duma pedra, brilhante e translúcida como o vidro. Cristão

que vá a Constantinopla surripia pedacinhos da tal pedra, quer para recordação, quer pela credulidade em se constituir uma relíquia. Os gregos, particularmente, são useiros e vezeiros neste latrocínio. Deram-me seis ou sete dos tais cacos e por curiosidade os conservo, como a título de curiosidade, apenas, guardo ainda uma parte das antigas relíquias, em especial aquelas que foram objecto da minha devoção, e que, não sendo vulgares, merecem, segundo os princípios da religião católica, veneração e respeito dos crentes. Assim, sou senhor duma lasca da Santa-Cruz, dum cibo da mesa em que Cristo ceou antes da Paixão, dum farrapinho do lenço com que a Virgem Maria cobria a cabeça, da medida do seu pé tirada sôbre o próprio sapato. A esta última relíquia foram concedidas grandes indulgências pelo papa João XXII e confirmadas por Clemente VIII. Por cada vez que se beije, fica um cristão quite de 700 anos de penas que tenha a padecer no Purgatório em remissão dos seus pecados.

Além das relíquias citadas, tenho ainda um pedaço da bandeira que ia adiante de Jesus Cristo a caminho do Calvário, uma cruz construída com madeira do olival de Getsemane, outra com os ossos de S. Leão, S. Justino, S. Faustino, S. Martinho, S. Castal, S.to Tigre e outros.

Um museu de santas preciosidades com um longuíssimo catálogo.

Relíquias de santos. Palavras mágicas. Amuletos. Filactérios em uso. De que qualidade era a madeira da Cruz em que Jesus foi crucificado.

UMA das modalidades curiosas da crença popular está no culto das relíquias, bentinhos e nóminas. As relíquias, mormente, são objecto de veneração extrema, e mediante elas se operam grandes milagres, ao que consta.

Se alguma pessoa morre em cheiro de santidade, logo em volta do cadáver, como môscas, correm os devotos a beijar-lhe as mãos e os pés e a despojá-la das vestes. Cada um corta ou arranca um farrapinho. Muitas vezes têm de vestir ao defunto várias mortalhas umas após outras, antes de o darem à terra. Eu mesmo presenciei um espectáculo dêstes na pessoa dum comissário da ordem terceira de S. Francisco.

Anos decorridos se se abre o túmulo do bem-aventurado, os ossos e as cinzas são pilhados. Pilham-nos os amigos e partidários do morto, na mira de arranjarem relíquias, de grande préstimo para os males do corpo e as aflições da vida.

Os católicos trazem as relíquias ao peito como preservativo contra riscos e moléstias. E os mais devotos andam munidos de rezas ou de palavras

latinas ou gregas escritas em pergaminho, a que atribuem as mais miríficas virtudes.

Um médico português, João Bravo Chamisso, na obra intitulada *De Intentionibus Chirurgicis,* onde estuda certos processos de cura por meio de ensalmos, põe o problema: *se há palavras que, com serem pronunciadas, possuem a eficácia de curar e afugentar as moléstias.* Chamisso pronuncia-se afirmativamente. Louvado por muitos, Diogo Pereira, médico também e professor, publicou a refutação das suas doutrinas.

Antes de travar conhecimento com o príncipe Eugénio muitas vezes ouvi falar duma oração que trazia consigo e dizia antes de entrar nos mil passos perigosos em que sua vida correu risco. O que ouvira dizer em Portugal a êsse respeito e outros ouviram algures foi-me confirmado em Viena onde o príncipe residia. Havia mesmo pessoas, invejosas da glória e renome que êste príncipe alcançara graças ao seu muito merecimento, que atribuiam exclusivamente a essa oração o êxito que tivera em grandes feitos de guerra. Da mesma forma, atribuiam à oração a felicidade rara que gozava o príncipe, a de nunca ser ferido em combate, muito embora se atirasse denodadamente ao mais aceso das refregas.

Seja como fôr, é verdade que sempre trouxe consigo a tão decantada oração. Encontraram-lha num bôlso falso, cosido no cós das calças, quando morreu. Deram-ma logo após a sua morte e ainda

hoje a guardo, podendo-me, pois, gabar de possuir a relíquia dum dos maiores heróis do nosso século.

Em boa verdade, nunca a oração me aproveitou. Se virtude tinha era virtude transitória que morreu com aquele que dela usava. A época das minhas desgraças começou precisamente à data em que me tornei dono da fôlha de pergaminho onde além da reza se vêem figuras enigmáticas e simbólicas.

Jesus-Cristo, ao verberar a muita hipocrisia dos fariseus, disse que a sua ostentação *ia a ponto de trazerem filactérios mais largos que os outros.* Estes *filactérios* eram nem mais nem menos que as orações ou signos simbólicos que usam hoje os católicos. É — explica o sábio Spencer — um saquinho em coiro preto, suspenso por atilhos, dentro do qual se encontra o pergaminho com quatro sentenças da Lei. Quando os judeus fazem as preces, atam-no na cabeça, de modo que o saquinho cai a meio da testa, sôbre o nariz. Chamam-lhes os *filactérios* da fronte. Põem outros, também, na joga do braço esquerdo.

No ano de 1734, viajando eu de Norden para Hanover em diligência, fui companheiro de quatro judeus alemãis que iam munidos dêstes *filactérios.* Como eu nunca tinha visto semelhante coisa, o manejo que fizeram dêles, arvorando-os na cabeça e nos dedos, pareceu-me dos mais absurdos e supersticiosos. Devo notar que sôbre mim, se me palpassem, seriam encontrados documentos análogos de

crendice. Ao pescoço e no bôlso trazia infinitos escapulários e bentinhos que me deviam preservar dos perigos e maus encontros tão fortuitos nas grandes jornadas.

Filactérios se podem também chamar às relíquias dos santos, pois que à cruz guarnecida com elas e que se traz ao peito como salva-guarda contra os embustes de Satanaz se chama *phylacterium,* segundo o testemunho do jesuíta Pereira.

A mais preciosa de tôdas as relíquias é uma lasquinha da cruz onde Jesus-Cristo foi crucificado. Quem trouxer consigo o santo lenho nada tem a recear; respeitam-nos os elementos; não se afoga no mar; não o tocará o corisco.

Com isso montou-se a indústria do santo lenho. Verdade que hoje em dia poucos são os que têm a certeza de receber uma autêntica parcela da vera cruz nos pedacinhos de pau que exporta Roma. Depois são tantos, há tanta abundância dêles pelo mundo que, somados todos, não dariam tábua para uma cruz apenas, carregariam um navio.

Sentindo a lógica desta objecção, responde-se que a madeira da santa cruz não decresce, e que por uma espécie de milagre contínuo não se ressente desta infinidade de partículas que lhe levam. Nunca ouvi formular semelhante raciocínio aos papas; mas ouvi-o a teólogos.

Agora pregunta-se: de que madeira era a cruz em que Jesus foi crucificado?

Diversas e incertas são as opiniões a respeito de

matéria tão vaga. Dizem uns que composta de quatro espécies de madeira; outros só de carvalho. Objecta-se porém, que o carvalho era muito raro na Palestina, e até árvore estranha naquele clima. O que é certo é terem empregado na cruz madeira ordinária, a ninguém cabendo na cabeça que os judeus para crucificarem o Filho do Homem, que lhes era odioso e desprezível, se servissem do cedro, ou doutras madeiras preciosas.

Os teólogos que versaram a questão discordam fundamentalmente. Os portugueses inclinam-se para a opinião que dá a cruz como formada de quatro madeiras diferentes, mas também há quem admita que fôsse de cedro. Não há acôrdo nem na cristandade, nem em cada igreja, nem mesmo em Roma, quanto ao assunto. E, sendo assim, uma conclusão se impõe; os católicos nunca estiveram na posse da vera cruz de Jesus-Cristo. Se fôsse certo o conservarem há tantos séculos a preciosa relíquia, deviam saber de que madeira era constituida.

Tratos que os católicos infligem às imagens da sua devoção. Santo António depois de confessor mártir. Dislates benígnos da superstição. Padroeiros do amor.

«CALMARIA e ventos do Norte demoraram-nos três dias diante da costa. O mar era liso como a palma da mão. Desesperado, lembrou-se o capitão, que era espanhol, de rezar com a equipagem uma novena a S. Francisco Xavier para que nos tornasse o vento próspero. O milagre, porém, não se efectuou e marujos e passageiros começaram a murmurar contra os santos que não se tinham dignado aceitar-lhes os votos. O capitão, êsse, foi-se a uma Nossa Senhora de Belém, e pendurando-a pela cabeça ao mastro da pôpa, fez-lhe esta intimação:

— Minha boa santa, enquanto não soprar vento de monção, não sais daqui.

E como aquela Virgem não lhe desse ouvidos, outras pôs a tratos naquele lugar, N.ª Sr.ª do Monte Carmelo, do Rosário, e da Soledade, tantas quantas dispunha no navio.» Assim escreve Frèsier na *Rélation du Voyage de la Mer du Sud.*

No oratório da minha casa, em Lisboa, havia duas imagens, muito perfeitas, uma de N.ª Sr.ª da Conceição, outra de N.ª Sr.ª do Carmo. Lembro-me

que estavam sempre atadas por fitas e fios de pérolas, quais prisioneiras, por doce tirania de minha mãi, na crença de obter por êste meio a realização dos seus votos, que todos êles se resumiam no saüdoso desejo de tornar a ver meu pai, ausente, havia muitos anos, em serviço de El-Rei. Para deparar coisas perdidas, submetia Santo António ao mesmo rigoroso tratamento; e, se o santinho fazia ouvidos de mercador continuando no mesmo pé o sumiço do objecto, ao cabo de três dias, minha mãi retirava a imagem do oratório e ia fechá-la no esconderijo; em seguida, persistindo o santo na mesma indiferença, metia-o na tulha; e, em último caso, como pena maior, ia parar ao poço do jardim, onde ficava a boiar sôbre a água suspenso por um cordel. Se neste entretanto minha mãi volvia à posse da coisa desaparecida, o que às vezes sucedia, a veneranda imagem era retirada do penitenciário e processionalmente, pois cada pessoa da casa empunhava uma vela acesa, conduzida ao seu pedestal. Ao mesmo tempo, todos celebravam a bondade milagreira do santo e, no dia seguinte, fazia-se-lhe uma festa, seguida de banquete, para o qual eram convidados parentes e relações.

Se conto estes factos, não é com o propósito de dar uma idea triste do carácter de minha mãi, que era uma santa e digna criatura. Deus e a sociedade são testemunhas do carinho e veneração que lhe tributei. Dela recebi boa educação, conselhos sólidos e salutares, e instruções próprias a inspirar-me no respeito e amor de Deus. Tudo o que um homem

bem formado pode dever a sua mãi, eu devo à minha. Acima de tôdas as criaturas, por sentimento e devoção, eu a coloco a ela.

Citando-a como protogonista destas pequenas anedotas, só quero demonstrar uma coisa: Que não há senhora portuguesa, por muito pia e superior, que não caia nos dislates da superstição.

Mas prosseguindo: na minha mocidade tive um oratório só meu, com aquela parte da côrte celestial que me era predilecta. Aí imperavam Santo António e S. Gonçalo de Amarante, por sinal muito provadas as suas imagens por minha desaforada tirania. Uma vez solicitei-lhes que me tornassem favorável certa beldade que, constantemente, me repelia. Ocupados, porventura, em emprêsa de maior tômo, os dois santos advogados desdenharam dos meus votos. Comecei por atá-los de pés e mãos e remetê-los para baixo da cama; depois relapsos ainda aos meus rogos, visto continuar ela inflexível, transferi-os para a cisterna. Pouco a pouco, à medida que os dias passavam, desci-os até o lume de água. E já a minha ameaça de afogá-los estava para cumprir-se, quando uma carta, em trôco de tantas minhas, os salvou do mergulho. Veio-me então ao entendimento que a minha grande felicidade a devia à fineza dos dois santinhos e em conformidade lhes agradeci.

D. Pedro Henriques, moço da minha igualha, possuía uma imagem de Santo António, cuja cabeça era de engonços e andava à roda. Quando lhe acontecia pedir alguma coisa ao santo que não fôsse

deferida, voltava-lhe a cara para as costas. Pretendia êle que o santo, inconsolável por não poder contemplar o Menino-Jesus que trazia ao colo, lhe concedia, por via de regra, tudo o que solicitava. Ora, como a Pedro Henriques faltava quási sempre dinheiro para bambochatas, o pobre Santo António nunca tinha a cabeça no seu lugar.

Há, porém, a considerar que quando se quere obter um favor de Santo António, trate-se bem embora da mais injusta e criminosa requesta, o primeiro requisito para obter ganho de causa é arrancar-lhe dos braços o Menino-Jesus, maneira de exercer pressão sôbre a sua insuperável amargura. Mas nada é novo nas superstições; iguais tratos cometiam os pagãos com os ídolos, a-fim-de os aliciar à sua causa.

Autos sagrados. Os corvos de S. Vicente de Fora. S. Bento, advogado contra a bicheza. A aranha de S. Norberto. O deus das môscas.

Em Portugal e noutras nações católicas é costume transportar para o teatro episódios do *Flos-Sanctorum* e mesmo vidas inteiras de bem-aventurados. E, fazendo-o, não têm pejo de expôr os santinhos com fraquezas e defeitos ao escárneo e divertimento das plateias.

Como porém, na representação dos autos sagrados, os autores e actores seguem passo a passo a teologia e a tradição hagiográfica, ninguém tem nada que lhes dizer, mostrando-se conformes as próprias autoridades da Igreja.

Nesta matéria, os pagãos não eram menos nem mais difíceis. Aristófanes punha os deuses em cena com igual liberdade. Os romanos usaram da mesma indulgência.

A Mesa Censória, no entanto, que tão tolerante se mostra sempre que poetas ou historiadores tornam públicas as mazelas dos santinhos, condena implacàvelmente os autores que verberam os vícios dos prelados ou dos grandes da terra.

É sabido que os católicos votam particular culto àqueles dos bem-aventurados que, antes da santificação, levaram vida dissoluta e desregrada. Com lisonjeira insistência falam de S. Paulo como de perseguidor cruel, de S. Pedro como de renegado, de S. Cipriano como de feiticeiro, de S. Gil e de S. Guilherme como de dois celerados, de Madalena e de santa Taís como de cortesãs. É sôbre os pecados dêstes mimosos do Senhor que os prègadores bordam seus sermões e homilias.

As agiologias relatam que os animais ferozes se tornavam tratáveis e familiares com os anacoretas do deserto, lambendo-lhes os pés em sinal de respeito, saindo a caçar para êles, servindo-lhes de companheiros e guardas.

Ainda hoje o cabido da Sé de Lisboa custeia a

alimentação dos corvos que elegeram guarida nas tôrres. E isto em obediência à tradição que reza terem estas aves guardado e escoltado por mar o corpo de S. Vicente, e terem-no, depois, seguido até a catedral onde foi inumado. «Empoleirados um na proa, outro na popa do navio — diz a história — acompanharam-no até o túmulo e daí nunca mais se afastaram.» Muita gente está convencida que os corvos que os cónegos hoje alimentam são os mesmos que obsequiaram o santinho em sua viagem por sôbre as águas, e que por graça de Deus vivem ainda. A lenda tem os seus crentes, e, bem entendido, não são os senhores cónegos que se dão ao cuidado de dissipar esta ilusão no espírito dos ignorantes.

Santos há, também, aos quais é atribuida a virtude de purgar os campos de bicharia, ratos, gafanhotos, formigas. S. Bento é o temível caçador das aranhas. Mal se avista uma, pronuncia-se : S. Bento! S. Bento! e logo ela pára e pachorrentamente se deixa trucidar. Há em português uma espécie de hino a êste taumaturgo que começa assim :

Quando S. Bento era estudante,
Nenhum bicho ia por diante.

Durante muito tempo acreditei na eficácia milagreira do santo, e, embora me pese, devo confessar em nome da verdade que dois anos depois de sair de Portugal trazia ainda ao peito a medalha de

S. Bento, como preservativo contra aranhas e aranhões, bichos de minha particular aversão.

Conta-se que o santo patriarca, um dia que dizia missa, reparou que uma aranha peçonhenta tinha caído no cális, já consagrado. Pois o celebrante não hesitou em emborcar o líquido e Deus operou o milagre da sua conservação, pois que, segundo a ordem natural, a morte era certa.

Em memória dêste prodígio, guardam os frades da ordem de S. Bento a prerogativa de elevar o cális coberto com a patena. Não há muito que os cónegos premonstratenses disputaram êste milagre da aranha em proveito de S. Norberto, fundador da ordem.

Na *Vie de St. Norbert,* pelo P.e Hugo lê-se com efeito:

«Estava S. Norberto celebrando o divino sacrifício da missa, caiu-lhe uma grande aranha no cális que acabava de consagrar. Um outro qualquer teria hesitado em tragar o veneno; o ardor da sua fé não lhe consentiu dúvidas. Preferindo morrer a cometer uma irreverência como seria a de tirar o bicho, pois que à certa arriscava entornar alguma gota do sangue de N. S. Jesus-Cristo, emborcou o cális esperando o trespasse a pé firme. Um momento depois espirrava e, caso singular, a aranha saiu-lhe viva pelas ventas.»

Certo médico, sem recorrer a antídotos, engolia duas ou três aranhas, das grandes, num copo de vinho, regularmente, tôdas as manhãs. De-certo com-

partilhava a opinião que, longe de fazerem mal, são um específico excelente contra certas enfermidades, especialmente a ética.

A ser verdadeiro êste asserto, de que duvido mormente no que respeita às aranhas de Portugal que são extremamente venenosas, fica confutado o milagre de S. Bento ou de S. Norberto. Quem sabe se não tinham por hábito engolir aracnídeos?

Nisto, ainda, os pagãos foram os precursores.

Josephus Scaligerus, Vossius e Grotius pretendem que os judeus, para ridicularizar Beelsamen, ou Deus do céu, dos acaronitas, lhe chamaram Beel-Zebub, deus das môscas. Outros historiadores, porém, à testa dos quais se acham Bochart, Selden, Jurieu e Le Clerc combatem esta versão, sustentando que o nome de Beel-Zebub, longe de ser qualificativo de desprêzo, significava o poder que o deus tinha de livrar de môscas os lugares onde era venerado. Em abôno, cita-se o facto do rei Achazja que, dando em cismar com a doença que o apoquentava, mandou consultar o oráculo, não do Deus que tudo sabe, mas de Beel-Zebub que tinha o santuário em Acaron.

Escritores há que emitiram a hipótese de Beel-Zebub assim ser denominado pela circunstância de o adorarem em forma de môsca. E fundamentam-se no facto dos Setenta e de José sempre tratarem êste ídolo pelo deus môsca. D. Calmet observa a êste respeito que à môsca eram tributadas honras divinas, como ao gato, ao lôbo, às formigas, aos ratos.

Em suma, parece aceitável que Beel-Zebub fôsse chamado o deus das môscas, por possuir o condão de enxotá-las dos lugares, ou pelo menos dos templos onde era adorado.

Superstições poéticas. Usanças e festas de ontem e de hoje. A piedade da pecadora

No ano de 1714 estava-se no mês de Julho, tomei um barco para a Póvoa, aldeia ribeirinha que fica a cinco ou seis léguas de Lisboa. A alturas de Sacavém, desencadeou-se tão furiosa tempestade que duas embarcações se afundaram num repente e nós vimos a morte diante dos olhos. Invoquei neste transe N.ª S.ª da Penha de França e tive a sorte de escapar do naufrágio, aproando felizmente à terra.

No regresso a Lisboa, dirigi-me com meus pais e próximos à igreja da Penha de França agradecer a Nossa Senhora o milagre que obrara em meu favor. Mandámos rezar missas no seu altar, deixámos uma esmola em dinheiro, e na parede pendurei um retábulo comemorativo da graça que me dispensou. Ainda lá deve estar, entre os muitos que cobrem os muros do templo.

Abundam estes painelinhos nas igrejas católicas, a recordar um milagre, ou útil intercessão de Vir-

gem ou de santo. Nisto, ainda, é imitado o Paganismo e outras religiões idólatras como se lê nos antigos e descrevem os viajantes. As superstições andam sempre a par. Assim em Portugal consagrou-se o rosmaninho a Nossa Senhora a pretexto de que era com esta planta odorífera que a Virgem perfumava os cueiros do Menino-Jesus. Os pagãos votavam o mirto a Vénus. O que não está averiguado é que levassem a candura a supor que com êle aromatizasse a deusa a roupa branca de Cupido.

No mês de Agosto celebram os escravos em Lisboa a festa de N. S.ª das Neves, durante a qual gozam da mais franca liberdade. A mesma concessão lhes é feita no dia consagrado a N. S.ª do Rosário. Idêntico privilégio usufruiam os escravos na antiguidade, durante as Saturnais que caíam no mês de Dezembro.

O sábado é o dia de Nossa Senhora. Devotos da Virgem praticam a observância à sua maneira, e eu conheci uma rapariga portuguesa que tinha uma maneira singular e curiosa de santificar êsse dia. Profissional da vida airada, era-lhe defeso, a bem do bom crédito que gozava e das exigências da clientela, interromper-se na prática do seu comércio. Todavia, para testemunhar deferência e devoção pelo sábado, não empregava em seu benefício os salários que ia auferindo. O dinheiro da abominação punha-o totalmente de parte; e, escrupulosa, entregava-o ao confessor para dizer missas em honra da Virgem Maria e alívio das almas do Purgatório.

Conta Luciano que as mulheres, que não desejassem ir à tosquia durante o tempo de luto que em Biblos se votava à morte de Adónis, eram obrigadas a prostituir-se durante um dia aos estrangeiros. A receita proveniente vinha a ser aplicada no culto da deusa Vénus.

Festas que veem dos tempos pagãos. Padroeiros e oragos. A moral do latrocínio

Na nossa terra, durante o carnaval, costumam as crianças praticar um jôgo em que matam um galo. Os rapazinhos na Roma imperial davam-se também à mesma brincadeira, mas era com codornizes. Chamavam à patuscada *Ortygocopia*.

A propósito observa o Dr. Mathy que êste passa-tempo das crianças, na terça-feira gorda, é um antigo sacrifício bárbaro. Ainda hoje se pratica na Inglaterra mais do que em nenhuma outra nação e tomam nêle parte rapazelhos e homens. Consiste em lançar um galo a voar, e correr em pós dêle, jogando-lhe paus e mocas. Em certas aldeias serranas da Beira encontra-se o mesmo costume.

Pelo Natal, em Portugal, é uso matar um leitão. Lá diz o ditado: *Dia de S.to André, quem não tem*

porco, mata a mulher. O sentido metafórico do provérbio é que quem se preza mata porco, ou que, à falta de varrão, remédio é matar a fêmea, isto é a porca. A festa da matança, tal como se celebra, tem um ar pagão, qualquer coisa daquele sacrifício que os atenienses celebravam em honra de Vénus, cujas vítimas eram leitões. Denominavam-se *hysteria.*

Receosos da fuga dos escravos, os católicos criaram-lhes um padroeiro a cuja guarda os encomendam. Está neste caso S.to António da Mouraria, cuja imagem se encontra colocada em Lisboa nas portas da cidade que têm o mesmo nome. A Escritura fala duma cidade chamada Etam, situada nos confins do Egípto, onde havia um ídolo que velava para que os escravos não fugissem.

Há confessores que professam uma exagerada indulgência para com os pequenos latrocínios cometidos pelas espôsas em prejuízo dos maridos, pelas crianças em prejuízo dos pais, e pelos criados em prejuízo dos amos. O frade porteiro do convento da Boa-Hora, pertencente aos agostinhos descalços, vulgo «grilos», era adepto desta moral, sempre que os ratoneiros dividissem com êle o dinheiro ou objectos roubados. Então absolvia-os dando-lhes a entender que naquelas condições estavam quites do pecadilho. Assim adquiriu o frade porteiro uma nomeada que chegou aos ouvidos dos superiores e lhe proíbiram que exercesse o ministério da confissão.

Entre os gregos do Levante a moral citada está muito em voga. Se um penitente se acusa de ter furtado, pregunta-lhe o confessor se o roubado é plebeu ou patrício. Se o penitente responde que é plebeu, dir-lhe-á o sacerdote:

— Está bem, absolvo-te, mas quero para cá metade!

É costume em terras devotas celebrarem-se festas que redundam mais em honra do particular que as mandou celebrar que do santo padroeiro. E ocorre-me o caso sucedido com certo fidalgo que projectou festejar Santo António. Foi-se, por isso, encomendar o sermão ao P.e Lôbo, jesuíta, dizendo-lhe:

— Rogo-lhe, reverendíssimo senhor, que não se esqueça de enaltecer, como muito bem sabe, a minha devoção, liberalidade e generosidade.

O jesuíta, que o não conhecia, pediu-lhe o nome. Declinou o fidalgo a sua identidade e retorquiu-lhe o jesuíta, que era fino e dotado de entendimento mordaz.

— Sinto muito, mas não posso encarregar-me de prègar o sermão. Em parte nenhuma da Sagrada Escritura vejo mencionado êsse nome para me ocupar dêle como deseja — e, dizendo isto, voltou-lhe as costas com brusquidão.

Montezuma e os sacrifícios cruentos. Como procede o Santo Ofício. Práticas rituais. Os instrumentos de suplício.

ENTRE os muitos tributos que o povo pagava a Montezuma havia o estipêndio anual dum certo número de pessoas destinadas a holocausto dos ídolos. As mais das vezes eram os sacerdotes que fixavam a quantidade de vítimas necessária. Bastava-lhes dizer ao rei que os deuses estavam com fome para logo se proceder ao levantamento do imposto. Os sacerdotes tinham assim uma oportunidade preciosa para se vingar daqueles que faltassem, a êles ou aos seus manipansos, com a vénia requerida.

Os autores que têm escrito sôbre o reinado de Montezuma, são concordes em dizer que nunca houve dominação mais absoluta e despótica.

Enviaram um deputado a Cortez, que disse:

— Senhor, aqui estão cinco escravos. Se és um deus viril e gostas de cevar teu apetite em sangue, come-os, nós te traremos mais; se és um deus benígno, eis incenso para te perfumares; se és um homem, aceita estas aves e estes frutos.

Odiosos não o eram menos os inquisidores europeus. Queimaram corpos e, não contentes com isso,

mandaram destruir um ror de bons livros. Êles e o papa Pio V, canonizado santo, puseram a república das letras em riscos de perder o que resta de Tito-Lívio. O historiador em nada contendeu com a Igreja Romana e muito menos com a Inquisição, pois dava-se a circunstância inibitória de que nem uma nem outra existiam. Seria por um princípio de inveja ou de obscurantismo que o pontífice intentou condenar Tito-Lívio? Seria porque nas *Décadas* senadores e outras ilustres personagens, de que os papas têm a pretensão de derivar, são tratados sem amor? Mas seria recomendação de sobra para Tito-Lívio ser tido como herético e a sua obra ser inscrita no Índice?

Quási tôdas as cabeças de judeus que foram queimados em Lisboa encontram-se pintadas em pequenos painelinhos rectangulares e dispostos em guisa de retratos na igreja dos inquisidores, que é a do convento de S. Domingos, situada no Rossio. Tal prática é evidentemente copiada do paganismo, certo que os sacerdotes tinham o costume de oferecer aos deuses infernais a cabeça do criminoso que morria excomungado.

Os justiçados pelo Santo-Ofício envergam um trajo tão grotesco como pavoroso, chamado sambenito e samarra. Aqueles a que, depois de vestir o sambenito, é poupada a vida, são deportados, com perda total de bens, e condenados a trazer perpètuamente a sinistra vestimenta. A samarra está de alto a fundo sarapintada de diabos que voam, saltam, ca-

briolam, no meio de línguas de fogo. É uma espécie de camisola, embebida em alcatrão e cheia de enxôfre, a-fim-de ser mais combustível.

A estas camisolas ardentes, chamavam os pagãos *tunica molesta*. Mais molestas e horríveis que o arreio em que cingem os judeus não podiam ser! Quando ante meus olhos se levanta a figura dum dêstes miseráveis, assim enroupados, com uma mitra de papel, em laia de carapuça de palhaço, na cabeça, lembram-me os versos de Vergílio: *Et tunicas manicatas et habent redimiculis mitras*. Rémulo troçava, desta maneira, dos trajos singulares dos embaixadores troianos enviados por Eneas a el-rei Latino.

Depois de queimados os corpos, as cinzas dos supliciados em Lisboa são lançadas ao Tejo. Já os pagãos usavam de igual cerimónia. O Ródano era o depositário das cinzas dos cristãos carbonizados no patíbulo.

Os suplícios, comumente usados pelos pagãos, eram a cruz, o cavalete, a roda, o fogo, as feras, o trabalho nas minas, de mistura com o que o mau instinto soube inventar de mais bárbaro. Se crucificados, eram abandonados no calvário até expirar. Sucedia, às vezes, levarem dias inteiros na agonia. Sentenciados à fogueira, queimados pouco a pouco, lentamente, de modo a prolongar o martírio.

«Os tormentos mais em voga — conta o padre Fleury — consistiam em deitar os réus sôbre um cavalete com cordas atadas aos pés e às mãos e que roldanas a distância retesavam; em suspendê-los

pelos braços com grandes pêsos aos pés ; em moê-los à paulada, ou vergastá-los com chibatas e azorragues guarnecidos de pontas de ferro, chamados escorpiões, ou correias de couro com bolas de chumbo nas extremidades. Grande parte dos supliciados morriam no acto da tortura. A outros, estendidos ao comprido, iam-nos chamuscando com archotes ou causticando pouco a pouco com lâminas de ferro em brasa, ou rasgavam-nos com garras e pentes de ferro a ponto que chegavam a pôr-lhes as vértebras a nú e até as entranhas ; acontecia, também, o lume sufocá-los, com entrar pelas chagas nos pulmões. Quando os pacientes persistiam em sua fé, sôbre as chagas derramavam-lhes fel e vinagre, ou reabriam-lhas se começavam a cicatrizar.»

Mas havia outros sistemas de tortura, como pendurar o penitenciado pelos pés a ramos de árvore, que eram dobrados até terra a poder de pulso, e largados de salto. Açoutando o ar, o corpo do mártir quebrava-se em suas partes rígidas. Revestiam-nos também de camisas embebidas em matérias gordurosas e pegavam-lhes o fogo. E o archote humano ardia até resto, até à consunção derradeira do corpo. Encerravam-nos, ainda, no ventre dum touro de bronze e sob êle acendiam a fogueira. Atiravam-nos a caldeiras cheias de azeite a ferver ou de chumbo líquido. Ungiam-lhe o corpo com mel e expunham-nos atados a um poste às môscas e às vespas. Faziam-nos embarcar num velho batel e no meio do mar incendiavam-no.

A natureza humana confrange-se até a fibra mais íntima à simples enumeração destas atrocidades. Não obstante, no Santo Ofício praticam-se, se não tôdas, uma grande parte delas, tais como a roda, o cavalete, os azorragues, os escorpiões, as camisas inflamáveis, o fogo em suas variantes, e outros suplícios de igual fereza. Di-lo Jean Custeaud, protestante francês, lapidário de profissão, na obra por êle escrita sôbre os tormentos que padeceu em Lisboa, no tribunal do Santo Ofício.

Conta Lactâncio que quando o corpo dos mártires ficava lacerado dos tratos, imediatamente se ocupavam dêle com todo o desvêlo, de modo a uma vez curado poder ser novamente sujeito ao suplício. Idêntico sistema adoptaram os inquisidores. Nunca êles costumam aplicar a tortura, sem que ao pé esteja médico ou cirurgião, para indicar o momento em que o paciente chegou ao limite do sofrimento sensível e a sua vida corre perigo. Os próprios me confessaram as circunstâncias em que se dá a sua intervenção. Bem entendido, não é lá muito por estímulo de caridade ou humanidade que os chamam; mas sim, para que a prêsa lhes não escape pela morte. Alguns, não obstante a assistência do médico, perecem às primeiras provas. Acontece, a propósito dêstes falecimentos extemporâneos, os próprios inquisidores virem publicar que as vítimas tinham sido acusadas indevidamente e que, reconhecendo a sua inocência, se lhes reservou entêrro eclesiástico.

O Santo Ofício e a confissão de heresia. Histórias que se contam de violentação. Um romance de amor e de lágrimas. Os judeus emigrados pelo mundo e a sua saüdade.

ORDENOU o Rei de Portugal *que d'ora-avante as pessoas condenadas à morte pelo Santo-Ofício não sejam executadas, sem que as sentenças tenham sido vistas e aprovadas pelo seu conselho e firmadas por sua rial mão.*

Até a data, Portugal podia comparar-se a um relógio atrasado pela malícia e perversidade daqueles que têm a cargo dar-lhe corda, isto é, pela torpeza dos inquisidores. O seu estado, porém, não era para desesperar. Uma grande parte dos abusos, superstições e necedades que eram letra viva há cinqüenta anos, desapareceram já.

Antes da Reforma que tarde ou cedo, fatalmente, terá de operar-se, muitos precursores surgirão, e já alguns houve. Fr. Bartolomeu dos Mártires, arcebispo primaz de Braga, foi um dêles com sustentar abertamente a necessidade desta Reforma. O jesuíta P.e António Vieira, o mais ilustre e mais sábio de todos os portugueses, opôs-se no século passado à opinião ultramontana, e suscitou um movimento de protesto contra os bárbaros procedimentos da Inquisição.

O Arcebispo, o Jesuíta e eu, sem falar doutros, vamos desbravando o caminho àqueles que Deus destinou para realizá-la.

Primeiro, todavia, é preciso resgatar os portugueses do jugo nefando do Santo-Ofício.

A ordenança, estabelecendo que às suas sentenças não seja dada execução sem prèviamente terem sido aprovadas pelo conselho e confirmadas por S. M., coarctando-o desde já, pode muito bem ser o golpe de morte no odioso tribunal.

Rompeu bem o novo Rei e o novo ministério. A hipocrisia, a beatice, a perfídia do govêrno precedente foram-me de sobra conhecidas por experiência própria. O Rei Magnânimo era dotado de excelentes qualidades, capazes de ilustrar a sua terra e dignificar o trono. Desgraçadamente cercou-se dum bando de velhos ministros, desprovidos de outra inteligência que não fôsse a astúcia, os quais de gorra com prelados, inquisidores e amigos e parentes de inquisidores, tiveram artes de converter o soberano em instrumento dócil de seus interêsses. Lisonjeando-lhe as paixões e furtando-o à realidade das coisas, triunfaram à farta. Durante quarenta e três anos, que tanto durou o seu reinado, inútil procurar um só acto do poder rial comparável a esta ordenança promulgada contra a Inquisição.

Nutro esperanças de que tenha soado o dobre final para o Santo Ofício. Uma vez que S. M. manifesta a vontade de averiguar dos seus métodos, sem dúvida que se lhe tornou suspeito como a tanta

gente. É sabido e notório que muitos dos supliciados, a pretexto de que são judeus ou praticantes de judaísmo, nunca deixaram de ser autênticos católico-romanos que inimigos implacáveis vão denunciar, e que, submetidos à roda e à tortura, não resistem a confessar os crimes que lhes imputam e tantos quantos se queira, dos quais nem idea sequer lhes passou pelo entendimento.

Conheço casos extraordinários, desta natureza. Um dêles foi muito descutido e anda em livros e folhetos. Um fidalgo português de que se ignora o nome certo (conde para o Rabi Manasseh-Ben-Israel; duque de Bragança, num manuscrito meu; conde do Prado e marquês de Minas em documentos pertencentes ao Dr. António Faustino, e consoante um outro manuscrito que meu pai compulsou na livraria do conde de Vimieiro) sendo informado que o seu médico particular fôra encarcerado sob denúncia de judaísmo, escreveu a um dos inquisidores, pedindo-lhe a soltura do homem com garantir-lhe debaixo de palavra que se tratava de bom cristão. Não acedeu o Inquisidor, e levado a tormentos, confessou o prêso que era judeu, pelo que foi condenado à perda de bens e ao destêrro. Antes, porém, de partir a cumprir a pena, teve o desgraçado prática com o protector, onde lhe reiterou que era cristão de verdade e que só a poder de tormentos, superiores às suas fôrças, fizera a confissão falsa de judeu e judaizante. Estimulado, o fidalgo fingiu-se doente e mandou pedir ao Inquisidor para o vir visitar. Apareceu êste

e as primeiras palavras de boa vinda foram que fizesse por escrito declaração de judeu e a assinasse. Como recusasse, deu o fidalgo ordens aos criados para que lhe trouxessem um capacete em brasa, que adrede haviam preparado. Foi quanto bastou; à simples ameaça do suplício o Inquisidor chamou o nobre de parte e de seu próprio punho lavrou e firmou a confissão de judaizante.

— O meu médico — disse-lhe então o dono da casa — confessou pela mesma maneira. Há apenas uma diferença: êle foi sujeito à tortura, emquanto o senhor apenas intimidado.

Um outro inquisidor, convencido que era à fôrça de tormentos que os prisioneiros do Santo Ofício faziam as confissões mais inverosímeis, quis capacitar-se duma forma iniludível, para o que recorreu a um ardil singular.

Em sua casa, ao serviço da cavalariça, havia um homem, criminoso da pior espécie, foragido da justiça de El-Rei. Ora, entre outros animais de sangue, tinha o Inquisidor um cavalo de boa raça, muito garboso e enfeitado do mais belo rabo que se pode imaginar. Uma noite, quando tudo dormia, o Inquisidor foi à estrebaria pé ante pé e dum golpe cortou a cauda do ginete, tão rente que o bicho ficou a sangrar. Depois, atirando por terra a lâmina que lhe servira para a amputação, sorrateiramente, como viera, voltou à alcova e deitou-se. Sentindo-se, porém, ferido, o cavalo rompeu a estrebuchar, tal ruído levantando, que o moço, o tal bandido, acordou e

foi ver. Pôs-se êle a indagar do sucedido e estava já com a faca na mão quando a restante criadagem apareceu. Surpreendido naquele lance, que o dava como suspeito da picardia, algemaram-no, bem embora negasse a pés juntos e protestasse indignadamente estar inocente.

O Inquisidor, entretanto, simulando acordar estremunhado à balbúrdia que ia na cavalariça, tocou a campaínha e preguntou a razão do motim. Posto ao facto do que se passava e sôbre a deposição dos lacaios, fingindo não dar crédito às juras e imprecações do homiziado, entregou-o ao Santo Ofício onde ficou encarcerado.

Aplicaram-lhe a tortura, com o fim de lhe arrancar a confissão do crime de que o acusavam, que era o de ter cortado o rabo ao cavalo. De princípio, a-pesar dos muitos tormentos, a vítima negou. Finalmente, não podendo resistir às dores infernais que lhe infligiam, acabou por se declarar o autor da vesânia, confirmando-a com muitas e engenhosas invenções sôbre o fim, a maneira, as circunstâncias do seu abominável cometimento. E, interrogado em presença do Inquisidor, a tudo deu resposta clara e de modo a derramar a luz necessária sôbre o caso.

O inquisidor, depois de mandar lavrar um auto das preguntas e respostas, corpo do delito e confissão do réu, mandou-o pôr em liberdade sem mais demora, despachando-o a tratar-se em casa, com seus médicos e apoticários.

A surpreza dos colegas em face duma ordem de

soltura tão imprevista, não foi, porém, duradoira. No dia seguinte, o Inquisidor, reünido o conselho do Santo Ofício, expôs o facto como se passara. E, declarando que o ministério de inquisidor não convinha a um homem honrado, apresentou a demissão. Retirando a uma casa de campo, aí completou os dias.

Falha-me a memória e não posso dar o nome dêste cidadão exemplar; é pena.

— Era incontestàvelmente um inquisidor honrado — dizia-me o conde de Tarouca, valendo-se desta história para provar que Nuno da Silva Teles, seu sobrinho, podia ser inquisidor e simultâneamente pessoa de bem.

Eu discordava e, embora, estivesse sempre pronto a secundar os justos encómios que o conde tecia ao mérito, capacidade e probidade do sobrinho, objectava-lhe que para se ser perfeito homem de bem era necessário não ser inquisidor, conclusão, aliás, que se tirava da história acima referida.

— Tem razão — disse o príncipe Eugénio, pronunciando-se em favor do meu raciocínio, contra o conde de Tarouca.

Êste príncipe ia ainda mais longe que eu. Modo de mortificar no orgulho e na altivez o arcebispo de Valência, seu temível e antigo antagonista, mais duma vez lhe ouvi sustentar que um eclesiástico e uma pessoa de bem eram entidades contraditórias.

Não são, apenas, os dois exemplos que narrei que me deram a conhecer a iníqua engrenagem da Inquisição; de minha própria experiência sei o que

é e o que vale. Cêrca fins de 1722 o conde de Povolide com dois outros familiares do Santo Ofício arrancaram-me dos braços, por assim dizer, uma rapariga que de-veras amava. Ia nos vinte anos, mais prazenteira que formosa, mas bem feita de corpo e dotada de espírito buliçoso. Era uma criatura muito temente a Deus, tão assídua nas devoções como eu àquela data. Ia à missa, confessava-se e comungava; reverenciava à Virgem e aos santos, e para as alminhas do Purgatório iam as suas preces mais rendidas. Comia de tudo, de tudo gostava, presunto, chouriço de carne ou de sangue. Para resumir, guardava os domingos e dias santos, nunca na vida abrira a Bíblia e, não só não sabia o que era o Sábate, como ignorava completamente que um Moisés tivesse existido no mundo.

Junte-se a isto o amor que lhe consagrava e compreender-se-á que me queixei amargamente da prisão da pobrezinha. Pois tive que me calar. Os meus próprios amigos cobriram de ridículo e impropérios o amor que eu votava a uma judia, cativa do Santo Ofício.

Obra de dezoito meses decorridos, celebrou-se o Auto-da-Fé, onde a minha amante devia figurar e a sua confissão e sentença ser lidas pùblicamente. Fui assistir, e qual não foi o meu espanto ao ouvir que a criatura declarara observar inviolàvelmente o Sábate, não provar carne de porco, e abster-se de muitos outros alimentos que mil e uma vez eu lhe tinha visto comer de boa gana! Ante a leitura da

sentença, a minha surpreza aumentou. A triste rapariga era condenada à pena de morte, só porque na confissão fôra *diminuta,* isto é, não pudera identificar os nomes das pessoas que falsamente tinham deposto contra.

Cêrca das dez horas da noite, tendo sido entregue ao braço secular, conduziram-na ao Supremo Tribunal, cujos ministros, por fraqueza ou comodismo, nunca deixavam de sancionar as sentenças que lhes transmitia a Inquisição.

Era-me permitido falar-lhe naquele lugar, falei-lhe.

— Desafortunada! — disse-lhe eu. — Se para salvar a vida se fartou de acumular mentiras e falsidades, espanta-me que se deixe morrer só para não denunciar os acusadores!...

— Os meus acusadores — respondeu ela — não sei quem são, talvez nunca os visse, não os posso nomear. Sirva-me Deus de testemunha em como estou inocente. Escuso de lho dizer a si, e tôda a gente há de ficar convencida, quando eu daqui a pouco desmentir a confissão que só à fôrça me arrancaram. Nunca na minha vida professei outra fé que não fôsse a de Jesus Cristo; na santa religião me criei, na santa religião hei de morrer.

Submetida a preguntas, enèrgicamente manteve a declaração que antes me fizera. Os seus protestos, por muito veementes e revestidos de sinceridade que fôssem, não podiam salvá-la da morte. Mas, persistiu nêles com denodo até o derradeiro momento de

sua vida, batiam os campanários a meia-noite e uma hora. Estrangulada pelo carrasco, o seu corpo foi depois queimado no cais e lançadas as cinzas ao mar.

Espionado pelos aguazis, mesmo assim, altamente clamei o injusto e bárbaro proceder do Santo Ofício. Ainda estão vivos dois inquisidores, Silva e Gomes, que poderão contar as ásperas censuras que lhes dirigi, em réplica às quais, como bons amigos que eram, me aconselharam silêncio e desvendaram a meus olhos os graves riscos em que incorria. Cominado por um lado, benèvolamente advertido por outro, sufoquei a dor que me trabalhava. Mas a ferida, e a idea exacta do que era o execrado tribunal ficaram indelèvelmente.

A orçar pelo ano de 1734, em que passei à Holanda e onde quedei desde 1740 a 1744, para vir habitar em Londres, onde me tenho conservado desde então, tive ocasião de coligir muitas e variadas provas das torpezas cometidas pelo negregado tribunal do Santo Ofício. Em boa verdade, depararam-se-me judeus que não tinham pejo em confessar haverem saído de Portugal pela impossibilidade em que estavam de, sem perigo, praticarem a lei moisaica, que tinham recebido com o leite.

Mas quantos miseráveis não encontrei, em Amsterdão, sobretudo, que, depois de haverem padecido tôda a casta de torturas nos cárceres da Inquisição sob pretexto de judaísmo, deixaram Portugal, com o pavor de serem recapturados? Quantos dêstes se não

retiraram para a Holanda, carregados de *bentinhos* e relíquias de santos, de rosário na mão a procurar pelas ruas onde é que se ouvia missa?

Podem exigir-se provas mais eloqüentes da fidelidade dos pobres homiziados à lei em que foram criados, e a que só o temor da perseguição deu aparências de apóstatas ou judaizantes?

A par dos que perseveram na religião católica, alguns mesmo no que ela tem de mais inflexível, outros, é certo, abraçaram o judaísmo. Mas, fazendo-o, não foi por selecção de fé ou conhecimento antecipado de credo, mas por necessidade. Apertados pela fome, pelos rigores da terra, por tôda uma miséria insuportável, condescenderam em professar numa religião onde reina um espírito confraternal que lhes mitiga as agruras e dificuldades da nova vida.

— Se houvesse missa todos os sábados na Sinagoga — dizia-me em Amsterdão um dêstes exilados que recebera a circuncisão havia dois anos — não me desagradava nada a nova religião; mas sem missa, não me sinto à vontade. Quanto ao meu Santo Antoninho, nunca me hei de separar dêle.

Portugal só será um país próspero e progressivo quando se abolir de vez o tribunal do Santo Ofício. Antes não. Além disso, nada feito, emquanto, no mesmo lugar onde hoje se acha o Palácio da Inquisição, não puderem plantar os judeus a Sinagoga.

Transubstanciação. O que fazia um mago. Facécias de eclesiásticos pouco exemplares. A resposta dum ordenando.

DIZIA um meu amigo que nas fábulas pagãs e nas quimeras do passado mais remoto, nada havia de análogo ao mistério da Transubtanciação. Ora na antiguidade existe qualquer coisa de parecido, e espantou-me que não tivesse chegado ao seu conhecimento o que Luciano conta de Pancrates.

Pancrates era um mago muito famoso do Egípto. De jornada para Mênfis, certo dia, êle e um estrangeiro foram pernoitar ao albergue. Mal tinham apeado dos camelos, Pancrates olhou para um tropêço de carvalho, tocou-o com o talismã, e depois de murmurar não se sabe que palavras, o tronco mexeu, pôs-se de pé, caminhou, e pegando dos camelos pela rédea levou-os à estrebaria. Após isto, o homem de pau entrou em casa, fez as camas, obediente em tudo às ordens de Pancrates. No momento de retirar, o mago voltou a repetir os gestos e frases rituais, e o maravilhoso lacaio regressou a pau. E, assim foi praticando, de albergue em albergue, pela jornada fora. O companheiro, um dia que o mago tinha ido ao templo e se esquecera do talis-

mã, quis experimentar se não seria capaz de produzir o mesmo efeito. E, tomando uma tábua e tocando-a com o talismã, depois de repetir as frases sacramentais, *in continenti* o pau se tornou homem e andou. Encantado, ordenou-lhe o viajante:

— Vai-me buscar um balde de água.

O tronco obedeceu. Satisfeito, disse-lhe que era quanto bastava e volvesse à forma primitiva; em vez, porém, de obedecer, o lacaio continuou a trazer água, mais água, a pontos que a casa era um lago. Receando a cólera de Pancrates, o viajante não viu outro remédio senão escavacar a tábua que rachou em duas. Pior; em vez dum, eram dois criados a carretar água. E a tarefa só teve fim quando chegou Pancrates e, depois de descompor o companheiro como merecia, fez entrar os dois aguadeiros no estado de imobilidade.

— Esta historieta — replicou-me o meu amigo — não foi escrita para ser acreditada. O próprio Luciano, que raro era falar sério, acreditava tanto na sua veracidade como eu.

— Pode ser. Mas não se trata aqui da verdade do facto mas de mostrar a existência duma ficção muito antiga, em estreita analogia com o mistério da transubstanciação, mistério que consiste nisto: um bocado de pão converter-se em carne e sangue, mediante as palavras do celebrante.

A propósito recorda-me o que se passou com o padre brasileiro Vicente Correia que era da intimidade da minha casa e vinha passar temporadas

connosco à aldeia. Tínhamos ali um vinho muito bom, de uva finíssima, e êle, como apreciador, nas suas obrigações de sacerdote não usava outro. Era um homem novo, eu mais novo ainda, e o nosso passa-tempo, conforme o carácter meridional, consistia em pregarmo-nos partidas.

No dia de S. João, quando ia para dizer missa na capela da casa, como tinha por costume, de que me hei de lembrar, eu que era o acólito? Misturar-lhe vinagre, um vinagre que escaldava como pólvora, nas galhetas. Enquanto se revestia na sacristia, fiz a veniaga. Disse-me mais tarde quando lhe contei a pirraça:

— Foi um cális mais amargo que a esponja que deram a chupar a N. S. Jesus-Cristo.

Daqui se prova uma de duas: que o vinagre pode ser transubstanciado tão bem como o vinho, ou que a transubstanciação não se operou, e neste caso, o povo que ouviu a missa caiu em idolatria adorando como Deus uma tiborna. Outro exemplo: o P.e António Gomes, capelão, no solar de Morfacém, do secretário d'Estado Guedes Pereira, foi um dia de romaria comigo e com o Dr. José Antunes Cardoso a Nossa Senhora do Cabo. Gostava da pinga, tanto da boa como da má; mas apresentaram-lhe para a consagração, na missa que ali rezou, um vinho tão ordinário que rompeu em diatribes contra a pessoa que lho forneceu e em alto e bom som nos conjurou por estas palavras:

— O cális tinha um gôsto horrível. Mais vale,

meus senhores, passar com água ao almôço do que beber êste vinho infernal.

Sacerdotes pouco dignos sempre houve, em todos os tempos e em tôdas as religiões, sem que os seus actos pudessem constituir agravo sério contra o corpo de que faziam parte.

É certo. Acaso minto—poderia preguntar aos meus compatriotas — se disser que as vossas igrejas são o teatro onde qüotidianamente ides representar os diferentes papéis que a paixão vos sugere? Não é lá que liquidais pleitos, vos anavalhais, puxais da espada ou jogais a faca, vos matais uns aos outros? Não é lá que se pavoneia o vosso orgulho e vaidade, arreiando-vos do maior luxo, das jóias mais esplêndidas, fazendo-vos escoltar de numeroso séquito de lacaios? Não é no recinto sagrado que transparece tôda a vossa ambição, disputando os melhores lugares com arrogância e invencível teima a ponto de transformar uma bagatela em lance grave? Não é nos santuários que marcais encontros às damas, cochichais uns com os outros sôbre o que vos vem à cabeça, escarneceis, ledes por vezes a gazeta, e cantarolais uma cantiga libertina ou ária em voga? Não é aí que trocais, amante para amante, a terna missiva? É também falso, porventura, que certas solenidades, mormente a de quinta-feira santa, vos fornecem ocasião propícia ao namôro e libertinagem? Não é lá que preparais a deshonra das moças, seduzis a mulher casada, corrompeis as vossas próprias parentas? Não é uma verdade incon-

testável que profanais, então, os santuários, pela preparação dos crimes mais abomináveis, o incesto, o adultério, o rapto o sacrilégio? Sendo tudo como afirmo e passando-se tudo à face do Sacramento exposto, tem-se o direito de julgar que os portugueses não devem ter bem a noção da presença real de Jesus-Cristo na Eucaristia como parece. E se, a-pesar-de tudo, persistem em dizer que sim, nenhum homem honrado lhes recusará o qualificativo de ímpios e celerados.

A palavra transubstanciação é quási ignorada em Portugal, excepção feita das escolas. O povo emprega para o Sacramento da Eucaristia a expressão da presença real e corpórea. Mas o maior número não penetra a significação exacta de tais têrmos.

Certo seminarista, em vésperas de prestar provas para presbítero, conhecendo melhor que ninguém a sua insuficiência, pediu a um teólogo, seu amigo, que lhe ensinasse a maneira de se safar do atoleiro.

— Como a moral é uma ciência em que cada ponto é susceptível de controvérsia — explicou o teólogo — aconselho-lhe, sempre que se veja em embaraços, de afectar grande sabença dizendo que, visto as opiniões se dividirem, é conveniente estar de pé atrás até se apurar a mais autorizada e convincente.

O diácono, enchendo-se de ânimo, apresentou-se, o dia fixo, para ser examinado. Ordenou-lhe o presidente do júri que enunciasse as palavras expressas da consagração. Por felicidade eram em latim e o candidato sabia-as.

— Parece-lhe — preguntou o examinador — que, depois de pronunciadas essas vozes, Jesus-Cristo baixa sôbre a hóstia e aí reside realmente?

Um momento perplexo, lembrou-se o moço do conselho do teólogo, e em voz firme respondeu:

— Os tratadistas divergem quanto ao problema que V. R. me propõe. Uns afiançam que sim, outros que não. É difícil saber qual a opinião que reüne mais probabilidades de acêrto, e a nossa obrigação nêste caso é tentar todos os esforços para descobrir a verdadeira e adoptá-la depois.

A resposta do seminarista, tido em geral por néscio, não falha, contas feitas, o bom senso. Talvez o examinador ficasse na dúvida se o homem não era realmente dotado de espírito perspicaz e, sob capa de ingenuïdade, não queria insurgir-se contra o dogma.

Cada religião tem a sua causa por melhor que a da outra. Daí o lôgro de certos apóstolos. É conhecida a resposta do general Kirk, solicitado a abraçar o catolicismo:

— Já assentei praça e, se tiver de mudar de religião, prometi ao imperador de Marrocos que me faria maometano.

Digna de nota, por ser galharda e atrevida, é a resposta do duque de Norfolk. Um domingo que Jaime II foi ouvir missa, como de acôrdo com a etiqueta, tivesse de entregar a espada, que lhe vinham trazer consoante a praxe à porta principal, a alguém do séquito, ofereceu-a ao duque de Nor-

folk. O duque porém não deu passo, e el-rei disse-lhe:

— Milorde, seu pai teria ido para a frente.

— Sire — respondeu o duque — mais cortês que o meu era o pai de V. M. e não se permitia ir tão longe!

Cerimónias funerárias. As carpideiras. As comezainas do estilo. As lindas igrejas dos Capuchinhos. A oferta do incenso.

JULGA-SE que as rezas, as esmolas e as boas obras dos vivos podem expiar os pecados dos mortos. Os turcos professam igual doutrina.

À semelhança do Paganismo, as cerimónias de enterramento dos católicos são pomposas e caras. Então como agora, lavavam os defuntos, fechavam-lhes os olhos com grande cuidado, e acompanhavam-nos até ao jazigo no meio de lamentosa grita. Ainda não há cinqüenta anos que as carpideiras estavam de moda em Lisboa. Ninguém ignora que eram mulheres pagas para chorar o morto por gemidos, gritos e convulsões horríveis.

A pragmática seguida, quando o cadáver está depositado, é ainda a mesma.

Em Portugal, sempre que há defunto numa casa, nela não se prepara nada ou quási nada de comer.

Parentes e amigos têm a obrigação de mandar à família desolada as vitualhas necessárias. As vezes são iguarias delicadas e magníficas. Tira-se o ventre de misérias e bebe-se como nunca. Se para os herdeiros resta alguma consolação, é esta, comer á-tripa-fôrra e de graça. O padre, ou os frades que assistiram aos derradeiros instantes do morto abancam com a família e comem-lhe e bebem-lhe à grande. Em suma, não é nada desagradável em Portugal, mormente em Lisboa, viver *em casa de defunto.*

Estes festins fúnebres, abundantes e opimos, estavam muito em voga entre os pagãos que lhes chamavam *Polluctum* e *Salicernium.*

As exéquias, entre os católicos, são acompanhadas por vezes dum belo concêrto musical, em que tomam parte vários instrumentos, sem exclusão de trombetas e timbales. Em Viena, estes dois instrumentos eram um sinal de distinção. Só entravam em exéquias de pessoas nobres. O conde de Tarouca, embaixador de Portugal, não omitiu a praxe nos funerais de meu pai em 1734, como em 1738 não foi omitida nos seus. Um e outro repousam lado a lado na catacumba da igreja dos Pieristas a Joseph-Statt.

À imitação do perfume contínuo dos judeus, os católicos introduziram nas igrejas o uso de braseirozinhos de cobre ou de prata, onde ininterruptamente ardem os aromas mais finos. A esta espécie de braseiros chamam os portugueses *caçoilas,* e são usados tanto nos templos públicos, como nas capelas particulares.

Isto não deixa de acrescentar encanto às igrejas católicas, irrepreensíveis em asseio, sobretudo em Espanha e Portugal. Coisa mais limpa, mais agradável que uma igreja de capuchinhos nestes países não quero que haja. Mas não há regra sem excepção. Um dia, encontrando-me de pasagem pela aldeia de Coina, que fica no caminho de Setúbal, dirigi-me a casa do Correio-Mor que ali vinha passar uma parte do ano, para o cumprimentar. Disseram-me que estava ao sol, com os cãis de caça, no adro da paroquial. Efectivamente aquele senhor gozava o sol, encostado contra o muro, mas como as portas do templo estivessem abertas, os cães, uma dúzia dêles, todos atacados da tinha, horríveis de ver e mal cheirosos, haviam entrado para dentro e lá, estendidos no chão, beatificamente se repimpavam ao soalheiro. Não aparecia viv'alma, ninguém lhes perturbava a sesta. Ora, sem dúvida, que esta igreja precisava ser perfumada e com incensos fortes, para no dia seguinte, decentemente, poder servir ao múnus divino.

Os católicos incensam aos mortos, porque o perfume sagrado é o emblema da prece, e aos vivos, como sinal de respeito e distinção. A oferenda do perfume tornou-se, porém, com o tempo uma prática abusiva e inacreditável. Na capela do príncipe Cantacuzeno, em Viena, onde quási quotidianamente se diziam duas missas, uma segundo o rito grego, outra segundo o rito romano, era D. Pietro Carriglio o celebrante católico, e o P.e Anastasio, prelado de Bresla,

e um monge grêgo da ordem de S. Basílio, os celebrantes cismáticos.

Um e outro, depois de oferecerem o incenso a Deus, voltavam costas ao altar e incensavam primeiro ao príncipe, depois à princesa, e em seguida a mim, porque ordens lhe tinham sido dadas de me honrar com a mesma distinção. Igual cortesia foi concedida duas ou três vezes ao conde Capitanei, nobre milanês, grande de Espanha e moço fidalgo da câmara do Imperador, e ao conde de Pessowitz, enviado extraordinário da Rússia.

D. Prieto Carriglio conferiu-me pùblicamente a mesma alta distinção em Santa Maria de Eizing, um sábado que ali disse missa. E o prelado de Bresla igualmente me honrou numa igreja que fica no caminho de Viena a Burgstorf.

Além das oferendas do incenso, costumam os católicos, no mais férvido das preces, oscular o chão do altar.

A mesma prática observam os turcos nas mesquitas, e já os judeus da seita esseniana costumavam beijar a terra a agradecer-lhe os frutos que produz para alimentação do homem. Codificadas nos Evangelhos, no Velho Testamento ou no Talmud, as leis religiosas e as tradições religiosas identificam-se como sopradas por um só e mesmo Deus.

O retrato do Anticristo segundo os judeus. Segundo os cristãos. Um apóstata e a filha do célebre livreiro Manescal indigitados como progenitores do Anticristo.

ESTRANHO catálogo forjou o espírito israelita das circunstâncias maravilhosas que hão de acompanhar e preceder a vinda do Messias, libertador de Israel. Imprevistamente, dos confins da terra surgirá um povo negro, de aspecto tão horrendo que bastará olhar para um dos monstros para se cair fulminado como à vista do basilisco. Terão êsses monstros duas cabeças e sete olhos, dos quais brotarão chispas de fogo, perigosas como rajadas do vento El'Samiel, na Arábia. Na corrida, serão rápidos como cervos.

Ao mesmo tempo o sol dardejará raios incandescentes que por seu extraordinário calor hão de corromper o ar, a terra, a água, tôdas as massas elementares do planeta. Um milhão de gentios perecerá dia a dia e, pelas ruas, alucinados, os homens correrão, gritando: ai de nós! ai de nossos filhos!

Cada um abrirá a cova em que voluntàriamente se há de sepultar. Entretanto, os judeus gozarão de completa segurança e da mais perfeita saúde.

Acrescentam os livros judáicos que a luz do sol se eclipsará três dias, durante os quais, imersos nas

trevas tremendas, cristãos e maometanos hão de reconhecer seus erros e converter-se à lei de Moisés. Mercê de tal arrependimento Deus terá compaixão dos homens e restaurará nos céus o astro que radiará a sua luz de sempre.

A mesma tradição, quanto ao Santo Império Romano, é de funestíssimos preságios. Sendo certo que durante o espaço de nove meses se estenderá do setentrião ao aquilão, avassalando tôdas as raças, vencido êste praso, Deus mandará o primeiro Messias, o filho de José, que reünirá as tríbus dispersas de Israel e as conduzirá a Jerusalém. Feito o quê, formará um aguerrido exército, à frente do qual devastará o império romano, saqueará Roma, e transportará para Jerusalém as riquezas imensas dos cristãos. Só o receio que virá a inspirar vergará as nações como vento a arbustos frágeis. Graças às suas falanges invencíveis, destroçará Armilai Harascha, anticristo dos cristãos, e seus duzentos mil sectários, e dar-lhes-á a morte, após o que os anjos bons levarão o corpo do defunto à presença dos santos padres.

Êste Armilai será gerado e fecundado numa estátua de mármore que está em Roma representando a Virgem Maria. Os homens mais devassos e celerados cobrarão paixão por esta estátua e cometerão com ela impurezas execráveis, sem nome. Dêste comércio infame a estátua conceberá por virtude sobrenatural e, fendendo-se em duas, dará à luz o anticristo que há de perseguir os judeus e fazer-lhes males como nunca sofreram desde que o mundo é mundo.

Os pobres judeus ver-se-ão obrigados a refugiar-se nas cavernas, não tendo outro passadio além de ervas e fôlhas das árvores até que S. Miguel Arcanjo sôe três vezes a trombeta de bronze. Aparecerá então na terra o segundo Messias, acompanhado de Elias, que virá resgatá-los do martírio e os levará triunfantes ao Paraíso.

Eis, sumàriamente, o que crêem os judeus quanto aos tempos finais.

Não há país cristão onde se fale mais do anticristo do que em Portugal. Às crianças ensina-se-lhes a matéria agourenta, acima citada. Entre outras fantasias, conta-se-lhes que o anticristo será nado de freira, fecundada por frade.

A 15 de Janeiro de 1735, o P.e Diogo, capuchinho, guardião do convento de S. Pedro de Alcântara, fugiu de Lisboa com D. Floriana, religiosa do mosteiro de Santa Ana, da ordem de S. Francisco. Estava eu presente quando recebeu o conde de Tarouca, em Viena de Austria, a notícia do rapto.

— Consumaram-se os tempos! — exclamou êle. — Sem dúvida que do concubinato do frade e da freira vai nascer o anticristo.

O conde não gracejava; falava a sério, convencido, como tôda a gente em Portugal, do acontecimento tremendo.

Imbuído desde a infância de doutrina tão absurda, eu, também, acreditei sem repugnância não só na possibilidade, mas na infalibilidade da previsão.

Em 1741, quando dos olhos me tinham caído

muitas das absurdas cataratas, dirigi-me a Amsterdão onde me encontrei com o P.e Diogo que ali se havia refugiado. Com prazer travei relações com o homem que eu chegara a julgar pai presuntivo do anticristo. P.e Diogo esposara D. Floriana e ambos haviam abraçado o judaísmo devido à grande necessidade em que se achavam. No fundo detestavam a religião nova, oriundos como eram de cristãos-velhos, arreigados às suas crenças, senão fanáticos. O pai de D. Floriana, António Manescal, além de livreiro e impressor do Santo-Ofício, tinha patente de familiar. O P.e Diogo caminhava direito ao episcopado, graças à confiança que o rei lhe testemunhava. Confiança foi esta — diz-se — que custou ao soberano uma soma elevada de que o frade se apropriou ao deixar Lisboa. Mas não se chegou a gozar dela por o navio, em que ia, ter naufragado. Sei-o de fonte limpa, como sei que a tão desgraçado sucesso devia o P.e Diogo ter abjurado do catolicismo para poder exercer o cargo de mestre de meninos da sinagoga de Amsterdão, escola que ainda hoje rege.

O frade era homem dotado de raro talento. A minha estima por êle seria grande se tivesse sido sincero na sua apostasia, mas tal não é lícito esperar do mérito e capacidade do P.e Diogo. Talvez o hábito de se inculcar como judeu, a pontos de se esconder, vai em dezasseis anos, sob o nome de Arão Pereira, tenha operado o milagre da fé. Não sei.

D. Floriana, essa só aparentemente abjurou da religião em que nasceu, para — dizia ela — não servir de obstáculo às conveniências do marido. Ouvi-lhe esta confissão várias vezes, confissão que ela se encarregava de confirmar pela mais beata e mais supersticiosa atitude que se possa imaginar.

Filha legítima duma espécie de esbirro, odiava o nome judeu; se estivesse na sua mão, os judeus todos da Holanda iam parar ao queimadeiro.

D. Floriana morreu sem deixar filhos, portanto, sem ter a honra de ser a mãi do anticristo.

Lobisomens. Lisboa de noite. As arruaças. Um lobisomem notório

LOUP-GAROU em França, lobisomem em Portugal, o mesmo é que homem-lôbo, ou homem-diabo, como quem diria Lusbel-homem. A idea que os portugueses formam dêste ser fabuloso é singularíssima, não obstante terem-me dito umas damas de Jersey que um sujeito, naquela ilha, trocava tôdas as noites a forma humana pela forma de cão. O lobisomem — dizem os portugueses — é um indivíduo que, depois do pôr do sol, perde a forma natural pela forma de cão ou de lôbo, consoante o espolinhadoiro dum ou do outro em que se foi deitar. A tal metamorfose chamam fado, quer

dizer, destino inevitável se, entre outras razões, por exemplo, se trata do sétimo filho varão, nado da mesma mãi e do mesmo pai, sem nunca terem procriado filha. O infeliz, sob o aguilhão do fadário, corre pelas ruas e encruzilhadas, perseguido e anavalhado por matilhas de rafeiros. Lá se vai defendendo o melhor que pode até romper a alva e voltar à figura humana. Todo o seu maior cuidado, emquanto cumpre o fadário, é evitar o encontro com gente. Homens manhosos e valentes andam-lhe no encalço, pondo tanta porfia em caçá-lo como êle em esquivar-se. E se o apanham e lhe assestam uma cutilada, logo a aventesma se volve a homem, e para sempre queda liberto de sua desastrada sina. Uma infinidade de casos desta natureza, tidos e havidos em Lisboa como factos certos e averiguados, levou-me à caça do lobisomem com o cristão intuito de o redimir pelo gume da minha espada. Verdade se diga, Lisboa, durante a noite, enxameia de cãis e de diabos. Mais duma vez me aconteceu encontrar trinta a quarenta cãis engalfinhados uns nos outros sem haver modo de os apartar por muito que sem dó nem piedade desse nêles à espadeirada. Devido à prevenção que nutria, o facto de entre os pobres animais descobrir um mais taludo e extraordinário, ao qual as dentadas ferravam em especial, mais me animava a bater. Feri muitos, mas nunca tive o prazer de presenciar a transformação maravilhosa. Ficaram o que dantes eram, bichos e demónios; de lobisomem nem sombra. Agora, como de há muito

me habituei a não tratar mal os animais, sejam cãis, gatos ou onagros, a não ser que primeiro me ataquem, sinto remorsos do que pratiquei em Lisboa. Certo, que se pudessem penetrar o móbil que me animava, torná-los meus semelhantes, haviam de me ficar mais reconhecidos do que muitos dos meus compatriotas que me devem gratidão e me mordem. Acredito, como em artigo de fé, que entre êles não são poucos os que, sem perder a forma ou o nome de homem, são real e calamitosamente mais monstruosos que a quimérica aventesma. Tão feroz como o devoto fingido não quero que haja lôbo. Um padre, sedutor, é a mais perigosa de tôdas as feras. Um frade ignorante e qualificador do Santo Ofício leva as lampas a Satanaz. Nunca arranquei da espada contra semelhante gente, mas com a pena verberei-lhes infâmias e vícios, tantos e tão desconformes que foram êles próprios que se puseram à margem do género humano.

Como lobisomens, sujeitos há em Lisboa conhecidos e apontados a dedo. Um dêles é o meu vizinho Belchior do Rêgo de Andrade, conselheiro da raínha e procurador da coroa. Êste ministro, esquelético, desabrido no temperamento, hediondo de figura, e amulatado de côr, passava por homem de bem, juiz íntegro, zeloso e desinteressado. Não obstante, encarei-o sempre como lobisomem e, como eu, outras pessoas e de facto era-o. Na minha meninice, não o podia ver nem tragado, nem sentir a sombra dêle à nossa porta. Com a idade de catorze ou quinze

anos, fugia de me encontrar com êle, quando o acaso o trazia a visitar meu pai. Foi só depois de usar espada, que condescendi em travar relações com êle. Do fundo do coração desejava topá-lo durante a noite para lhe assestar uma boa espadeirada e curá-lo do fado. Quando vi também D. Luiz da Cunha, embaixador de Portugal em Haia, em 1734, disse comigo:

— Aqui está, de-certo, um grande senhor; um grande ministro por sua muita sabedoria; mas lá pela cara é um dos perfeitos lobisomens de Lisboa.

Outros portugueses que o conheceram e a quem não é estranha a significação do *Lupus-homo,* tinham opinião igual à minha.

Dias funestos. Em certas datas nada se deve empreender

HÁ criaturas que consideram como infortunados e nefastos certos dias da semana e do ano. Os Menezes absteem-se de tentar tarefa alguma de importância na terça-feira. É dia aziago — alegam. — E não viajam nem empreendem acção de fôlego.

Entre outras superstições que reinam ainda em Inglaterra, de preferência na populaça, ouvi a três pessoas diferentes que a sexta-feira é dia funesto,

impróprio a cometimentos. O sábado, pelo contrário, é dia favorável.

Já Tournefort tinha feito a mesma descoberta, respeitante à credulidade dos turcos. «Alguém se lembrou, modo de arreliar os marinheiros, que se estava a 26 de Maio, dia dos mais desgraçados do ano. Foi quanto bastou para se nos dilatar a partida dumas boas horas. Ocorreu-me, também, que não havia mel no navio e que, em face dos doentes que levávamos, era preciso arranjá-lo. Responderam-me que era dia aziago, que Deus Nosso Senhor se amercearia dos doentes.»

Os pagãos, igualmente, tinham certos dias por impropícios, infames e de mau agouro. Chama-lhes Tito-Lívio *religiosi dies* ou dias de superstição. Nónio Marcelo intitula-os de *atri dies* ou dias funestos. Aos mesmos dá Festo o nome de *dierecti*.

Veem de longe, como se vê, as superstições e ameaçam, não obstante a cartilha e as muitas luzes do progresso, ir longe ainda.

A MULHER DO SÉCULO XVIII
BELEZAS E BELDADES

Beleza e sua sina. Mulheres formosas e constantes. Rapazes bonitos e fátuos

A beleza é um dom celeste. O império que exerce nas almas é tão grande que parece governar e dirigir as paixões como coisas muito suas.

É, sem contradição, um dos maiores privilégios que a natureza outorgou a certas criaturas para que possam dominar outras. Êste império degenera às vezes em tirânia. Cativos, os corações deixam de ser admiradores para se tornarem escravos.

Formosas há de graças e encantos irresistíveis. Perante elas, o homem, tanto o mais sapiente como o mais bronco, rende-se de pés e mãos. De fraqueza em fraqueza, não é raro que sob o influxo da paixão se acabe na prática dos piores crimes. Nunca Urias teria sido sacrificado à paixão de David se Betsabé fôsse menos formosa. Nero, subjugado pela beleza de Popea, *ipsa corporis pulchritudine ad se vocante trahebat ad Venerem,* nunca mais pôde furtar-se à sua sedução. Foi êste enfeitiçamento que o levou a cometer os excessos mais repreensíveis.

A beleza feminina é, de facto, o grande chamariz do amor. Ninguém como ela sabe triunfar dos obstá-

culos. O que o advogado Hipérides não pôde obter pela eloqüência, conseguiram-no os bonitos olhos de Frinea apenas chorando.

Armas invencíveis as da beleza, perigosos são os seus golpes e muitas vezes funestos. Contra êles tôda a defesa é quebradiça. Em seu auxílio acodem a piedade, a deferência, o respeito de nossos corações conquistados. Coberta de lágrimas, a beleza vence os mais deshumanos.

Formosuras perfeitas, como as concebe a fantasia dos poetas e pintores, são difíceis de encontrar.

Há muitos anos que viajo, ainda não encontrei uma dúzia de mulheres peregrinas, dessa beleza perante a qual só um gesto é aceitável : adorar.

Diz-se de Salomão que tinha mil concubinas duma formosura sem par. Talvez ; talvez, porém, que o dom da beleza fôsse muito comum nos velhos tempos bíblicos ; talvez que a beleza dependesse como hoje da opinião, do gôsto, e até do capricho dos homens. Persisto em crer que a beleza perfeita é um ser quimérico, com vida apenas na imaginação dos enamorados.

Para que uma mulher seja real e absolutamente bela, a sua beleza deve ter o consenso universal. Esta condição é irrealizável. A princesa D. Francisca de Portugal, irmã de D. João V, era tida como uma das grandes formosuras do século. Diziam-no os portugueses, e os estrangeiros que a viam concordavam. Pois o enviado de Portugal em Londres, Sr. Brochado, homem fino, dotado de muito tacto e, por modos

apreciador, sustentava que S. A. não passava duma beleza mediana. Êste juízo constou em Lisboa e bastante dano lhe causou na côrte.

Nada mais perturbador que a presença duma bela mulher — oiço dizer a miúde. — E sôbre a pertubação, um amor desponta por vezes tão excessivo, que para o domar são precisas fôrças sobrenaturais. A muitos homens tenho ouvido discorrer desta maneira, modo de se justificarem de mil fraquezas cometidas para com mulheres que lhes pareciam flôr estreme da beleza e que, afinal de contas, não passavam de vulgaridades.

Escritores tem havido demasiado severos com a beleza verdadeiramente beleza. As formosas sem senão, a seu ver, são sempre criaturas dadas à impudicícia. Tenho à vista um autor moderno que afirma: «hoje em dia basta que uma mulher seja bonita para não ser tida como virtuosa, ou para o não ser realmente.» E, versejando, declara:

Que rarement la chasteté
Se soutient avec la beauté.

Êste conceito, além de rígido, é exagerado e até mesmo falso. Inclino-me, antes, para a opinião daqueles que vêem em cada mulher bonita um monstrozinho de altivez e de soberba. E tanto assim deve ser que muitas, enjeitadas pela mãi-natureza, eu tenho conhecido, inchadas de orgulho, só porque lisonjeiro ou homem de gôsto depravado lhes disse

que eram sedutoras. Outras, sem nunca se lhes ter dado a provar o veneno do desvanecimento, não deixam de se considerar como grandes belezas, e, em conseqüência, dão-se ares augustos, em despeito do espelho que, também é verdade, lhes torna a imagem que elas imaginam.

Ouviram dizer :

Il n'est point de serpent ni de monstre odieux,
Qui par l'art imité ne puisse plaire aux yeux,

por isso pedem ao artifício as louçanias. E iludem-se e iludem.

Uma estampa gravada em Londres dá delas a noção exacta : uma mulher velha e feia que passa o tempo ao toucador a fazer-se nova e bem feita e o consegue por artes do Diabo.

Freqüentemente encontro, sobretudo em St. James--Square, muita mulher bonita e muita rapariga adorável. O meu estado, a minha idade, a minha compleição proïbem-me de as cobiçar. Gôsto, todavia, de olhar para elas, quanto mais não seja para bemdizer o Criador. Pois, mal me ponho a considerá-las, voltam-me a cara ou largam a fugir sem piedade.

Um tal jeito atribuo eu à altivez e ao orgulho que lhes inspira a sua reputação de formosas. Por amor delas, magoa-me que assim seja. Há evidentemente um tom que chamam elevado e que dá nobreza e relêvo às lindas criaturas. É o tom para se empossar do qual as mulheres se matam. Mas aí é que está a

grande dificuldade. Êste tom é dote natural e, portanto, não dimana do artifício. Muito menos consiste em maneiras pretenciosas e arrogantes. Do fundo do coração gostaria de descobrir-lhes o segrêdo e revelar-lho. Mas não é possível; *é um não sei quê* incapaz de expressão adequada.

Sinceramente dir-lhes-ei que o orgulho excessivo e a afectação lhes são nocivos. O seu mor interêsse consiste em ser amáveis e amadas. Ora não é pela vaidade e pela altanaria, caminho andado para ridículas e odiosas, que levam água aos seus moínhos de prata.

Poderão replicar que quanto mais soberanas se mostram mais suspirosos trazem nas peügadas. Não creio que assim seja, a menos que galantins de vulgar extracção lhes mereçam ufania.

Se mulheres bonitas pudessem dar ouvidos a conselheiros, dir-lhes-ia... que contassem menos com a beleza que com outros predicados. Estes não se apagam e aquela é caduca.

La beauté passe,
Le temps l'éfface,
L'âge de la glace
Vient à sa place.

Sempre tive o meu fraco pelas belezas modestas e despretenciosas; em minha opinião são sempre as mais estimáveis e, ao mesmo tempo, as perigosas. A formosura, que recorre a manhas e artifícios, in-

dispõe; a formosura, acompanhada de altivez, repele. A formosura que nada pede à arte nem à afectação, natural como Deus a formou, é uma saborosa água de veia pura, e, visto todos os homens terem sêde de amor, é por ela que se apaixonam.

Homens há bonitos e tão ridículos como as mulheres que são e sabem que são bonitas. Conheci um, Cyparissi, nobre italiano de nação, que apareceu em Viena em 1736, e professava:

Quelque rare que soit le mérite des belles,
Je pense, Dieu merci, qu'on vaut son prix comme elles.

Tinha dezoito anos de idade, elegante de talhe e formoso como um deus. As suas maneiras, porém, eram efeminadas. Além disso, cabeça de anjo e miolos de galo. Começando a freqüentar a alta roda, o general de La Cerda disse dêle:

— Aqui está um rapaz que vai encher de ciúme os nossos amigos que são casados...

Pois enganou-se redondamente; quem tinha ciúmes dêle eram as mulheres que não o podiam ver nem queriam consentir que os maridos fraguassem com êle.

Cyparissi levantava-se sempre obra do meio-dia. Passava ao toucador, onde almoçava, e onde consumia duas boas horas a arranjar a cabeça e a empoar-se; a corrigir e a pulir as unhas, tarefa a cargo de duas jóvens servilhetas, expressamente trazidas do seu país; a banhar-se em águas aromáticas; a

lubrificar-se e a empomadar-se com as drogas mais finas, mais caras e odoríferas. Enfim, só deixava a casa de banho depois de se certificar ao espelho que levaria a palma a Adónis e a Narciso se os encontrasse na sociedade. Em verdade, nunca vi moço mais formoso que Cyparissi. Tolos como êle, lá isso vejo-os todos os dias, às dúzias. Mas eu lhes digo: faço os maiores esforços para prezar, sem escolha, os meus semelhantes, todos os indivíduos da minha espécie talhados à imagem de Deus. Não quero distinguir da minha estima Narcisos, Adónis, toleirões que sejam; mas com uma condição, que não abdiquem da gravidade própria do nosso sexo e das suas regalias.

A mulher sabichona. D. Francisco Manuel e a freira rata-sábia. Superioridade feminina. Mulheres palreiras.

NUNCA faltaram às mulheres defensores acérrimos das suas qualidades. Alguns, mesmo, levaram o zêlo a preferi-las aos homens, em matéria de espírito e de constância, coisas assim necessárias e aparceiradas como o azeite e o vinagre.

O mais recente dêstes advogados é Félix José da Costa, que compôs um singular discurso sôbre o

saber e a firmeza das mulheres, chamado *Ostentação pelo grande talento das damas contra seus émulos.*

Tanto êste como outros escritores, apaixonados na defesa do cartel, empregam os esforços mais louváveis em provar assertos que nem sempre parecem justos.

As mulheres, asseguram-nos êles, constituem a metade do género humano — o que se admite sem demonstração — e levam a primazia aos homens na delicadeza do espírito e na finura do gôsto — o que também pode ser exacto, mas não é extraordinário.

De-certo a mulher não é destituída de aptidão para as ciências; a prática das ciências é que lhe é pouco comum. Por compleição e temperamento, para a vida interior e caseira é que parece, no entanto, fadada. Nesse âmbito seria injusto não reconhecer que se encontram senhoras com mais gôsto e mais delicadeza de maneiras ou de linguagem que os homens. Esta superioridade poderá ter como razão principal a vénia que lhes rendemos. Não importa. Sem o amor, talvez que não passássemos de tranqüilos e sensatos admiradores de suas belezas e qualidades; e muitos dos encómios que lhes tecemos se devem lançar à conta de entusiasmo. Não exageremos, porém.

Escritores há parecidos com os mocinhos que imaginam de boa educação nada negar às damas. Daí vem a superabundância de disfarce em que incorrem.

Era mercê dum conceito tão disparatado que Fa-

brício não se cansava de cobrir de louvaminhas a Clermunda.

Esta jóvem senhora — garantia êle — vai apenas nos dezanove anos; pois meteu-se-lhe em cabeça aprender o grego e o latim e, hoje, explica com a maior facilidade os clássicos mais obscuros; Pérsio, que é um autor abstracto, demanda, para uma boa interpretação, humanista consumado; pois ela lê-o, e comenta como o melhor latinizante a Vergílio ou Horácio. Disserta admiràvelmente sôbre ciências e artes, empregando sempre a terminologia própria. Melhor que ninguém sabe mondar da linguagem os termos corriqueiros e corruptelas; lê os livros novos aparecidos, e decide do seu valor e perdurabilidade. Nas horas de ócio, entretem-se a aperfeiçoar a língua, enriquecendo o léxico de locuções novas, e lançando-lhe à margem apostilas tão exactas como ponderosas. Numa palavra, Clermunda sabe de tudo e pratica de tudo.

Veio-me o desejo de conhecer criatura tão celebrada. Fabrício prontificou-se a apresentar-me e eu tive azo a desiludir-me sôbre os dons superiores de Clermunda, produto mais dum amor que idealiza que de méritos entrevistos à luz da realidade.

O que é Clermunda? Puerilidade e pouco mais. Verdade que recita trechos inteiros de autores célebres; mas o seu saber pára aqui. Dispõe de memória prodigiosa, mas daí resulta, talvez, o seu entendimento ser tacanho. A sua cabeça é um repertório mal ordenado das passagens mais reditas dos poetas

gregos, latinos e franceses. E se é verdade que as declama com volubilidade assombrosa, não é menos certo que o faz sem oportunidade e sem graça. O fluxo da sua bôca é inesgotável; faria calar os oradores mais veementes e os gramáticos mais afeitos à controvérsia. Um Stentor, um advogado, um sereno, um pregoeiro de profissão e ainda uma outra sabichona, não levariam a melhor à bacharelice de Clermunda, mormente quando quere mostrar-se senhora culta e sabedora. O ruído dos campanários todos de Lisboa, quando anunciam a aléluia, não é mais azabumbante.

Muito menos Clermunda é capaz de reconhecer quando um sistema é verdadeiro ou falso. O seu autor predilecto é aquele que decide peremptória e magistralmente sôbre problemas mesmo que não entenda, contanto que o seu estilo seja de moda. Esta é a condição necessária para obter o seu sufrágio.

Gasta rios de dinheiro em livros e folhetos, dos mais extravagantes aos mais quiméricos; não obstante, se soubesse que em dada brochura não haveria mais que bom senso, elevação e método, não daria por ela um pataco falso.

A última vez que tive a honra de lhe falar foi na sua rica e numerosa livraria. Disputou-se sôbre filosofia e separámo-nos indispostos. Aí tive ocasião de me convencer que a sabedoria nas mulheres não passa, em geral, de presunção, apoiada por uma vivacidade que só agrada a inteligências medianas, ou àqueles que não se dão ao trabalho de raciocinar.

Clermunda forneceu-me, também, ocasião de observar que celebridades há feitas à fôrça de bater a tecla extravagante e mediante um crédito que começou a avolumar-se, imprevista e miraculosamente balofo e vazio como odre de vento. Por onde outras pecariam, com boa razão, impuseram-se elas ; caminhando contra as regras do bom senso chegaram onde, em boa consciência, deviam ter escorregado. Os defeitos foram a sua condição de triunfo, como para outras, mais idóneas, mais calculadas e merecedoras de êxito, seriam o inevitável escolho.

Félix José da Costa sustenta que, postas a competir com os homens em belas-letras, as mulheres, tôdas por igual, seriam as primeiras. E com celebrar os progressos extraordinários de algumas, dadas por sua recreação ou tendência ao exercício das letras, mostra-se pasmado e envergonhado em sua qualidade de homem.

De acôrdo e sem paradoxo. Conhecidas de sobra são as Castros, as Silvas, as Lacerdas, as Safos, as Corinas, as Scudéris, as Daciers, as Schurmans, as Rowes e tantas outras que passaram à posteridade. Fizeram estas as delícias do seu tempo e ainda hoje são a honra do seu sexo. À saciedade comprovaram que o gôsto e a delicadeza feminina se comprazem e muito bem com a cinzeladura do estilo e os jogos do entendimento.

Às damas voto afecto, estima e respeito sem limites. Não pretendo negar-lhes poder de raciocínio e discernimento. Conheço algumas muito criteriosas e

desenganadas. Mas persisto em crer que raramente o entendimento delas é dotado de tôdas as disposições necessárias a tentar com êxito o estudo das ciências abstractas. Examinar e profundar os mistérios da natureza e decompor-lhe os elementos, mergulhar no abismo dos tempos e sujar os dedos na poeira dos séculos, não é compatível com a sua índole, nem susceptível das suas fôrças. A superioridade do homem está neste campo, a delas noutro, parece-me bem que se podem julgar quites. Na ciência de ser amável e adorável, inteirando-se bem das noções do seu dever, firmando-se nos mandamentos da lealdade e fidelidade, realizando a união absoluta com o homem, dois corpos num só corpo, duas almas numa só alma, está o seu forte e o seu império. Mais, está a sua felicidade e a nossa.

D. Francisco Manuel, ilustre por nascimento e mais ilustre ainda pelo saber, cifrava a ciência da mulher em saber arrumar um baú de roupa. Esta sentença se lê na *Carta de Guia de Casados*.

Ao tempo, era religiosa no convento de Odivelas, uma D. Feliciana de Milão, que ganhara fama de douta. Estimulada com os assertos de D. Francisco Manuel no que respeitava ao seu sexo, procurou a freira entrar em comércio com êle. E, certo dia, um amigo comum conluiado com ela apresentou-lho no locutório.

A religiosa, em presença de D. Francisco, fêz estendal da ciência divina e humana que conhecia, de modo a capacitá-lo, pelo exemplo, quanto o juízo

do moralista sôbre as mulheres era injusto e precipitado. Ouviu-a o escritor com muita atenção e prazer. E certa do seu triunfo, pelo menos na parte que lhe dizia respeito, disse-lhe ao rematar o encontro:

— Julga-me capaz, senhor D. Francisco, de arrumar bem um baú de roupa?

— Minha senhora, — respondeu êle — julgo-a em condições de poder arrumar até dois.

E, falando certo, castigou D. Francisco a prosápia da freira.

Através da história poderá coligir-se um magote de mulheres doutas que igualaram ou até excederam, se assim o exigem, os mais belos espíritos de homem que tem havido; lá de muito longe em longe, uma destas luminares aparece. Perfeitamente; mas são estes fenómenos tão extravagantes como raros. O comum é os homens enaltecerem, elevarem até o sétimo céu mulheres que pegam com uma certa habilidade da pena, ou atiram a público com duas ratices bem imaginadas. E como aquela ordem de aduladores é densa e esta ordem de damas escassa, daí a apoteose.

Quando alguma se distingue, é obrigação do carácter admirativo do homem engrandecê-la; é uma devida homenagem ao sexo; é tributo de lei à singularidade.

Uma matrona, tendo-se apresentado certo dia perante os juízes a pleitear a sua causa, de tal modo se conduziu que, aterrorizado, o Senado Romano mandou consultar os oráculos para averiguar da si-

gnificação do prodígio. Há que mundos isso se passou! Nos tempos que correm, o silêncio duma mulher espantar-nos-ia mais que a garrulice da matrona aos bons dos senadores.

O rei Numa promulgou várias ordenanças, muito severas, contra o falatório das mulheres, chegando a proïbir-lhes o uso da palavra, salvo se o marido fôsse presente. A observância desta lei não remontou até nós; nem poderia ressuscitar-se, tão diametralmente é oposta aos modernos usos e costumes da grei feminina. Numa, se voltasse e tomasse a peito o cumprimento da ordenança, teria que mandá-las matar; e era uma hecatombe; não faltariam viúvos; e extinguir-se-ia o melhor do género humano.

Se bem o observo, é graças a esta planturosa loqüacidade que se exalta Clermunda como douta, quando apenas reüne duas condições ao título: imaginar-se que o é, e ter fôlego para discorrer três horas a fio sem esgotar — que digo eu? — sem ter abordado sequer um assunto.

Raparigas há que se engenham em figurar de sábias quando deviam, apenas, tratar de ser sisudas. Creio que pouco têm a ganhar com a pretensão. Lá diz o ditado:

> De mula que faz him!
> e de mulher que sabe latim,
> livre-te Deus e a mim.

A sapiência na mulher deve ser como o sal nos tempêros, nem muito, nem pouco, regradinho.

A mulher do seu tempo; uma sisuda; outra garrida

MUITAS vezes tenho lido que mulher bonita e séria ao mesmo tempo é coisa rara. O asserto tem muita voga e, não obstante, eu o julgo exagerado, por fundado sôbre aparências que são enganadoras. Em verdade, menina há que passa por virtuosa e é um demónio, e outras que têm tino e ninguém dá dez réis pela sua virtude. E sucede assim com esta espécie de mulher porque, forte no seu sério, não toma grande resguardo em defender-se das exterioridades que pareçam depor contra ela. E sôbre esta base falsa se alicerça o juízo que o vulgo forma das mulheres.

Tomásia, minha conhecida, guarda segrêdo dos anos que tem, e, em boa justiça, é o único que guarda inviolàvelmente. Sisuda, mofina por já não ser desejada e suspirada, busca compensar, pela modéstia, a formosura emurchecida. Compõe o rosto de modo a nêle se reflectir uma tristeza inconsolável. Para o público, reveste-se de virtude feroz e faz semblante de se ofender se lhe dirigem vozes lisonjeiras. Procura, ainda que debalde, dar-se aquele tom de desdenhosa altivez que tanto realça a nobreza

das belas mulheres. Mostra-se apavorada com presentes, como finge um arrepio ante as licenciosidades da Comédia, e, todavia, ela que é leviana por índole, amiga da garridice, rende-se de bom grado ao galante que lhe traga jóia rara ou tecido precioso. Torna-o o seu favorito, e, se não lhe concede mais que as pequenas finezas ditadas pela gratidão, é porque êle não sabe, pela ousadia, levar sua segada mais longe.

A constância do seu coração é matéria de fé sôbre que ninguém diverge. Amou, fica eternamente fiel ao primeiro amor. E, se devido a considerações particulares, aceitou novos compromissos, no fundo da sua alma arde a saüdade imorredoira, a pungente ternura por aquele que obteve o primeiro sorriso das suas graças.

Esta mulher, espelho perfeito da inconstância do seu sexo, tomou a capricho parecer mais séria que as sérias. Para tanto, freqüenta as igrejas, com o que dá um espectáculo de piedade e mostra ao mesmo tempo as jóias esplêndidas e os luxuosos vestidos. Com a devoção vem a caridade e, por alarde, faz-se caridosa. Que seja hipócrita — faz o bem; é humana.

Passa o dia inteiro ao toucador, menos o tempo em que deve exibir-se mergulhada em santa e edificativa leitura. Tôdas as noites, mesmo, lerá ante a família reünida um capítulo da Escritura Sagrada. A Comédia poderá desviá-la uns dias entre outros de tão pio exercício; mas fá-lo com náusea,

como quem cumpre à sobreposse um dever de sociedade.

O seu ânimo é doce e afável; tem bom coração e trata com modo brando as criadas. É delicada e cheia de atenções para com os vizinhos; fala-se dela como duma santa.

Tomásia, no fundo, não passa duma destas mulheres complexas, por natureza inclinada ao mal. O seu primeiro enamorado, que é pessoa de respeito e a conhece à maravilha, diz:

— Tudo nela é artifício e simulação. Possui tôdas as falhas... e nenhuma das virtudes do seu sexo.

Ambrósia, pelo contrário, esquecendo que os conceitos se tecem com exterioridades, zomba das aparências e daqueles que delas fazem caso. Conhece muito bem Tomásia e outras de igual jaez. Sabe que estão tão avezadas a disfarçar-se noutras que acabam por figurar disfarçadas. O porte delas não a seduz. Não bate no peito nem se ostenta em atitudes de piedosa hipocrisia para com Deus e a sociedade. É risonha, jovial, galante, travessa ou inconstante, como lhe requere o génio.

A sua honestidade não se arma de manhas, nem de artifícios. Não tem mêdo dos homens; a uns surpreende por ditos cheios de graça ou leve malícia, a outros ataranta-os com maneiras livres, pôsto que sem soltura. A todos encanta pela beleza desempoeirada e pelo espírito espontâneamente buliçoso. Há uma viva idolatria em volta dela de parte de todos os que a conhecem.

Os modos francos, a expansibilidade tão lêda desta rapariga desconcertam as sisudas em sua morfanha e carrancuda austeridade. E, ciosas e malfazejas, propagam a todos os ventos que Ambrósia é doida e leviana. Tomásia é a tecedeira-mor da intriga. Na sua bôca Ambrósia dará, se não deu já, um pontapé na virtude com o primeiro que lhe acenar.

Ambrósia percebe a trama tôda da calúnia e não muda. Mudar seria a dissimulação e ela é a criatura lisa e leal que não aceita constrangimentos. Não busca nem tem que salvar as aparências e nela a virtude defende-se por si. Poderia desafiar as sisudas, poderia desafiar suspirosos e enamorados a que lhe provassem a mais leve quebra de dignidade.

Que Ambrósia é leviana! Ambrósia é tão discreta e tão nobre que não ousaria dizer em voz alta o que são a maior parte das sisudas na opinião dos entendidos.

O orgulho ilimitado da beleza. Do amor de perdição ao patíbulo. A repulsa da mulher pela hediondez. Antes morrer que sacrificar os gôstos. Homens de Lisboa notáveis pela fealdade.

No reino da Polónia — conta *l'Amant oisif* — as raparigas costumam ir servir para os balneários onde o ambiente lhes é propício para granjearem noivo. Aquelas, porém, que se mostrarem menos severas em sua honra são condenadas ao fogo. Esta lei feroz vem, no fim de contas, favorecer-lhes os desígnios, porque se a fogueira lhes não tragou o corpo é porque são castas e pudendas.

Foi ao serviço dum dêstes estabelecimentos que uma donzela, tão notável pela sua beleza como pelas suas boas qualidades, distinta em tudo das outras, teve a desgraça de ser amada por um moço, muito bem apresentado de verdade, e de vir a amá-lo, também. Resistiu ela quanto pôde aos galanteios do seu amado, não só porque temia os rigores da lei, mas porque era séria de seu natural, não tendo nunca dado que falar até a entrada para o balneário. Um dia, afinal, fraquejou; fraquejou num dêstes momentos em que as mais graves e resistentes atiram para cima do telhado honra e dever, tudo junto.

São as tais horas do diabo, ou maré do carvoeiro de suprema e cega felicidade. Curlane não gozou por muitos meses dêsses instantes inefáveis sem que as conseqüências do seu pecado se lhe não dessem a conhecer. E tão grande foi o seu desgôsto com a descoberta, que caíu doente. Chamados os facultativos, breve fixaram estes a causa da enfermidade, pelo que, sem atenção pela sua formosura e pelos seus bons predicados, foi presa, para ser julgada, e executada depois, consoante o determinado na lei. Na véspera do julgamento, o carrasco apaixonou-se por ela.

Tôda a noite andou com a pobre em sonhos e fantasias, e o seu espírito estudou um por um os mil meios de a salvar. Muitos se lhe ofereceram, uns mais falazes que outros. O seu empenho seria encontrar um que lhe acarretasse, ao mesmo tempo, a posse da bela criatura. Acudiu-lhe, finalmente, ao espírito que o melhor seria deixá-la condenar para, uma vez chegadas as coisas até ali, êle aparecer a solicitar o seu perdão, que seria concedido, desde que se propusesse desposá-la. Era esta uma prática estabelecida e seguida na Polónia como em outros reinos. Curlane foi, pois, condenada e logo o executor se interpôs junto dos magistrados com requerer a sua graça. Necessário se tornava, porém, que ela o aceitasse para marido e como o seu amor era, de grande, tímido e suspeitoso, o carrasco obteve que a sua resolução não fôsse comunicada a Curlane, senão diante do estrado do suplício. Movia-o a esperança que ali, mais fàcilmente que noutro

lugar, a sua relutância seria quebrada, se relutância houvesse. Curlane, no dia marcado, foi pois levada à praça para queimar. O algoz deixou-a aperceber-se bem da situação e do aparato do suplício, e declarou-lhe depois que tinha pedido o perdão em seu favor e que o havia alcançado.

— O quê? Tu, pedires o meu perdão?! — proferiu ela com desprêzo.

— Sim, eu, — respondeu o carrasco, deitando-se-lhe aos pés — mas com a condição que temos de casar um com o outro.

Curlane voltou-se para o povo, sem tornar resposta ao miserável, e exclamou:

— Já que um carrasco e mais ninguém me quere, só me resta morrer!

E mal estas palavras não eram ditas, ela mesma se atirou à fogueira.

Estava uma outra rapariga para ser enforcada em Viena de Áustria; um napolitano, homem já maduro e feio como bode, saiu do meio da turba a solicitar o seu perdão. Segundo a lei, a graça não lhe podia ser recusada, dado que êle se prontificasse a desposá-la e ela anuïsse.

— Sou fidalgo, — disse êle para a graciosa criatura — tenho alguma coisa de meu, e só desejaria ser rei para, com o amor que me inspira, depositar aos seus pés um reino.

— A sua generosidade sensibiliza-me muito, — respondeu ela — mas por mais que queira não posso vencer os meus sentimentos. E os meus sentimentos

mandam-me antes morrer que casar com um homem tão feio como o senhor.

Envergonhado, o napolitano sumiu-se na populaça e a preciosa fez sinal ao carrasco que estava às ordens.

Certo é haver fealdades tão estranhas e raras que que contendem tanto como as belezas mais peregrinas. É entre os judeus e turcos que, com abundância, se encontram as caras que parecem feitas para correr o carnaval. Em Londres há um judeu, senhor de fisionomia tão disforme e hedionda que, estou certo, todos aqueles que o encontram julgam ver o Porco Sujo.

D. Pedro Henriques, filho de Henrique Henriques, de Arroios, era talvez o homem mais feio que os meus olhos têm visto. Espírito vivo e curioso, extremamente chasqueador, a si mesmo fazia justiça, dizendo:

— As minhas feições são únicas, tanto melhor. Também me distingo dos outros animais, meus semelhantes. Verdade que há muito busco o tipo que me vença em fealdade; debalde.

Um dia passámos, eu e êle, pela aldeia do Carvalhal em cuja igreja há um Cristo muito venerando, cortado por imaginário de aldeia, tão tôsco como primitivo. Entrámos a fazer as nossas devoções e Henriques, depois de considerar demoradamente a sagrada imagem, proferiu:

— Francisco, não digas nada a ninguém, mas acabo de topar o meu rival. O Cristo, que ali está, em fealdade leva-me a palma.

De facto, aquele Cristo metia mêdo, tão horrível era a sua carantonha.

Antes de partir para a Índia, onde foi exercer um cargo público, Henriques declarou ainda:

— Se lá pela Ásia encontrar um homem tão feio como eu, mando-te dizer. Agora mais hediondo que o Cristo do Carvalhal não quero que haja à face da terra.

Ouvi também contar que certo fidalgo, tão mal parecido, senão mais, que Henriques, se tomara de amores por certa moça, viva de sangue e chistosa, que não podia suportá-lo, mas que não tinha a corade lho dizer cara a cara.

E para se ver livre dêle recorreu a um estratagema que não deixa de ser singular. A título de que gostava de possuír um retrato do galã feito por determinado pintor, pediu-lhe para se pintar. Apressou-se o enamorado a obedecer e, entrando na oficina do artista, deparou-se-lhe numa grande tela branca, mal delineada de carácter, mas riscada já de contornos e aparatos, a figura do Diabo. Pôs-se o artista à obra com trasladar para a máscara do Diabo as linhas fisionómicas do fidalgo.

— Que está o senhor a fazer? — preguntou êle

— Que estou a fazer? Pinto o Diabo...

— O Diabo... Para quê?

— Ó senhor, eu não faço mais que executar a encomenda de que me incumbiram. Que pintasse o Diabo exactamente com a cara do sujeito que me haviam de enviar para modêlo. Porventura não é o senhor êsse modêlo.

O fidalgo compreendeu, e de vez para sempre largou a dama dos seus sonhos.

Ouvi esta história, em Lisboa, há cerca de trinta anos. Um francês, mais tarde, afiançou-me que o facto se passara em Paris. E não ficou aqui; a um italiano ouvi reivindicá-la, como tendo o seu teatro em Roma.

Fôsse lá onde fôsse; há uma infinidade de historietas que não têm pátria ou antes pertencem a tôdas as pátrias, como Homero a muitas e várias cidades da Grécia. Trata-se de nos levarem um homem feio como o Diabo; deixá-lo ir, com todo o prazer, quer para a Itália, quer para a França, onde, diga-se em abôno da verdade, as caras feias são mais raras que em Portugal e em Espanha.

Constância feminina e fortaleza. Por sua fragilidade, apenas, mandam as mulheres nos mais fortes.

As mulheres são fracas e inconstantes por natureza. Salomão, o sábio dos sábios, que as conhecia melhor que ninguém, comparava-as ao vento. «O homem que tenha uma mulher — diz êle — e a queira guardar, agarra o vento com as mãos.»

Verdade é ter havido mulheres duma fortaleza e

magnanimidade tais que não há memória de semelhante entre os homens. Assim, a formosa Lena preferiu trincar a língua e escarrá-la à face do algoz que fazer revelações quanto à morte do tirano. Epicáris, entre delatar a conjura contra Nero ou a morte, antes quis morrer.

A atitude duma ou doutra mulher, indomável no meio dos suplícios, não infirma o meu juízo.

São raros estes exemplos, mas que não fôssem, que desdobrassem ante meus olhos uma longa lista de mulheres enérgicas e desenganadas, o meu conceito ficaria de pé. Acaso as fraquezas dum Sansão, dum Hércules, dum David, dum S. Pedro e dum ror de personagens, tão vergonhosas ante a constância de certas heroínas, seria argumento bastante para provar que os homens são mais fracos ou cobardes que as mulheres?

Maneira de me convencer do contrário, um católico remetia-me há tempos para a leitura do martirológio, onde S.ta Bárbara, S.ta Luzia, S.ta Catarina, e muitas outras virgens, aparecem toucadas duma auréola de firmeza e abnegação que obscurece a dos mártires mais famosos. Como tais historietas não me eram estranhas, fiz-lhe ver o muito de falso que conteem, apenas digno de gracejo, e as puerilidades de que enxameiam, apenas aceites por imaginações de simples.

Gratuito se me afigura também o raciocínio que confere às mulheres valor e intrepidez iguais às dos homens, dado que fôssem admitidas aos mesmos

exercícios que êles. A educação dos sexos é, com efeito, diferente.

«Ao homem — escreve Melmoth, *The Letters of sir Thomas Fitzosbonne* — desde a infância se lhe oferecem à emulação os modêlos mais eloqüentes de nobreza e de carácter. A mulher, pelo contrário, à medida do seu crescimento, mais e mais se lhe comprime o espírito e se aperta a seus olhos a noção da vida. Antes valia não ter educação nenhuma a possuír uma tão errónea. Neste particular, os homens adoptaram as ideias maometanas, contrárias aos seus interêsses. A sazão da vida em que somos susceptíveis de mais fortes dedadas é regida pela imperiosidade do sexo. A máxima de Catão é verdadeira em todos os tempos e para todos os povos : *as mulheres governam naqueles que governam nos outros.* Não seria, pois, mais inteligente formar as mulheres na arte da governação, uma vez que directa ou indirectamente estão destinadas a tomar as rédeas do poder?»

Melmoth, bem entendido, não pretende converter as mulheres em guerreiras e conquistadoras. A seu modo de ver, uma Boadicea em armas é tão ridícula como Aquiles vestindo saia e anquinhas. Outro-sim, imagino eu que o sistema de educação decantado por Melmoth, não virá a criar sabichonas, capazes de reger cátedra de teologia ou de filosofia. Ao condenar a *República* de Platão neste particular, o seu pensamento transparece. Ambiciona a mulher, seguindo a escola da natureza e do bom senso, de ciência aprendendo o que basta para ser discreta

sem artifício e culta sem afectação. Numa palavra, gostaria de vê-las a tôdas encarnando aquela *Hortênsia* que pinta a capricho, exemplar raro, concebido para inebriamento e delícia dos homens.

Seria êste o ideal, mas como mulheres dêste quilate escasseiam no mundo, não adoptar à letra a máxima do misantropo:

La meilleure est toujours en malice féconde;
C'est un sexe engendré pour damner tout le monde.

Formada em moldes largos de educação, a mulher quedaria, porém, o que é — mais frágil e inconstante que o homem. E graças, porque a fragilidade é a sua maior fôrça e a inconstância, porventura, o mais sedutor dos seus agrados.

Carta. Podem as senhoras exercer missões diplomáticas? Sim e não. Exemplos notáveis. A condessa da Ericeira.

MINHA Senhora. Consultando Vossa Mercê várias pessoas, foram tôdas unânimes em responder que tanto a pragmática como as leis proíbem às mulheres representar os soberanos na qualidade de embaixadores. Note-se: embaixadores, não embaixatrizes.

Afim de evitar controvérsias, poderia convir que as ilustres pessoas consultadas lhe falaram verdade. Como, porém, uma declaração tão peremptória me obrigaria a pôr ponto nesta carta e que V.ª M.cê me taxaria de preguiçoso, permito-me adverti-la que foi mal informada sôbre o assunto, pois não são as leis, mas apenas o uso quem veda às mulheres exercer o ministério público de embaixadores.

Como não está nos hábitos correntes, imaginam que deve existir lei que estorve os príncipes de entregarem a senhoras a representação nas côrtes estrangeiras. Tal crença é manifestamente errónea. Pois se uma senhora pode subir ao trono, governar um reino, nomear e delegar alçadas de tôda a espécie, por que razão não havia de ser investida em cargo de muito menos latitude e responsabilidade?

Certo, há dois motivos que determinam os príncipes a pôr de parte as mulheres para tal género de funções. O primeiro é que conselheiros e ministros cobrariam zêlos ao ser-lhes apresentada uma dama como possuindo dons de prudência, de finura, de subtileza em grau superior ao dêles de modo a serem preteridos em pôsto a que todos geralmente aspiram. O segundo é que, assente entre os homens o princípio de que as mulheres são naturalmente inconstantes a deliberar e frágeis a decidir, não parece razoável confiar-se-lhes ministério em que se requer cabeça de ferro e pertinácia a tôda a prova.

Mas se elas podem ser raínhas regentes, governadoras da nação, em conformidade não podem de-

sempenhar-se com honra do papel de embaixada, onde sempre há menos magnitude de negócios e menos gravidade nos ofícios?! Por minha honra declaro que sim.

Há, todavia, uma certa diferença entre raínha ou regente e embaixatriz. Uma raínha e tôda e qualquer princesa que esteja à testa do Estado, tem sempre a seu lado o Conselho; graças aos ministros que consultará sempre que lhe apeteça, tôdas as dificuldades serão vencidas, se não superadas, e o seu govêrno pode ser conduzido com sabedoria e acêrto. Os exemplos abundam na história. Nos nossos dias, aí está a imperatriz da Hungria para o atestar de maneira eloqüente e insofismável.

Um embaixador, pelo contrário, nunca é assistido de conselheiros; se lhos pusessem à ilharga, *ipso facto* deixaria de ser embaixador.

A natureza e os deveres dêste cargo exigem daquele que o exerce resposta rápida e assisada, faculdades de improviso, vista larga em atar ou desatar imediatamente, e nisto se resume o êxito ou malôgro duma negociação.

Dado que fôsse aceitável ladear uma embaixatriz de sábios e leais conselheiros, estes não poderiam acompanhá-la por tôda a parte, mormente não poderiam servir-lhe de qualquer socôrro naquelas conjunturas em que tôda a delicadeza está em serem instantes e inesperadas.

O duque de Ferrara, — conta Carpi no *Cérémoniel* — capacitado do mérito, habilidade e tacto da con-

dessa***, pensou enviá-la a Roma fim de, como embaixatriz extraordinária, resolver negócios que tinha pendentes com o Papa. Advertido, o pontífice Paulo III insinuou ao duque que não poderia receber a condessa em qualidade de embaixatriz, houvesse em vista o escândalo que não deixaria de provocar e o melindroso que resultaria para a Cúria o facto duma dama aparecer a ventilar com cardiais e mais prelados negócios de ponderação. Foi ainda mais longe o Papa. Publicou uma bula pela qual quedou interdito receber em audiência a mulheres, fôsse qual fôsse a sua condição e qualidade, sempre que viessem revestidas do carácter de embaixatrizes.

Confesso que não seria muito decoroso ver uma dama em côrte estrangeira, transportando-se de cá para lá, acabando de deixar um ministro devasso, surpreendido frente a frente com a amásia, para logo se encontrar com outro, encafuado na cama por doença.

Além disso, seria obrigada de tratar hoje com um, amanhã com outro. O título de embaixador significando homem público, tal designação não assentaria bem em senhora de brio e de recato. Duvido mesmo que uma dama chegasse a alcançar o conhecimento perfeito e a prática consumada de ardis e manhas que são o necessário apanágio de tais cargos. A menos que se contentasse de ser um dêstes deminutivos de ministro, frouxos em dignificar a representação que recebem, indiferentes ao bom nome do soberano, fautores de êrros e fraque-

zas que envergonhariam a mulher mais Eva do universo.

Outras circunstâncias concorreriam para que uma senhora se sentisse melindrada em tal mister. A carreira tem graus, acessos, precedências. Desde que êste ou aquele embaixador lhe disputasse a primazia, à certa que iria ofender as regras da civilidade e a distinção que a prática estabeleceu em favor do belo sexo. E, não obstante, nada mais humano que o diplomata consumado reivindicar o lugar que lhe cabe ou a que mesmo não poderia eximir-se, mau grado sua extrema galhardia.

Haveria ainda certa incongruência em ver-se uma dama representar formalmente ao seu soberano, em qualidade de embaixatriz. Objectar-se-á, eu sei, que se o homem pode muito bem representar em côrte estrangeira a soberana da sua nação, como sucedeu com a raínha Isabel e raínha Ana de Inglaterra e ainda sucede com a actual imperatriz reinante, por que não poderia uma dama desempenhar tal papel em nome do seu rei? Responde-se a tal reparo observando que sempre tais incumbências foram atribuídas ao homem e nunca autorizadas à mulher. A palavra homem na Escritura Sagrada, da mesma maneira que na linguagem das escolas, compreende genèricamente mulher. Quando David afirma: *a mentira é própria do homem,* subentendia os indivíduos dos dois sexos. Se pudesse dar-se outra interpretação ao texto seguir-se-ia que a mulher nunca mente ou que, pelo menos, não é tão atreita

à mentira como o homem. E, a ser assim, não seria preciso ir mais longe para demonstrar que a mulher é absolutamente incapaz de servir como embaixador.

Se é certo, porém, que o nome de homem compreende o de mulher, a recíproca não é exacta, a avaliar pela voz da Bíblia, das escolas, e o próprio espírito das leis. O direito político e eclesiástico não autoriza a mulher a representar o homem, por exemplo, na cerimónia do casamento que se celebra mediante procuração. Sem recorrer a testemunhos da história, que são aos cardumes, lembrarei que eu próprio antes de partir de Lisboa casei na freguesia de S. José, após licença do Patriarca, com meu cunhado, Luiz António de Araújo Banha, executor do Conselho Ultramarino e dos Armazens da Corôa, e cavaleiro da Ordem de Cristo, que representava a irmã; na freguesia de S. Cristóvão, a pragmática repetiu-se, sendo eu procurador de minha irmã, ao consorciar-se com Miguel Lopes Ferreira, membro do Tribunal de Contas.

Esta prática começou a introduzir-se sob a autoridade do pontífice, há perto de dois séculos, com o arquiduque Alberto.

Estando êste príncipe em Ferrara, no ano de 1595, aí contraiu matrimónio na presença de Clemente VIII com D.ª Isabel, irmã de Filipe III, que, ausente, delegara no embaixador de Espanha. Que semelhantes poderes possam ser conferidos a mulher não há memória.

O carácter de embaixatriz seria, pois, pouco idó-

neo, seria mesmo deslustroso na pessoa da mulher. Todavia não existe lei que lho proíba. Se um príncipe — diz Mighalius — entende confiar a mulher o exercício destas melindrosas funções em côrte estranha, está no seu direito. E o soberano a quem vai creditada tem, entendido, a obrigação de recebê-la, cercá-la de tôdas as honras e privilégios, franquias e imunidades que são de usança com embaixadores.

Como, a falar franco, não tenho lembrança de que tal hipótese alguma vez se realizasse, receio muito, contra o modo de ver de Mighalius, que o príncipe a que fôsse proposta tal deputação recusaria o beneplácito, com receio de inovar. Se, para mais, fôsse católico, de certeza que invocaria o precedente de Paulo III, alegando que a bula do Papa, acêrca de tal matéria, tinha fôrça de lei geral, admitida pelo Universo.

Está averiguado que, indirectamente, isto é sem credenciais, muitas damas trataram e concluiram negociações importantes, respeitantes, até, a paz e guerra. Em harmonia, eram admitidas e recebidas com tôdas as honras nas côrtes estranhas. À conferência geral que teve por sede S.t Omer — diz Du Chesne — o duque de Borgonha delegou a duquesa, sua mulher. Em atenção à pessoa que representava, colocaram-na logo à direita do cardial de Winchester, a quem, pela sua alta jerarquia, coube a presidência.

No tratado de Cambraia, assinado em 1508, mediante o qual Luiz XII de França se aliou com o

Imperador contra a República de Veneza, Margarida, duquesa de Saboia, foi nomeada para estudar e redigir os artigos da Liga, de par com o cardial de Amboise.

No ano de 1670, o rei de França enviou a Inglaterra a duqueza de Orléans, sua cunhada; e, sob o pretexto de visitar o rei seu irmão aí se demorou, munida de instruções e poderes necessários, o tempo de poder concluir a aliança contra os holandeses.

A condessa da Ericeira, estando regente do reino D.ª Catarina na ausência de el-rei D. Pedro II, freqüentemente conferenciava com os ministros estrangeiros sôbre os negócios mais momentosos do Estado, o que ninguém censurava, dados os seus muitos conhecimentos, méritos, e prática que tinha de várias línguas.

Há, porém, uma diferença sensível em tratar negócios públicos em qualidade de particular e em tratá-los com carácter oficial. É certo que um arranjo, celebrado em virtude de prerogativas conferidas a uma mulher, deve ter e tem, com efeito, a mesma fôrça, vigor e pêso que todo e qualquer tratado concluso e chancelado por embaixador. É esta a opinião, que sustento no *Plénipotentiaire parfait et imparfait* que estou a compor e destino à publicidade, baseado sôbre os efeitos e porte de dois diplomatas portugueses, o conde de Tarouca e D. Luiz da Cunha, ambos célebres em tôda a Europa, tanto por suas capacidades como por seus defeitos.

Permita-me V.ª M.cê de acrescentar ainda esta

reflexão, e é que sendo a brandura e as lágrimas as armas invencíveis da beleza, uma formosa embaixatriz que soubesse usar delas, sem canseiras e sem grandes gastos de tempo ultimaria as negociações mais complicadas. E isto é tão evidente que, se algum dia os príncipes estabelecerem como norma outorgar às damas a dignidade diplomática, de ante-mão o ganho de causa lhes está assegurado em tôda a casta de pretensões, as mais impraticáveis, e nas pendências as mais gravosas. Não há prodígio, não há maravilha que se não deva esperar de dama que ao mérito e à beleza aliasse o prestígio de representar o rei. A ideia só de tão brilhante personagem é a tal ponto sedutora que mais me não permite que declarar-me de V.ª M.cê, etc.

MÉDICOS, CHARLATÃIS, MEZINHEIROS

Médicos. O seu poder relativo. Um médico árabe ao mesmo tempo filósofo. O Dr. Machuca, mago dos magos. Um seu émulo, infeliz no diagnóstico e feliz na cura.

Um amigo diz-me que não há recompensa bastante para o médico que nos restabeleceu a saúde, e nos prolongou a vida à fôrça de cuidados e em virtude dos remédios que nos ministrou.

Labora em êrro; não há remédio possível neste mundo capaz de nos agüentar nêle, além do têrmo que nos está prefixo. Êsses elixires e êsses desvêlos, a que se julga tão obrigado, podem, é certo, aliviar-nos os males e curar-nos de enfermidades umas vezes por outras. Mas estão muito longe de ter a importância que lhes atribui; e bem embaraçados ficariam os senhores facultativos se fôssem remunerados na proporção de seus méritos e do seu saber. Astrigilda, mulher de Gontrão, rei de Borgonha, manifestou, moribunda, o mesmo desejo que Herodes, se Flávio José não mente.

Gostaria de ser chorada nos funerais, e, para tanto, pediu ao marido que mandasse matar os médicos, já que não haviam sabido curá-la da sua der-

radeira enfermidade. O príncipe executou pontualmente esta última vontade, e os médicos da raínha foram passados à espada.

Aqui está uma recompensa de tirano, que acreditava talvez imoderadamente na virtude das medicinas. *L'Espion* conta, também, a seguinte historieta que, porventura, faria mudar de opinião ao meu amigo, no que diz respeito à paga que aos médicos se deve. Helal era um médico famoso, estabelecido em Bagdad, além de consumado na profissão, muito douto nos variados ramos da ciência, e por isso, a família real e a nobreza da Arábia tinham por êle grande estima. Um dia receitou para o imperador Tuzun e receitou com bom resultado. O imperador, imbuído de ideas erróneas, procurou recompensá-lo com munificência. Fêz-lhe presente duma bela túnica rial, de cinco mil piastras e ordenou que fôsse passeado em triunfo pelas ruas da cidade. Ibraím, filho de Helal, notou, porém, que o pai conservava no meio de tôdas estas honras um ar apreensivo e grave, quando a hora era para que estivesse radioso e prazenteiro. Intrigado, preguntou-lhe :

— Como é isso, meu pai, vejo-o triste, quando tôda a gente o julga venturoso ?

— Meu filho, — respondeu êle — a homenagem que me tributam vem da mão dum estouvado, que tudo faz à tôa e sem medida. Por isso tolo seria eu se rejubilasse com favores que devo, não ao seu critério, mas à sua leviandade. Em verdade, eu tinha-lhe ministrado uma poção catártica, dum efeito tão vio-

lento, que lhe provocou, com a ruptura do intestino, um grande derramamento de sangue. Quando dei por tal, procurei com outra droga atalhar ao mal inesperado e, de facto, a hemorragia cessou. Por acaso o doente sentiu-se aliviado e, como inepto que é, foi levado a atribuir à evacuação de sangue um bem donde lhe ia resultando a morte. O que me penaliza é que esta mesma necedade o leve na primeira ocasião a cometer a asneira inversa, tomando como desastrada uma medida de boa inspiração, e, assim induzido, me mande à degola.

Dos muitos médicos de que se orgulha a Arábia, nenhum, ao que parece, pode ser comparado a Thabet, que, pelos movimentos só do pulso, indicava duma maneira irrefragável a causa das enfermidades.

Conheci em Portugal um émulo dêste árabe sapiente, médico como êle, exímio especialmente em artes fisionómicas, mestre nos palpites. Chamava-se o *Doutor Machuca* e à sua conta correram as versões mais lendárias e singulares. Sabia ler no coração dos enfêrmos com certeza desconcertante. Pelo tatear do pulso, afectava tornar-se ciente de qualquer infracção à dieta: que um tinha bebido vinho, quando lhe fôra expressamente proïbido, que outro não observara o silêncio ou repouso aconselhado. Tomava o pulso de mocinha, de senhora casada ou de rapaz novo que estivesse doente. À primeira dizia, supunhamos: «a menina comeu azeitonas, a menina chupou uns gomos de laranja»; dizia

à segunda: «de ciúmes é que a senhora padece, e não deixo de reconhecer que tem razão. O seu marido ama-a de-veras, mas é estroina, gosta de variar». Finalmente, dizia ao terceiro: «eu sei, recebeu visita», ou, «recebeu carta da sua namorada, escusa de negar, o pulso não erra»! Era assim, e, como acertava quási sempre, passava por adivinho. A sua fama andava por longe e daí a clientela ser grande e de qualidade. Enriquecia.

Um seu colega, médico no nome, charlatão de natureza, que morava perto e nutria com êle relações de boa vizinhança, disse-lhe certo dia:

— Não sei que pense. Ou eu sou muito desafortunado ou muito sandeu. Exercemos a mesma profissão; começámos a exercê-la ao mesmo tempo; emquanto o colega adquiriu larga e bem remunerada reputação, ninguém sabe a minha porta, ninguém fala no meu nome e a custo granjeio com que sustentar a família. Por Deus lhe peço, revele-me uma ponta do segrêdo em que reside essa sua vista certa e penetrante, êsse condão de adivinhar...

— Não tenho condão nenhum — respondeu o médico afàvelmente, porque prezava a galantaria.

Mas o outro tanto instou com súplicas e lamentos que, condoído, lhe confessou que tôda a sua ciência consistia em certa vivacidade, no ardil e destreza que punha em jôgo para a descoberta de pequenos nadas que só os néscios podiam transformar em coisas extraordinárias.

— Entro numa casa — acrescentou êle — e vejo-me

defronte de rapariga incapaz de observar à risca a abstinência que se lhe recomenda. Casualmente descortino debaixo da cama caroço de azeitona ou casca de laranja e, tomando-lhe o pulso, digo-lhe que provou desta ou daquela fruta: palpito logo se me quere ou não enganar; a perturbação, o embaraço são indícios seguros. Sustento o que avancei, adopto o tom peremptório, e ela sucumbe, confessa, e imagina-me bruxo e, com tal imaginar, sugestionará quem a oiça. Os vários sucessos a que o meu caro vizinho aludiu são tão simples e tão naturais como êste.

— Bem, obrigadinho, — proferiu o charlatão — daqui em diante já sei como hei de fazer. Eu lhe darei conta do resultado.

Saía a porta do amigo, veio ter com êle uma mulher que lhe pediu para ir ver o marido que estava de cama com febre. Acedeu. O charlatão, pouco depois, encontrou-se perante um homem robusto, hercúleo, que se queixava de violentas dores de cabeça. Ora, sentando-se à cabeceira e tomando-lhe o pulso, reparou nas fêveras de erva que estavam debaixo da cama:

— Sabe qual é a causa do seu mal? É ter comido muito erva.

— O senhor está cheio de vinho! — exclamou o doente.

— E o senhor cheio de erva — replicou o doutor.

E, de doesto em doesto, o doente disse na cara do médico que não passava duma refinadíssima ca-

valgadura que a mulher encontrara lá fora, desprendida da argola. O doutor ripostou que maior cavalgadura que aqueles que comem erva não podia haver. Ora, o doente alterou-se e, tão colérico que a cólera lhe varreu de assentada as dores de cabeça, correu o doutor a pontapés pela porta fora. Ficou o sabichão quite da aventura com uma perna partida, o que o tolheu de ir contar ao vizinho as primícias da nova carreira. Breve, porém, o doutor perspicaz foi informado do lance, e, no bairro, não houve por muito tempo motivo mais fértil em chacota.

A arte de curar o semelhante. Médicos e charlatãis. Os santos ou a fé também cura. A dorna de água fria terapêutica mortal para a época. Molière e a sua aversão pela medicina.

São raros os médicos experientes e abalisados; em compensação fervilham os charlatãis e os ignaros, em número que só tem uma vantagem, a de fazer sobressaír aqueles e abrir clareiras no formigueiro humano. É o que se encontra por êsse mundo fora, desde as capitais soberbas às vilórias adormecidas no sertão.

O estranho é que todos têm que fazer, e, a matar gente ou salvar gente, andam numa dobaboira. Compreende-se: a vida cada vez se vai tornando mais

desregrada, os homens, portanto, mais atreitos aos achaques.

Certo francês, — conta-se — homem de qualidade e com voz nas academias, notou que os habitantes duma aldeia, vizinha da sua herdade, gozavam de saúde de ferro, e viviam idade provecta, até o momento em que se estabeleceu entre êles um medicastro. Desde essa hora, começaram a adoecer e a morrer novos.

O profeta árabe diz: «Só pode ser bom cirurgião aquele que nasceu cirurgião». De facto, não só para a medicina como para tôdas as demais artes e ciências é necessária a vocação. Conheci pessoas que nunca freqüentaram as escolas, que nunca aprenderam uma palavra de anatomia e, não obstante, operavam curas maravilhosas. Dotou-as a natureza com faculdades privilegiadas que o acaso, senão um cuidado misterioso da própria natureza, se encarregou de pôr em exercício. Mais felizes que os homens são todavia os irracionais, pois que, por instinto, conhecem as medicinais que lhes são salutares. Foram êles que indicaram à ciência a virtude de muitas plantas e, mesmo, o seu emprêgo.

A-par dessas criaturas predispostas à arte de curar as moléstias da humanidade, homens há que queimaram as pestanas a compulsar tratados e arrastaram a mocidade por universidades e academias e não passam de chapadíssimos asnos. Dir-se-ia que entraram em entendimento com a morte e dela são solertes obreiros. Conheci um dêstes médicos, para meu mal.

Um dia que voltava da romaria de Nossa Senhora da Nazaré, a umas vinte léguas de Lisboa, onde ia ano por ano, como apanhasse durante três dias o sol da canícula, ao chegar ao Vimieiro, senti-me muito mal disposto. Em Tôrres, distante pouco menos de sete léguas da capital, desci do cavalo, que já não podia aturar com o febrão que me assaltara, e mandei vir de Lisboa uma liteira, que me transportasse. Entrei na estalagem e meti-me na cama. Entretanto, vieram dizer-me que na terra havia um homem muito entendido em medicinas, e mandei-o chamar. Acorreu o homem quando eu começava a transpirar e valentemente. Aproximando-se de mim, tomou-me o pulso e à luz da candeia examinou-me a língua e os olhos.

— Está de pernas ao ar — declarou. — Se deseja tomar alguma disposição ou quere fazer testamento, não tem um minuto a perder.

Cozido como estava com febre, arregalei os olhos para o estafermo. Voltando-se para os circunstantes, por sua conta e risco, clamava:

— Vá, corram a buscar o Viático para êste homem.

E o ar dêle era tão importante, e tão cómico ao mesmo tempo, que não me pude tolher de lhe disparar uma gargalhada.

— Se estou de pernas ao ar, como posso fazer o testamento e receber a Extrema-Unção?

— Está a delirar; o riso é delírio. Coitado, daqui a pouco não ri!

Não riria; daquela feita porém tinha rido às escâncaras. Armelin, filho do cônsul de França, que estava presente, disse-me, mais tarde, que eu soltara tal surriada que chegou a julgar-me em grande perigo.

O esculápio tomou-me novamente o pulso e gravemente tornou:

— O acesso leva jeitos de redobrar. Hum, não escapa!

Ouvi o diagnóstico com paciência, limitando-me a observar que, mal chegasse a liteira, abalava para Lisboa.

— Se tem algum remédio que me possa aliviar, — acrescentei — faça favor; o que fôr eu pago.

— Estou convencido que pouco vale receitar — replicou. — A única coisa que lhe pode fazer bem será uma imersão até o pescoço numa dorna de água fria.

— Numa dorna de água fria...!? Nunca! — e indignado voltei-me para o outro lado, com grande vontade de dormir.

O sabichão, como eu recusasse confessar-me e ouvisse algumas palavras em francês trocadas entre mim e Armelin, preguntou-lhe:

— Será cristão êste senhor?

E já não percebi a resposta, mergulhado no sono. Acordei cêrca das sete horas da manhã, ao ruído da liteira que parava na calçada.

Sentado na cadeira estava o médico; ali passara a noite, a velar-me, à espera que eu soltasse o último suspiro. Tornou a examinar-me e proferiu:

— Está melhor!

Convenci-me, então, que os fumos da bebedeira se lhe tinham dissipado um pouco nos miolos, porque, para mim, o homem estava borracho quando me veio ver.

Cheguei a casa na tarde dêsse dia. Piorei consideràvelmente; ardia em febre. Fiz então o meu testamento e recebi o Viático. Nem médicos, nem ninguém da minha família me julgava. Mas arribei, graças aos desvelos e à muita proficiência do Dr. Mirandela, médico de grande nomeada e, por certo, dos mais sabedores que há em Portugal, ou melhor, graças à Divina Providência. Eu tinha-me chamado à Virgem da Nazaré e à sua intercessão atribuia a cura. Minha mãi, por sua vez, recorrera à Virgem Nossa Senhora da Graça, minha tia a S. Guilherme. Em suma, a hora ainda não soara para mim.

Li algures que sempre que há mais que um médico ou um boticário à cabeceira do enfêrmo, não é legítimo ir buscar a causa do trespasse a febre, fluxo de peito ou outra enfermidade. A causa está nêles, no receituário. Adopto êste parecer, não só pelo que respeita aos médicos do género do de Tôrres, mas ainda de outros, com certa aura no exercício da profissão. Todavia seria injusto confundir-se a realidade da cirurgia com que há de quimérico na medicina. Médicos, pois, a um lado; cirurgiões a outro.

A prudência, o nosso próprio interêsse de conservação ordenam que se fuja o máximo possível ao uso das medicinas. Se se tornam forçosamente indispensáveis, neste caso todo o escrúpulo na escolha

do facultativo é recomendável. Uma vez assente a escolha, o melhor é confiar-se um cristão cegamente em suas mãos. Nada tão arriscado como fazer-se assistir de três ou quatro médicos, de dois ou três boticários. Os ricos e os grandes senhores, por vaidade ou porque é moda, assim procedem. Mal andam. Não esquecer: a medicina é uma espécie de arte de adivinhar.

Assim a consideravam os antigos. Atribuindo a Apolo, filho de Júpiter e Latona, a invenção da Medicina, simultâneamente o glorificavam como fundador da arte divinatória, como se estas duas especialidades fôssem inseparáveis.

Para mim, dois homens que se vêem em transe de adivinhar, adivinham sempre muito diferentemente um do outro. Daí, o estar persuadido que três ou quatro médicos, tendo a seu cargo o tratamento dum enfêrmo, raramente chegam a acôrdo quanto ao diagnóstico e sua terapêutica.

Quatro pilotos que quisessem ao mesmo tempo guiar um navio, fatalmente o levariam à perdição; pelo menos, só por milagre, e com grande perda de tempo, o poderiam conduzir ao pôrto. Ora, é muito mais difícil, ainda, que um enfêrmo recobre a saúde desde que se entrega às opiniões e, por assim dizer, à confusão de hipóteses opostas e temerárias que resulta duma junta de médicos.

Admito que se consultem vários doutores em matéria de doença grave e mal caracterizada; mas, depois de ouvidos e adoptado o melhor parecer, o ra-

zoável é despedi-los a todos, com excepção daquele que oferecer maiores garantias.

Em honra da verdade, devo contar aqui o que sucedeu nas minhas vicissitudes de valetudinário. Noutros templos, mal padecia de dor de cabeça ou do catarro mais benígno, apelava logo para os médicos, pois que os boticários em Lisboa se limitam a preparar os remédios. Tinha um acesso de febre, eram chamados dois ou três, além do médico da casa, «de partido», como o denominam. Pôsto que moço, e bastante rijo, às duas por três caía de cama. Ainda não fizera trinta e dois anos, parece incrível, e já me havia sangrado umas quatrocentas vezes.

A partir dessa data, 1734, entrei a viajar, a andar de país para país, climas diferentes uns dos outros. Pois, não obstante, em dezasseis anos que levo no estrangeiro, nunca mais recorri a médico nem boticário, nem sofri sangradura. Presentemente, numa idade bastante avançada, e em precária situação, a minha saúde não é melhor nem pior que dantes. Algumas indisposições experimentei e mesmo contraí enfermidades incómodas. Porém, mediante um bom regímen, alguns simples, uma ou outra droga inocente, sempre me tenho curado por minhas mãos, louvores a Deus. Com prazer me ufano de, há mais de dezasseis anos, ter dispensado médicos; fica em paga do muito que os aturei na mocidade que, se possuísse hoje para meu sustento o que então dispendi com êles, nada tinha a recear pelo futuro.

Sabido é que Molière não depositava confiança alguma nos médicos. Um dia, convidado a jantar com o rei em Versalhes, disse-lhe êste apontando o Dr. Mauvillain:

— É então o seu médico?... Que lhe faz quando está doente?

— Majestade, — respondeu Molière — quando estou doente, eu e aqui o doutor discutimos a enfermidade; êle receita e eu despejo os remédios da janela para baixo e assim me curo.

Molière definia o médico: homem cobrando salário para dizer frioleiras à cabeceira dos doentes até que a natureza os cura ou os remédios os despacham para o outro mundo.

Pretendem muitas pessoas que a medicina não passa dum jôgo de conjecturas, insusceptível de ser adstrita a regras gerais e princípios fixos e constantes. Não permitindo a ignorância que me compenetre dos argumentos em contrário — que são muitos, confesso, — formo na fila dos incrédulos.

Hoocke, doutor em medicina, legou-nos um livrinho precioso, muito apreciado dos entendidos, com êste título: *An essay on physick*. Aí descobri esta passagem sincera: «Os médicos antigos fugiam de dar remédios; estudavam a natureza e regulavam-se apenas pela observação e a experiência. Dum método todo de cautelas, resvalou-se no terreno vasto da hipótese, chamou-se a filosofia que estava de moda a colaborar e abandonou-se em absoluto a realidade para correr em pós de quimeras. Os médicos

de hoje aperfeiçoaram-se na arte de matar sistemàticamente e consoante fórmulas».

Assim reza o Dr. Hoocke se o meu escasso inglês o não atraiçoa.

Para que não avance mais em domínio que não é minha lavra, *tractent fabrilia fabri,* aqui deixo aos leitores a caridade duma máxima, que não roubei a nenhum médico e tem sido a regra predilecta da minha entidade física :

Si tibi deficiant medici, medici tibi fiant haec tria: mens hilaris, requies moderata, diaeta, que é como que diz : ânimo alegre, repouso suficiente, dieta, e manda bugiar os médicos.

Curas sem médicos à cabeceira nem intervenção de santos. Psiquiatria de ocasião. A engenhosa traça de curar doidos.

CERTO escritor, mais indolente que um pachá, pelo próprio facto da calacice, acabou por enlouquecer. A degradação física e a degradação mental tendo progredido a par, o doente já se não levantava e preparava-se para morrer. Lembrou-se, modo de acelerar o trespasse, de mandar tanger os sinos a defuntos. O sineiro, porém, não o fêz com aquela solenidade ou fragor que o louco

esperava e êste, pulando da cama, foi à igreja e subiu à tôrre a mostrar ao sacristão como se repicava a sinais. E toca que toca, na sua mão febril, os sinos bimbalharam aos quatro ventos. A deitar os bofes pela bôca, coberto de suor, voltou o energúmeno ao leito. Adormeceu e na manhã seguinte acordou esperto como um rato, curado da doença e da maluqueira. E aqui está, o homem de letras pôde verificar o bem fundado da sentença do sábio Hipócrates: *contraria contrariis curantur.*

Li esta historieta no livro de Richard Mead, *Monita et praecepta medica,* e a sua leitura, sugeriu-me a lembrança de duas anedotas, de idêntico estôfo, que tiveram por teatro Portugal.

Certo patusco, tendo-se-lhe metido no juízo que era cântaro, consentia em beber tudo o que lhe chegassem ao bico, mas de comer nem bucha.

— Os cântaros não comem — dizia, e não havia modo de tirá-lo da toleima.

Tinha-se acocorado a um canto da casa, em lugar que lhe pareceu merecer as honras de cantareira, e sem se mexer, imóvel como tôda a peça de olaria, passou dias a fio sem absorver alimento algum.

Sucedeu ir visitá-lo um amigo que vendo o pobre a definhar, abandonado dos médicos que lhe tinham receitado manicómio, se condoeu e meditou a maneira de o curar. Lá estudou, combinou seu estratagema com uma irmã que o doido tinha, e foi empoleirar-se num canto da sala, face a face do demente. Uma vez aí, desatou a macaqueá-lo, pro-

testando que se tornara em cântaro como êle. O doido, que tal viu e ouviu, rompeu em muita alegria e grandes surriadas de riso.

— Como estás tu, meu cantarinho? — preguntava ao amigo, de espaço a espaço.

— Estou bem, camarada. E tu?

Decorrido um certo tempo, entrou a irmã do louco com pão e marmelada.

— Abre — disse ela para o pretendido doido, aproximando-lhe o comer da bôca.

— Não cômo; sou cântaro.

— Bem sei que és cântaro e é por isso mesmo que eu aí quero pôr o pão e a marmelada — e após isto dizer meteu-lhe na bôca umas boas fatias que êle se apressou a engolir.

— Então és cântaro e comes? Como pode isso ser? — preguntou o verdadeiro orate.

— Não comi; o que me pôs cá dentro cá está. Está guardado. E olha, se tu és cântaro, tens de fazer a mesma coisa, aceitar o que as criaturas te ponham dentro a guardar.

Veio a irmã do doido e meteu-lhe na bôca o alimento.

À semelhança do que fizera o outro, aquiesceu de bom grado e ingurgitou bocado sôbre bocado. Repetiu-se a cena várias vezes ao dia, e o tolo, acabando por habituar-se a comer, e sentindo-lhe a falta, êle mesmo pedia mais, e volveu de cântaro a homem e ficou curado da forte cisma.

Ouvi esta história ao Dr. Diogo Cardoso, médico

e judeu português, que conheceu o doido, a irmã e o amigo que tão engenhosamente o salvou.

Um alentejano, também, concebeu certo dia uma idea estranha, mais singular não podia ser. Imaginou que se não retivesse as águas, o mundo acabava.

— Era eu deixá-las correr — dizia — e fazia o dilúvio.

Não houve raciocínio capaz de esclarecer o entendimento alterado, e obstinadamente se submetia ao martírio para não envolver uma segunda vez a terra sob o lençol da inundação universal.

O Dr. Machuca era o médico assistente. Como a arte se mostrasse escassa para moléstias desta natureza, recorreu à sua imaginação que era rica. Deixou de importunar o doido com reflexões que, a-pesar-de sensatas e felizes, não tinham nenhuma eficácia. E lembrou-se de lhe dizer o seguinte:

— Vejo agora, meu amigo, que tem tôda a razão, e quão desatinado era o conselho que eu lhe dava de ceder às necessidades da natureza. Que grande desgraça a nossa, se tivesse acedido aos meus rogos! É verdade! Mas quanta gratidão não lhe vai dever a humanidade, pois que sem o seu sacrifício o mundo todo pereceria! Por tôda a parte a terra está a arder, arde a cidade, o fogo ameaça já esta casa com todos quantos estão dentro!...

Neste momento, na vizinhança vozes começaram a bradar:

— Misericórdia! Fogo!... Fogo!...

A criadagem entrou disparada pelas portas, ao

mesmo tempo que labaredas charriscaram o ar, coando-se pelas frestas e fendas da casa. E não faltou uma grande fumaceira, como era próprio de tão pavoroso incêndio.

Machuca então rompeu a clamar:

— Por quem é, senhor, tenha dó. Salve o mundo! Salve-nos! Por quem é!

Cheio de regozijo, o doido levantou-se e concedeu a graça pedida. E com manifestar o amor pela conservação do género humano, encontrou a cura na efusão da sua caridade.

Esta história não será um documento real do valor que os portugueses atribuem ao Dr. Machuca; pelo menos, testemunha que o seu espírito vivaz e industrioso e a sua imaginação larga eram dotes invulgares.

Figas e sortilégios. Arte de atalhar ao quebranto. As mezinheiras e mulheres de virtude. Um caso extraordinário de olhar magnético.

É nas Caldas, e na aldeia de Pedreneira que a indústria das figas é cultivada. Muito apreciadas e de grande procura são as que se vendem à porta e dentro da igreja de Nazaré, por tocarem a santa imagem e serem benzidas.

As senhoras trazem as figas penduradas ao peito

em guisa de berloques; os homens atam-nas ao cós das calças. As crianças, de ordinário, põem-lhas à cinta, à cabeceira do berço; não é raro ver-lhes no pescoço e nos braços colares e braceletes inteiros delas, às vezes delicadamente obradas e tão pequeninas que em cada adôrno há mais de cinqüenta. As da cinta são por vezes tão grandes como a mão dum homem. Põem-nas, também, aos cãis, aos cavalos e outros animais de estimação.

A virtude peculiar e conhecida das figas consiste em prevenir contra o mau olhado. Ao mau olhado também se chama quebranto.

É corrente que o mau olhado pode ser lançado a uma pessoa por outra que lhe dedique paixão, a estime, ou que lhe tenha inveja e a deteste. O primeiro sortilégio nunca é tão perigoso como aquele que dimana de criaturas mal intencionadas. Crê-se geralmente que há pessoas tão mofinas, dotadas de tal poder malígno nos olhos, que não podem fitar ninguém sem lhes causar enguiço. Os zargos são os mais suspeitos. Por isso mesmo, os supersticiosos evitam encontrar-lhes o olhar e acamaradar com êles. Redobram mesmo de precauções, se estão em jejum, porque então o malefício seria inevitável e de grande damno.

Por isso, sempre que deixam uma pessoa a que votam amizade, não se esquecerão de dizer:

— A bênção de Deus o cubra e bons olhos o vejam.

Ao que consta, estas palavras são preservativas de quebranto. Em Titínio encontra-se o advérbio: *præfiscine* como tendo a fôrça e significação das vo-

zes acima ditas. A erva, denominada *Baccar* ou *Bacchar* por Dioscórides, marroio negro em português, é dotada de grande préstimo contra êste mal. Plínio dá ao malefício o nome de fascinação, fascinador ao agente quando masculino e fascinatriz quando fêmea. Príapo, deus de tal enfermidade, era cognominado de *fascinus*.

Consiste o quebranto num estado de prostração e lassitude, acompanhado de dôres de cabeça e espreguiçamentos invencíveis.

Os médicos recambiam tais enfêrmos para as mezinheiras, por via de regra, pobres e incultas mulheres. O ritual que estas empregam é tão ridículo como os remédios de que lançam mão. Em geral, a operadora planta-se diante do doente, a bocejar vezes a fio, bôca rasgada até as orelhas, entre mil carantonhas diabólicas, tanto mais que estas espécies de criaturas são velhas e feias a mais não poder ser. Êle, por sua vez, boceja também, contagiado e aí está um espectáculo para fazer rir as pedras.

A benzedeira, depois de defumar o doente numa mistela de incenso, alho, sal, loureiro e rosmaninho, e três vezes se persignar em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, murmura palavras sibilinas, que só ela entende e mais ninguém. Repetindo-se três vezes a cerimónia, a virtuosa criatura acaba por chamar a si o mal, pelo que, a título de que tem de o enxotar agora do próprio corpo, exige espórtula condigna.

Os inquisidores não ousam perseguir estas mulheres. E compreende-se: vítimas muitas vezes do que-

branto, não obstante a santidade de suas pessoas, a elas têm de recorrer para se verem livres do flagelo. A mulherzinha que me tratava, Catarina do Espírito Santo, era a mesma que assistia ao cardial Cunha, quando padecia da moléstia. Foi substituído no cargo de inquisidor-mor do reino por D. José Manuel, da ilustre família da Atalaia, adaião da capela rial, crismada depois em Igreja Patriarcal. De-certo que judeus e feiticeiros não ganharam com a troca. Ao carácter naturalmente soberbo de D. José Manuel assentava como uma luva a vestimenta sanguinária de inquisidor-mor.

As benzedeiras tão fácil libertam o homem de quebranto, como os animais, cão ou cavalo por exemplo. Há, apenas, uma leve diferença ; às pessoas exigem que pronunciem três vezes : glória seja ao Padre, glória seja ao Filho, glória ao Espírito Santo, emquanto aos animais não os obrigam a coisa nenhuma e ficam curados.

Esta prática parece de loucos ou de crianças. Pode-se acreditar que tais factos se cometam em plena Europa, numa cidade como Lisboa, onde há colégios, universidades ? Era para se duvidar, tratando-se de país longínquo. Mas não, é de Portugal, e há mil maneiras dos incrédulos verificarem a sua exactidão.

Em matéria de mau olhado, sou céptico. Já assisti, todavia, a uma experiência tão extraordinária que muito me teria abalado, se não ficasse de pé atrás com a idea de ter sido vítima de lôgro. Eu conto :

Domingos Nunes, arquitecto, foi encarregado de

modificar a casa que meu cunhado Araújo Banha comprou ao marquês de Cascais, perto de Colares. Um dia que estava no trabalho, contou-me muito confidencialmente que tinha o sestro de causar mal a outrem, pelo simples efeito do olhar. Em certos dias de lua, e antes de almoçar, não se atrevia a encarar em ninguém com receio de lhe causar enguiço, e até a morte. E afiançou-me, entre outros prodígios, que podia matar uma galinha, ou uma pomba, só com fitá-la. Instando eu com êle para que me desse uma demonstração tangível do que dizia, respondeu-me que não podia aceder ao meu pedido sem forçar a consciência e violar a jura que prestara diante do confessor de nunca mais exercer tão funesto poder. Como, porém, tivesse declarado ainda que era capaz de quebrar um vidro de janela só com olhar para êle, roguei-lhe que se não prendesse com o pequeno prejuízo que me daria estilhaçando a vidraça do meu quarto e o fizesse para persuasão minha. Acedeu êle, finalmente, e fixou-se a prova para dali a três dias. Na data marcada, eram cinco horas da manhã, entrou na minha alcova, e sem atentar em mim, convidou-me a marcar o vidro que devia fazer em cacos. Indiquei-lhe um, assestou o olhar nêle e, em menos de minuto, o vidro estoirava pelo meio. Pois estava à distância de cinco ou seis passos e encostado à parede.

Fiquei assombrado; instado por mim para repetir a experiência, negou-se sempre. Sendo Portugal país fértil em portentos, e eu com pendor para a creduli-

dade, em virtude dos meus muitos preconceitos, fiquei convencido que aquele homem possuía no olhar virtude ou malignidade natural.

Gostaria de capacitar-me que fui joguete de ilusionista; mas, de verdade, não sei como o homem me podia ter embaído, estando eu de prevenção e tendo-lhe, para mais, indicado o vidro que deveria quebrar. O facto passou-se tal como fica narrado; Domingos Nunes era homem de cinqüenta e cinco anos de idade, para mais que não para menos, e sempre viveu honradamente do ofício de arquitecto, ignorando outras artes, e nunca na vida suscitou a mais leve suspeita de embusteiro e burlão.

Endemoninhados e almas penadas. Esconjuros. A mãi de Joana Vitorina. Uma história de fingida possessão. Refere Flávio Josefo...

CONSOANTE a história, os corpos dos latinos são os mais aptos a servirem de morada a Lucifer, pois é nêles que se recruta maior número de demoníacos. O mesmo se poderia dizer dos gregos. «Em todo o arquipélago — diz Tournefort — tem-se a impressão de que o Diabo anda à solta entre os gregos animando a torto e a direito cadáveres que na linguagem local chamam *Vroucolacas,* isto é almas penadas.»

A nossa terra, também, está inçada de almas penadas e possessos, a ponto que não é temerário afirmar que em parte alguma do mundo, como em Lisboa, Satanaz tem um alfobre de corpos habitáveis. Não se passa dia que nas igrejas não apareçam um ou dois demoníacos, reconhecíveis pelas caretas horrendas que fazem, acompanhadas de contorsões, gritos e movimentos espantosos. Já ouvi afiançar que a fúria dos miseráveis redobra à vista das divinas figuras, delineadas na hóstia sacrossanta. E tão raivosos e temíveis se tornam, que parecem autênticos diabos ou pelo menos os diabos não teriam fôlego para fazer mais travessuras.

Recorrem os endemoninhados aos sacerdotes para que os exorcizem, isto é, lhes enxotem dos corpos os espíritos imundos mediante as rezas do ritual, aspersões de água benta, e a aplicação das santas relíquias. O remédio parece simples e inocente, pois o seu efeito é violentíssimo contra os diabinhos que elegeram guarida nos pobres energúmenos. Uma só gota de água benta faz estrubuchar e danar o demónio mais que se sôbre êle deitassem cântaros de água a ferver. Lembram-me a propósito estes versos :

Frère Roch de son froc bridé,
Exorcisait un possédé,
Le diable à l'nstant part du gîte
Redoutant moins en frère Roch
La puissance de l'eau bénite
Que la puanteur de son froc.

O mais curioso de tudo é que o demónio, intimado a mudar de casa, declara pela bôca do demoníaco o dia e a hora exacta da partida. Os padres pedem-lhe, então, que dê sinal certo da abalada. O diabo promete e, por via de regra, cumpre a palavra como o mais galante dos homens ou dos espíritos.

Assisti algumas vezes aos adeuses do diabo. Uma delas, foi em Lisboa, na igreja de Santo Elói, pertencente aos cónegos regulares de S. João Evangelista. Tratava-se duma rapariga de vinte e quatro a vinte cinco anos, possessa havia muito. Pois no momento em que o diabo ia largar, vomitou ela um ror de alfinetes, o que levou os circunstantes a considerar que estava possuída de grande cáfila de demónios, uns adultos e outros novinhos, consoante as várias dimensões dos alfinetes. Foi desendiabrada por virtude da imagem da Santíssima Virgem que se venera naquela igreja, após o exorcismo pronunciado pelo padre capelão. Fui testemunha ocular dêste sucesso extraordinário. Andava eu ao tempo, 1714, nos estudos com o P.e Lourenço Pinto, e, lembro-me que nesse dia, nos dispensou da aula para irmos assistir à cerimónia do esconjuro.

Alguns anos decorridos, propalou-se que a imagem da Virgem, Nossa Senhora do Vale se chamava, por divina graça da qual se operara o milagre, aparecera a chorar, a chorar como uma criança, as faces regadas de lágrimas em fio.

Também eu tive a honra, em 1721, de enxotar o

diabo do corpo duma mulher, a mãi de Joana Vitorina, minha amada.

O meu romance com Vitorina foi bastante notório em Lisboa para que eu ainda faça segrêdo dêle.

As coisas passaram-se assim. A mãi dela, tida e havida por endemoninhada, era de facto o génio mais intratável que tenho conhecido. A cada passo, vinha com as suas diabruras estragar-nos os prazeres mais simples e os mais acautelados. Umas vezes chorava e escumava por entre os dentes; outras vezes, punha-se a rebolar os olhos, a torcer os dedos, a ranger os maxilares, a fazer tais momices que a tornavam horrenda, de feia que já era. E acontecia ainda perder o uso da palavra ou dos sentidos todos.

Os criados viam uma dobadoira quando lhe davam os acidentes, às vezes às quatro horas da madrugada, à busca dum eclesiástico que a viesse exorcizar.

Eu tinha as minhas dúvidas que todo êste endiabramento não fôsse pura obra de artifício. Vitorina, um belo dia, confirmou com as suas as minhas suspeitas, e o que no caso fiz vai ver-se.

Alguns dias antes do Natal, começou a criatura a dar mostras que o seu diabo andava perto. E assim sucedeu; nas vésperas da consoada, o delírio empolgou-a, sucedendo-lhe tal estado de aniquilamento que dir-se-ia ter passado desta para melhor.

Ora eu tinha-me munido de dois tijolos, os quais aquecidos ao rubro, lhe fui gradualmente aproxi-

mando da planta dos pés. E eis senão quando tocavam os tijolos na pele, ela deu um salto na cama, e logo voltou a si, sem deixar ir mais longe a minha terapêutica.

Tratou-me, depois, de bárbaro e a Vitorina de filha desnaturada; embora, a verdade é que ficou curada duma vez para sempre, talvez porque o seu espírito malígno fôsse incapaz de agüentar a prova do fogo.

Esta anedota e outras de igual jaez, que põem a nú a velhacaria, favorecida pela ignorância ou a má fé de pessoas que complacentemente se prestam ao jôgo, simulando de demoníacos, estas anedotas — dizia eu — veem demonstrar o crédito que é legítimo atribuír a tais fenómenos. Muita gente não acredita; eu não sou absolutamente incrédulo. A minha crença funda-se na Sagrada Escritura que está cheia de endemoninhados. O próprio Salomão foi autor duma «mezinha que tinha a virtude — conta Flávio José — de expulsar os demónios para todo o sempre. O processo ainda está em uso entre os naturais da Judea. Vi um judeu chamado Eleázar que, em presença de Vespasiano e de vários capitãis e soldados, curou muitas pessoas de endemoninhamento. Para isso atava-lhes ao nariz um anel no qual estava engastada a raiz misteriosa que Salomão descobrira para o mesmo fim. Mal o diabo tinha cheirado a raiz, rompia aos pulos, atirava o doente por terra e largava. Em seguida recitava as palavras cabalísticas, inventadas pelo mesmo Salomão, e em nome do rei sábio con-

jurava-o a não voltar a ocupar os corpos devolutos. Para prova da eficácia do esconjuro, mandava encher uma cantarinha de água e ordenava ao diabo que a deitasse ao chão. O diabo obedecia».

As circunstâncias maravilhosas dêste feito cheiram a fábula, pôsto Flávio José garanta ter sido testemunha ocular. Mesmo que assim não fôsse, o historiador dos judeus podia muito bem ser logrado por Eleázar, prestímano hábil e impostor de alto coturno, como eu o devia ter sido pelo reverendo prior de Santo Elói.

A fôrça magnética do olhar. Mistérios e crendice. A lenda sebastianista. Mais um Bandarra

O P.e Le Brun, depois de ter confutado a falsidade de fábulas que granjearam o crédito dos povos e embaraçaram os sábios, fala de certa portuguesa a quem, em 1725, se atribuía um poder de visão maravilhoso. Descobria objectos no fundo do mar e nas entranhas da terra, e enxergava nos corpos das criaturas como através duma vidraça cristalina.

Era «a tal portuguesa» uma criança de onze a doze anos de idade, se tanto. Via-a pela primeira vez em Paço de Arcos, na quinta de Jerónimo Lobo Guimarãis, onde a tinham chamado a designar o local mais

apto a tirar água. Num lance de olhou a rapariga fixou um ponto; o proprietário mandou abrir um poço e encontrou água quanta quis. Dêste modo pôde regar as terras altas da fazenda, pouco aproveitadas dum poço que havia ao fundo e que, por muito próximo do Tejo, se enchia, para mais, de água salgada com a maré alta, só se utilizando no refluxo.

A moça tinha-lhe afiançado que encontraria água à fundura de seis ou sete braças. E a água apareceu, se não àquela profundidade exacta, a oito braças. Olhando-me dos pés à cabeça, deu uma resenha certa dos sinais que eu tinha pelo corpo e na roupa branca. Igual menção fêz quanto a cinco outras pessoas que ali apareceram e a interrogaram.

Isto posso eu assegurar que o presenciei. Quanto a descobrir objectos no fundo do mar, a que alude o P.e Le Brun, creio que se trata dum acrescentamento gratuito. Outro tanto se deve dizer da faculdade que lhe outorgavam de ver, por baixo da pele, o organismo humano a funcionar. É possível que se arrogasse tal virtude; é possível que o P.e Le Brun, naturalmente informado do fenómeno por via de gazeta, fôsse ludíbrio do noticiarista, dêstes que «quando contam um conto lhe acrescentam um ponto».

O que é certo é ser muito falada em Lisboa a rapariga mormente como dotada de talento extraordinário para descobrir as veias de água que correm debaixo da terra. A várias pessoas foi de grande préstimo neste particular. Os tribunais, entre êles o Santo Ofício, foram avisados que a moça se negava

a entrar nos cemitérios e nas igrejas, alegando o horror que lhe causavam os defuntos. Debaixo da terra ou debaixo de lousa via-os, e o espectáculo tremendo agoniava-a. Abriram uma campa para experiência, ouvi contar, e o corpo encontrava-se no mesma estado e feitio que a moça anunciara. O P.e Le Brun omite êste pormenor.

Verdade é que, mediante raciocínio, se chega a duvidar do talento da portuguesa. Se a sua vista vasculhava as entranhas da terra, não podia ela descobrir os tesouros enterrados? Que conste, nunca descobriu nenhum. A menos que se não quisessem aproveitar dêles. Mas era pobre, e ganhava o pão de cada dia a *dar água* em terras dêste e daquele. Esta habilidade, mesmo, não a tornava rara, nem única, em Portugal sobretudo. Um frade conheci eu, não me lembra o nome, muito afamado na arte de *vèdor*, isto é, de indicar os lugares onde passam veias de água. Modo de chalacear com êle, ou de pô-lo à prova, certo indivíduo enterrou um cântaro de água no chão e arrastou o frade para o sítio, dizendo:

— Aqui é que me quadrava abrir o poço...

— Aqui não há água — respondeu o frade terminantemente.

— E se eu lhe mostrar que há, V.a R.a que diz?

Que digo? digo a mesma coisa: aqui não há.

— Quem sabe?

— Sei eu, e ninguém me convence do contrário, por coisa nenhuma dêste mundo.

— Veja lá...

— Já vi; já vi mesmo um cântaro com água que aqui enterraram para me experimentar.

Fábula ou não, ouvi contar a história em Lisboa, onde o frade é conhecido pelas riquezas que acumulou a deparar minas de água.

É opinião corrente ser devido às exalações ou leves vapores que se elevam ao rés da terra que os entendidos descobrem as fontes. Mas nesse caso, como podia o frade conjecturar da existência do cântaro de água, onde a evaporação não podia ser possível? E como acertar com o cântaro? Ou o facto é pura invenção, ou forçoso é atribuir ao frade um poder visual tão penetrante como o da rapariga de dez anos.

Em matéria de superstições e credulidade, o sebastianismo leva as lampas a tudo o mais.

Ainda hoje existem apaixonados sequazes da lenda. Homens ilustres pelo saber foram sebastianistas. É uma seita de crédulos, dignos de estima, e que ninguém ousa taxar de insensatos.

Mais numerosos no século passado que nos tempos que correm, os partidários do rei desejado esperam a sua vinda como os judeus o Messias. Para justificar a sua credulidade e persuadirem aos outros recorriam aos inventos de imaginação mais extraordinários. Em seu abôno citavam a história dum sebastianista que acoimado de lunático e coberto de chacota confundiu os chasqueadores de maneira inequívoca.

— Se plantar uma vara no chão e ela florir, dais-me razão? — interrogou êle.

— Damos — responderam.

O sebastianista enterrou a vara no solo e logo ela floriu e se cobriu de folhas e se carregou de frutos, deliciosos e bem sazonados marmelos ao que referiam as testemunhas presenciais, que foram mais de cem. Algumas, mesmo, provaram, e acharam-lhes todo o sabor, e nenhuma daquelas pessoas deixou de abraçar a seita de que chasqueara.

Vicente Duarte, sapateiro barbaçudo, com os seus noventa anos no pêlo, muitas vezes me contou esta anedota e me jurou, pela alma do pai que fôra dos que morderam nos marmelos miraculosos, ser verdadeira. Outras historietas de igual teor, que costumavam contar-me na meninice, fizeram de mim um sebastianista fervoroso até a idade dos vinte anos. Veio-me então a faculdade do exame e despi uma crença que não tinha pés nem cabeça. Amigos meus e pessoas de família ficaram penalizados com a minha apostasia, mas, mister lhes foi ter paciência. Desde então fui o que ainda sou : adversário, que não dá quartel, dos sebastianistas.

Não tem fim o rosário de necedades duma tão estapafúrdia superstição. Há exemplo de ricos mercadores venderem as fazendas, dando como prazo de pagamento o regresso de D. Sebastião. Eu mesmo vi as escrituras, encontradas no espólio de sebastianistas mortos nos fins do século passado.

FIM

ÍNDICE

Pág.

PREFÁCIO VII

AMOR E AMORES

Arte de amar; galãs e galantins. Libertinagem não é amor 3

Conselhos muito à puridade a quem ama. O galanteio e os tolos. A mulher cruel. Ninguém, torto e aleijado, feio ou melancólico, desespere do amor 11

O amor vence todos os corações. Também as sábias se deixam vencer pela paixão. Aqueles que não merecem ser amados 22

A mulher vaidosa. A amizade que deriva em amor. O coração tem rebeldias inesperadas 26

O casamento. Argumentos a favor e contra. O que diz a história e o que aconselha a experiência 31

O problema da união conjugal. Vale mais a formosa ou a simpática? Não há mulheres feias. A autolatria da virtude feminina é o pior inimigo da felicidade. A lei natural. Poleiro onde a galinha faz de galo. O corpo perfeito. A fábula da serpente ou o rabo a mandar 37

Ciladas de amor e mortes trágicas. Quem com ferro mata com ferro morre 47

Ciganos. Amores romanescos com boémias. A célebre Margarida do Monte e D. João V.

Pág.

Joana Vitorina, flor da tríbu. O pinhal da Azambuja 53

Cómicos e cómicas. O camarote dos frades nos teatros do Bairro Alto. A Petronilha, amante de El-Rei; a Isabel Gamarra, mulher por conta do Santa Cruz e depois monja. Suas graças. O seu verdadeiro romance 59

Paixões desordenadas. O que acontecera em Roma repetiu-se em Lisboa. Os homens são sempre os mesmos 66

Adultérios. Duas tragédias memoráveis. Porque é a mulher mais criminosa? Falsa noção de honra. Os maridos ciúmentos e bárbaros. Uma espadeirada a tempo. O mêdo mau conselheiro. Um assassínio 71

Penalidades várias contra os adúlteros. A evolução do direito em face de tal falta. Um rapto que deu que falar. A moral do perdão 81

Símbolos burlescos da traïção conjual. Animais com pontas. Absurdos e necedades em volta de preconceitos sem razão. A testa de Moisés, o Grande. Os devotos de S. Cornélio, que se venera nos Olivais 89

FIDALGOS E FIDALGUIAS

Nobreza hereditária e nobreza de fresca-data. O comércio do armorial. Como os reis resolveram certos problemas de reconhecimento. A Corôa ganha duas vezes 97

Fidalgos de prosápia. Um sucessor à Casa de Aveiro mal sucedido. Por meus foros. Um nobre alemão na rosa divina mas sempre de pendão ao alto. Aristocrata de contrabando 101

Grandes senhores e seus gostos lamentáveis. A adulação e o mérito. O que os grandes pensam dos homens de carácter e de boas le-

Pág.

tras e o que os lisonjeiros pensam dos grandes. O conde de Tarouca 109

Os judeus levaram para o estrangeiro os grandes nomes fidalgos. Outros andam na plebe. Não há prerogativas onomásticas em Portugal. Quem quer se chama Rei, Bragança, Castro, até os cafres 113

Pessoas do tempo notáveis pela fôrça. O que reza a história a respeito dos brutamontes e de suas áfricas. Monarcas com fortaleza de cavalo. D. Pedro II de Portugal homem das fôrças. Um competidor inultrapassado, o *Menino do Feixo*. O marquês de Alegrete e D. Pedro Henriques, dois fenómenos 116

O jôgo e o denegrimento que granjeia. Queixas contra o conde de Tarouca que jogava sob palavra para não pagar. Psicologia do jogador. O jôgo é um espelho. O jôgo em Inglaterra. Contra-senso 122

O privilégio de asilo. O crime de Isac Elliot. A confissão do justiçado. Refere-se outra quebra flagrante do direito de asilo 130

Vida do mar. Nossa Senhora dos Navegantes. A louca companha. O conde de Unhão e os tripulantes da bateira de Santarém 135

Achincalhe à Ordem de Cristo. O que M.me d'Aulnoy não compreendeu. Disputa entre a Ordem de Cristo e a Ordem do Tosão. Cavaleiros ciosos dos seus privilégios. A insígnia em almoeda. Comendadeira, sim, cavaleira, não 139

TRADIÇÕES, CRENÇAS, FANATISMO.

Práticas religiosas do tempo. Bens-de-alma, missas pedidas. Legados e seus abusos. Missas por intercessão particular. Oblatas ao amor 157

Pág.

Peregrinações e romarias. O camelo do profeta e o cavalo de S. Jorge. Os filhos dos peregrinos. Crenças várias 163

A Quinta-feira santa na Madre de Deus. Relíquias sacro-santas. A terra de Jerusalém. A terra da campa de Santa Teresa. Medalhas que usam os devotos..... 166

Relíquias de santos. Palavras mágicas. Amuletos. Filactérios em uso. De que qualidade era a madeira da cruz em que Jesus-Cristo foi crucificado 172

Tratos que os católicos infligem às imagens da sua devoção. Santo António depois de confessor mártir. Dislates benignos da superstição. Padroeiros do amor..... 177

Autos sagrados. Os corvos de S. Vicente de Fora. S. Bento advogado contra a bicheza. A aranha de S. Norberto. O deus das môscas 180

Superstições poéticas. Usanças e festas de ontem e de hoje. A piedade da pecadora..... 185

Festas que vêem dos tempos pagãos. Padroeiros e oragos. A moral do latrocínio..... 187

Montezuma e os sacrifícios cruentos. Como procede o Santo Ofício. Práticas rituais. Os instrumentos de suplício 190

O Santo Ofício e a confissão de heresia. Histórias que se contam de violentação. Um romance de amor e de lágrimas. Os judeus emigrados pelo mundo e a sua saüdade..... 195

Transubstanciação. O que fazia um mago. Facécias de eclesiásticos pouco exemplares. A resposta dum ordenando 205

Cerimónias funerárias. As carpideiras. As comezainas do estilo. As lindas igrejas dos Capuchinhos. A oferta do incenso..... 211

Pág.

O retrato do Anticristo segundo os judeus. Segundo os cristãos. Um apóstata e a filha do célebre livreiro Manescal indigitados como progenitores do Anticristo 215

Lobisomens. Lisboa de noite. As arruaças. Um lobisomem notório 219

Dias funestos. Em certas datas nada se deve empreender 222

A MULHER DO SÉCULO XVIII. BELEZAS E BELDADES.

Beleza e sua sina. Mulheres formosas e constantes. Rapazes bonitos e fátuos 227

A mulher sabichona. D. Francisco Manuel e a freira rata-sábia. Superioridade feminina. Mulheres palreiras 233

A mulher do seu tempo; uma sisuda, outra garrida 241

O orgulho ilimitado da beleza. Do amor de perdição ao patíbulo. Repulsa da mulher pela hediondez. Antes morrer que sacrificar os gôstos. Homens de Lisboa notáveis pela fealdade 245

Constância feminina e fortaleza. Por sua fragilidade, apenas, mandam as mulheres nos mais fortes 350

Carta. Podem as senhoras exercer missões diplomáticas? Sim e não. Exemplos notáveis. A condessa da Ericeira 253

MÉDICOS, CHARLATAIS, MEZINHEIROS

Médicos. O seu poder relativo. Um médico árabe ao mesmo tempo filósofo. O doutor Machuca mago dos magos. Um seu émulo infeliz no diagnóstico e feliz na cura 265

Pág.

A arte de curar o semelhante. Médicos e charlatãis. Os santos ou a fé também cura. A dorna da água fria terapêutica mortal para a época. Molière e a sua aversão pela medicina 270

Curas sem médico à cabeceira nem intervenção de santos. Psiquiatria de ocasião. A engenhosa traça de curar doidos 278

Figas e sortilégios. A arte de atalhar ao quebranto. As mezinheiras e mulheres de virtude. Um caso extraordinário de olhar magnético 282

Endemoinhados e almas penadas. Esconjuros. A mãi de Joana Vitorina. Uma história de fingida possessão. Refere Flávio José 287

A fôrça magnética do olhar. Mistérios e crendice. A lenda sebastianista. Mais um Bandarra 292

LIBRARY
APR
24
19
UNIVERSITY OF TORONTO

Obras de Aquilino Ribeiro

JARDIM DAS TORMENTAS (contos) — edição definitiva.

A VIA SINUOSA (romance) — edição definitiva.

TERRAS DO DEMO (romance).

FILHAS DE BABILÓNIA (novelas: Os Olhos Deslumbrados; Maga) edição definitiva.

O CAVALEIRO DE OLIVEIRA — estudo crítico e biográfico.

ESTRADA DE SANTIAGO — (contos).

ANATOLE FRANCE — (conferência).

ROMANCE DA RAPOSA — Romancinho infantil com ilustrações originais do grande artista parisiense Benjamin Rabier.

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES (romance).

O HOMEM QUE MATOU O DIABO (romance).

A BATALHA SEM FIM (romance).

AS TRÊS MULHERES DE SANSÃO (novelas).

MARIA BENIGNA (romance).

É A GUERRA (diário).

ALEMANHA ENSANGÜENTADA (diário).

QUANDO AO GAVIÃO CAI A PENA (contos).

ARCA DE NOÉ, III CLASSE, (contos para crianças).

AVENTURA MARAVILHOSA (romance).

NO PRELO:

S. BANABOIÃO, ANACORETA E MARTIR (romance).

O ARCANJO NEGRO (romance).

Tiragens especiais, em bom papel, de:

JARDIM DAS TORMENTAS
A VIA SINUOSA
TERRAS DO DEMO
FILHAS DE BABILÓNIA
ANATOLE FRANCE
RECREAÇÃO PERIÓDICA
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES
O HOMEM QUE MATOU O DIABO

APR 26 1983

DP
532
.5
043
19--

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

79

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 12 02 01 010 5